PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Ana Beatriz Favero

A noção de trauma em psicanálise

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro
Março de 2009

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Ana Beatriz Favero

A noção de trauma em psicanálise

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.ª Ana Maria Rudge

Rio de Janeiro

Março de 2009

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Ana Beatriz Favero

A noção de trauma em psicanálise

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Ana Maria Rudge
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Maria Teresa da Silveira Pinheiro
Instituto de Psicologia - UFRJ

Profª. Tânia Coelho dos Santos
Instituto de Psicologia - UFRJ

Profº. Marco Antonio Coutinho Jorge
Instituto de Psicologia - UERJ

Profº. Márcio Orlando Seligmann-Silva
Departamento de Teoria Literária - Unicamp

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, ___/___/200__.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Ana Beatriz Favero

Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Estudou no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduando-se pelos cursos de Bacharelado em Psicologia e Formação de Psicólogo em 1994. Cursou Licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Educação da UFRJ em 1994/95.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Ficha Catalográfica

Favero, Ana Beatriz

A noção de trauma em psicanálise / Ana Beatriz Favero; orientadora: Ana Maria Rudge. – 2009.
207 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise. 3. Freud, Sigmund. 4. Ferenczi, Sándor. 5. Lacan, Jacques. 6. Trauma. 7. Real. I. Rudge, Ana Maria. II.Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Dedico este trabalho a Osmar e Lourdinha, pelo amor e incentivo
e ao Pedro, por quem me apaixono todos os dias.

Agradecimentos

À minha orientadora Ana Maria, por seu profissionalismo e atenção, assim como pelas muitas contribuições para a realização deste estudo. Quero agradecer, em especial, pelo carinho dispensado para comigo durante todo o período em que precisei me dedicar mais solitariamente ao meu trabalho e tive todo o suporte para continuar produzindo.

Ao CNPq e à PUC-RJ, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, pela educação, carinho e orientação de todas as horas.

Ao meu marido, por seu amor e confiança.

Aos meus irmãos, que me ajudaram em diferentes etapas deste trabalho, cada um a seu modo.

Ao amigo Cid, pela presença amiga, principalmente nas horas difíceis.

Aos meus colegas de turma e pesquisa, aos professores e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Resumo

Favero, Ana Beatriz; Rudge, Ana Maria (Orientadora). A noção de trauma em psicanálise. Rio de Janeiro, 2009. 207p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo analisa as contribuições de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Jacques Lacan sobre o trauma em psicanálise, destacando as principais características de cada abordagem teórica. A concepção de trauma sofre mudanças nas diversas fases da construção teórica freudiana e suas diferentes acepções são discutidas desde a *neurotica* até a última teoria de angústia (Freud, 1926 [1925]), como também em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939 [1934-1938]). Em Ferenczi, há dois enfoques: no primeiro, os traumas são estruturantes, necessários, inevitáveis ou filogenéticos; no segundo, as situações traumáticas colocam em risco o projeto identificatório do sujeito. Nesta última acepção, o trauma depende de uma falha na relação entre o sujeito e o outro. Valorizando a alteridade na constituição do trauma, Ferenczi se mantém fiel ao que sua clínica lhe revelava: o trauma é fundamentalmente o resultado de uma ação de um outro sobre aquele que é traumatizado. Já em Lacan o trauma é entendido como a entrada do sujeito no mundo simbólico; ele não é um acidente na vida do falante, mas constitutivo da subjetividade. Assim, neste trabalho, é examinado a partir da relação que Lacan estabelece entre as noções de trauma e significante, bem como pela idéia de trauma como encontro com o Real.

Palavras-chave

Psicanálise; Freud; Ferenczi; Lacan; trauma; Real.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Abstract

Favero, Ana Beatriz; Rudge, Ana Maria (Supervisor). The notion of trauma in psychoanalysis. Rio de Janeiro, 2009. 207p. Doctorate thesis – Department of Clinical Psychology, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study analyzes the contributions of Sigmund Freud, Sándor Ferenczi and Jacques Lacan to the concept of trauma in Psychoanalysis, highlighting the main theoretical frameworks in each approach. The concept of trauma has undergone different changes in the various phases of the theoretical Freudian conception, and its diverse meanings have been discussed since the first seduction theory up to the latest theory of anguish (Freud, 1926 [1925]), as well as in *Moses and the monotheism* (Freud, 1939 [1934-1938]). In Ferenczi, there are two approaches: in the first one, the traumas are of a structuring nature, which means they are either needed, inevitable or philogenetic; in the second one the traumatic situations put the identification project of the subject at risk. In that last approach, the trauma depends on a failure of the relation between the subject and the other. By valuing the alterity in the constitution of trauma, Ferenczi is faithful to what his clinics has revealed: trauma is basically the result of an action of the other upon the one who has been traumatised. In Lacan, on the other hand, the trauma is understood as the entry of the subject into the symbolic world; it is not an accident in the speaking person's life, but rather it is constitutive of their identity. Therefore, trauma in the present study is examined at the light of the relationship established by Lacan between the notions of trauma and signifier, and it also is permeated by the idea of trauma as an encounter with the Real.

Keywords

Psychoanalysis; Freud; Ferenczi; Lacan; trauma; Real.

SUMÁRIO

Introdução **10**

1.A teoria freudiana do trauma **16**

1.1 O trauma nas primeiras teorias freudianas 16

1.1.1 A 'contravontade' histérica – o conflito psíquico 20

1.1.2 A definição de trauma na *neurotica* freudiana 23

1.2 O trauma e a fantasia 25

1.2.1 O fator infantil na sexualidade 27

1.2.2 As teorias e fantasias sexuais infantis 30

1.2.3 As séries complementares e o trauma 34

1.3 As neuroses traumáticas e a guerra 36

1.3.1 Sándor Ferenczi: toda neurose de guerra é histeria de angústia 40

1.3.1.1 A revisão da literatura sobre as neuroses traumáticas 43

1.3.2 Karl Abraham e a regressão narcísica 45

1.3.3 Ernst Simmel: o supereu nas neuroses de guerra 48

1.4 A teoria da angústia e o trauma 52

1.5 O supereu e o trauma 56

1.6 O período de latência e o efeito do trauma 60

1.7 Pontos de contato entre violência, morte e trauma 62

1.7.1 O trauma infantil 63

1.7.2 A horda primeva e a questão do parricídio 64

1.7.3 A descoberta da pulsão de morte e a violência como trauma 70

1.8 Necessidade e (im)possibilidade de representação do trauma:
a *Shoah* como paradigma 74

1.8.1 O rapto de crianças racialmente valiosas 77

1.8.1.1 A SS, as Irmãs de Marrom e o projeto *Lebensborn* 77

1.8.2 O processo de germanização 79

1.8.2.1 Identificação e posterior devolução de crianças raptadas aos genitores: o caso dos gêmeos Marie e Johann 80

1.8.3 A culpa carregada pelos *filhos do Reich* 82

1.8.4 Os campos de morte e os testemunhos do irrepresentável 86

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2 A teoria ferencziana do trauma 89
2.1 “Palavras enterradas vivas”: o desmentido 92
2.2 A sedução retomada 93
2.2.1 Introjeção: uma comunhão das bocas vazias 95
2.2.2 A identificação com o agressor 98
2.2.3 Fragmentação e clivagem do eu 100
2.2.4 Confissões do *Diário* 103
2.3 O estranho do trauma 106
2.4 Novas bases do trauma: a teoria da sedução generalizada 108

3 A teoria lacaniana do trauma 119
3.1 A clínica do significante e a questão do trauma 119
3.1.1 O trauma e o *só depois* 120
3.1.2 O desejo do Outro como traumático 124
3.1.2.1 A separação da mãe é traumática 126
3.1.3 Entre o sonho e o despertar: uma realidade faltosa 127
3.1.4 A compulsão à repetição: uma forma de recordar 129
3.1.5 O trauma: algo impossível de nomear, e que retorna 133
3.1.6 Operadores da divisão do sujeito 138
3.1.6.1 Indicações millerianas sobre alienação e separação 145
3.1.6.2 Variações do conceito de *vel* alienante 147
3.2 O trauma e o privilégio do Real 154
3.2.1 O estatuto do Real no início do ensino de Lacan:
dos primeiros escritos ao seminário *A ética da psicanálise* 156
3.2.1.1 A relação do Real com o registro Simbólico 158
3.2.1.2 A transição da idéia de Real 162
3.2.1.2.1 O Real como pleno 162
3.2.1.2.2 O Real é feito de cortes 165
3.2.1.2.3 O trauma, o Real e a ética da psicanálise 166
3.2.2 A topologia do nó, o trauma e o Real 168
3.2.3 O trauma e a experiência do Real no tratamento psicanalítico 173

Considerações finais 179

Bibliografia 188

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Introdução

Desde os primeiros momentos de minha incursão pela pesquisa sobre o trauma psíquico, alguns eixos temáticos se mostraram pertinentes. São eles: 1. o trauma e a sexualidade; 2. o trauma e o *só depois*; 3. o trauma nas neuroses de guerra; 4. o trauma e o desamparo humano.

Ao começar a pesquisa, a primeira pergunta que me fiz foi: *o que é trauma psíquico?* Começo por alguns apontamentos interessantes sobre o sentido etimológico da palavra: trauma é um termo cuja origem remonta à medicina e à cirurgia. Em grego, *τιτρῶσχω*, trauma deriva de *furar*, denotando uma ferida com efração (Laplanche, 1991 [1967], p. 522). Em sua raiz indo-européia, isto é, *tera*, significa ora *friccionar, ferir* ora *passar através, transparente*, "vertente que dá origem a toda a família de palavras iniciadas com o prefixo 'trans'." (Pollo, 2004, s.p.).

De forma condensada, para a psicanálise, o trauma está referido àquilo que chega ao sujeito de fora dele, sem que consiga *incorporar* ao seu psiquismo tal acontecimento. Deste modo, fazendo minhas as palavras de Mees, o trauma

> (...) causa aturdimento e fica, na vida do sujeito, enquistado como um corpo estranho, sem sentido e sem elaboração. O trauma tem sua origem no início da vida de cada sujeito, quando as relações de linguagem – que organizam o mundo do ser humano – recepcionam o pequeno ser, o qual não tem bagagem para entender/responder àquilo que lhe é dito e pedido. Devido a este desamparo/despreparo, o que chega ao pequeno sujeito não tem como ser incorporado por ele. Entretanto, algo fica marcado em seu psiquismo, de forma que, em um momento posterior, este acontecimento é convocado, constituindo, agora sim, um trauma. (Mees, 2001, p. 11)

Esclareço também que o *trauma* e a *sedução* em psicanálise encontram-se, em vários momentos da obra freudiana e ferencziana, interligados (Favero, 2004). Em um Freud inicial (antes de 1897), por estar intimamente associado ao tema da sedução, o trauma partilha com a sedução o mesmo fim: sai de cena no momento e na medida em que a sedução saiu. Entre 1897 e 1920, há um período em que as referências ao assunto vão gradativamente se tornando escassas. Entretanto, a questão do trauma reaparece com força em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920), como está também presente na última teoria da angústia (Freud, 1926 [1925]) e em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[1934-1938]). No meu entender, a importância do trauma oscila ao longo da teoria freudiana.

Com o objetivo de avançar na minha argumentação, retomo o artigo *Traumatisme, traumatique, trauma*, de Thierry Bokanowski (2002), no qual o autor subdivide a concepção de trauma, para Freud, em três diferentes períodos: *entre 1895 e 1920*; *a partir de 1920*; e *em 1939* –, que coincide com o final da obra freudiana, referido principalmente ao texto *Moisés e o monoteísmo: três ensaios* (Freud, 1939 [1934-1938]). No primeiro período, trauma se refere ao sexual e está intimamente ligado à *neurotica*. Este período pode ser subdividido em dois momentos distintos: um primeiro momento, que vai de 1895 a 1900/1905 e pode ser encontrado no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950 [1895]) e nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895), em que Freud estabelece o trauma em dois tempos, privilegiando a questão do *a posteriori*. É também nele que ocorre o abandono da *neurotica* por Freud (1897), em que o trauma real de sedução não é mais apontado como o principal responsável pela organização da neurose, mas cede esse lugar à fantasia. Por outro lado, há um segundo momento, que vai de 1905 até 1920, em que Freud se refere ao desenvolvimento sexual infantil. Nele o trauma está relacionado às fantasias originárias e às angústias de castração, à cena primitiva e ao complexo de Édipo. Portanto, segundo Bokanowski, nesse período da obra freudiana, todos os traumas estão associados às fantasias inconscientes e à realidade psíquica.

Contudo, a partir de 1920 o trauma adquire novos contornos, no que diz respeito ao seu caráter econômico. O *Hilflösigkeit* – a angústia da criança – desvia o paradigma da angústia por transbordamento de energia, quando o sinal de angústia não permite mais ao eu se proteger da efração quantitativa, seja ela de origem externa ou interna. Como fruto das mudanças que vinham se insinuando ao longo de seus escritos da década de 1920, em *Inibições, sintomas e angústia*[1] Freud (1926 [1925]) propõe uma nova teoria da angústia, acentuando que o trauma está ligado à angústia de separação ou às angústias que a separação acarreta. Nos anos 1920 em diante, Freud apresenta cinco tipos diferentes de angústia: a angústia do nascimento, a angústia da perda da mãe como primeiro objeto amoroso, a angústia da perda do pênis, a angústia da perda do amor de objeto e a angústia da perda de amor do supereu

[1] Neste trabalho, substituirei a palavra ansiedade por angústia sempre que julgar mais apropriado e correto. O título deste ensaio de Freud, tal como traduzido pela Imago Editora, seria *Inibições, sintomas e ansiedade*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

(Bokanowski, 2002). Por fim, Bokanowski apresenta o ensaio *Moisés e o monoteísmo* como o último momento em que o trauma é teorizado na obra freudiana. Nele Freud faz um estudo sobre a experiência do traumático e seus efeitos retardados, ao longo de várias gerações (Bokanowski, 2002).

O tema do trauma psíquico ocupa um lugar ao mesmo tempo histórico e estrutural em psicanálise, visto que as primeiras produções sobre as experiências traumáticas de sedução são marcadas pela idéia de que a gênese e o funcionamento das neuroses histéricas se situam numa cena de sedução sexual de valor traumático. Neste sentido, antes da formulação da teoria da fantasia, o trauma constitui-se em idéia-chave para explicar a causa e o tratamento da neurose. Dito de outra maneira, histeria e trauma mantêm uma relação estreita, num Freud inicial, anterior a 1897.

Por sua vez, o abandono da *neurotica* freudiana, após a descoberta das fantasias sexuais das histéricas e da importância da realidade psíquica, introduz uma maior complexidade dos postulados freudianos sobre trauma, em relação à formulação que associava o trauma a uma situação concreta de abuso sexual na infância. A partir de 1897, a força e a função que antes pertenciam ao evento traumático serão assumidas pela fantasia, assim como pelo conflito e pelo mecanismo de defesa.

Após 1920, a teoria freudiana do trauma ganha um colorido diferente em relação à dos anos 90 do século XIX, em parte por causa da própria descoberta de Freud, no que se refere à relevância da repetição nas experiências traumáticas. Por outro lado, os textos freudianos da década de 1930 que falam de uma mãe sedutora (Freud, 1931 e Freud, 1933 [1932d]) apontam para outro viés importante dessa renovação do interesse psicanalítico pela noção de trauma. Isso porque a sedução materna precoce, invocada por Freud nessa época e retomada a partir da hipótese de 1905, segundo a qual a mãe – enquanto aquela que se ocupa dos cuidados maternos – desperta e provoca pela primeira vez sensações de prazer num bebê, também aponta para uma sedução estruturante.

Levando-se em conta os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e principalmente os ensaios posteriores a 1920, existe, na obra de Freud, mais de uma concepção de trauma. Para exemplificar, na sedução materna precoce, a excitação sexual provocada é menos traumática para a criança do que nas cenas de sedução encaradas até o fim dos anos 90 do século XIX, aquelas em que o principal agente sedutor era um pai “perverso”. O que importa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

na sedução materna precoce é o despertar do desejo daquele que é seduzido. Essa sedução não origina patologia, mas inaugura a própria sexualidade.

Assinalo que Freud nunca abandonou completamente a causalidade traumática. Para além de seu interesse pelas neuroses de guerra, é preciso ressaltar o espaço dado ao trauma desde 1926 (Freud, 1926 [1925]) até *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939 [1934-1938]), ensaio em que Freud sustenta a origem traumática das neuroses e que acarretou uma nova definição de trauma.

Já em 1926, quando revisa o problema da angústia e de sua ligação com as situações traumáticas, Freud (1926 [1925]) passa a conceber a angústia como afeto do real, o real enquanto tudo o que é inassimilável à realidade psíquica. Parafraseando Soler e de acordo com os postulados de Freud, o momento traumático é então entendido "como o encontro com o perigo em face do qual o sujeito (...) é presa de uma "excitação" intratável, a experiência de desamparo, *Hilflosigkeit*, diz Freud." (Soler, 2004 [1998], p. 83). Essa concepção, por sua vez, não tem mais nada a ver com a idéia de sedução traumática do Freud inicial. Assim, os traumas que estão na origem de uma neurose remontam a impressões muito primitivas da infância. É uma reação fora do comum frente a experiências e exigências que afetam a todos: algo age como trauma no caso de determinada constituição subjetiva; contudo, no caso de outra, não tem tal efeito (Freud, 1939 [1934-1938]).

*

A partir do que foi desenvolvido, formulo algumas questões:

1. O que pode ser considerado trauma em psicanálise?
2. O que dá a um evento particular o valor de trauma para um determinado sujeito?
3. O que impede que haja uma reação adequada ao trauma; o que o torna inassimilável?

Uma questão mais diretamente ligada à clínica é como lidar com a incidência do trauma numa análise. Isto é: Como acolher os relatos traumáticos dos analisandos? Um psicanalista deve interpretar um trauma quando este lhe é relatado pelo analisando? Ele deve incentivar a rememoração de fatos vivenciados pelo analisando como traumáticos? Como, na clínica, não provocar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

uma retraumatização do cliente quando ele traz à baila o que originalmente o traumatizou?

O objetivo mais geral deste trabalho é estudar a noção de trauma, através da análise de textos de Freud, Ferenczi e Lacan e de sua incidência em análise. Para que seja possível alcançá-lo, estabeleço dois objetivos específicos:

1. Analisar a noção de trauma em Freud, Ferenczi e Lacan, e observar os pontos comuns e as divergências teóricas existentes entre estes três autores no que concerne ao tema;
2. Delimitar o campo semântico do termo trauma, já que ele pode apresentar conotações aparentemente contraditórias, tais como: necessário/contingencial, desestruturante/estruturante, essencial/ acidental e assim por diante.

Propondo-me analisar algumas questões teóricas a respeito do trauma em psicanálise, escolhi fazer um mapeamento histórico que privilegiasse as contribuições de Freud, Ferenczi e Lacan, no que concerne à compreensão do tema. Como disse, a questão do trauma é discutida, em Freud, na articulação com a *neurotica*, mas vai sendo reformulada através de algumas mudanças histórico-conceituais que ocorreram no desenvolvimento de sua teoria até a década de 1930. Em Ferenczi, é abordada tanto por meio de uma vertente positiva do trauma quanto, mais tardiamente, através de sua vertente negativa. E em Lacan, em linhas gerais, é analisada a partir da relação que este autor estabelece entre trauma e a noção de significante, bem como através da idéia de trauma como encontro com o Real.

Pretendo, com essa pesquisa, contribuir para a construção do conhecimento em psicanálise, no que se refere à compreensão de diferentes perspectivas teóricas existentes sobre trauma psíquico, abordando algumas questões que se mantêm atuais. Acredito ser interessante explicitar o caminho escolhido.

Primeiramente, por que trabalhar com a noção de trauma em Freud, Ferenczi e Lacan e não a partir de outros autores? No mestrado, estudei parte da obra freudiana e ferencziana, com vistas a analisar o conceito de sedução em psicanálise (Favero, 2004). Durante essa investigação, descobri que o material que tinha em mãos era precioso para o entendimento do significado de trauma, segundo um enfoque psicanalítico. Nesse sentido, meu levantamento bibliográfico para essa pesquisa se direcionou, desde o início, para esses autores, porque eles abordaram, cada um à sua maneira, o trauma psíquico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Freud, porque foi a partir dele que a psicanálise começou, mas também pelo trauma ser, desde o início, um assunto de seu interesse. Já Ferenczi, por suas contribuições teóricas conhecidas acerca do tema.

Acrescido a esses autores, e com o objetivo de fazer uma pesquisa histórico-teórica sobre o trauma no âmbito da psicanálise, escolhi um outro autor, cuja contribuição me parece fundamental: Lacan. A partir desses três autores – Freud, Ferenczi e Lacan – começo, pois, a construir um percurso cronológico para a noção de trauma em psicanálise, delineando como o tema foi percebido e trabalhado nas obras de cada um deles, quais os pontos comuns e quais os discordantes.

Com o propósito de construir o *corpus* teórico desse trabalho, utilizo-me das *Obras completas* de Sigmund Freud, em português e espanhol, assim como de livros e artigos de alguns comentadores de Freud; dos ensaios de Ferenczi, nos quais é possível encontrar uma concepção inovadora do tema trauma para a psicanálise – por exemplo, no trabalho *Análises de crianças com adultos* (1931), assim como em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933 [1932]), *Diário clínico/ Sándor Ferenczi* (1985 [1932]) e *Reflexões sobre o trauma* (1934). De Lacan, usei textos dos *Escritos* (1998), dos *Outros escritos* (2003), seus seminários (nem todos já publicados) e alguns ensaios publicados recentemente pela Jorge Zahar Editor (refiro-me a *série Paradoxos de Lacan*). Por outro lado, para enriquecer a discussão sobre a teoria lacaniana do trauma, escolhi alguns comentadores que me permitiram avançar no tema, entre eles: J.-A. Miller, C. Soler e E. Laurent.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1
A teoria freudiana do trauma

Este capítulo foi dividido em oito seções. A primeira seção apresenta o trauma tal como exposto nos primeiros trabalhos de Freud entre 1885 e 1897. Logo em seguida, há cinco seções dedicadas às mudanças ocorridas na teoria freudiana após 1897: *O trauma e a fantasia*, *As neuroses traumáticas e a guerra*, *A teoria da angústia e o trauma*, *O supereu e o trauma* e *O período de latência e o efeito do trauma*. Por fim, as duas últimas seções deste capítulo trarão uma abordagem mais contemporânea sobre a questão da violência como trauma.

1.1
O trauma nas primeiras teorias freudianas

Iniciando esta apresentação sobre a noção de trauma nas primeiras teorias freudianas, lembro ser de conhecimento geral a importância atribuída pelo próprio Freud às suas experiências com Jean-Martin Charcot, no hospital Salpetrière, entre 1885 e 1886. Ao chegar a Paris, Freud queria estudar a anatomia do sistema nervoso; ao deixar o Salpetrière, seu interesse de pesquisa tinha se voltado aos problemas da histeria e do hipnotismo.

Conforme relatório de Freud sobre seus estudos em Paris e Berlim (Freud, 1956 [1886]), Charcot interessou-se, desde muito cedo, quando ainda era um estudante no Salpetrière, pelas doenças nervosas crônicas. No entanto, ao chegar no Salpetrière em 1885, Freud pôde constatar que Charcot havia se afastado do estudo das doenças orgânicas, e encerrado seu trabalho da anatomia do sistema nervoso. Segundo Freud, o que precisava ser estudado, para Charcot, eram as neuroses, particularmente as neuroses histéricas, que acometiam tanto homens quanto mulheres.

Freud assinala que, até 1886, dificilmente a histeria era considerada uma palavra com significado bem definido. A histeria caracterizava-se, naquela época, somente por “sinais negativos” (Freud, 1990 [1956 [1886]], p. 48): a doença histérica dependia de irritação genital, nenhuma sintomatologia definida podia ser atribuída à histeria pois nela podia ocorrer qualquer combinação de sintomas e, enfim, valorizava-se a simulação no quadro clínico da histeria.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio.
>
> (Freud, 1990 [1956 [1886]], p. 48)

Assim, inspirado no estudo de Charcot sobre os fenômenos hipnóticos na histeria, Freud (1886; 1893b) sustenta que os *contágios histéricos*, que foram interpretados na Idade Média como possessões demoníacas, passaram a ser entendidos, após a década de 1880, pela tendência à sugestionabilidade e ao mimetismo desses pacientes. A causa da histeria, tida na época como consequência de uma lesão nos órgãos sexuais femininos, é contestada pela insuspeitada frequência da histeria nos homens, bem como pela presença de *histerias traumáticas*.

> Nesses casos típicos, ele encontrou a seguir numerosos sinais somáticos (tais como a natureza do ataque, a anestesia, os distúrbios da visão, os pontos histerógenos etc.), que lhe possibilitaram estabelecer com segurança o diagnóstico da histeria, com base em indicações positivas. Estudando cientificamente o hipnotismo (...), Charcot chegou a uma espécie de teoria da sintomatologia histérica. Teve a coragem de reconhecer esses sintomas como sendo, na sua maior parte, reais, sem negligenciar as precauções exigidas pela insinceridade do paciente.
>
> (Freud, 1990 [1956 [1886]], p. 48-49)

Após Charcot, a causa da neurose, explicada até então exclusivamente por fatores orgânicos ou fisiológicos, mostra uma nova face: a história de vida do paciente e suas circunstâncias são motivos coadjuvantes no desencadeamento da histeria. Charcot vai centrar seus trabalhos naqueles sintomas que apareciam após graves traumas, ou seja, conforme Freud explica, em sintomas que advêm como resultado das neuroses traumáticas e mais especialmente das histerias traumáticas.

> Nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto – o trauma psíquico. De maneira análoga, nossas pesquisas revelaram para muitos (...) dos sintomas histéricos, causas desencadeadoras que só podem ser descritas como traumas psíquicos. Qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos – tais como o susto, angústia, vergonha ou dor física – pode atuar como um trauma dessa natureza; e o fato de isso acontecer de verdade depende, naturalmente, da suscetibilidade da pessoa afetada (...).
>
> (Freud, 1987 [1893a], p. 43)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

É nesse contexto que Freud (1893b) introduz a noção de *trauma*, como motivo capaz de desencadear as manifestações patológicas.

Nas notas de rodapé à tradução das *Conferências das terças-feiras* de Charcot, Freud (1892-1894) assinala, como ponto central de um ataque histérico, a existência de lembranças alucinatórias de uma cena que são significativas para o desencadeamento da doença. Para ele, o conteúdo da lembrança ou é um trauma psíquico capaz de provocar a eclosão da histeria no paciente ou um acontecimento que, devido à sua ocorrência em um momento particular, tornou-se um trauma. Nas histerias traumáticas, tal mecanismo é facilmente observável, embora também possa ser demonstrado na histeria em que não há um único trauma de maior significação: "Em tais casos, constatamos traumas menores, repetidos, ou, quando predomina o fator da disposição, lembranças em si mesmas indiferentes, mas que assumem a intensidade de traumas" (Freud, 1990 [1892-1894], p. 203).

A irrupção de um quadro clínico histérico seria uma tentativa de completar a reação ao acréscimo de excitação no sistema nervoso, na medida em que este sistema nervoso foi incapaz de dissipá-la adequadamente pela reação motora ou pela associação. Deste modo, o retorno de uma lembrança inconsciente traumática, responsável pela eclosão da histeria, é um ponto recorrente num ataque histérico. "Essa lembrança ou está inteiramente ausente da recordação do paciente, quando este se encontra em seu estado normal, ou está presente apenas em forma rudimentar, condensada." (Freud, 1990 [1940-1941 [1892]], p. 220).

Observo que, nessa época, o trauma tem um valor importante na psicogênese da histeria, mas Freud ainda aceita a teoria de uma disposição congênita como sendo fundamental. Um acontecimento ocorrido em uma pessoa com disposição congênita para os estados hipnóides, ou seja, dificuldades na associação psíquica, torna-se traumático. A lembrança do fato dito traumático foi dissociada e faz parte de um segundo estado da consciência, que está presente em toda histeria (*ibidem*, p. 220).

Deve-se supor uma dissociação na consciência para a explicação dos fenômenos histéricos (Freud, 1940-1941 [1892]). A lembrança que forma o conteúdo desse ataque não é qualquer, mas a reprodução alucinatória do acontecimento traumático. Em outro grupo de casos, o conteúdo dos ataques consiste em lembranças que não são capazes, por si mesmas, de constituírem traumas, mas que ocasionalmente se associam a uma pré-disposição interna da pessoa à eclosão da doença, sendo, com isso, "elevadas à condição de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

traumas" (Freud, 1940-1941 [1892], p. 220). A partir da observação clínica de diferentes casos de histeria, Freud chega à noção de trauma psíquico, noção esta estreitamente relacionada à teoria da histeria, já nos primeiros textos freudianos: "(...) transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora" (*ibidem*, p. 222).

Logo, a definição de trauma psíquico implica, numa perspectiva freudiana, na idéia de um choque violento, de uma efração sobre o aparelho psíquico e também das consequências sobre o conjunto da organização psíquica. Em contrapartida, nas décadas de 1880/1890, a disposição congênita para a dissociação de um segundo grupo psíquico tem um peso importante na caracterização dos motivos pelos quais uma experiência se torna traumática para certo indivíduo, explicando porque um acontecimento pessoal e real da história do sujeito foi vivenciado como algo que altera o afluxo de excitações do psiquismo, provocando transtornos energéticos transitórios ou efeitos patogênicos duradouros (Freud, 1893a).

Numa concepção econômica, o trauma está relacionado a uma ausência de *ab-reação* [2] de um afeto que permanece estrangulado, na medida em que há uma dissociação das idéias correspondentes a ele da consciência. Neste sentido, o afeto estrangulado é vivenciado como desprazer que economicamente compromete a homeostase do aparelho (Freud, 1893a). Frente à situação traumática, o sujeito não é capaz de reagir com uma resposta que lhe permitiria descarregar os afetos mobilizados pelo acontecimento, ou através da associação porque as idéias ligadas ao acontecimento estão excluídas do comércio associativo com as idéias conscientes. Dessa forma, as memórias do trauma ficam carregadas de afeto represado, e se comportam como um verdadeiro corpo estranho no psiquismo.

Para se reconhecer como trauma um evento específico para alguém devem estar presentes condições objetivas, assim como se deve levar em consideração a suscetibilidade particular de determinada pessoa ao trauma. Acontecimentos que isoladamente não constituem um trauma podem, em seus efeitos e por adição, ter valor traumático. Além do fator constitucional, Freud dará cada vez mais valor a outros fatores: a própria natureza de um acontecimento pode excluir uma ab-reação completa, mas exigências sociais

[2] *Ab-reação*: descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que não se torne ou não continue sendo patogênico (Laplanche & Pontalis, 1991 [1967], p. 1).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

que não permitam uma reação adequada por parte do sujeito, como também conflitos psíquicos que dificultem a integração da experiência ocorrida na personalidade consciente do sujeito são garantidores do valor traumático do acontecimento. Esse último aspecto é o que gradativamente assumirá a dianteira nas considerações freudianas. Trata-se de uma defesa contra certas idéias que provocam o conflito psíquico, por serem incompatíveis com aspirações éticas do sujeito ou com outros motivos. É a defesa que Freud invocará, cada vez mais, para explicar porque certas idéias têm seu acesso à consciência negado.

A primeira teoria do trauma e da ab-reação pôde assim ser reconhecida desde os primeiros escritos sobre a histeria, quando Freud desenvolveu a questão do trauma psíquico, "como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação" (Freud, 1987 [1893a], p. 44), e que só mediante a hipnose, com a vinda à consciência das idéias anteriormente dissociadas, e a reação afetiva correspondente, poderá se tornar passado. Neste sentido, o trauma continua provocando efeitos no psiquismo como se ainda estivesse presente, ponto muito importante e que caracteriza a primeira teoria do trauma – o trauma como afeto estrangulado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.1.1
A 'contravontade' histérica – o conflito psíquico

A partir do tratamento por sugestão hipnótica, Freud ensaia sua primeira tentativa de propor uma teoria sobre o mecanismo psíquico da histeria, diversa da visão charcotiana. Em Charcot não havia ainda a idéia de um conflito psíquico. Neste sentido, Freud (1892-1893) elabora uma outra teoria, mais psicológica, para a etiologia dos sintomas histéricos.

Freud pensa a origem dos sintomas histéricos através da concepção de *contravontades* ou, como também ficou conhecida, de *idéias antitéticas aflitivas*. Assim, supondo haver um estado de disposição para a histeria, os sintomas não mais necessariamente surgiriam após um trauma físico, que pudesse ser explicado através de teorias neurológicas, podendo se formar a partir de um confronto de idéias antitéticas, mesmo que conscientes.

Para Freud (1892-1893), existem idéias cujo afeto de expectativa lhes está vinculado, sendo de dois tipos: idéias de eu fazer isto ou aquilo – são as *intenções* – e idéias de isto ou aquilo me acontecer – são as *expectativas*

propriamente ditas. O afeto vinculado a tais idéias depende, de um lado, do grau de importância que o resultado tem para o indivíduo em questão; de outro, do grau de incerteza inerente à expectativa desse resultado. “A incerteza subjetiva, a contra-expectativa, é em si representada por um conjunto de idéias ao qual darei o nome de *idéias antitéticas aflitivas.*” (Freud, 1990 [1892-1893], p. 182).

Numa perspectiva freudiana, uma pessoa com vida ideativa sadia inibe as idéias antitéticas que se opõem à sua intenção, excluíndo-as de suas associações de pensamentos. Já os pacientes neuróticos dedicam grande atenção às idéias antitéticas aflitivas que se opõem às intenções. Embora pareçam estar inibidas, estas idéias são, com isso, afastadas da associação da consciência, de modo a existirem como idéias desconectadas para os próprios pacientes.

Para esclarecer o que eram essas contravontades, Freud retoma, em *Um caso de cura pelo hipnotismo* (Freud, 1892-1893) e em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (Freud, 1893a), a história de uma paciente – que ele havia acompanhado em 1888 e que passa a ser conhecida como o caso Sra. Emmy von N. –, história esta que pode ser encontrada também nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895). Freud relata haver empregado pela primeira vez o método catártico no tratamento dessa livoniana de 40 anos, uma jovem viúva e mãe de duas filhas, também elas afetadas por distúrbios nervosos. Emmy von N. manifestava alterações do humor (angústia e depressão melancólica), fobias ante a visão de certos animais e inibições da vontade. As duas últimas classes de perturbação psíquica – as fobias e as inibições da vontade – foram, para Freud, na sua maior parte, de origem traumática. O tratamento de Emmy von N. durou em torno de quinze semanas, durante as quais Freud lhe fez massagens no corpo, prescreveu-lhe banhos quentes e procurou, por meio de sugestão hipnótica e do método catártico, libertá-la de seus afetos dolorosos.

Emmy von N. demonstrava a Freud suas aflições frente aos impedimentos e incapacidades histéricos. Fazia um ruído peculiar, um singular estalo de língua, com súbita interrupção do fechamento convulsivo dos lábios que, como um tique, interrompia sua fala. Além do estalo de língua, também gaguejava, quando estava confusa. Repetidas vezes, na presença de Freud, empregava expressões como: “– Fique quieto! – Não diga nada! – Não me toque!” (Freud, 1987 [1893a], p. 82). Ao ser questionada por Freud após algumas semanas sobre a origem do estalo de língua, Emmy von N. não soube lhe responder: “– Não sei”. A resposta de Emmy a Freud levou-o a considerar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

que se tratava de um tique verdadeiro, até lhe ocorrer fazer a mesma pergunta estando a paciente sob hipnose. A resposta obtida foi, aí sim, mais elucidativa.

> Foi quando minha filha mais nova esteve muito doente; ela havia passado o dia inteiro tendo convulsões, mas, por fim, no final da tarde, adormeceu. Eu estava sentada à beira da cama dela e pensei comigo mesma: – *Agora você tem de ficar absolutamente quieta, para não acordá-la*. Foi então que o estalo ocorreu pela primeira vez. Depois, desapareceu. Mas, um dia, passados alguns anos, quando eu estava passando de carruagem por uma floresta perto de —, sobreveio uma violenta tempestade, e um tronco de árvore junto ao caminho, bem à nossa frente, foi atingido por um raio, de forma que o cocheiro teve de sofrear os cavalos bruscamente, e eu pensei comigo: – *Agora, haja o que houver, você não deve gritar, senão os cavalos disparam*. E naquele momento o estalo veio novamente e persistiu desde essa ocasião.
>
> (Freud, 1990 [1892-1893], p. 186)

Após a resposta da paciente, obtida em estado hipnóide, Freud pôde constatar que o ruído que Emmy fazia não era um tique verdadeiro, na medida em que, desvendada sua origem, ele desapareceu por completo. Isto porque, segundo Freud, enquanto um tique verdadeiro persiste, o tique histérico cedo ou tarde sempre desaparece.

Esta foi a primeira vez que Freud conseguiu observar a origem dos sintomas histéricos mediante a atuação de uma idéia antitética aflitiva, ou ainda, mediante a contravontade. Era a idéia fundamental para a psicanálise de que na origem do sintoma neurótico está um conflito psíquico.

> Nossa paciente histérica, esgotada pela preocupação e pelas longas horas de vigília junto ao leito da filha enferma que afinal adormecera, disse a si mesma: *Agora você precisa ficar inteiramente imóvel para não acordar a menina*. É provável que essa intenção tenha dado origem a uma representação antitética, sob a forma de um medo de que, mesmo assim, ela fizesse um ruído que despertasse a criança do sono que tanto esperara. Representações antitéticas como essas surgem em nós de forma marcante quando nos sentimos inseguros de poder pôr em prática alguma intenção importante.
>
> (Freud, 1987 [1893a], p. 115)

Sobre o assunto, Freud afirma que a emergência de uma contravontade é uma das responsáveis pelo fato de pessoas histéricas serem incapazes de fazer alguma coisa justamente quando elas mais desejam fazê-la; de fazerem o oposto daquilo que lhes foi solicitado e de cobrirem de maus-tratos e suspeitas o que mais valorizam (Freud, 1892-1893). Neste sentido, foi o sentimento de horror sentido por Emmy von N. ao ruído produzido contra sua vontade que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

tornou traumático aquele momento, e fixou o ruído em si como um símbolo mnêmico somático de toda a cena.

Assim, tendo se originado a partir de uma situação traumatizante, tanto o estalo de língua quanto a gagueira passaram a se manifestar frente a quaisquer medos, inclusive àqueles que não podiam sequer levar ao acionamento de uma representação antitética. Vinculados, pois, a tantos traumas, passaram a irromper a fala de Emmy von N. sem nenhuma causa particular, "à maneira de um tique sem significado" (Freud, 1897 [1893a], p. 116).

1.1.2
A definição de trauma na *neurotica* freudiana

Preocupado em sustentar que toda histeria era traumática, na medida em que implicava em um trauma psíquico, e de que todo fenômeno histérico era determinado pela natureza do trauma, ainda na década de 1890, Freud elaborou a teoria da *neurotica*, segundo a qual o trauma era essencialmente de natureza sexual e a cena traumática se baseava em uma ação real de um adulto – na maioria dos casos uma figura paterna – que seduz uma criança. Segundo sua tese, o trauma influenciava diretamente no surgimento das neuroses, assunto que Freud tratou extensivamente em *Estudos sobre a histeria* (1895), quando discorreu sobre o significado etiológico do trauma nas neuroses. Observo que nessa mesma obra, Freud ratificou a concepção econômica do trauma, definindo mais precisamente suas possíveis fontes e incluindo o conceito de defesa. No prefácio à primeira edição de 1895, Breuer e Freud sintetizam: "a sexualidade parece desempenhar um papel fundamental na patogênese da histeria, como fonte de traumas psíquicos e como motivação para a 'defesa' – isto é, para que as idéias sejam recalcadas da consciência" (Freud, 1987 [1895], p. 35).

Na *neurotica*, Freud se apóia numa evidência clínica – a lembrança de traumas das crianças que são vítimas de abusos sexuais é tão penosa que todos preferem esquecê-los, recalcando-os. A partir dessa primeira hipótese da causalidade sexual da neurose e do recalque com base na teoria da sedução de origem traumática, a noção de trauma ocupa um lugar historicamente fundamental para a psicanálise.

Nos anos de 1890, a *neurotica* se alicerça e se define a partir da idéia freudiana de que a ação traumática pressupõe dois tempos. Há uma primeira cena – a cena de sedução propriamente dita –, que geralmente ocorre na infância, em que a criança sofre uma tentativa de agressão sexual por parte de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

um adulto, sem que o fato seja por ela identificado como excitação sexual, desde o momento em que, para Freud, a sexualidade ainda não tinha se instaurado nesta época. A segunda cena ocorre na puberdade, muitas vezes aparentemente anódina; mas ela evoca a primeira cena por qualquer traço associativo, resignificando a primeira cena como sexual. A partir disso, eclode o sintoma histérico.

Do ponto de vista econômico, como lembrança, *só depois* portanto, o maior peso traumático é atribuído à primeira cena. O passado censurado torna-se, desta forma, menos importante do que o estabelecimento de certa articulação entre duas cenas, articulação que constitui o trauma. Por outro lado, desde então algumas características do trauma ganham forma definitiva na metapsicologia: o efeito traumático está sempre referido à ruptura entre percepção e consciência, e a lembrança traumática opera de forma retroativa, *só depois*. Freud (1896c) acrescenta que o recalcamento da lembrança de uma experiência sexual aflitiva na vida adulta somente acontece com pessoas às quais tal experiência possa ativar o traço mnêmico de um trauma infantil. Sobre o assunto, Utichel comenta:

> É no efeito *a posteriori* (em que, mais do que uma sequência de cenas, observa-se uma sobreposição da cena atual com a da marca mnêmica) que o evento se torna traumático. O *trauma* não se localiza na vivência da vida adulta, mas no reviver *a posteriori* a intensidade que evoca a primeira cena: "Não são os acontecimentos que agem traumaticamente, mas sua lembrança, que emerge quando o sujeito chega à maturidade sexual" e é capaz de compreender o sentido de ambas as cenas. (Utichel, 2001, p. 19-20)

Contudo, essa *neurotica* é abandonada em 1897, a partir da constatação freudiana da importância da fantasia incestuosa para as histéricas. Freud tenta, dessa vez, sustentar a idéia de que o trauma era na verdade uma cena fantasiada. Para ele, a chave das neuroses histéricas não está mais nas seduções, mas nas fantasias – ou seja, nas fantasias de sedução pelo pai, por exemplo. Neste sentido, alguns fatos que só então puderam ser percebidos por Freud colaboraram para o enfraquecimento da *neurotica*: a idéia de que todos os pais fossem perversos não se sustentava, havia mulheres que fantasiavam cenas de sedução que não condiziam com fatos ocorridos, como também a eclosão de uma neurose não podia ser explicada tão somente através de cenas de sedução que haviam tido lugar na história do sujeito.

Freud substitui a *neurotica* pela teoria da fantasia traumática de sedução e é neste momento que se pode dizer que o significado etiológico do trauma nas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

neuroses perde espaço, enquanto a idéia de realidade psíquica e o papel desempenhado pelas fantasias inconscientes das histéricas passam a ser mais valorizados, na escrita freudiana. Embora não abandonado, aos poucos o fator traumático passa a fazer parte de uma concepção mais abrangente, incluindo outros aspectos, tais como a constituição e a história infantil. O trauma, mesmo quando acontece na infância de determinado sujeito, não serve mais como forma exclusiva de esclarecimento para a gênese da constituição do sintoma histérico, mas como um elemento explicativo a mais. Com a descoberta da sexualidade infantil, passa a ser substituído pela fantasia ou a encontrar nela seu complemento. Para Freud (após 1897), o que deve ser levado em consideração é a realidade psíquica. A fantasia assume, portanto, a força que antes pertencia ao evento traumático.

1.2
O trauma e a fantasia

> Fantasia, em alemão: *Phantasie*. É o termo para designar a imaginação, não tanto a 'faculdade de imaginar' (...), mas o imaginário e seus conteúdos, as 'imaginações' ou 'fantasias' em que se entrincheiram, habitualmente, os neuróticos (...). Nessas cenas que o sujeito conta (...), é impossível desconhecer a tonalidade, a nuança da fantasiação. Portanto, como escapar à tentação de definir esse mundo em relação àquele do qual ele se separa: o mundo do real?
>
> (Laplanche, 1988 [1985], p. 15)

No final da década de 1890, Freud elabora o conceito de fantasias inconscientes. No entanto, a constatação da existência de fantasias não altera a busca pela experiência ocorrida objetivamente. Se nos anos anteriores a 1896/1897 a importância das fantasias nos casos de histeria havia escapado a Freud, a virada de 1897 não trouxe, porém, um abandono da busca por cenas sexuais mais primitivas por parte do autor, como se pode ver pela justaposição de dois trechos de cartas a Fliess:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> O aspecto que me escapou na solução da histeria reside na descoberta de uma fonte diferente, da qual emerge um novo elemento da produção do inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias histéricas, que (...) remontam sistematicamente a coisas que as crianças entreouvem em idade precoce e que só compreendem numa ocasião posterior. (Carta Freud-Fliess de 06/04/1897 *apud* Masson, 1986, p. 235)

> O objetivo parece ser o de alcançar as cenas [sexuais] mais primitivas. Em alguns casos, isso se consegue diretamente, porém, em outros, somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem, simultaneamente, à tendência a aperfeiçoar as lembranças e à tendência a sublimá-las. São fabricadas por meio de coisas *ouvidas* e usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa. (Carta Freud-Fliess de 02/05/1897 *apud* Masson, 1986, p. 241)

A teoria do trauma concebida em dois tempos permanece, portanto, válida, mas com uma diferenciação no material em que os tempos incidem. O material não é mais a sedução sexual explícita, mas a experiência de coisas que são escutadas e que não estão inicialmente ligadas a sentido algum. O sentido só chega mais tarde, produzindo as fantasias.

Nesse período, temos uma concepção das fantasias como “fachadas psíquicas” (*ibidem*, p. 241), frente aos eventos realmente importantes na etiologia das neuroses, e que estão ocultos à primeira vista. Freud passa a se preocupar menos em reencontrar os elementos realmente ocorridos que poderiam estar na base da irrupção de um quadro histérico. O acontecimento concebido como desencadeador da neurose pode ser um elemento imaginário, que provoca o trauma. Isto porque, embora o mundo das fantasias se situe entre um mundo interior, que tende à satisfação pela imaginação, e um mundo exterior, que impõe a realidade dos fatos, parece que o inconsciente é originalmente o único mundo do sujeito (Laplanche, 1985).

Freud (1900) invoca, então, o recurso à noção de *realidade psíquica*, que, frequentemente, nada mais é “do que a realidade dos nossos pensamentos, do nosso mundo pessoal, realidade que equivale à do mundo material e cuja eficácia, no tocante aos fenômenos neuróticos, é determinante” (Laplanche, 1988 [1985], p. 20-21). Observo que a realidade psíquica, numa perspectiva freudiana, não se confunde com a realidade material.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.2.1
O fator infantil na sexualidade

Esse momento da teoria do trauma coincide com um Freud que se encontra às voltas com a construção da metapsicologia. Nesta fase, ele está interessado em entender o desenvolvimento sexual infantil, tal como exposto nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b) e em *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1906 [1905]). Aliás, após a renúncia da primeira teoria da sedução, três temas são preponderantes na *Correspondência* com Fliess: a descrição da sexualidade infantil espontânea, de desenvolvimento essencialmente endógeno, a fantasia e o complexo de Édipo.[3]

Os fatos forçaram Freud a abandonar a primeira teoria do trauma: vivências sexuais de sedução que se impunham a Freud como traumáticas antes de 1897, conclui ele, não supunham necessariamente um acontecimento real; elas podiam ser fantasias que acobertavam manifestações espontâneas da atividade sexual infantil:

> Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, de detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz.
> (Freud, 1974 [1914], p. 27-28)

Embora tantos elementos teóricos sobre a sexualidade já estivessem na mente de Freud por volta de 1896, a sexualidade infantil foi encarada como um fator latente durante todos os anos anteriores a 1897, sendo, desse modo, passível de vir à luz através da intervenção de um adulto. Somente após a renúncia da *neurotica* e com a descoberta do complexo de Édipo é que Freud reconhece que "moções sexuais atuavam normalmente nas crianças da mais tenra idade, sem nenhuma necessidade de estimulação externa" (Freud, 1989 [1905b], p. 121). Sobre as investidas sexuais dos adultos sobre as crianças, diz Freud:

[3] Todavia, tanto no capítulo II sobre a sexualidade infantil nos *Três ensaios* quanto no artigo *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud fala sobre o desenvolvimento sexual da criança sem mencionar uma só vez o complexo de Édipo (sobre a descoberta freudiana do complexo de Édipo, ver as *Cartas* a Fliess de 3 e 15/10/1897).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Superestimei a frequência desses acontecimentos (...), ainda mais que, naquele tempo, não era capaz de estabelecer com segurança a distinção entre as ilusões de memória dos histéricos sobre sua infância e os vestígios de eventos reais. Desde então, aprendi a decifrar muitas fantasias de sedução como tentativas de rechaçar lembranças da atividade sexual do próprio indivíduo (masturbação infantil). Esclarecido esse ponto, caiu por terra a insistência no elemento 'traumático' presente nas vivências sexuais infantis, restando o entendimento de que a atividade sexual infantil (seja ela espontânea ou provocada) prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior (...). (Freud, 1906 [1905], p. 257-258)

Para completar, sob influência da sedução, uma criança pode se tornar "perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que ela [criança] traz em sua disposição a aptidão para elas (...)" (Freud, 1989 [1905b], p. 179).

Freud, com a descoberta das fantasias inconscientes, conclui que todo trauma provém simultaneamente do exterior, "porque é do *outro* que a sexualidade chega ao sujeito, e do interior, pois que jorra desse exterior interiorizado, dessa 'reminiscência' de que (...) sofrem os histéricos e na qual já reconhecemos a fantasia" (Laplanche, 1988 [1985], p. 31).

Nesse período, segundo a leitura de Laplanche (1985), surge também uma noção importante na teoria freudiana, a de *Urphantasien*, as fantasias originárias: "Na noção de fantasia originária, confluem o que se pode chamar do desejo de Freud de descobrir o alicerce do evento (...) e a exigência de basear a estrutura da própria fantasia em alguma coisa que não o evento" (*ibidem*, p. 51). Essas fantasias originárias se reportam às origens, constituindo um acervo filogenético; as fantasias sexuais se reportam invariavelmente ao tema dos pais, ao dito e ao ruído familiar; e àquele discurso que é entreouvido pela criança quando ainda muito pequena. Neste sentido, o que se vê figurado nas fantasias é o surgimento da sexualidade, do questionamento quanto à diferença entre os sexos e assim por diante.

> Nelas [nas fantasias originárias], o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar. Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia – sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) – tenham sido, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preencham os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica. (Freud, 1976 [1917c], p. 433)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Quanto às investigações sexuais infantis – por exemplo, a pulsão de saber, as teorias sexuais acerca do enigma do nascimento dos bebês e as concepções sádicas da relação sexual entre adultos –, elas são reflexos da própria constituição sexual da criança e, apesar de muitas vezes fracassarem, significam um primeiro passo destes pequenos investigadores em direção a uma orientação autônoma no mundo (Freud, 1905b). O aspecto positivo do abandono da teoria da sedução é, portanto, que Freud passa a desconfiar da inocência infantil, questionando a universalidade da vivência traumática de sedução na etiologia das neuroses. As fantasias seriam ativas mesmo na infância, não sendo retroativamente introduzidas, incorporadas em alguma experiência em princípio anódina. Em contrapartida, o aspecto negativo dessa crise é que Freud propõe o retorno à predisposição constitucional e hereditária como fator etiológico específico da neurose. Assim, a predominância do biológico se instala novamente, em lugar das influências acidentais.

> (...) os 'traumas sexuais infantis' foram substituídos, em certo sentido, pelo 'infantilismo da sexualidade'. Não estava longe uma segunda modificação da teoria original. Juntamente com a suposta frequência da sedução na infância, caiu também por terra a ênfase exagerada nas influências *acidentais* sobre a sexualidade, às quais eu pretendera atribuir o papel principal na causação da doença, embora nem por isso negasse os fatores constitucionais e hereditários.
>
> (Freud, 1989 [1906 [1905]], p. 258-259)

Em contraste com o recuo das influências acidentais na etiologia das neuroses, o recalque (como Freud começa a dizer em lugar de defesa) passa a ser valorizado: "Não importavam (...) as excitações sexuais que um indivíduo tivesse experimentado em sua infância, mas antes (...) sua reação a essas vivências – se respondera ou não a essas impressões com o 'recalcamento' " (*ibidem*, p. 260).

Vejamos agora um pouco mais sobre o que seriam essas teorias e fantasias sexuais infantis.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.2.2
As teorias e fantasias sexuais infantis

O interesse de Freud pelas teorias e fantasias sexuais infantis pode ser explicado segundo duas diferentes perspectivas: a primeira diz respeito a uma tentativa de elucidação dos mitos e contos de fadas da criança *per se*; a segunda se refere a uma busca de compreensão das estruturas psíquicas de pessoas que procuram análise, julgando-se que essas teorias venham a influenciar na produção de sintomas.

Uma primeira teoria sexual infantil seria a tese de que todos os humanos detêm a posse do falo. O órgão genital masculino seria visto pelas crianças como seu principal objeto sexual auto-erótico, o que as impossibilitaria de imaginar a ausência do mesmo em seus semelhantes. Os meninos, diante da ausência do pênis das mulheres, repudiariam tal fato e se resguardariam, fantasiando que "o dela (menina) é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer" (Freud, 1976 [1908b], p. 219). Diante da ameaça de castração, os meninos criariam fantasias sexuais para tentar dar conta de sua angústia – isto porque, neles, haveria uma dominância das excitações exógenas na idade tenra, – estas excitações seriam expressas, por exemplo, através das atividades masturbatórias, as quais, ao serem descobertas pelos adultos, seriam veementemente repudiadas, sob pena de punições.

> (...) seu interesse por pipis [Hans] de modo algum era um interesse puramente teórico; como era de se esperar, também o impelia a tocar em seu membro. Aos 3 anos e meio, sua mãe o viu tocar com a mão no pênis. Ameaçou-o com as palavras: 'Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A para cortar fora o seu pipi'. (Freud, 1976 [1909], p. 17)

As meninas ao descobrirem a efetiva castração, sentindo-se inferiores, criariam uma diferente fantasia sexual – de que sua mãe possuiria um pênis – o que as inviabilizaria de descobrir a existência da vagina, e, consequentemente, a maneira de se conceberem crianças (Freud, 1976 [1908b], p. 221-222).

Outra teoria infantil – a cloacal – permitiria aos meninos crerem que seriam capazes de conceber seus próprios filhos, o que os possibilitaria acreditar ser possível oferecer ao seu objeto sexual de amor (sua mãe, originalmente) um filho (*ibidem*, p. 222-223).

Já a teoria sádica do coito (*ibidem*, p. 223), a qual surgiria em consequência de uma real ou fictícia visão do ato sexual dos pais, permitiria à criança acreditar num ato de violência. Essa teoria alude a uma tese de Freud

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

acerca da possibilidade de que as cenas primárias, trabalhadas na análise, teriam íntima relação com as fantasias primitivas, sendo o conteúdo das últimas, possivelmente, herdado.

As fantasias primitivas envolvem necessariamente sentimentos de prazer, associados aos órgãos genitais. Segundo Freud

> Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto-erótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada um traço primário de perversão. (Freud, 1976 [1919c], p. 228)

Traços de perversão encontram-se presentes na vida sexual infantil normal, sem que isso signifique que esses serão posteriormente parte constituinte da estrutura do sujeito. Tais traços podem ser sublimados, recalcados ou submetidos a formações reativas. Entretanto, a perversão encontra-se a princípio no seio do complexo edipiano, sendo levada a uma relação com o objeto de amor incestuoso da criança, como o seu complexo de Édipo.

Em *Uma criança é espancada*, Freud (1919c) apresentou os resultados de suas pesquisas sobre a questão das fantasias perversas, encontradas em numerosos neuróticos, contribuindo com o estudo da gênese das perversões sexuais. Através da compreensão de sua gênese, poder-se-ia reconstruir a estrutura perversa dos sujeitos; todavia, a fantasia perversa não é a estrutura perversa.

A formulação, pelas crianças, de suas fantasias perversas é imprecisa. Elas eximem-se de dar maiores informações sobre suas fantasias, o que só poderia ser resgatado, com muitas resistências e com o maior sentimento de culpa, no decorrer do processo analítico, quando o sujeito pode melhor articular sua fantasia (perversa), a saber, a fantasia de que uma criança está sendo espancada. Seria esse sentimento de culpa emergente que permitiria a Freud (1919c) fazer uma articulação com aquilo a que denominou de uma cicatriz do Édipo. As informações omitidas sobre as fantasias poderiam ser expressas nas seguintes questões:

> Quem era a criança que estava sendo espancada? A que estava criando a fantasia, ou uma outra? Era sempre a mesma criança, ou às vezes era uma diferente? Quem estava batendo nas crianças? Uma pessoa adulta? Se era, quem? Ou a criança imaginava-se a si mesma batendo na outra? Nada do que foi apurado pôde esclarecer todas essas perguntas; apenas a resposta hesitante: 'Nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança'. (Freud, 1976 [1919c], p. 227)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

As fantasias de espancamento das crianças modificam-se no seu desenvolvimento histórico, no que diz respeito à relação com o autor da fantasia e quanto ao seu objeto, conteúdo e significado. Na fantasia – perversa por seu caráter incestuoso, por infligir leis da cultura – não há relação constante entre o sexo da criança que produz a fantasia e a que se encontra na própria fantasia; o adulto, pessoa que bate, deve ser reconhecido como sendo o pai da criança.

A fantasia de espancamento, portanto, encobriria um amor incestuoso da criança pela figura paterna, expresso em três diferentes fases. A primeira fase deve pertencer aos primeiros anos de infância. Seria relatada pelo sujeito como uma lembrança de sua história infantil. "O meu pai está batendo na criança [que eu odeio]" (Freud, 1976 [1919c], p. 232). Nesta fase, a satisfação da criança está ligada à realização de seu voto incestuoso de ser amada pelo pai, e o fato de que a outra criança seja espancada é prova disso.

Na segunda fase, "Estou sendo espancada pelo meu pai" (*ibidem, p. 232*), há modificações: o autor da fantasia de espancamento seria, concomitantemente, a criança maltratada pelo pai. A fantasia adquire um caráter masoquista, resultante do sentimento de culpa da criança pelo seu amor incestuoso.

Essa fantasia de ser espancada pelo pai seria uma maneira de o sujeito representar seu desejo culpado de atingir um gozo sexual através da atividade masturbatória; ela permaneceria, nas meninas, inconsciente, enquanto, nos meninos, se tornaria consciente já que, neles, há uma adicional transformação da atividade à passividade com relação à fantasia.

Finalmente, a terceira fase – Bate-se numa criança –, assemelha-se à primeira, mas quem bate seria um substituto do pai (Freud, 1976 [1919c], p. 232-233). A criança, autora da fantasia, estaria provavelmente olhando a cena.

Não é tarefa simples apreender as diferentes fases das fantasias de espancamento da menina e do menino. Há modificações relevantes de uma fase para outra, mas o que é importante é entender, por exemplo, que uma fantasia desse tipo tem sua origem numa relação incestuosa com o pai e que ambos os sexos apressam-se em libertar-se dessa atitude (feminina), recalcando a fantasia.

Em *História de uma neurose infantil*, Freud (1918 [1914]) interpretou os sonhos de seu cliente, um jovem russo, demonstrando associações existentes entre a fantasia dos lobos trazida à análise e uma cena primitiva, que o analisando crê ter presenciado. Essa associação se estabeleceu através da postura do lobo, ereto, que o fez lembrar da cena do coito entre os pais. Foi o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

detalhe do lobo sem rabo, personagem da história que lhe havia contado o avô, que evocou a lembrança da cena primeva e que tornou possível ao menino representá-la no sonho dos lobos. Neste sonho, seus pais transformaram-se em lobos; sua mãe seria o lobo castrado, sem rabo, que permitiria que os outros "subissem em cima dele", enquanto seu pai seria o lobo que "subiria na loba sem rabo". Essa fantasia, ao contrário da fantasia de espancamento, se referiria a uma angústia de castração, a qual impossibilitaria a saúde mental do analisando. Segundo Freud, a força motivadora nesse sonho seria a obtenção de satisfação sexual com o pai da mesma maneira que a mãe também se satisfizera. Para que isso ocorresse, seria necessário sua própria castração; seu último objetivo sexual, portanto, teria que sucumbir ao recalque, por causa do seu caráter insuportável. A atitude passiva em relação ao pai foi transformada num medo do pai, expresso através do sintoma fóbico aos lobos.

As fantasias, portanto, enquanto realizações de desejos, cumprem seu papel. Na medida em que a criança reorganiza suas percepções da realidade, lidando com suas angústias e suas incertezas, a fantasia (como uma construção em análise) é importante para o sujeito, encontrando-se em estreita relação com seu Édipo. As pessoas, para estruturarem-se enquanto sujeito desejante, passam, desde seu nascimento, por experiências de relações com as figuras parentais. Acreditamos que as fantasias chamadas originárias, assim como as teorias sexuais infantis derivem destas experiências. A criança em um primeiro momento vive a completude em sua relação com a mãe. Entretanto, com a entrada do terceiro na relação, a criança passa a viver juntamente com seus objetos parentais uma relação triangular, constituída por três vértices: a criança, seu objeto natural (figura materna) e o portador da lei (figura paterna).

As fantasias e as teorias sexuais infantis encobrem o trauma de não ser filho da mãe exclusivamente, nem seu único amor. Se pensarmos nas teorias sexuais infantis, a fantasia do coito sádico representa a não aceitação por parte da criança de que a mãe deseje outra pessoa além dela própria; o nascimento cloacal, assim como a teoria da mãe fálica, traduz a idéia de que a mãe é completa, não precisa de mais ninguém para concebê-la (negação da existência do terceiro).

As fantasias possibilitam ao sujeito ter relações prazerosas e, ao mesmo tempo, incestuosas para com as figuras parentais, sem com isso ir de encontro às leis e às normas sociais. O sujeito, nas fantasias, dá significado às imposições (traumáticas) que lhe foram impressas pela cultura, conscientizando-se da realidade da castração.

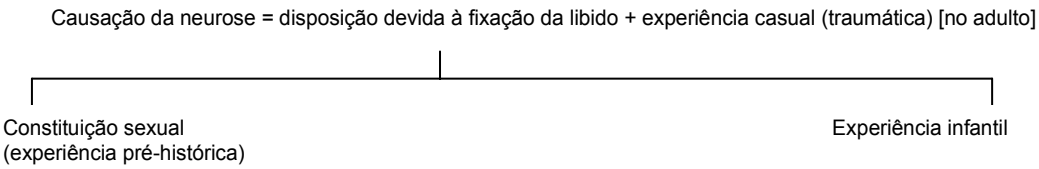
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Esse desenvolvimento mostra também que as fantasias estão sempre ligadas à sexualidade e ao desejo, mas que envolvem aquilo que é traumático. A castração e a diferença sexual são traumas estruturais que substituíram o trauma da sedução. A série complementar mostra como o trauma continua a ter importante papel.

1.2.3
As séries complementares e o trauma

Ao desenvolver o conceito das séries complementares em 1917, Freud coloca a teoria do trauma dentro de um claro quadro etiológico, esclarecendo, por meio de um diagrama (que reproduzo abaixo), os fatores que participam na causação da neurose (Freud, 1976 [1917b], p. 423).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA



Os casos de doença neurótica enquadram-se numa série, dentro da qual os dois fatores – a constituição sexual e a experiência infantil – estão representados de tal modo que, quando um é mais forte, o outro o é menos (Freud, 1917b). Em outras palavras, há, na leitura de Freud, a função libidinal – um fator interno à eclosão da doença –, e a experiência casual – um fator externo e acidental, vivenciado pelo adulto de forma traumática. Com isso, as pessoas adoecem de neurose quando são impedidas de satisfazer sua libido, sendo seus sintomas um substituto para sua satisfação frustrada. Freud se refere a uma série complementar em que a predisposição associada à um choque violento pode acarretar os mesmos efeitos que um trauma menor aliado a uma predisposição mais acentuada.

Como as *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Freud, 1917 [1916-1917]) demonstram, o trauma nesta fase está referido a um acontecimento que surge em um segundo tempo, não estando mais ligado às experiências

infantis encontradas nas origens das fixações. É desse modo que, quando comparado à concepção traumática da *neurotica*, seu alcance e sua originalidade são reduzidos. Só que a idéia do *só depois* continua, porque ainda é preciso uma situação infantil e uma atual que se entrelacem para haver o efeito traumático.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.3
As neuroses traumáticas e a guerra

A idéia de trauma retorna de outro modo entre os anos 1915 e 1920. Esta nova acepção do tema foi inicialmente imposta a Freud pelos casos de neurose traumática pós-guerra, que resultavam de acidentes dolorosos recentes que, aparentemente, não tinham qualquer relação privilegiada com objetos sexuais. Os sintomas desta afecção, propõe Freud em 1916, resultam de uma fixação no momento do acidente traumático. Este passará a ser reeditado nos sonhos e a ressurgir em ataques histeriformes que transportam repetidamente o sujeito para a situação do trauma, como se fosse impossível superá-la. Com efeito, não é mais questão de impedir o aparelho psíquico de ser submergido por grandes somas de excitação; é antes uma outra tarefa que aparece: dominar a excitação, ligar psiquicamente as somas de excitação que penetraram por efração para levá-las em seguida à liquidação.

O interesse de Freud pela neurose traumática remonta aos seus primeiros estudos sobre as afasias, período em que o autor ainda abordava as neuroses sob o ponto de vista neurológico. Por influência de Charcot, considerou durante longo tempo as neuroses traumáticas como casos de histeria, como podemos constatar em So*bre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*.

> As experiências que liberaram o afeto original, cuja excitação foi então convertida num fenômeno somático, são por nós descritas como *traumas psíquicos*, e a manifestação patológica que surge desta forma, como *sintomas histéricos de origem traumática*. (A expressão 'histeria traumática' já foi aplicada a fenômenos que, por serem consequência de danos físicos – traumas no sentido mais estrito do termo – fazem parte da classe das 'neuroses traumáticas').
>
> (Freud, 1987 [1893a], p. 215)

Entretanto, nos anos que se seguem ao início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os debates sobre a origem traumática nas neuroses se acirraram: reativou-se o interesse de Freud nas neuroses de guerra[4] e nas neuroses traumáticas em geral.

[4] "A neurose de guerra não é em si uma entidade clínica. Provém da categoria da neurose traumática, definida em 1889 por Hermann Oppenheim (1858-1919), que a descreveu como uma afecção orgânica consecutiva de um trauma real, provocando uma alteração física dos centros nervosos, por sua vez acompanhada por sintomas psíquicos: depressão, hipocondria, angústia, delírio etc." (Roudinesco & Plon, 1998, p. 537).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Nesta mesma época, Freud foi convocado, na condição de perito, a dar seu parecer sobre o trabalho de Julius Wagner-Jauregg, psiquiatra acusado de haver aplicado choques elétricos em soldados afetados por neuroses de guerra, que eram, na verdade, considerados meros simuladores. Ao escrever seu relatório, Freud criticou o tratamento por meio de eletricidade e a ética dos que o aplicaram aos doentes. Rechaçou ainda a idéia de simulação, que para ele era inadequada a qualquer definição de neurose (Roudinesco & Plon, 1998).

As exigências da catástrofe mundial solicitaram outra maneira de abordar a etiologia das neuroses, diferente daquela que Freud teorizou a partir da sua clínica até então, que tinha sido dedicada às neuroses que ele agora chamará de espontâneas (histeria, neurose obsessiva, fobia) para diferenciar das traumáticas. O trauma psíquico como efração recuperou seu lugar; a concepção econômica do trauma voltou a um primeiro plano entre as preocupações freudianas. No destaque que tomaram então as neuroses de guerra, os casos atendidos no *front* indicavam que, em sua raiz, havia uma fixação no momento do episódio traumático.

> Este [acontecimento traumático] passará a ser reeditado nos sonhos, e ressurgir em ataques histeriformes que transportam repetidamente o sujeito para a situação do trauma, como se fosse impossível superá-la. Às vezes o sintoma é o reviver quase alucinatório do trauma, hoje chamado de *flashback.* (Rudge, 2003a, p. 106)

De fato, a Primeira Guerra Mundial multiplicou os casos de pessoas afetadas por neuroses traumáticas, ligadas essencialmente a acontecimentos violentos. Observou-se que, ao serem confrontados com incidentes insuportáveis, inclusive na idade adulta, os sujeitos repetiam a cena traumática, revivendo-as regularmente em sonhos, numa tentativa de “cura espontânea” (Ferenczi, 1993 [1918], p. 27) do paciente.

> É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada; e levamos muito a sério esta impressão. Mostra-nos o caminho daquilo que podemos denominar de aspecto *econômico* dos processos mentais. Realmente, o termo ‘traumático’ não tem outro sentido senão o sentido econômico. (...) Assim, a neurose poderia equivaler a uma doença traumática, e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso. (Freud, 1976 [1917a], p. 325)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Interrogando a teoria freudiana construída até então, a noção do trauma permite, desse modo, questionar a realização de desejos como único motor dos sonhos e o princípio do prazer como organizador exclusivo da dinâmica psíquica:

> Os sonhos traumáticos exigiram, gritantemente, o abandono da idéia de um psiquismo governado exclusivamente pelo princípio do prazer. É inteiramente conflitante com a teoria do sonho como realização – mesmo deformada – de desejo, a observação de que os sonhos tendem a reconduzir o sonhador exatamente à terrível situação que gerou a neurose traumática.
> (Rudge, 2003b, p. 20)

O propósito do sonho traumático passa a estar referido à cena insuportável, na tentativa de promover uma elaboração psíquica que possibilite o restabelecimento do princípio do prazer. Continua, porém, sendo verdadeira a tese freudiana segundo a qual os sintomas podem ser tratados pela fala. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma modificação interna no paciente, e esta se efetua "através de uma parcela de trabalho psicológico orientado para um objetivo determinado" (Freud, 1976 [1917a], p. 332).

No V Congresso Internacional sobre "A psicanálise e as neuroses de guerra", realizado em Budapeste em setembro de 1918, Freud sustentou publicamente que a experiência coletiva da guerra produziu um grande número de neuroses graves, que se manifestavam principalmente como perturbações motoras. No entanto, as observações feitas no que dizem respeito às causas que levaram ao adoecimento destes indivíduos não deixaram dúvidas quanto à natureza psíquica das denominadas neuroses de guerra.[5]

Antes que fossem construídos centros de tratamento de neuróticos de guerra, nos quais médicos com formação psicanalítica pudessem estudar a natureza das afecções e o efeito exercido sobre elas pelos tratamentos da hipnoterapia, da sugestão e da neocatarse, as condições de guerra cessaram de operar e, simultaneamente, a maior parte das neuroses traumáticas provocadas por ela desapareceu. Diversas organizações estatais faliram em consequência da guerra e, com isso, o interesse por estas neuroses cedeu lugar a outras preocupações (Freud, 1919a). Também presente neste V Congresso, Ferenczi (1918) sublinha que, segundo Freud, assim como nas neuroses comuns de tempos de paz, nas neuroses de guerra existe um ganho primário em estar doente: "a fuga para a doença" (Freud, 1976 [1919a], p. 260).

[5] O V Congresso Internacional contou com um simpósio sobre "A psicanálise e as neuroses de guerra", composto por esta introdução de Freud e por mais três artigos, lidos por Sándor Ferenczi, Karl Abraham e Ernst Simmel. As idéias principais destes três autores serão tratadas ainda nesta seção.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Nas neuroses traumáticas e de guerra, o eu defende-se de ameaças externas, que estão incorporadas a novas formas assumidas pelo próprio eu.

> O conflito é entre o velho eu[6] pacífico do soldado e o seu novo eu bélico, e torna-se agudo tão logo o eu pacífico compreende que perigo corre ele de perder a vida devido à temeridade do seu recém-formado e parasítico duplo. (...) À parte isso, as neuroses de guerra são apenas neuroses traumáticas, que, como sabemos, ocorrem em tempos de paz também, após experiências assustadoras ou graves acidentes, sem qualquer referência a um conflito no eu.
> (Freud, 1976 [1919a], p. 261)

Assim, a precondição para o desenvolvimento de neuroses de guerra parece ser um exército nacional, recrutado entre os civis; soldados profissionais e mercenários não adoeceriam dessa maneira.[7]

> Foi fácil, portanto, inferir que a causa imediata de todas as neuroses de guerra era uma inclinação inconsciente, no soldado, para afastar-se das exigências, perigosas e ultrajantes para os seus sentimentos, feitas por ele pelo serviço ativo. Medo de perder a própria vida, oposição à ordem de matar outras pessoas, rebeldia contra a supressão implacável da própria personalidade pelos seus superiores – eram estas as mais importantes fontes afetivas das quais se nutria a tendência para se escapar da guerra.
> (Freud, 1976 [1955 [1920]], p. 267)

Esses pacientes que haviam sido recrutados para lutar na guerra sofriam, pois, de conflitos mentais inconscientes que perturbavam sua vida emocional, levando muitas vezes até o adoecimento, tal como ocorria também nas neuroses em tempos de paz.

A análise das sintomatologias traumáticas geradas nas pessoas durante a Primeira Guerra foi o que mais tarde inspirou as incursões de Freud pelo além do princípio do prazer, assim como as novas formulações sobre pulsão de morte, compulsão à repetição e sobre a própria concepção de trauma (Freud, 1920). A partir do estudo das neuroses de guerra, reescreve-se a metapsicologia: a repetição é uma maneira de elaboração do trauma, independente do princípio do prazer. O trauma pode não estar remetido diretamente à experiência infantil de natureza sexual, atingindo o sujeito inclusive na idade adulta.

---

[6] Neste trabalho, substituirei a palavra *ego*, tal como traduzida pela editoras Imago, Martins Fontes e Escuta, por *eu*, tradução que julgo ser mais apropriada.

[7] Retomaremos esse assunto quando falarmos sobre o “eu de guerra”, na parte 1.3.3 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.3.1
Sándor Ferenczi: toda neurose de guerra é histeria de angústia

Diferentemente de Freud, que admitiu uma diferença básica entre as neuroses traumáticas, incluindo as de guerra, e as neuroses espontâneas, como a histeria, Ferenczi considera que toda a neurose de guerra é histeria de angústia.

Apenas dois meses após ter assumido a direção do serviço de neurologia do hospital militar Maria-Valéria, Ferenczi (1916) apresenta suas observações sobre cinquenta pacientes gravemente afetados ou até inválidos, todos diagnosticados como neuróticos de guerra. Alguns deles eram incapazes de se deslocar: suas pernas tremiam; movimentos da musculatura corporal se faziam acompanhar de crispações[8] e tremores:

> É o movimento de andar desses pacientes que mais impressiona; dá a impressão de uma paresia[9] espasmódica; no entanto, as diferentes combinações de tremores, rigidez e fraqueza produzem tipos de locomoção muito particulares, que só um filme poderia eventualmente reproduzir.
> (Ferenczi, 1992 [1916], p. 260)

Além dos distúrbios de marcha, percebem-se constantemente outros sintomas, nas neuroses de guerra: sensação anormal e desagradável sobre a pele e em órgãos dos sentidos (com destaque para as sensibilidades auditiva e visual), que assume diversas formas, tais como queimação, dormência, coceira e assim por diante. A hiperacusia[10] e a fotofobia[11] tornam esses pacientes receosos. Queixam-se de alterações da libido e da potência sexual, além de distúrbios do sono: costumam repetir em sonhos as situações perigosas vividas no *front*. Neste caso, o próprio psiquismo cria para si a representação capaz de lhe causar o afeto penoso e esse sintoma serve como uma tentativa de cura espontânea. O ponto de vista econômico é levado em conta:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

---

[8] Crispação: ato ou efeito de encolher(-se), contrair(-se) espasmodicamente (Houaiss, 2002 [2001], versão 1.0.5a CD-ROM).
[9] Paresia: perda parcial da motricidade (Houaiss, 2002 [2001], versão 1.0.5a CD-ROM).
[10] Hiperacusia: acuidade auditiva exacerbada, com audição dolorosa de certos sons, sobretudo os agudos (Houaiss, 2002 [2001], versão 1.0.5a CD-ROM).
[11] Fotofobia: aversão à luz pela dor que ela produz em casos de afecções oculares ou neurológicas (Houaiss, 2002 [2001], versão 1.0.5a CD-ROM).

> Segundo a concepção de Freud, devemos considerar, portanto, que os pequenos traumatismos repetidos, o sobressalto ao menor ruído ou relâmpago de luz, são uma tendência para a cura, uma tendência do organismo para restabelecer o equilíbrio perturbado da distribuição da tensão.
> (Ferenczi, 1992 [1916], p. 271)

A partir do assombro que estes casos lhe causaram, Ferenczi propôs a existência de dois tipos de neurose de guerra. Um primeiro, em que podia ser descrito um quadro etiológico de histeria de angústia pura, isto é, sem conversão do afeto, e cujos sintomas principais eram sintomas fóbicos. O outro tipo de neurose de guerra se ligava às formas de histeria que se caracterizavam pela predominância de sintomas de conversão do afeto em uma inervação física – havia uma fixação traumática em partes específicas do corpo.

Para exemplificar o segundo tipo, reproduzo dois casos de neurose de guerra em que os soldados conservam exatamente a posição do braço que tinham imediatamente antes da explosão: a posição de balanço (Caso 1) e a posição de apoiar a arma no ombro em posição de tiro (Caso 2):

Caso 1:

> O soldado, cujo braço direito está contraído em ângulo obtuso, foi afetado pela deflagração quando avançava com o braço em *posição de balanço*. Ora, essa posição corresponde perfeitamente àquela que a contratura reproduz.
> (Ferenczi, 1992 [1916], p. 261-262)

Caso 2:

> O outro [soldado], que aperta o ombro contra a ilharga e mantém o cotovelo fixado em ângulo agudo, conserva igualmente a posição que tinha no momento da explosão: estava estendido no solo para encostar a arma ao ombro em posição de tiro e, para tanto, devia apertar o braço contra as costelas e dobrar o cotovelo em ângulo agudo. (*ibidem*, p. 262).

Com base nos dados de anamnese, ambos os casos são considerados histerias de conversão, no sentido de Breuer e Freud (Ferenczi, 1916). Neles, o trauma persiste sob a forma de sintomas mórbidos; ele é consequência de um afeto súbito (medo) que não pôde ser contido pelo psiquismo e que, por isso, permanece ativo na vida inconsciente.

No entanto, em certas circunstâncias, mesmo após a comoção o soldado continua prestando normalmente seu serviço, e só posteriormente, por ocasião de um medo puramente psíquico, é que adoece.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> É o caso (...) de um voluntário que partiu em patrulha de reconhecimento na noite que se seguiu à comoção; pelo caminho, tropeçou em uma trincheira, sentiu medo, e somente após esse evento a doença se manifestou.
> (Ferenczi, 1992 [1916], p. 265-266)

Não é a comoção súbita, mas são outros acontecimentos mais ou menos importantes, ou a soma das privações sobre-humanas e a constante tensão decorrente de se estar em guerra, que aparecem como fatores determinantes para a eclosão da neurose. De acordo com Ferenczi, ocorre uma "lesão do eu" (*ibidem*, p. 272) nesses traumatismos, uma ferida narcísica cuja consequência natural é o abandono de uma parte dos investimentos de objeto para concentrá-los no eu: "uma doença orgânica ou um ferimento podem muito bem acarretar uma regressão ao chamado narcisismo traumático ou uma variante neurótica da mesma" (Ferenczi, 1992 [1917], p. 294).

A perda parcial ou total da consciência é seguida de um estado de paralisia, que desaparece sozinho após algum tempo; ele cede lugar para distúrbios crônicos da marcha, como uma manifestação de fobias, que têm por objetivo agir como medida defensiva, impedindo a repetição da angústia. Portanto, toda neurose de guerra é histeria de angústia, "que se caracteriza frequentemente pelo fato de que as tentativas de *deslocamento* (...) estão vinculadas a uma *angústia* intensa, que obriga o paciente a evitar certos movimentos e a transformar todo o seu modo de vida nesse sentido" (Ferenczi, 1992 [1916], p. 266-267). Tal como uma criança quando aprende a andar, tais pacientes, por angústia, regridem e se confinam ao leito. Retardam com sua doença, de maneira mais ou menos inconsciente, seu retorno aos campos de batalha.

> A personalidade da maioria dos traumatizados corresponde, portanto, à de uma criança que, em consequência de um susto, ficou angustiada, mimada, sem inibições e malévola. Um elemento que completa perfeitamente esse quadro é a importância desmedida que a maior parte dos traumatizados atribui à alimentação. Quando o serviço deixa a desejar, reagem com violentas explosões emotivas, podendo culminar em crises. A maioria deles recusa-se a trabalhar e gostaria de ser cuidada e alimentada como crianças.
> (Ferenczi, 1993 [1918], p. 27)

Contrariamente à concepção de Strümpell[12], que apresentaremos logo em seguida, para Ferenczi o objetivo principal da doença é permanecer na situação infantil, abandonada à contragosto. Os ganhos secundários, por sua

[12] Adolf Strümpell (1853-1925): neurologista alemão. Trabalhou em diferentes universidades européias, incluindo Leipzig, Breslau e Erlangen.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

vez, dizem respeito aos benefícios materiais conseguidos a partir do afastamento por doença: isenção do serviço ativo, indenização por perdas e danos, pensão etc.

1.3.1.1
A revisão da literatura sobre as neuroses traumáticas

Em seu relatório apresentado ao V Congresso Internacional, Ferenczi (1918) apresentou uma revisão crítica da literatura relativa às afecções neuróticas produzidas em tempos de guerra, sob a perspectiva da psicanálise. Até então o mais comum era que os médicos classificassem os casos traumáticos entre as doenças orgânicas, supondo haver graves danos no sistema nervoso. Outros consideravam esses estados como perturbações funcionais do sistema nervoso, sem prejuízo maior para o mesmo. Contrário a estas idéias, Ferenczi defende ferrenhamente neste congresso que o fator psíquico deveria ser considerado o principal responsável por essas afecções; em vez de empregar a descrição imprecisa de "mudança funcional" (Freud, 1955 [1920], p. 266), compartilha com Freud o uso não ambíguo do termo "mudança mental" (*ibidem*, p. 266).

Strümpell foi um dos primeiros neurologistas a discordar da concepção puramente organicista; introduziu a idéia de "histeria com intenções pensionistas" (Ferenczi, 1993 [1918], p. 16), uma neurose que ocorria em tempos de paz, embora pudesse ser encontrada também em períodos de guerra. A partir de sua experiência, constata que os indivíduos que contraíam neuroses graves em consequência de acidentes ferroviários eram justamente aqueles que teriam ganhos econômicos secundários em decorrência das lesões; outras pessoas com traumas até mais violentos, mas cujas circunstâncias excluíam de antemão possíveis indenizações, não desenvolviam qualquer tipo de sintoma neurótico. Para Strümpell, as neuroses traumáticas eram provocadas pelo desejo do indivíduo de ficar doente para obter regalias. Tal como Oppenheim[13], ele por isso recomendava que se desqualificassem as queixas desses pacientes (eles deviam ser tratados como simuladores) e suprimissem-lhes as pensões, reorientando-os o quanto antes ao retorno ao trabalho.

[13] Hermann Oppenheim (1858-1919): neurologista alemão, foi quem pela primeira vez usou o termo *neurose traumática*, em 1889, com uma conotação inteiramente organicista.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

O fato de prisioneiros de guerra não desenvolverem neuroses traumáticas corrobora a hipótese de Strümpell.

> Os prisioneiros de guerra não têm nenhum interesse em ficar doentes por muito tempo, uma vez que em cativeiro, e aliás estando em país estrangeiro, não podem contar com nenhuma indenização, pensão ou compaixão. Por outro lado, sentem-se provisoriamente protegidos pelo cativeiro contra os perigos da guerra. (Ferenczi, 1993 [1918], p. 17)

Outro autor que insistiu na origem psicogênica das neuroses traumáticas foi Nonne[14] (*ibidem*, p. 18). Ele conseguiu provar por meio da hipnose e da sugestão que não havia lesão orgânica nestes pacientes; as alterações sintomáticas podiam aparecer e desaparecer instantaneamente, sendo elas mesmas de natureza psíquica (histérica). Como um desdobramento desta idéia, Ferenczi acrescenta que, de acordo com Freud, existiria uma predisposição (psíquica) ao trauma. Essa posição freudiana refere-se àquela série etiológica em que predisposição e trauma figuram como valores complementares[15]: "uma leve predisposição associada a um choque violento pode acarretar os mesmos efeitos que um traumatismo menor aliado a uma predisposição mais acentuada" (*ibidem*, p. 21). Assim, se as opiniões médicas ficaram divididas no que se refere à predisposição para as neuroses de guerra, a psicanálise decidiu adotar nesse assunto uma posição intermediária, embora explícita.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[14] Max Nonne (1861-1959): neurologista alemão, tornou-se professor de neurologia em 1913 e em 1919 recebeu a nomeação para o ensino em neurologia, na recém-fundada Universidade de Hamburgo, onde se tornou *ordinarius* em 1925. Foi um dos quatro médicos alemães que pediram para investigar Vladimir Ilich Lenin durante sua última doença.

[15] Mais informações sobre o assunto, cf. parte 1.2.3 desta tese, intitulada "As séries complementares e o trauma".

1.3.2
Karl Abraham e a regressão narcísica

Em *Contribution à la psychanalyse des névroses de guerre*, Abraham (1918) retoma o tema do trauma com seu já maduro conhecimento da psicanálise e sua rica experiência em frente de batalha.[16] Para ele, no decurso da Primeira Guerra, a neurologia clássica se orientou por pontos de vista psicológicos no que concerne às neuroses traumáticas. Apesar das contribuições ferenczianas, ela se ateve mais às características manifestas dessa neurose. Abraham, que no ano de 1916 tinha um serviço voltado para o atendimento de pacientes acometidos por neuroses e doenças mentais, aplicava um tipo de psicanálise "simplificada"[17] para fazer com que seus pacientes descobrissem a origem e compreendessem o conteúdo de seus sofrimentos psíquicos, abstendo-se de todo tratamento que empregasse a força, a hipnose e outras formas de sugestão.

A etiologia sexual das neuroses se apoiou nas teorias psicanalíticas de tempos de paz, ao contrário das neuroses traumáticas que só puderam ser melhor estudadas a partir da Primeira Guerra, pela alta incidência de neuroses de guerra. O pavor e a inquietação frente a uma possível repetição da situação perigosa ou o desejo de adquirir uma pensão compensatória por ter participado da guerra bastavam como causas mórbidas, sem que qualquer intervenção da sexualidade parecesse necessária para tal. A partir da Primeira Guerra, portanto, a etiologia sexual como causa para a eclosão de neuroses foi relativizada, embora a sexualidade ainda se encontrasse presente na sintomatologia.

O exame de casos de neuroses de guerra confirmou as suposições anteriores de Abraham. Certos sintomas observados durante a guerra – tremores, cefaléias, angústia, humor depressivo e sentimentos de incapacidade – já haviam sido encontrados, mesmo que sem o mesmo relevo que em tempos de guerra, em duas outras formas de neurose não traumáticas, a saber, o homem impotente e a mulher frígida. Na opinião do autor, tal similitude das manifestações exteriores existentes nas neuroses de guerra e nestas duas

[16] Karl Abraham (1877-1925), psicanalista alemão. Em 1901 concluiu seus estudos médicos e trabalhou durante seis anos como psiquiatra. Os últimos três anos foram no *Burghölzli Swiss Mental Hospital*, em Zurique, onde trabalhou com Paul Eugen Bleuler (1857-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961). A importância de Karl Abraham é notória pela curta mas intensa interlocução com Freud.

[17] Reproduzo a frase completa, cf. versão em francês: "Je laissai les patients réagir à l'état éveillé et cherchai par une sorte de psychanalyse simplifiée à faire comprendre aux patients l'origine et le contenu de leur souffrance." (ABRAHAM, K. (1918). *Contribution à la psychanalyse des névroses de guerre*. Disponível em: http://www.megapsy.com/ Textes/Abraham/blblio050. htm. Acesso em: 08 dez. 2008).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

outras formas de neuroses não traumáticas (homem impotente e mulher frígida) jogava em favor de uma relação entre os processos internos existentes nas neuroses traumáticas e nas neuroses não traumáticas.

Por outro lado, para Abraham, deveria haver uma predisposição individual para o adoecimento. Em 1918, Abraham apresenta, tal como Ferenczi já havia proposto, outro fator relevante para o desencadeamento de patologias neuróticas: o narcisismo. Ambos acreditavam que o efeito frequente do trauma sobre a sexualidade desencadeava uma modificação regressiva em direção ao narcisismo. Esta concordância entre os dois autores merece atenção, já que eles chegaram à mesma conclusão sem que um soubesse o que o outro estava pesquisando.

A guerra confronta as pessoas com exigências que não necessariamente elas estão preparadas psiquicamente para suportar. Abraham ressalta que o fato de se estar na guerra tem que ser levado em conta, pois no *front* os soldados renunciam a seus privilégios narcísicos, em prol do que, pelo menos em tese, seria melhor para seu país. Além de serem constantemente confrontados com situações perigosas e deverem estar dispostos a morrer, na guerra os soldados são convocados a matar. Assim, a necessidade imposta pela guerra de que homens narcísicos e passivos assumam uma posição agressiva de combate serviria para estremecer alguns arranjos psíquicos.

Outro fator que mexe com a sexualidade de sujeitos predispostos à neurose é, para Abraham, o convívio com uma comunidade quase exclusivamente masculina, fator desestabilizante uma vez que a conexão entre homossexualidade e narcisismo é admitida. O autor (Abraham, 1918) dá o exemplo de um homem já anteriormente conhecido por seus traços pouco viris em sua vida conjugal devido a tendências homossexuais inconscientes, que ao ser colocado numa enfermaria masculina apresentou um quadro clínico de angústia e depressão grave. Sua capacidade de transferência libidinal com mulheres se atrofiou da mesma maneira que sua capacidade de se ofertar para o bem de sua pátria.

Outro caso clínico de Abraham, particularmente expressivo, é relatado pelo autor em *Contribution à la psychanalyse des névroses de guerre*. Um homem em campanha veio a desenvolver novamente um estado neurótico já manifesto seis anos antes. Naquela época, ele tinha sofrido uma tremulação convulsiva do braço após um sonho em que assassinava alguém. Durante a guerra, estes sintomas retornaram e as crises histéricas motoras passaram a se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

apresentar não só após situações de perigo extremo como também após um impulso agressivo não consumado.

Ao analisar casos em que soldados, sem ferimentos físicos, reagiam às situações perigosas de combate com uma neurose gravíssima, e comparando esses casos com outros em que havia danos psicológicos e corporais significativos, Abraham chegou à seguinte conclusão: havia uma predisposição passiva[18] que revelava uma fixação parcial da libido no estágio narcísico do desenvolvimento. Estes soldados apresentavam dificuldades para cumprir os deveres da vida prática. Eram sujeitos com pouca iniciativa, pouco enérgicos e sua atividade sexual se apresentava diminuída (Abraham, 1918). Desse modo, sujeitos suscetíveis a neuroses de guerra só não a desenvolveriam se pudessem manter a ilusão narcísica de sua invulnerabilidade frente ao perigo e à própria morte. Isto porque dependeriam de certas concessões ao seu narcisismo para se manterem sadios. Durante a guerra, entretanto, muitos deles acabaram tendo que renunciar a essas concessões, o que provocou neles uma regressão narcísica: passaram a se comportar como crianças assustadas.

Através de uma rápida revisão deste ensaio de 1918, é correto afirmar que Abraham não considera o trauma como fator principal na etiologia das neuroses de guerra, mas como um fator desencadeante. Sua tese central é a de que ocorre uma alteração no curso da sexualidade, da ordem de uma regressão ao narcisismo, como efeito do trauma. Problemas mentais observados durante o período da guerra raramente são acompanhados de quadros delirantes; no entanto, quando há delírio, estes portam um conteúdo sexual manifesto: delírios de ciúmes e de perseguição homossexual pelos outros soldados, síndromes paranóides após serviços prolongados etc.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[18] Para Abraham, a idéia de passividade está relacionada ao feminino; a idéia de atividade, ao masculino.

1.3.3
Ernst Simmel: o supereu nas neuroses de guerra

Ernst Simmel (1882-1947) foi médico do exército alemão e, durante dois anos, trabalhou em um hospital militar para tratamento de neuroses de guerra. Neste período, ele viu em torno de dois mil neuróticos de guerra; desses dois mil, a metade foi atendida por ele mesmo, com uma combinação de psicanálise e hipnotismo (hipnoterapia psicanalítica).

No ensaio que só foi publicado após sua morte e que está no livro *Neurosis, sexualidad y psicoanalisis de hoy (*Alexander, 1958), Simmel[19] afirma que a sintomatologia das neuroses de guerra, tal como se manifestou na Segunda Guerra, não foi diferente em nenhum sentido do quadro das neuroses de guerra durante a Primeira Guerra. O impacto das experiências vividas em combate sobre a personalidade do soldado continuou sendo o mesmo em ambas as guerras, a despeito dos avanços tecnológicos ocorridos entre uma e outra.

A concepção deste autor quanto às neuroses de guerra relativiza um componente de predisposição estrutural para o adoecimento, tanto quanto assinala que o eu é uma instância do aparelho psíquico, precária e inacabada. Levando em conta a segunda tópica freudiana, Simmel inclui em suas exposições as identificações produzidas pelo pertencimento à organização militar, os efeitos dos treinamentos e das relações hierárquicas com as figuras dos líderes. O sujeito transfere as funções do seu supereu para o chefe do grupo.

Os transtornos mentais desenvolvidos pelos soldados – fadiga, esgotamento, doenças físicas e mentais – tinham relação com as dificuldades que deviam suportar para cambiar seu “eu de paz” (Simmel *apud* Alexander, 1958, p. 59) para um “eu de guerra” (*ibidem*, p. 59), em resposta às exigências do ambiente. Como resultado das lutas mentais internas entre impulsos do eu e a realidade inóspita dos tempos de guerra, poderia sobrevir uma deterioração do eu. Com o advento da guerra, o sujeito perde a segurança que anteriormente lhe havia sido proporcionada pela civilização.

[19] Não foi possível até o momento descobrir a data certa em que Simmel o escreveu, embora eu saiba que foi após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, portanto no período 1939–1945.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> O eu – como o expressou Freud em uma oportunidade – "em todos seus conflitos não pode ter outro objetivo senão conservar-se a si mesmo". Se esta luta por sua conservação psicológica é um fator decisivo para originar as neuroses em tempos de paz, quanto mais significativa deve ser para produzir neuroses de guerra, quando o eu tem que encarar uma realidade que chega a enfrentá-lo com a perspectiva de aniquilação completa.[20] (Simmel *apud* Alexander, 1958, p. 60)

Os fatores desencadeantes das neuroses de guerra e das neuroses traumáticas adquiridas em tempos de paz podem ser idênticos no que se refere à quantidade de estímulos a que submetem o aparelho mental, por falta do preparo necessário para enfrentar situações; este não consegue pôr em movimento as reações motoras adequadas (fuga ou agressão). Em ambas as neuroses, a abundância de estímulos é responsável pela compulsão à repetição, em sonhos, da experiência traumática original.

Na opinião de Simmel, embora as neuroses traumáticas de tempos de paz e de guerra não difiram essencialmente, na medida em que o eu em todos os conflitos não pode ter outra meta senão se autopreservar, há algo que as diferencia. Para ele, o que se teme nas neuroses de guerra é um inimigo interior: no campo de batalha, o eu se converte em eu de guerra; a luta pela existência individual e nacional se transforma em uma luta interna do eu para manter sua própria integridade psíquica. A sintomatologia das neuroses de guerra se constitui a partir da transformação do medo factual da morte em angústia neurótica, que secundariamente induz o eu de guerra a empregar mecanismos mentais de defesa para manter sua própria coerência interna.

Na maioria dos casos, os soldados adoecem não em consequência de um súbito ataque catastrófico, mas sim pelo acúmulo de influências traumáticas. O esgotamento físico e mental é um fator predisponente relevante para o colapso mental do soldado na guerra. Além disso, as experiências traumáticas incidem sobre um eu que já havia sido alterado pelo militarismo; o propósito do processo educativo da disciplina militar é capacitar o soldado para funcionar como parte de uma unidade militar, obedecendo cegamente às ordens superiores, tão livre de angústia como possível, a despeito de todos os perigos pessoais implicados. Essa constelação psicológica constitui a situação de perigo interior, transformando a reação de perigo externo em trauma psíquico.

---

[20] Em espanhol: "El yo – como lo expresó Freud en una oportunidad – "en *todos* sus conflictos no puede tener otra meta que conservarse a sí mismo". Si esta lucha por su conservación psicológica es un factor decisivo para originar las neurosis en tiempo de paz, cuánto más significativa debe ser para producir neurosis de guerra, cuando el yo tiene que encarar una realidad que llega a enfrentarlo con la perspectiva de la aniquilación completa." (Simmel *apud* Alexander, 1958, p. 60).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> (...) o traumatismo bélico (fadiga, feridas, experiências catastróficas como o choque de explosão e outros) afeta o eu de um soldado, que é essencialmente diferente do eu de um civil. O eu *militar* – como podemos chamá-lo – sofreu uma alteração significativa por haver estado submetido ao processo educativo da *disciplina militar*.[21]
>
> (Simmel *apud* Alexander, 1958, p. 63)

O soldado perde provisoriamente o benefício de seu poder controlador interno que o mantinha em equilíbrio. Estar submetido a essa disciplina militar é justamente o que o deixa vulnerável e passível à desintegração de seu aparelho mental, desencadeando transtornos psíquicos. Os efeitos pedagógicos do processo educativo da disciplina militar nem sempre ajudam o soldado a lidar com estados mentais contraditórios: por exemplo, desenvolver, por um lado, virtudes sociais de um bom soldado – como a camaradagem, a resistência e o auto-sacrifício para o bem comum do grupo – e, por outro, virtudes anti-sociais que lhe permitam combater e vencer o inimigo.

O medo da morte, como reação do eu ameaçado em seu objetivo de autopreservação, pode ser eliminado, ao menos temporariamente, a partir do processo de adestramento militar. No entanto, quando o processo educativo (superegóico) falha, algumas defesas sintomáticas (contra a realidade insuportável) podem ajudar o soldado a obter segurança, sendo transferido do *front* para áreas de refúgio; são os ganhos secundários da doença que um eu desenvolve em qualquer tipo de neurose.

As situações ambientais insustentáveis se resolvem em sintomas neuróticos por interferência do supereu, que é capaz de transformar o perigo externo em um perigo pulsional interno. Ao formar sintomas, o eu evita uma ruptura completa (psicótica) com a realidade.

Na maioria dos seus casos, o eu do neurótico de guerra tende a restabelecer a condição inconsciente do narcisismo primordial sem objeto:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[21] Em espanhol: "(...) el traumatismo bélico (fatiga, heridas, experiencias catastróficas como el shock de explosión y otros) afecta al yo de un soldado, que es esencialmente diferente del yo de un civil. El yo *militar* – como podemos llamarlo – ha sufrido una alteración significativa por haber estado sometido al proceso educativo de la *disciplina militar*" (Simmel *apud* Alexander, 1958,p. 63).

> Refiro-me tanto a estados de desfalecimento temporários como a condições de estupor comatoso de larga duração. A tendência a "romper com a realidade" como reação *imediata* ante experiências de guerra horríveis pode produzir com muita frequência transtornos da personalidade que se parecem com a psicose.[22]
>
> (Simmel *apud* Alexander, 1958, p. 67)

O que salva o soldado de uma psicose é ele não estar especialmente predisposto por tendências regressivas a se fixar mais profundamente nas etapas primitivas do desenvolvimento infantil.

Ao contrário de Abraham, Simmel não aproxima a neurose de angústia da neurose histérica. Quanto à utilização da hipnoterapia psicanalítica no tratamento de neuróticos de guerra, Simmel afirma que a maneira e a extensão como o paciente hipnotizado era capaz de recordar e reviver experiências traumáticas dependia diretamente de sua atitude pessoal durante a situação hipnótica. Na posição de terapeuta, tinha que passar tranquilidade ao paciente, para que este se sentisse seguro, não temendo a aniquilação física nem a difamação pessoal. Precisava também assegurar ao soldado que ele não perderia o apreço do terapeuta qualquer que fosse a revelação.

Para Simmel, eram os resíduos de um conflito edipiano não resolvido que colocavam o soldado mentalmente predisposto a traumatismos narcisistas: seu país simbolizava a mãe, e o inimigo, o pai (*ibidem*, p. 75). Já a guerra podia representar, para o soldado, uma tentativa (frustrada) de resolver o conflito ambivalente com relação a duas figuras paternas: um bom pai, simbolizado na figura de seu superior; e um pai odiado, o inimigo de sua pátria.

De acordo com essa leitura, Simmel representava um bom pai no tratamento hipnoterápico; ele funcionava como um supereu externalizado para seu paciente, na medida em que fazia desaparecer barreiras recalcadoras que porventura impedissem a manifestação dessas experiências traumáticas e suas consequentes reações emocionais (agressão física, medo, raiva etc.). O estado hipnótico repetia a situação de um eu de guerra que, ao descarregar suas energias agressivas pulsionais, encontrava a aprovação e a proteção do supereu do analista.

[22] Em espanhol: "Me refiero tanto a estados de desfallecimento temporarios como a condiciones de estupor comatoso de larga duración. La tendencia a "romper con la realidad" como reacción *immediata* ante horribles experiencias de guerra puede producir con mucha frecuencia trastornos de la personalidad que se parecen a psicosis." (Simmel *apud* Alexander, 1958, p. 67).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.4
A teoria da angústia e o trauma

O interesse freudiano pela concepção econômica do trauma é retomado em *Além do princípio do prazer*, onde Freud (1920) utiliza a imagem da vesícula viva para marcar a existência de uma camada protetora de excitação que se desestabiliza ao sofrer uma extensa efração, ou seja, um trauma. A tarefa do aparelho psíquico consiste então em restabelecer as condições do funcionamento do princípio do prazer através da religação de excitações que permitam sua descarga. O funcionamento do princípio do prazer exige determinadas condições que o trauma vem abolir, desde o momento em que ameaça a integridade do sujeito. Neste momento teórico, o trauma encontra um lugar privilegiado, num sentido diferente daquele atribuído a um trauma essencialmente sexual e que estava associado à sedução concreta de um adulto em direção a uma criança. Aponta, por sua vez, para a força da compulsão à repetição, que pode ser encontrada tanto nas brincadeiras das crianças – como, por exemplo, no jogo do *fort-da* descrito por Freud em *Além do princípio de prazer* –, como nos sonhos de angústia.

Considerando as transformações advindas da segunda tópica freudiana em 1923, bem como os reflexos da pulsão de morte, atribui-se à concepção traumática um valor maior na teoria da angústia (Freud, 1926). Nesta época, Freud resgata suas primeiras contribuições teóricas sobre o trauma, só que dessa vez o perigo do trauma está referido à ameaça de castração. Com o objetivo de esclarecer seus postulados, Freud retoma a discussão sobre o trauma a partir das idéias de Otto Rank (1924) que, em *O traumatismo do nascimento*, tenta estabelecer uma relação entre as primeiras fobias das crianças e as impressões nelas causadas pelo nascimento. O livro de Rank representa, entretanto, mais do que uma explicação para a forma assumida pela angústia, pois ele acredita que os ataques de angústia são tentativas de ab-reagir o trauma do nascimento. Para ele, o mecanismo que desencadeia a angústia e que está presente em todas as pessoas que manifestam sintomas fóbicos remonta a angústia que acompanha o nascimento, e a reproduz. Por causa dessa crença é que Rank (1924) propõe uma técnica terapêutica baseada na superação do trauma do nascimento.

Em O traumatismo do nascimento, Rank questiona se a influência exercida por sua personalidade e se a sua maneira de manejar a técnica em análise não teriam como efeito fazer retroceder o eu do cliente em direção a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

situações libidinais mais e mais antigas, até a fase intra-uterina. Afirma que o paciente identifica a situação criada pela análise com o período intra-uterino, assim como, por vezes, identifica o próprio analista com a mãe, remetendo-se em sonhos à situação pré-natal. Desta forma, o inconsciente do paciente utiliza a situação criada pelo processo analítico para reproduzir o trauma do nascimento. Argumenta também que, ao fim do tratamento, que é marcado pela separação do objeto substituto – isto é, do médico – o paciente reproduz o ato do nascimento em quase todos os seus detalhes. Assim, a análise tem como último resultado libertar o paciente, tardiamente mas de maneira definitiva, da influência do trauma do nascimento.

Rank acredita que o sentimento de angústia frente aos animais pequenos e sobretudos aos rasteiros – como ratos, cobras e sapos –, a que estão sujeitos tanto homens quanto mulheres, está ligado à idéia destes animais serem capazes de desaparecer rapidamente por um buraco, sem deixar rastros. Neste sentido, animais pequenos simbolizam o desejo de retorno ao útero materno. A psicanálise, para Rank, postula que todos os animais pequenos podem simbolicamente representar crianças, embriões, como também, idealmente, o órgão sexual masculino, por causa tanto do tamanho como da facilidade de penetração. Assim, enquanto representação fálica, estes animais provocam angústia, na medida em que evocam uma comparação com espermatozóides e óvulos e com a localização intra-uterina.

Concordando com o que Freud sustenta no decorrer de seus trabalhos sobre o processo de nascimento ser a primeira situação de perigo, Rank supõe que a separação mãe-bebê ocorrida no nascimento gera na criança um sentimento de angústia, que é vivenciado como uma primeira ameaça de castração. Sobre este assunto, Freud levantará uma discordância, já que se o nascimento é uma separação da mãe, a criança não tem disso qualquer idéia:

> A primeira experiência de angústia pela qual passa um indivíduo (...) é o nascimento, e, objetivamente falando, o nascimento é uma separação da mãe. Poderia ser comparado a uma castração da mãe (...). Ora, seria muito satisfatório se a angústia, como símbolo de uma separação, devesse ser repetida em toda ocasião subsequente na qual uma separação ocorresse. Mas infelizmente estamos impedidos de fazer uso dessa correlação pelo fato de que o nascimento não é experimentado subjetivamente como uma separação da mãe, visto que o feto, sendo uma criatura completamente narcísica, está totalmente alheio à sua existência como um objeto.
> (Freud, 1976 [1926 [1925]], p. 154)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Sob o ponto de vista de Rank, o trauma do nascimento se manifesta nos seres humanos com graus de intensidade variáveis e a virulência da angústia difere com a força do trauma. Dito de outra forma, toda criança experimenta angústia e todo adulto saudável atravessa uma fase de neurose normal, representada por sua infância. Assim, para Rank, o que contribui essencialmente para o desencadeamento da neurose é o fato de que, em seus esforços para superar o trauma do nascimento, o homem tropeça na encruzilhada da satisfação sexual, que se aproxima muito da situação primitiva.

Em *Inibições, sintomas e angústia*, Freud rejeita a teoria de Rank, afirmando que ela não se apóia em observações concretas.

> (...) a principal objeção a ela [a teoria de Rank] é que flutua no ar em vez de ser baseada em observações confirmadas. (...) Deve ser uma das vantagens da teoria etiológica de Rank o fato de que ela postula um fator cuja existência pode ser verificada pela observação. E enquanto tal tentativa de verificação não for feita, é impossível verificar o valor da teoria.
> (Freud, 1976 [1926 [1925]], p. 176)

Na opinião de Freud (1926 [1925]), para sustentá-la seriam necessárias investigações objetivas, já que o processo de análise não permite retroceder até o trauma do nascimento. Além disso, deveria haver observações em número suficiente que confirmassem a hipótese de que existe relação entre o trauma do nascimento e o surgimento de uma neurose. Freud critica a posição de Rank, segundo a qual as pessoas se tornam neuróticas por não conseguirem ab-reagir ao forte trauma do nascimento.

> Não sabemos ao certo o que se quer dizer por ab-reação ao trauma (...). Dar tanta ênfase à variabilidade com base no trauma do nascimento é não deixar lugar algum para as legítimas reivindicações da constituição hereditária como fator etiológico (...). A teoria de Rank despreza inteiramente os fatores constitucionais bem como os filogenéticos.
> (Freud, 1976 [1926 [1925]], p. 175-176)

Na leitura de Freud (1926 [1925]), o fato de somente o ser humano, entre todos os mamíferos que partilham o mesmo processo de nascimento, possuir uma disposição especial para a neurose é desfavorável à teoria de Rank. A angústia do nascimento, numa perspectiva freudiana, é o processo real do nascimento, indissoluvelmente fisiológico e psicológico, e não, como em Rank, o nascimento reencontrado ou fantasiado *a posteriori*. Assim, tanto para Freud quanto para Rank, o nascimento é o protótipo da situação traumática, representando perigo para a própria sobrevivência da criança. Contudo, ao contrário do que pensou Freud (1926 [1925]), Rank acreditava que todos os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

pacientes em análise podiam reproduzir o período da vida intra-uterina na fantasia, assim como a separação da mãe no momento de seu verdadeiro nascimento. Para ele, as pessoas buscavam elaborar suas experiências traumáticas do nascimento ao longo do desenvolvimento psíquico, enquanto a primeira e mais importante perda da vida de um ser humano.

Depois de tê-lo criticado violentamente em 1926, ao sustentar que fora infrutífera a tentativa de Rank para esclarecer o problema da etiologia das neuroses, Freud revisa suas posições em 1933, nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise.* Nelas, reconhece o valor do trabalho de Rank em ressaltar a importância das primeiras experiências de separação da criança: "Otto Rank, a quem a psicanálise deve muitas contribuições excelentes, também tem o mérito de haver expressamente acentuado a importância do ato do nascimento e da separação da mãe" (Freud, 1976 (1933 [1932c]), p. 111).

Com o abandono da *neurotica* e, por conseguinte, do trauma sexual real vivido como causa das neuroses histéricas, coube a Rank (assim como a Ferenczi, autor que apresentarei a seguir) o resgate do interesse psicanalítico pela importância do tema. A publicação, em 1924, de *O traumatismo do nascimento* representa um marco para a psicanálise, na medida em que, nesse livro, Rank retoma e aprofunda as idéias freudianas sobre o nascimento como modelo fundamental do afeto de angústia, encontradas, por exemplo, em uma nota de rodapé incluída na edição de 1909 de *A interpretação de sonhos*: "(...) o ato de nascer é a primeira experiência de angústia, e portanto a fonte e protótipo do afeto de angústia" (Freud, 1987 [1900], p. 376). Rank contribuiu para a renovação da idéia de trauma como uma experiência vivida na realidade, sublinhando a importância das angústias de separação na constituição subjetiva.

É importante ressaltar que quando Freud diz que a angústia não tem origem na sexualidade mas no desamparo[23], o trauma passa a ser, como em Rank, a separação do ser protetor do qual o supereu é o resto. A angústia é o que sinaliza o perigo que evoca o trauma no aparelho psíquico, já que ela reproduz o desamparo.

[23] Definido justamente como excesso pulsional, Freud referiu-se ao desamparo ao longo de seus escritos, dando-lhe lugar de destaque em textos bem díspares (cf. Freud, 1950 [1895] e Freud, 1926). Contudo, "surpreende constatar que apesar da diversidade de referências que permeiam os trabalhos de Freud, o núcleo da noção permanece o mesmo: estar desamparado é estar à mercê. É justamente este aspecto central do desamparo que mais nos interessa destacar aqui, enfatizando sua dupla face. Assim, falta de amparo, ou ausência de sustentação, só se configura como desamparo, em psicanálise, na medida em que evoca no sujeito a experiência subjetiva de estar submetido a uma intensidade pulsional excessiva, que o deixa à mercê do outro; isto é, sujeitado aos caprichos do outro, que pode ou não auxiliá-lo a lidar com esse estado emocional." (Garcia & Coutinho, 2004, p. 133).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.5
O supereu e o trauma

Antes de 1923, temos na obra de Freud algumas referências antecipatórias ao supereu. Primeiro, no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950 [1895]), quando o autor aproxima a origem mais primitiva de todos os motivos morais ao desamparo inicial vivido pela criança. Segundo Freud (1950 [1895]), o bebê humano é incapaz de se satisfazer sem auxílio externo, o que introduz nele um vazio com o qual ele tem que se confrontar. O reconhecimento desse sentimento de dependência e desamparo é *per se* traumático, já que ali não há possibilidade de mudança. O bebê necessita a ação de um Outro primordial para se manter vivo.

Ao desamparo original, descrito por Freud em 1895 e novamente reafirmado em 1923, vem se juntar outro fator da dissolução da onipotência primária: a interferência do complexo de castração, que impõe à criança restrições à plena atividade sexual infantil, em conformidade com as exigências morais da cultura.

Em 1914, Freud introduz a noção de consciência moral: ela funciona como um instrumento de medida das relações do eu com seu ideal e possui as características que seriam mais tarde conferidas ao supereu. A essa nova instância psíquica são atribuídas funções de caráter vigilante, como “agente psíquico especial” (Freud, 1974 [1914c], p. 112), “agente de censura” (*ibidem*, p. 113) e “agente criticamente observador” (*ibidem*, p. 114).

Por fim, no estudo sobre a melancolia (Freud, 1917 [1915]) temos ainda mais uma referência ao supereu. Nele, Freud marca o papel desempenhado pelo agente crítico no desenvolvimento desta patologia. Este agente crítico é uma parte que foi destacada do eu e que passa a atacá-lo, levando o eu a um estado de empobrecimento extremo. Na melancolia, a insatisfação do eu se deve a motivos de ordem moral.

O termo supereu aparece pela primeira vez em 1923, com a construção da segunda tópica freudiana. Diferente da antiga concepção do aparelho psíquico apresentada no clássico capítulo VII da *Interpretação de sonhos* (Freud, 1900), a segunda tópica propõe a existência de um pólo pulsional, o isso; uma instância que se situa como representante dos interesses da totalidade da pessoa, o eu; e outra instância que julga e critica, o supereu.

Segundo Freud, o eu se desenvolve a partir da camada cortical do isso, encontrando-se em contato direto com a realidade, dependente do mundo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

externo e voltado para a tarefa de auto-preservação. Em *O Fetichismo*, Freud (1927) descreve em detalhes o método de defesa do eu, denominado V*erleugnung* (recusa ou renegação), como uma modalidade de defesa do eu em relação a uma realidade externa intolerável.

Édipo, o herói grego, estava interessado em descobrir os fatos da vida. No entanto, ao desvelar toda essa verdade a recusa, por ser ela antagônica às leis de sua comunidade. Nessa história, há uma analogia entre o operador da recusa à realidade e um sentimento de culpa: Édipo, que por desconhecimento, matou o pai e teve um amor incestuoso com a mãe, não se perdoa por ter infligido preceitos morais tão rígidos para a sua cultura. E, por isso, num gesto de autopunição, se amaldiçoa, vazando os próprios olhos.

É possível notar nessa trama algumas idéias importantes e que antecipam o conceito de supereu de 1923: a culpa (pois Édipo, por desconhecimento, assassina seu pai e mantém relações sexuais com sua mãe), a censura e a autopunição. Todas elas representam falhas na lei que giram em torno da questão do pai, ora pelo rumo do parricídio, ora pelo rumo do incesto, enlaçando a personagem ao que há de mais traumático e sujeitando-o à angústia.

Vários aspectos da história de Édipo Rei[24] são tomados como fazendo parte da fundação universal da cultura, como, por exemplo:

> (...) o pai primevo, o Herói da grande tragédia primitiva que estava sendo reencenada com uma distorção tendenciosa, e a culpa trágica era a que tinha de tomar sobre si próprio, a fim de aliviar da sua o Coro. (Freud, 1974 [1913 [1912-1913]], p. 185)

> Um acontecimento como a eliminação do pai primevo pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade (...). (*ibidem*, p. 184)

Nos artigos metapsicológicos, escritos por Freud em 1915, os vários problemas psicopatológicos são abordados a partir de uma hipótese topográfica do funcionamento da mente, que é concebida em duas partes: uma recalcada – o inconsciente –, outra recalcadora – a consciência. A força recalcada se esforçaria por abrir caminho para a atividade, apesar de ser submetida ao controle da força recalcadora.

Os sintomas seriam derivados do recalcado, sendo seus representantes perante o eu. Os seres humanos não seriam simples criaturas sexuais, por serem dotados de impulsos mais elevados, motivo pelo qual adoecem, por

[24] Cf. Kury, 1998 [1989].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

vezes, de conflitos entre as exigências da vida pulsional e a resistência que se ergue dentro deles contra essa instância recalcadora. Por outro lado, há um diferente estudo sobre as forças recalcadoras. As funções psíquicas são tomadas como distintas entre si: o eu se diferencia da consciência, consciência esta que se torna independente enquanto uma função de auto-observação, essencial na atividade de julgar. A essa instância psíquica denominou-se supereu.

O supereu é o resultado do complexo de Édipo, originário das mais antigas relações objetais do indivíduo.[25] Ele é uma instância psíquica, atuante na mente, que se constitui na medida em que o eu pode dominar este complexo, renunciando à satisfação de desejos edípicos; o homem deixaria de investir sua libido na direção de seus pais, passando a se identificar com eles, interiorizando suas exigências morais e proibições.

> Uma vez que a criança abandona suas ligações edipianas, parte de seu eu se identifica com a figura parental interditora, produzindo uma diferenciação em seu eu que vem a se constituir como uma de suas partes, isto é, seu supereu [26].
> (Torres, 1996, p. 43)

Sobre o supereu, Freud (1923) mostra que a função crítica assim designada constitui uma instância que se separou do eu, e que parece dominá-lo, como o demonstram os estados de luto patológico ou de melancolia em que o sujeito se autodesvaloriza e critica mais do que qualquer outra coisa (Freud, 1917 [1915]). Freud vê na consciência moral, na auto-observação e na formação de ideais funções do supereu (Freud, 1933 [1932b]).

Nesta perspectiva, então, o supereu surge da primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai, tomado como modelo em sua própria pré-história pessoal (Freud, 1921). Ele retém características essenciais dessas pessoas introjetadas: sua força, severidade, inclinação para supervisionar e punir. Como toda identificação deste tipo tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação parece que, efetuada essa transformação, ocorre também uma desfusão pulsional.[27] Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma

---

[25] Para maiores informações sobre o que é *complexo de Édipo*, cf. também Favero, A. B.; Figueiredo, L. P. (1993). *O édipo e a castração*. Monografia – CFCH/IP, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994; e Favero, A. B. (2003). Um sonho de Freud. *Dizer 14*. Rio de Janeiro: ELP-RJ, p. 29-38, 2003.

[26] Ao longo da tese, sempre que possível substituirei a palavra superego por supereu, por considerar mais correta a tradução.

[27] Sobre desfusão pulsional, ler também parte 1.7.3 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa desfusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal – o ditatorial 'farás', enquanto imperativo categórico kantiano. Conforme Freud, "O supereu parece ter feito uma escolha unilateral e ter ficado apenas com a rigidez e a severidade dos pais, com sua função proibidora e punitiva, ao passo que o cuidado carinhoso deles não parece ter sido assimilado e mantido" (Freud, 1976 [1933 [1932b]], p. 81).

Embora encoraje a identificação à autoridade parental, a instância do supereu compreende principalmente o aspecto da proibição: "Você *não pode ser* assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele" (Freud, 1976 [1923], p. 49). Este segundo aspecto estaria relacionado à barreira do incesto, sendo por este motivo o supereu considerado como representante da castração. O supereu seria formado a partir das imagens dos objetos temidos, além de se apossar de toda a hostilidade que é recalcada por injunções culturais. É sua face tirânica e selvagem que resulta disso, que Freud implicará nas atrocidades cometidas pelo homem como as guerras, os homicídios e os suicídios.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.6
O período de latência e o efeito do trauma

No terceiro ensaio de *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939 [1934-1938]) se confronta com a própria instituição religiosa e retoma a reflexão sobre a neurose traumática à luz dos efeitos igualmente traumáticos que pesam sobre os grupos, os povos etc. De acordo com ele, o trauma explica o movimento repetitivo encontrado tanto na história coletiva quanto na do indivíduo.

A partir da relação existente entre Moisés e seu povo, Freud assinala que existe um traço comum entre a religião monoteísta judaica e a neurose, o fenômeno da latência, que entremeia as reações ante o trauma e o posterior desencadeamento da doença. Assim, há um efeito tardio do trauma: existe um tempo de latência entre o impacto do acontecimento traumático e a manifestação sintomática. Cito Freud na íntegra:

> Pode acontecer que um homem que experimentou algum acidente assustador (...) deixe a cena desse acontecimento aparentemente incólume. No decorrer das semanas seguintes, contudo, desenvolve uma série de sintomas psíquicos e motores graves, os quais podem ser remontados ao seu choque, à concussão, ou ao que quer que seja. Agora, esse homem tem uma 'neurose traumática'. Trata-se de um fato inteiramente ininteligível – o que equivale a dizer: novo. O tempo decorrido entre o acidente e o primeiro aparecimento dos sintomas é descrito como sendo o 'período de incubação', numa clara alusão à patologia das doenças infecciosas. Refletindo, deve impressionar-nos que, apesar da diferença fundamental entre os dois casos – o problema da neurose traumática e o do monoteísmo judaico –, exista (...) um ponto de concordância; a saber: a característica que poderia ser descrita como 'latência'.
>
> (Freud, 1975 [1939 [1934-1938]], p. 85-86)

Freud neste ensaio despreza a discussão sobre haver alguma distinção entre etiologias traumáticas e não traumáticas das neuroses. A partir do momento em que preconiza o conceito de uma série complementar deslizante[28], na qual dois fatores convergem para o preenchimento de um requisito etiológico, e que sustenta a idéia de uma neurose ser o resultado de certas experiências e impressões que devem ser encaradas como traumas etiológicos, podemos deixar de lado a questão: ou seja, a etiologia da neurose deve ser encarada sempre como traumática. Ademais

[28] Conferir parte 1.2.3 desta tese sobre as séries complementares e o trauma.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Um trauma na infância pode ser imediatamente seguido por um desencadeamento neurótico, uma neurose infantil, com uma abundância de esforços de defesa, e acompanhada pela formação de sintomas. Essa neurose pode durar um tempo considerável e provocar perturbações acentuadas, mas pode também seguir um curso latente e não ser notada. (Freud, 1975 [1939 [1934-1938]], p. 96)

E Freud continua:

> Só raramente uma neurose infantil prossegue, sem interrupção, numa neurose adulta. Muito frequentemente ela é sucedida por um período de desenvolvimento aparentemente não perturbado – curso de coisas apoiado ou tornado possível pela intervenção do período fisiológico de latência. Só posteriormente realiza-se a mudança com que a neurose definitiva se torna manifesta, como um efeito retardado do trauma. Isso ocorre ou na irrupção da puberdade ou algum tempo depois. (*ibidem,* p. 96)

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud sustenta a origem traumática das neuroses e faz uma distinção fundamental para nossos propósitos. Segundo ele, no que concerne às características comuns dos fenômenos neuróticos, os efeitos do trauma são de dois tipos, positivos e negativos. Os efeitos positivos do trauma decorrem da fixação e da compulsão à repetição, enquanto uma tentativa de colocar o trauma em funcionamento mais uma vez. Eles podem se integrar ao eu com a condição de que sua origem histórica permaneça esquecida. Os exemplos que Freud dá desse trabalho do trauma são todos de repetições narrativas, insistências pelas quais um sujeito tende a tornar reais certas experiências traumáticas. Por outro lado, os efeitos negativos do trauma pretendem fins diferentes, nem recordando nem repetindo o trauma esquecido. São reações defensivas tais como as evitações, que podem se intensificar em inibições e fobias.

*

Apresentarei, agora, as contribuições de Costa (1986 [1984]) sobre trauma, assim como suas críticas aos conjuntos nocionais utilizados pela psicanálise para abordar o tema da violência. Para Costa, na teoria freudiana, há três tópicos que se relacionam com o papel da violência “como fato inaugural e essencial do psiquismo” (*ibidem*, p. 15). O primeiro está ligado ao trauma infantil, especificamente, ao trauma da sedução; o segundo refere-se à questão do parricídio, conforme Freud (1913 [1912-1913]) a descreve em *Totem e tabu*; e o terceiro à pulsão de morte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.7
Pontos de contato entre violência, morte e trauma

Jurandir Freire Costa discute, no prefácio do livro *Violência e psicanálise* (Costa, 1986 [1984]), *os porquês* da violência, e faz uma crítica. Para ele, a definição de violência confirma um *pré-conceito* partilhado por diferentes psicanalistas de que "a condição humana é um epifenômeno da violência" (*ibidem,* p. 14): existe uma violência da sexualidade em si; uma violência da linguagem, que circunscreve caminhos para esta sexualidade; e uma violência inerente à relação com o outro, fundamento da própria humanização. Vista deste modo, a violência é um tabu ou "uma espécie de categoria *a priori* irredutível a qualquer análise" (*ibidem*, *p. 14*). Isto porque

> Indo de um pólo a outro, a psicanálise entra no compasso das ideologias modernas. Fala da violência diluindo seu impacto e atenuando seu horror. Pois, no momento em que a define como sinônimo da morte, do que há de impensável e intocável na experiência humana, *sacraliza-a*. E, no momento em que a define como a "condição de possibilidade natural" do existir humano (...), *banaliza-a.* A violência torna-se o trivial variado de toda atividade ou experiência psíquicas, dando seu toque ao inconsciente, ao sonho, à sexualidade, a relação inevitável com o outro, etc. (Costa, 1986 [1984], p. 14)

Na leitura de Costa, a psicanálise foi levada a renunciar ao seu potencial crítico diante da violência, devido à penúria de reflexão sobre o tema e à leitura pouco discriminada de certos "complexos teóricos" (*ibidem*, p. 15) da obra de Freud. Neste contexto, trarei agora a análise de Costa (1986 [1984]) sobre alguns destes conjuntos nocionais, acerca da violência. Propondo avançar sobre os três temas apresentados por ele em *Violência e psicanálise*, não resenharei entretanto seu texto, voltando, durante essa exposição, ao que disse Freud no original.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.7.1
O trauma infantil

Segundo Costa (1986 [1984]), a teoria do trauma infantil pode ser considerada o primeiro suporte da noção de violência, o elemento fundador do psiquismo. Para ele, a sexualidade infantil em Freud é o resultado da confluência de três estímulos: o estímulo biológico, o estímulo ligado ao exercício das funções vitais e o estímulo exógeno. O estímulo exógeno refere-se sobretudo à mãe, já que ela é a responsável pelos cuidados higiênicos e alimentícios. Por outro lado, a estimulação materna se expressa também por meio de carícias físicas, a partir de seu próprio desejo libidinal pelo filho. Neste sentido, na relação da criança com a mãe existe uma quantidade excessiva de energia que é vivenciada pela criança de maneira traumática, com tonalidades violentas (Costa, 1986 [1984]). A relação com a mãe, portanto, pode ser, para ele, uma prova da violência necessária para o surgimento do psiquismo, posto que a criança por vezes incorpora excitações sexuais que ultrapassam sua capacidade de absorção biopsicológica. Assim, por meio de um excesso de afluxo de energia que invade o aparelho psíquico infantil, a violência é experimentada pela criança.

Costa resgata a versão clássica de violência como "a qualidade do movimento que impede as coisas de seguirem o seu movimento natural" (*ibidem*, p. 16). Na discussão de seu uso pela psicanálise, à primeira vista, é por esta versão clássica de violência que se sustenta o argumento freudiano dos anos 1890, segundo o qual a sexualidade do adulto é capaz de invadir o psiquismo infantil. Para que o argumento freudiano seja válido, contudo, há que se pressupor um psiquismo infantil antes da invasão pelo estímulo exógeno, idéia que Costa critica. Segundo ele, a idéia de que o psiquismo segue um curso supostamente natural contradiz uma visão psicanalítica mais contemporânea, que define o psiquismo como construído na cultura, surgindo imerso na linguagem, no desejo e na sexualidade.

> Com boa vontade, poderíamos admitir (...) que os instintos do filhote do homem são violentados pela ação humana, jamais o psiquismo. Sendo um fenômeno da cultura e não da natureza, não se pode atribuir ao psiquismo um hipotético rumo natural, independente desta cultura.
>
> (Costa, 1986 [1984], p. 16)

No que concerne à questão da violência, é contraditório sustentar o postulado de um psiquismo como produto da cultura e, ao mesmo tempo, uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

idéia de violência que pressupõe a naturalidade deste psiquismo. Na verdade, tanto “a cultura como o psiquismo só existem pela ação da violência” (Costa, 1986 [1984], p. 17). Neste sentido, há um componente violento inerente à relação com o outro, que fundamenta a própria humanização e constitui a sexualidade e o psiquismo. Assim é que, segundo Costa, a teoria psicanalítica migrou das proposições freudianas a respeito da natureza traumática da sexualidade para uma concepção da natureza violenta deste trauma, o que ele critica. Primeiro, porque é um equívoco igualar as noções de trauma em geral e violência; elas não são sinônimas. Segundo, a psicanálise se deixou influenciar pela crença na primazia da violência na gênese da cultura e, consequentemente, do psiquismo.

Sempre que Costa (1986 [1984]) se refere à relevância do papel da violência para a constituição do psiquismo, aponta, pois, para a existência de fatores potencialmente desagregadores do psiquismo – ligando-os à agressividade que há em todos os indivíduos desde o nascimento –, embora também constituintes do eu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.7.2
A horda primeva e a questão do parricídio

Os estudos arqueológicos e antropológicos deram a conhecer aos tempos modernos os processos psíquicos predominantes nas sociedades primitivas, a partir do recolhimento de relíquias, monumentos e implementos inanimados, bem como da comparação com o desenvolvimento de outras civilizações. Os tempos contemporâneos interessam-se por informações deixadas sobre religiões, artes, costumes, crenças e atitudes daqueles povos primitivos perante o mundo.

Em seus estudos psicanalíticos, Freud elaborou algumas teorias sobre o funcionamento mental, com base em documentos da Antiguidade, cujos costumes sobreviveram como herança do homem atual. Foi mais além, analisando mitos e lendas, comparando com estes o comportamento dos personagens frente ao mundo daquela época. Freud (1913 [1912-1913]) admitiu a existência de mitos *endo-psíquicos* (p. 15) – termo que significa dentro da mente –, conforme mencionou na sua correspondência a Fliess

(Correspondência Freud-Fliess de 12/12/1897[29]). A partir desses estudos, Freud (1913 [1912-1913]) constatou ter existido em todos os povos um pensamento voltado para a psicomitologia – crença na imortalidade, castigo, vida após a morte.

Quando escreveu *Totem e tabu*, Freud preocupou-se com o comportamento de tribos selvagens e levantou hipóteses sobre a origem do recalcamento das pulsões e a preponderância do Pai no histórico sociocultural, demonstrando que o sistema totêmico era a base das obrigações sociais e restrições morais desses aborígenes.

O totem para esses grupos era representado por um animal (comível e inofensivo) e, mais raramente, por um vegetal ou por um fenômeno natural (chuva ou água) que mantinham relações específicas com os membros do clã. O totem teria origem hereditária, masculina ou feminina; seria o espírito guardião da tribo, sendo perigoso para os grupos rivais. O totem protegeria o clã e ditaria suas leis, das quais as mais importantes seriam não matar e não manter relações sexuais com pessoas do mesmo totem, instaurando a exogamia, uma instituição relacionada com o totemismo. Caso estas leis fossem desobedecidas, o sujeito sofreria castigos e punições. Nessas tribos, era comum o uso de regras de evitação, geralmente muito rigorosas. Por exemplo, a mãe devia evitar ficar a sós com o filho; uma moça, na puberdade, devia evitar o pai até que se casasse; o irmão devia se afastar da irmã na adolescência; uma jovem não devia falar com seu próprio cunhado. Tais determinações permitiram aos pesquisadores, e não apenas os psicanalistas, entender que essas regras seriam as medidas de defesa encontradas pelos povos primitivos para evitar desejos incestuosos.

Dentro de uma compreensão psicanalítica, por meio desses estudos, Freud elaborou a hipótese da horda primeva e da morte do pai primevo, desenvolvendo sua teoria sobre as culturas contemporâneas e as organizações sociais. Ele escreveu *Totem e tabu* para, entre outras coisas, pensar o que funda uma cultura.

As proibições totêmicas seriam leis para dominar a primeira escolha de objeto de amor feita pelo menino, incestuosa por natureza, sendo objetos proibidos a mãe e a irmã. Para a psicanálise, as "fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel principal na vida mental inconsciente" (Freud, 1913 [1912-1913], p. 37), e os desejos incestuosos constituem o complexo nuclear das neuroses (Freud, 1913 [1912-1913], p. *37*).

[29] Para ter acesso a esta carta na íntegra, ver MASSON, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1994*. Rio de Janeiro: Imago, p. 286-287.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Ao estudar traços das tribos primitivas – como o horror ao incesto –, Freud estabeleceu a relação entre o desenvolvimento da civilização e o recalque das pulsões.

Segundo Freud, embora houvesse verificado que o progresso histórico afetava os sentimentos no que se referia ao totemismo e que os tabus ainda persistiriam entre os homens, há, já desde o ano de 1897, uma tentativa de deduzir o significado original do totemismo. O autor definiu tabu como sinônimo de sagrado, consagrado, num sentido oposto a perigoso ou proibido, e observou que as interdições não têm fundamento e são de origem desconhecida.

O tabu é o "código de leis não escrito mais antigo do homem" (*ibidem*, p. 38) que veio a se tornar, posteriormente, a raiz dos preceitos morais e das leis modernas. Os tabus, nos povos primitivos, eram principalmente duas proibições básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com membros do mesmo clã. Da educação, possivelmente, decorreria a fixação permanente dos tabus, sendo esses opostos ao desejo original de fazer a coisa proibida.

Freud menciona que Mc Lennan[30] já havia chamado a atenção para o grande número de costumes e práticas totêmicas em 1869, mas abstivera-se de analisar suas origens. Diante de tantos fatos, a hipótese de que a partir da cultura totêmica se poderia chegar a uma civilização mais avançada foi levada em consideração pela ciência – esse foi o marco entre o tempo dos primitivos e a era dos heróis deuses.

Em alusão a Wundt[31], Freud observa: "totem é, por um lado, um nome de grupo e, por outro, um nome indicativo de ancestralidade. Sob o último aspecto, possui também uma significação mitológica" (Freud, 1913 [1912-1913], p. 131).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[30] Há muitas teorias e hipóteses relacionadas ao totemismo. A primeira foi proposta pelo etnólogo escocês John Ferguson McLennan, que buscou entender o totemismo numa perspectiva ampla. Em *The Worship of Animals and Plants*, McLennan (1869) não tentou explicar a origem específica do totemismo, mas sim indicar que toda a raça humana passou pelo estágio totêmico num momento remoto de sua evolução. O primeiro trabalho abrangente sobre o assunto, porém, foi *Totemism and Exogamy*, do britânico Sir James Frazer, de 1910.

[31] Wilhelm Wundt (1832-1920): médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado o pai da Psicologia moderna devido à criação do Instituto Experimental de Psicologia. Freud escreveu *Totem e Tabu* como uma resposta à teoria de Wundt sobre a era totêmica na evolução do ser humano.

Da proibição de comer a carne do animal representante do totem ocorreu um contrafenômeno significativo: nas cerimônias, permitia-se a ingestão da carne do totem. Freud pontua que William Robertson Smith[32], em seu livro *Religion of Semites*, levantou a hipótese de que, numa cerimônia, a refeição totêmica fizera, desde o início, parte integrante do sistema totêmico. Explicou ele este ritual como uma característica essencial das antigas religiões, nas quais o sacrifício seria uma oferenda para obter um favor.

Os sacrifícios animais fizeram parte dos mais antigos rituais praticados pelas tribos: a carne e o sangue eram desfrutados em comum pelo deus e por seus adoradores; a bebida – sangue da vítima animal – foi substituída mais tarde por vinho.

A hipótese de Smith era de que por meio da ingestão do animal totem – consumo normalmente proibido e que envolvia a matança sacramental de uma vítima sacrossanta – se erigia um vínculo sagrado, uma união entre os adoradores e seu deus, e se estreitava o laço entre aqueles que o consumiam.

A psicanálise revelou que o animal totêmico, ao mesmo tempo em que marca o pertencimento (ou o não pertencimento) a uma mesma família, é, na realidade, um substituto do pai (simbólico), e sua ingestão no banquete significa a ruptura de uma proibição a partir da qual as pulsões são liberadas; por isso a gratificação, o sentimento festivo, produzido pela liberdade de fazer o proibido.

> A atitude emocional ambivalente, que caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai.
>
> (Freud, 1913 [1912-1913], p. 169)

No estado mais primitivo da sociedade humana, teria existido um pai violento que guardava todas as fêmeas para si e expulsava os filhos quando cresciam. O tipo mais primitivo de organização estudado e que ainda se acha em vigor, até os dias de hoje, em certas tribos, compreende grupos seguindo restrições ditadas pelo sistema totêmico.

Estes filhos – irmãos entre si – se juntam e retornam à tribo, matam e devoram o pai, pois eram selvagens canibais. No ato de devorar o pai, realizam a identificação com o genitor, cada um deles sorvendo uma parte de sua força.

[32] William Robertson Smith (1846-1894) foi um orientalista escocês, estudioso do Antigo Testamento, professor de Teologia e ministro da Igreja Livre da Escócia. Foi um dos editores da *Encyclopaedia Britannica*. Também é conhecido pelo seu livro *Religion of Semites*, considerado um texto fundamental no estudo comparativo da religião.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Este evento é que seria comemorado no banquete totêmico, e foi reconstruído a partir do mesmo.

> O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos; e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força.
> (Freud, 1913 [1912-1913], p. 170)

Os irmãos, ao serem expulsos da horda, tinham desenvolvido sentimentos contraditórios e ambivalentes: odiavam o pai por impedir a satisfação dos desejos de identificação com ele (pai). O amor, só depois da matança, surgiria na forma de remorso e sentimento de culpa.

Os irmãos canibais cometeram crimes considerados imperdoáveis pela própria comunidade: o assassinato e o desejo de transgredir as leis sagradas do sangue (desejo de tomar o lugar do pai e ter todas as mulheres para si). O pai fora morto e sua carne devorada; ele não podia ser reposto, em nenhum sentido real. Contudo, embora tivessem se reunido para assassinar o pai da horda, os irmãos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. O desejo de ser como o pai, ter todas as mulheres para si, os separou. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa para voltar a viver juntos senão instituir a lei contra o incesto, "pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. Dessa maneira, salvaram a organização que os tornara fortes (...)" (Freud, 1913 [1912-1913], p. 172-173). A refeição totêmica, que talvez seja o mais antigo ritual da humanidade, marca o começo da organização social, das restrições morais e da religião.

> A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado; enquanto que a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa.
> (Freud, 1913 [1912-1913], p. 173)

A religião totêmica surgiu de um sentimento de culpa filial, e todas as religiões posteriores tentam solucionar essa mesma culpa, variando seus procedimentos de acordo com o estágio da civilização em que se encontram os praticantes do culto. Entretanto, pode-se observar que, nessa disputa, a vitória ficou com os impulsos de parricídio; o sentimento de culpa fundamentou toda e qualquer religião, enquanto a moralidade embasou as exigências da sociedade, a partir da penitência exigida pelo sentimento de culpa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Posteriormente surgiu o conceito de deus, assumindo o controle de toda a vida religiosa. A psicanálise ensina que o deus de cada um é formado à semelhança do pai. Da relação pessoal com deus – pai glorificado – dependerá a relação com o pai em carne e osso. Na Antiguidade deus era o próprio animal totêmico; então, o totem nada mais seria que um representante do pai.

Após a hostilidade que comandou a matança do pai, o ódio dos filhos foi apaziguado e a falta dele aumentou, tornando-se possível surgir um ideal que corporificava o poder ilimitado do pai primevo contra quem os filhos haviam lutado, assim como a disposição de se submeter a ele como a um deus. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo.

> A elevação do pai que fora outrora assassinado à condição de um deus de quem o clã alegava descender constituía uma tentativa de expiação muito mais séria do que fora o antigo pacto com o totem.
>
> (Freud, 1913 [1912-1913], p. 177)

Toda essa construção que constitui o mito da horda primeva, o único mito moderno, segundo Lacan, se apoiou nas observações da psicanálise sobre o complexo de Édipo, e amor e ódio (rivalidade) que os filhos estabelecem com seus pais.

O problema psicológico da ambivalência emocional, melhor dizendo, a existência simultânea de amor e ódio para com os mesmos objetos sexuais, "jaz na raiz de muitas instituições sociais importantes" (*ibidem*, p. 186) e está referido à origem do sentimento de remorso. Nada foi descoberto sobre a origem dessa ambivalência, mas pode-se pressupor ser um fenômeno da vida emocional, adquirido pelos seres humanos em conexão com o complexo parental.

Em outras palavras, Freud retoma a tese de *Totem e tabu* para concluir que a comunidade humana se mantém unida pelos vínculos emocionais identificatórios e pela força coercitiva da violência. Regras e leis são sustentadas pela culpa derivada do parricídio (assassinato do pai da horda), assim como pelas identificações derivadas do amor ao líder (pai simbólico). A violência, embora inevitável, passa assim a fazer parte da organização social, tornando-se domesticável pela ação civilizatória.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.7.3
A descoberta da pulsão de morte e a violência como trauma

Com o advento do conceito de pulsão de morte, a crença na primazia da violência na gênese da cultura e do psiquismo se consolida ainda mais (Costa, 1986 [1984]). Abordarei alguns ensaios freudianos que se reportam às questões relacionadas à agressividade, destruição e violência nas relações sociais: *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (Freud, 1915c), *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920) e *Por que a guerra?* (Freud, 1933 [1932e]).

O trabalho freudiano *Reflexões para os tempos de guerra e morte* compreende dois ensaios que foram escritos no primeiro semestre de 1915, cerca de seis meses após o início da Primeira Guerra Mundial. No primeiro, intitulado *A desilusão da guerra*, Freud mostra que o homem é pulsionalmente destrutivo; prova disto seria o modo de vida dos povos primitivos, que gostavam de matar e faziam isso de uma maneira natural. Com a irrupção da guerra, os laços civilizatórios existentes nos tempos de paz e que serviam de freio à pulsão de destruição humana se afrouxaram. Ignoram-se "as prerrogativas dos feridos e do serviço médico, a distinção entre os setores civil e militar da população, os direitos da propriedade privada" (Freud, 1974 [1915], p. 315).

Já mais adiante, no segundo ensaio, *Nossa atitude para com a morte*, Freud postula que o medo da morte é resultado de um sentimento de culpa: "(...) nosso inconsciente é tão inacessível à idéia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido (isto é ambivalente) para com aqueles que amamos, como era o homem primevo." (*ibidem*, p. 338). Assim, mesmo quando não se executa o ato de matar, o inconsciente pensa e o deseja. Neste sentido, essa realidade psíquica não deve ser subestimada quando posta em confronto com a realidade factual.

Uma segunda referência freudiana ao problema da agressividade, destruição e violência na vida social pode ser extraída do texto de 1920, *Além do princípio do prazer*. Nele surge o conceito de pulsão de morte, uma nova maneira de pensar o funcionamento anímico, que vai subsumir as idéias anteriores de pulsões de domínio, destruição e agressão. Como diz Costa:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> A pulsão de morte reordena a antiga divisão pulsional, colocando no primeiro plano da vida psíquica a tendência à destruição do sujeito e do objeto. Agora, ao lado da sexualidade, a destruição vai interferir decisivamente na explicação dos mecanismos mentais e passar a ser considerada um dos elementos primordiais no destino da vida psíquica e social do homem. (Costa 1986 [1984], p. 23)

Freud define a pulsão de morte como algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer. Admitindo-se a natureza conservadora da pulsão, seria contraditório afirmar que ela tende a um objetivo novo, que visa à mudança. O lógico é admitir que ela tende a repetir o mesmo, o mais arcaico, o estado inicial do qual o ser vivo se afastou por causa de fatores externos. Esse estado inicial, ponto de partida de toda vida, é, segundo este autor, o inorgânico.

A pulsão de morte deriva desta tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico; por outro lado, ao esforço para que esse objetivo se cumpra de maneira natural, Freud denomina pulsão de vida. O objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que ela ocorra de uma forma não natural. Ela é a reguladora do caminho para a morte.[33]

Antes de 1920, o objetivo psíquico era a busca do prazer mediado por princípios constitutivos e a sexualidade era a grande mestre de cerimônias da vida psíquica. No entanto, já desde os *Três ensaios,* Freud (1905) se preocupava não somente com a sexualidade e a existência das teorias sexuais das crianças ao afirmar a existência da perversão polimorfa e, também, dos sentimentos de ódio, rivalidade, hostilidade das crianças em direção aos entes queridos. Freud, em 1915, chamou de componente sádico da libido ao componente da libido que engendrava manifestações agressivas e, na tentativa de explicar o que seria este componente sádico, introduziu a questão da fusão e da desfusão das pulsões. Freud (1923) fala da desfusão nos casos em que a agressividade quebrou os laços com a sexualidade. Segundo Laplanche (1967):

[33] A teoria dualista das pulsões proposta por Freud a partir de 1910 e que até então existia – pulsões sexuais / pulsões de autoconservação – foi sendo progressivamente enfraquecida, até que, quando tudo indicava que Freud iria afirmar um monismo pulsional análogo ao de Jung, ele introduziu um novo dualismo: o das pulsões de vida e das pulsões de morte. Essa substituição ocorre em 1920, em *Além do princípio do prazer*, texto no qual as pulsões sexuais e de autoconservação são unificadas sob a denominação de pulsões de vida e contrapostas à pulsão de morte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> A fusão das pulsões é uma verdadeira mistura em que cada um dos dois componentes pode entrar em proporções variáveis; a desfusão designa um processo cujo limite redundaria num funcionamento separado das duas espécies de pulsões, em que cada uma procuraria atingir seu objetivo de forma independente. (Laplanche 1991 [1967], p. 205-206)

Admitida a idéia de haver uma fusão entre as pulsões de vida e de morte, a possibilidade de uma desfusão se impõe. O componente sádico da pulsão sexual seria o exemplo clássico de uma fusão pulsional útil; e o sadismo que se tornou independente como perversão seria típico de uma desfusão, embora não conduzida a extremos. Freud (1920) afirma então que a pulsão de destruição é habitualmente colocada a serviço de Eros para fins de descarga.

Em 1932, Freud aborda novamente a questão da agressividade, destruição e violência, na correspondência com Einstein.

Na tentativa de responder a Einstein sobre o que poderia ser feito para proteger a sociedade das ameaças de guerra, Freud (1933 [1932e]) afirma que a violência é uma das formas de serem resolvidos os conflitos de interesses humanos. A violência é associada à agressividade pulsional e, desse modo, quando um homem é incitado a lutar numa guerra, pode ter motivos para ir: um deles é a inclinação pulsional da agressão e destruição; outro, certamente mais nobre, são as racionalizações destinadas a justificar, perante a consciência, a existência desta destrutividade.

No início, detinha o poder quem tinha maior força física. Logo em seguida, essa força muscular foi substituída pelo uso de instrumentos: prevalecia a vontade daquele que tinha maior habilidade no manejo com essas armas. A superioridade intelectual, por sua vez, passa a ser forte aliada do vencedor. O objetivo principal era matar o adversário, pois assim o vencido não poderia revidar e isso serviria de exemplo para que outros não agissem da mesma forma. A esta satisfação completa dos impulsos e desejos destrutivos opor-se-ia, num certo momento histórico, a reflexão de que deixar o inimigo vivo e num estado de intimidação poderia ser lucrativo: ele poderia ser utilizado para serviços úteis (foi exatamente o que ocorreu na Segunda Guerra, quando foram criados os campos de trabalho).

> Esta foi, por conseguinte, a situação inicial dos fatos: a dominação por parte de qualquer um que tivesse poder maior – a dominação pela violência bruta ou pela violência apoiada no intelecto. (Freud, 1976 [1933 [1932e]], p. 247)

No entanto, essa situação inicial se modificou: passou-se a reconhecer um outro caminho, diferente do anterior e que se estendia da violência ao direito

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

ou à lei. A violência poderia a partir disso ser derrotada por meio da união de diversos indivíduos fracos; “o poder daqueles que se uniam representava, agora, a lei, em contraposição à violência do indivíduo só. Vemos, assim, que a lei é a força de uma comunidade” (Freud, 1976 [1933 [1932e]], p. 247). Mas esta nova forma de poder ainda é violência para Freud e está “pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha; funciona pelos mesmos métodos e persegue os mesmos objetivos” (*ibidem*, p. 247) que a violência instaurada pela força superior de um só indivíduo.

Para concluir, depois de levantar várias razões (éticas) para que se recusassem as guerras, Freud responde a Einstein que se as não aceitamos como mais uma das calamidades da vida é justamente porque não podemos fazer outra coisa:

> A resposta à minha pergunta será a de que reagimos à guerra dessa maneira porque toda pessoa tem o direito à sua própria vida, porque a guerra põe um término a vidas plenas de esperanças, porque conduz os homens individualmente a situações humilhantes, porque os compele, contra a sua vontade, a matar outros homens e porque destrói objetos materiais preciosos, produzidos pelo trabalho da humanidade.
> (Freud, 1976 [1933 [1932e]], p. 256)

Assim, rebelamo-nos contra as guerras por motivos orgânicos básicos e somos obrigados a ser pacifistas mesmo sem que saibamos justificar essa nossa maneira de agir.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.8 Necessidade e (im)possibilidade de representação do trauma: a *Shoah* como paradigma

Em consequência do estudo realizado sobre as neuroses traumáticas de guerra, interessei-me por pensar algo mais contemporâneo do que o material produzido por Freud e Ferenczi no contexto da Primeira Guerra Mundial, e que pudesse exemplificar a questão da violência traumática. Assim, após estudar pontos de contato entre trauma, violência e morte, passo a refletir sobre os efeitos da violência traumática no psiquismo em tempos de guerra, considerando a *Shoah*[34] como paradigma.

Para isso, me utilizarei dos testemunhos de Primo Levi[35] e Elie Wiesel[36], ambos judeus e sobreviventes do Holocausto, e principalmente das reflexões e experiências de Guitta Sereny[37], uma jovem protestante que, residindo em Viena nos primórdios da Segunda Guerra Mundial, em princípio não deveria ter sido vítima do sistema nazista. Sereny, no entanto, resistiu ativamente à ditadura e exerceu funções importantes durante e após a guerra. No livro que tomarei como referência, *O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000*, Sereny (2007 [2000]) escreve sobre o que a motivou a refletir sobre a Alemanha de 1938 até os anos 2000: saber o que leva o ser humano, considerado em sua individualidade, a sucumbir ao mal, ou a resistir a ele.

Em *O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000*, Sereny (2007 [2000]) escreve sobre a Alemanha durante e depois de Hitler. Seu trabalho concentrou-se no fato de milhões de pessoas terem sido feitas prisioneiras e transformadas em trabalhadores escravos em campos de concentração, e foi motivado pelo interesse em saber por que os seres humanos são levados a abraçar a violência e a amoralidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

---

[34] *Shoah* significa calamidade. O termo é usado por muitos judeus e por um número crescente de cristãos devido ao desconforto teológico com o significado literal da palavra Holocausto que tem origem do grego e conotação que remete à prática de higienização por incineração. Esses grupos acreditam que é teologicamente ofensivo sugerir que o extermínio dos judeus da Europa constituiu um sacrifício a Deus. É no entanto reconhecido que a maioria das pessoas que usa o termo Holocausto não o faz com essa intenção.

[35] Primo Levi nasceu em Turim em 1919. Foi deportado para o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, em 1944. Voltou à Itália em 1945. Morreu em casa em 1987. Conhecido por seu trabalho sobre a *Shoah*, seu livro *É isso um Homem?* (Levi, 1988 [1947]) é considerado um dos mais importantes trabalhos memorialísticos do século XX.

[36] Elie Wiesel nasceu em 1928, num lugarejo chamado Sighet – região, na época, disputada pela Romênia e Hungria. Foi deportado em 1944 com a família. Sobrevivente dos campos de concentração nazistas, foi libertado em 1945. Ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1986 pelo conjunto de sua obra, quase 40 livros, montada para resgatar a memória da *Shoah* e defender outros grupos vítimas de perseguições.

[37] Guitta Sereny nasceu em Viena em 1923 e estudou na Áustria, Inglaterra e França. Mais tarde, tornou-se jornalista e escritora.

O primeiro contato de Sereny com os nazistas ocorreu em 1934, quando, aos 11 anos de idade, foi levada a um comício de Hitler em Nuremberg[38]. Quatro anos depois, adolescente, pôde perceber que pessoas começaram a desaparecer; outras fugiram para os Estados Unidos ou se suicidaram. Nas escolas, crianças judias foram impedidas de frequentar as aulas e de usar as mesmas acomodações de pessoas de outras tradições religiosas; foram obrigadas também a trabalhar. Em Viena, todos transitavam às ruas "em grupo, ordenadamente, silenciosos e, em muitos casos, desconfiados uns dos outros" (Sereny, 2007 [2000], p. 30). Em 1940, estudava em Paris quando os alemães arrasaram os exércitos dos aliados. Opondo-se aos invasores, passou a trabalhar como enfermeira na França ocupada, à procura de crianças raptadas. Em 1942, fugiu para os Pirineus para não ser presa. Depois da guerra, foi investigadora do bem-estar da infância e trabalhou em campos de refugiados de guerra para a Agência das Nações Unidas de Socorro e Reabilitação (ANUSR)[39], organização responsável pelas pessoas que haviam sido trazidas para a Alemanha dos territórios conquistados ou anexados pelos alemães, incluindo menores de idade que estavam vivendo em instituições ou com famílias adotivas.

Para Sereny, o tipo de reação aos invasores alemães na Segunda Guerra dependeu muito de onde o indivíduo se encontrava geograficamente e daquilo que ele era: sua nacionalidade, religião, educação, profissão, convicção política e assim por diante. Por outro lado, a associação que se fez no Ocidente entre o nazismo de Hitler e o genocídio de judeus foi de tal ordem que praticamente se ignorou os outros milhões de pessoas que foram assassinadas em tantas terras (Sereny, 2007 [2000]). A restrição da lembrança histórica desse período a esse aspecto dos fatos foi algo insensato e incorreto, em sua opinião.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[38] As reuniões anuais de Nuremberg consistiam em grandes espetáculos de propaganda, utilizando efeito teatral e aparatos militares para dar a Hitler uma imagem de um deus salvador da pátria germânica. Foram realizadas entre 1923 e 1938 na Alemanha, sendo que a maior e última delas reuniu milhões de pessoas e teve como missão preparar o povo alemão e o mundo para a Segunda Guerra Mundial.

[39] "Em inglês: "United Nations Relief and Rehabilitation Administration (UNRRA)." Criada em 9 de novembro de 1943, por meio de um acordo entre 44 nações, foi substituída pela Organização Mundial de Refugiados, que operou de 1947 a 1951" (Sereny, 2007 [2000], p. 46).

> É incorreto porque diminui a megalomania de Hitler, que, além de ter ido além da horrível tentativa de dizimação dessa 'raça', visava – e chegou muito perto de alcançá-lo – a um futuro em que a Alemanha dominaria um mundo no qual, depois de grotescos morticínios, gigantescas populações 'racialmente inferiores', tais como as de eslavos e negros, existiriam simplesmente como escravas.
>
> (Sereny, 2007 [2000], p. 18)

Além da violência contra os judeus, ciganos, comunistas, outros milhões de cristãos poloneses, ucranianos e soviéticos também foram assassinados durante o período hitleriano. Depois de 1940, por causa da necessidade de mão-de-obra para mover a indústria bélica, os pequenos centros de detenção de criminosos, dissidentes políticos, religiosos, homossexuais e judeus transformaram-se em instalações gigantescas, formadas por milhões de pessoas escravas. Nestes campos de concentração e trabalho, elas morreram por tortura, experiências médicas abomináveis ou nas câmaras de gás, e também de doenças e moléstias incuráveis.

> Esses foram os campos que todos os alemães conheceram e com os quais se aterrorizaram. Esses foram os corpos encontrados pelo horrorizado exército dos Aliados quando entrou na Alemanha. (...) Seres humanos esqueléticos, alguns ainda surpreendentemente em pé, outros deitados em beliches, estuporados, e outros nus em pilhas de corpos disformes, prontos para serem cremados (...).
>
> (Sereny, 2007 [2000], p. 169-170)

As experiências descritas pelas testemunhas da *Shoah* foram as mais dolorosas e horrendas de imaginar que uma pessoa possa ter sofrido. Pessoas eram tratadas como mercadorias; nos campos de concentração e trabalho, não eram mais seres humanos para os nazistas. A partir do galpão de despimento, quando eram obrigadas a ficar nuas, presenciava-se a transição: passavam a ser consideradas menos que animais.

> Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos.
>
> (Levi, 1988 [1947], p. 24-25)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

A experiência da *Shoah*, em que milhares de pessoas foram vítimas da condição apassivada de coisa nas mãos do sistema nazista, se aproxima, portanto, do irrepresentável.

1.8.1
O rapto de crianças racialmente valiosas

Durante um ano e meio, Sereny trabalhou com crianças traumatizadas pela guerra em campos de refugiados de guerra e centros infantis especiais, envolvendo-se profundamente na miséria que os nazistas haviam causado. A falta, quase completa, de respostas por parte de diferentes famílias alemãs suspeitas de terem tomado para adoção crianças raptadas, reforçava as alegações dos povos da Europa Oriental e dos Balcãs de que milhares de crianças haviam sido raptadas durante a guerra, com o propósito de reduzir a população dos países que a Alemanha estava conquistando e enriquecer seu próprio povo com crianças "racialmente valiosas" (Sereny, 2007 [2000], p. 61).

1.8.1.1
A SS[40], as Irmãs de Marrom e o projeto *Lebensborn*[41]

> A Agência de Repatriação de Alemães Étnicos [VoMi]; o Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA) e a Comissão do Reich para a Consolidação da Raça Germânica (RKFDV) desempenharam importantes papéis administrativos. A NSV, a supramencionada Associação do Bem-Estar do Povo Nazista, fornecia as "Irmãs de Marrom"; a RuSHA, Agência Central de Reassentamento e Controle Racial, decidia, por intermédio de seus pseudocientistas raciais, se a criança servia ou não para germanização com base na medição de 62 partes de seu corpo; e havia também, logicamente, a sociedade de "caridade modelar" da SS, a *Lebensborn*.
>
> (Sereny, 2007 [2000], p. 70-71)

[40] SS *Einsatzgruppen*: "Esquadrões da morte, conhecidos como 'forças-tarefas especiais'" (Sereny, 2007 [2000], p. 16). Era a denominação de brigadas da morte alemãs, que levavam a cabo os assassinatos em massa nos países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial.

[41] Criado em 12/12/1935, "*Lebensborn* foi um dos mais terríveis e secretos projetos nazistas" (Sereny, 2007 [2000], p. 65). Constituiu-se, em princípio, de "creches" da SS. Depois, transformou-se "em pontos de encontro de alemãs "racialmente puras" que quisessem conhecer homens da SS e ter filhos com eles. As crianças geradas na *Lebensborn* eram tomadas aos cuidados da SS" (*ibidem*, p. 65). Em 1939, iniciou-se "um dos aspectos mais terríveis da *Lebensborn*, como seja, o rapto de 'crianças racialmente valiosas' nos países da Europa Oriental ocupados." (*ibidem*, p. 65).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Em dias pré-fixados e ao longo de toda a guerra, milhares de crianças de até 10 anos foram raptadas pela SS ou pelas Irmãs de Marrom em diversos locais: parques, ruas, escolas e até nas próprias residências. As crianças escolhidas deviam ser belas e saudáveis, ter corpo perfeito, cabelos louros ou castanho-claros e olhos azuis. Elas eram levadas de trem para asilos infantis especialmente construídos para a germanização, a fim de serem submetidas a exames físicos e testes de inteligência.

As crianças bem jovens e que não se mostravam aptas para a germanização eram devolvidas posteriormente aos seus pais; aquelas com idade suficiente e capazes eram enviadas para trabalhar na Alemanha ou, no caso das consideradas fisicamente inadequadas ou racialmente impuras, mandadas para campos de concentração. Por sua vez, as crianças aprovadas para a germanização ganhavam novas certidões de nascimento com nomes alemães. Dependendo da idade, eram a seguir transferidas para asilos infantis da *Lebensborn* ou para internatos do Estado, administrados pela *Lebensborn*, mas providos de membros da SS e supervisionados por esta (Sereny, 2007 [2000]).

Dos asilos infantis, as crianças situadas entre 2 e 6 anos de idade iam para lares alemães adotivos, sendo, para todos os efeitos, tratadas como “órfãs alemãs dos territórios da Europa Oriental reconquistados” (Sereny, 2007 [2000], p. 67). As que tivessem entre 6 e 10 anos eram depois enviadas para instituições apropriadas na Alemanha com o objetivo de serem germanizadas. Todos os pais biológicos eram avisados de que seus filhos seriam levados para a Alemanha em razão de seus estados de saúde (*ibidem*, p. 72). Feito isto, não mais recebiam notícias acerca das crianças.

No que diz respeito à escolha dos novos lares adotivos, eram considerados aptos para receber estas crianças casais alemães sem filhos. Não lhes era informado os verdadeiros métodos pelos quais a criança lhes chegara e, independente de suas convicções políticas, após tê-las acolhido, tratavam-na com amor e carinho. Neste sentido, os nazistas conseguiram enganar tanto os pais biológicos (roubando-lhes seus filhos) quanto os pais adotivos (escondendo-lhes a verdade sobre a origem das crianças colocadas para adoção).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.8.2
O processo de germanização

Sereny esteve, em 1946, em um centro de crianças especiais, no qual trabalhavam psiquiatras e outros profissionais experientes em traumatologia infantil, e lá acompanhou, durante seis semanas, os depoimentos de cinco meninos com idades entre 10 e 12 anos. O propósito do centro era ajudar crianças a superar não só a dor da separação como também reavivar lembranças recalcadas. Todas as crianças que, aos 12 anos ou mais, haviam sido levadas para trabalhar na Alemanha continuaram conscientes de suas identidades e, embora tivessem aprendido o idioma alemão, conservaram a língua materna. As de 10 anos, por outro lado, recalcaram suas raízes. No entanto, era mais fácil fazê-las lembrar sua história, comparando-as às crianças mais novas.

> Embora canções sejam um elemento profundamente arraigado na cultura familiar alemã e o canto um fator fundamental na educação da juventude nazista, em muitos casos os sons das canções de ninar poloneses e as preces infantis venciam o esquecimento e traziam à memória lembranças de casa. (Sereny, 2007 [2000], p. 73)

No caso de crianças bem pequenas, as lembranças referidas aos pais legítimos e à língua materna eram, ao que parece, totalmente esquecidas. Por isso, devolvê-las ao lar original acabava sendo tão traumático quanto havia sido seu rapto. O sentimento de perda dos pais adotivos em relação a estas crianças era vivido como algo insuportável, tal como passarei a apresentar a seguir pelo exemplo do caso de Marie e Johann, duas crianças que foram adotadas quando tinham apenas 3 anos e que foram arrancadas aos 6 anos de seus pais adotivos (que eram tudo para elas), após a confirmação de que Marie era a garotinha procurada pelos pais legítimos, com base em um sinal de nascença.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.8.2.1
Identificação e posterior devolução de crianças raptadas aos genitores: o caso dos gêmeos Marie e Johann

A tarefa de identificar e levar, depois de confirmado o rapto, as crianças embora de seus lares adotivos era, para quem a realizasse, traumatizante, na opinião de Sereny. Ela própria fez isso apenas uma vez.

> (...) jamais esquecerei da tristeza inconsolável do casal que amava a criança de 5 anos de idade que eu tinha de tirar dele, e a incompreensão e a raiva descontrolada da própria criança, que não se lembrava de seus genitores nem de seu idioma nativo e para a qual os pais alemães eram todo o seu mundo. (Sereny, 2007 [2000], p. 70)

Sereny jamais viu ou ouviu falar de algum caso em que pais adotivos maltratassem as crianças: todas, sem exceção, eram muito bem-acolhidas. Assim, ao reencontrar Marie e Johann no centro de crianças especiais na Baviera, duas das crianças que ajudou a identificar quando trabalhava na ANUSR, ela se questiona sobre a melhor solução para os casos das crianças adotadas irregularmente. Como ela própria dizia às famílias suspeitas de terem recebido crianças raptadas, "nenhum de nós quer que as crianças sejam prejudicadas" (*ibidem*, p. 62).

> A aparência das crianças, com o rosto pálido e os olhos encovados, e Johann, com sua reação muito hostil para comigo, e o grande abatimento de Marie, abalaram-me profundamente. Marie estava encolhida numa cadeira, com os olhos fechados, os lábios descorados, com o polegar na boca, ao passo que Johann, desabalando em minha direção assim que me viu e gritando roucamente *Du*, *Du*, *Du* (Você, você, você), tentou atingir-me com os pés e as mãos. *(ibidem,* p. 75)

Assim como outras crianças, Marie e Johann, que eram irmãos gêmeos e tinham uns 6 anos na época, foram mantidos por mais tempo no centro, com o propósito de ajudá-los a superar a dor da separação de seus pais adotivos e prepará-los para serem devolvidos aos genitores. Contudo, isto não foi suficiente e eles foram enviados para casa como último recurso; como já havia ocorrido antes, contou-se com o amor dos pais biológicos para dar novamente conforto às crianças.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Johann tornou-se sempre mais desafiador, razão pela qual manifestou por vezes a mesma atitude violenta que havia tido para comigo, e Marie, que urinava na cama e se alimentava somente de mamadeira, não falava e tinha retornado psicologicamente à condição de bebê.
> (Sereny, 2007 [2000], p. 75)

> Na noite desse dia [anterior ao regresso ao lar], relutantemente, seguindo orientação do psiquiatra residente, que achava que isso não podia ser prejudicial e, mesmo como um choque, podia ser útil, dei mamadeira a Marie, segurando-a no colo. Não houve choque; ela ficou no meu colo, de olhos fechados, com o corpo dando a sensação de que não tinha ossos, o único movimento a sucção de seus lábios e a deglutição de sua pequena garganta. Fiquei com ela nos braços até que ela dormisse. Isso me ajudou, mas, infelizmente, a ela não. Que estamos fazendo?, perguntei a mim mesma. (*ibidem*, p. 75)

Qualquer uma das soluções propostas para o caso das crianças raptadas era, do ponto de vista de Sereny, inaceitável: entregá-las aos pais legítimos, numa Europa devastada pela guerra; deixá-las com as famílias adotivas, que as tinham conseguido por meio de um crime hediondo; transferi-las para os Estados Unidos, Canadá ou Austrália, levando-as para outro ambiente totalmente novo e estranho.

> Cerca de 40.000 crianças polonesas, das 200.000 relatadas como perdidas, voltaram para casa, e, totalmente por iniciativa individual de equipes da ANUSR, duas levas de pouco mais de 100 jovens russos foram enviadas para casa em dezembro de 1946. De outro modo, não houve registro de quantas crianças cuja nacionalidade era alvo de disputas existiam, quantas delas foram enviadas para além-mar ou, aliás, quantas das crianças raptadas haviam sido descobertas e, ignorantes de sua origem, permaneceram na Alemanha.
> (Sereny, 2007 [2000], p. 79)

Nenhuma destas opções era boa; nenhuma era capaz de apagar o trauma de perder os pais, o idioma e a referência de lar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.8.3
A culpa carregada pelos *filhos do Reich*

> Cada um de nós sobrevive como pode a uma dose diária de exposição traumática [...].
> (Nestrovski; Seligmann-Silva, 2000, p. 11)

Para conversar sobre seus sentimentos, suas vivências passadas, o relacionamento que tinham com os pais, alguns dos filhos e filhas dos que trabalharam para Hitler, na Segunda Guerra Mundial, passaram a se reunir – como numa espécie de terapia de grupo –, a fim de desenterrar das profundezas do inconsciente fatos ocorridos cerca de 45 anos antes. Passo agora às histórias de alguns deles.

Martin Bormann

Martin Bormann, filho do assessor mais próximo de Hitler[42] – que, aliás, tem o nome do pai – é um dos participantes do grupo. Segundo ele, na medida em que foi aprendendo a entender o que havia ocorrido no período da Segunda Guerra Mundial, passou a aceitar seu próprio nome, seu pai e seu passado enquanto parte dele mesmo.

Após frequentar por um ano e meio as reuniões do grupo, ao ser desafiado por uma colega (a quem não dirige resposta), começa repentinamente a contar uma situação específica, vivida um pouco antes do fim da guerra, e que ele havia escondido até dele mesmo. 'Frau' Pothast, secretária e amante de Himmler[43], convidou o próprio Martin, sua irmã Eike de 13 anos e sua mãe para um chá na velha casa de fazenda em que Himmler se instalara. Lá, foram levados por 'Frau' Pothast ao sótão: ela "lhes mostraria algo interessante" (Sereny, 2007 [2000], p. 344), uma coleção especial de Himmler.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[42] Martin Bormann-pai (1900-1945?) foi um destacado oficial nazista (vice-líder do NSDAP, Partido Nazista) e um dos homens da cúpula do Terceiro Reich, secretário-particular de Adolf Hitler. A data de sua morte é incerta.

[43] Heinrich Luitpold Himmler (1900-1945) foi comandante da SS alemã e um dos mais poderosos homens da Alemanha Nazi.Tornou-se figura-chave na organização da *Shoah*.

> "– Quando ela abriu a porta e entramos, não entendemos, inicialmente, o que eram os objetos naquele recinto, até ela explicar do que se tratava e, vejam só, muito cientificamente. Mesas, cadeiras, feitas de partes do corpo humano. Havia uma cadeira..." A voz de Martin perde a entonação quando ele começa a descrição; as pessoas em volta da mesa parecem congeladas, em completo silêncio. Sinto [Sereny] meu corpo formigar. "– O assento era uma pelve; as pernas da cadeira, ossos das pernas de uma pessoa, apoiados em pés humanos. Em seguida, ela ['Frau' Pothast] pegou um exemplar de uma pilha de *Mein Kampf* [44]... tudo em que pude pensar foi que meu pai havia dito que não me desse ao trabalho de lê-lo, já que tinha ficado desatualizado pelos fatos. Ela nos mostrou a capa, feita de pele humana, e explicou que os prisioneiros de Dachau que a confeccionavam tinham usado a *Rückenhaut* – a pele das costas – para fabricá-la". "– Nós, crianças, saímos correndo dali", ele conta, "com minha mãe empurrando-nos escada abaixo".
>
> (Sereny, 2007 [2000], p. 344)

Assim, quando, após a guerra, Martin viu fotografias sobre o que aconteceu nos campos de extermínios, embora outras pessoas negassem que fossem reais, sabia que retratavam a verdade. Ele havia visto! Embora amasse seu pai e tivesse dificuldades em associar sua figura às atrocidades da guerra, não tinha dúvidas sobre o ocorrido.

O trauma de Martin-criança era o resultado da passagem por uma vivência tão chocante que ele não pôde integrá-la emocional ou mentalmente ao seu psiquismo. A partir do trabalho com o grupo, entretanto, conseguiu resgatar o que não pôde ser dito ou representado até então, aquele evento latente na memória que pôde ser redescoberto pela irrupção repentina de sua fala, colocando seus colegas de sessão no lugar de testemunhas do que aconteceu com ele.

A irmã de Gunild

Outra participante do grupo conta que sua irmã disse-lhe não suportar mais viver com o passado. Médica, com 66 anos (em 1990) e recém-aposentada, assumiu e administrou a clínica que pertencera a seu pai durante 20 anos.

[44] Escrito na prisão por Adolf Hitler e inicialmente editado em 1924, o livro *Mein Kampf* (em português *Minha Luta*), tornou-se um guia político-ideológico dentro e fora da Alemanha. Acreditando que o meio social no qual estava inserido deveria passar por um processo de mudança radical, Hitler construiu um projeto político no qual uma hierarquia rígida iria direcioná-lo para a constituição de uma sociedade perfeita.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Durante os últimos 45 anos, as autoridades conseguiram manter em segredo o fato de que as escolas de medicina da República Federativa vêm usando partes extraídas dos corpos das pessoas que os nazistas assassinaram. Agora, isso veio a público, e eles estão tendo que removê-las dos laboratórios de patologia das universidades. Para minha irmã, 66 anos de idade, a conscientização de que aprendeu a profissão – da qual nosso pai abusou tão nefastamente – usando parte de corpos humanos nessas condições está deixando-a à beira do suicídio. É surpreendente o fato de que ela tenha tendência ao suicídio e que eu, apesar do marido e do filho maravilhosos, viva em desespero, viciada em tranquilizantes? (Sereny, 2007 [2000], p. 345-346)

À vergonha que acomete a irmã de Gunild, por seu pai ter participado ativamente do regime nazista, sendo responsável direta ou indiretamente pela morte de outros seres humanos, acrescenta-se a vergonha de ter que reconhecer que aprendera medicina manipulando corpos de pessoas que os nazistas assassinaram. Essa constatação não é somente inesquecível como contamina tudo o que havia tentado reconstruir ao assumir a administração da clínica paterna.

Monika

Filha ilegítima do general dos SS *Einsatzgruppen*, Monika afirma ter sentimentos ambivalentes no que se refere aos encontros do grupo: apesar de ficar tomada de angústia, percebe que tem de enfrentar seus medos. Se antes perdia a fala quando alguém perguntava sobre seu passado, agora (1990), se não responde, sufoca.

> "Minha mãe era muito pobre", conta Monika. "Assim, tudo o que eu tinha para vestir eram as roupas usadas de seus parentes, que eram terríveis comigo. Mas não por causa do que meu pai fizera... não acho que eles se importavam mais com isso do que qualquer outro dessa geração de alemães. Eles me puniam por ser filha ilegítima, o que não consideravam 'decente'. Quando me davam algo no aniversário ou no Natal, sempre deixavam a etiqueta do preço no presente: ele nunca custava mais de 50 ou 98 *pfennig* [centavos]; era o que eu valia." (Sereny, 2007 [2000], p. 348)

O que antes não pôde ser posto em palavras passa a sê-lo, possibilitando a Monika experimentar uma espécie de catarse. A memória das experiências que a traumatizaram não estavam (nunca estão, na realidade) submetidas ao seu livre-arbítrio e emergiram a partir do trabalho do trauma, nas sessões do grupo.

*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Quase todos os filhos de homens que foram nazistas de alta patente haviam se esforçado para vencer os mecanismos que distorcem ou suprimem até completamente a verdade sobre os anos da guerra (Sereny, 2007 [2000]). Segundo alguns deles, se seus pais houvessem admitido a extensão de seu envolvimento com o Terceiro Reich[45] e com suas consequências, as coisas poderiam ser diferentes: já que não o fizeram em vida, o enfrentamento da verdade foi deixado para as gerações seguintes. Incapazes de sentir vergonha ou arrependimento, os pais deixaram como legado aos filhos um sentimento de culpa terrível.

Por causa das mentiras e do silêncio, instaurou-se o mito de uma guerra comum, sem maiores barbaridades. Entretanto, em contraposição às mortes com uso de gás acontecidas em segredo na Polônia ocupada, judeus e não-judeus foram fuzilados nas periferias de suas casas, a mando dos nazistas, em centenas de cidades e vilarejos da União Soviética.

> Ninguém tinha como deixar de saber deles. Tempos depois, esses soldados, por necessidade própria, isolavam esses horrores nos recessos da mente, nos quais eles abundavam. Isso pode muito bem ter afetado seus sentimentos e atitudes posteriores. (Sereny, 2007 [2000], p. 350)

Assim, decididos a enfrentar o passado de suas famílias, os filhos do Reich arriscaram se afastar de parentes e amigos e passaram a falar sobre o que haviam presenciado durante a guerra. “Houve casamentos desfeitos por causa da tensão resultante disso; filhos que abandonaram o lar; amigos que se afastaram. Mas isso induziu outros a entenderem que eles tinham de falar” (*ibidem*, p. 345).

Muitos filhos do Reich acabaram excluídos de um convívio social normal, como resultado de haver quebrado as barreiras que os impediam de contar o que lhes havia acontecido no passado; após anos de um sofrido silêncio, passaram a falar sem parar e indiscriminadamente: em casa, no trabalho, nos grupos de terapia e assim por diante. Neste sentido, eles “acordaram”, mesmo que parcialmente, do antigo estado de entorpecimento, não sendo mais tão passivos frente ao que foi por eles vivido.

[45] Terceiro Reich: doze anos de domínio nazista, entre 1933 e 1945 (início com a proclamação de Hitler em 30/01/1933 e término com a capitulação do exército alemão, em 07/05/1945).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1.8.4
Os campos de morte e os testemunhos do irrepresentável

> Esse mal-estar diante da imagem "imediata", que não se consegue verdadeiramente ver, retoma um dos mais frequentes motivos evocados por testemunhas da *Shoah* ou de outros genocídios: o da irrepresentabilidade do mal. (...) O mesmo motivo volta (...) na constatação estarrecida que o horror enxergado não é somente tão inesquecível quanto irrepresentável, mas também que ele possui uma estranha força de *contaminação*, que ele suja e marca de vergonha os olhos que o viram. "Nunca deveríamos ter visto isso" dizem, muitas vezes, os sobreviventes, como se não conseguissem mais distinguir entre seu papel – e sua tarefa – de testemunhas e sua suspeita de serem *também* cúmplices e *voyeurs*.
> (Gagnebin, 2000 [1998], p. 106)

O primeiro campo de extermínio foi construído em Chelmo, uma pequena cidade há cerca de sessenta quilômetros de Łódź, na Polônia. Foi lá que os primeiros assassinatos de judeus em massa com gás ocorreram, dando início à *Solução final*.[46] O campo de Chelmo foi estabelecido em dezembro de 1941 e o seu primeiro comandante foi Herbert Lange. O campo consistia em duas partes: a seção de administração, barracas e armazenagem de mercadorias; e a parte de cremação e sepultamento. Era operada com três vans com gás, usando monóxido de carbono. O campo funcionou de 7 de dezembro de 1941 até cessar completamente em 17 de janeiro de 1945. O número estimado de vítimas é de 150.000 a 300.000 pessoas, principalmente judeus.

Após Chelmo, três outros campos de extermínio foram construídos em 1942 numa região florestal e de baixa densidade populacional na Polônia ocupada: Belzek, Sobibor e Treblinka, o maior e mais eficaz deles. A operação codinominada *Aktion Reinhard* foi então iniciada: o governo nazista da Alemanha passou a exterminar os judeus poloneses e tomar posse de seus bens.[47] Nesses campos, criados exclusivamente para matanças, nada foi preservado:

---

[46] A *Solução final* da questão judaica está referida ao plano nazista de genocídio sistemático contra a população judaica durante a Segunda Guerra Mundial. É considerada um dos aspectos mais hediondos da *Shoah*, resultado do pensamento nazista de que os judeus eram um problema na sociedade européia e por isto deveriam ser assassinados. Para maiores informações sobre o assunto, cf. Faingold, R., *O holocausto e a negação do holocausto*. Disponível em: http://www.reuvenfaingold.com/artigos/holocausto.pdf. Acesso em: 25 mar. 2009.

[47] Entre março de 1942 e outubro de 1943, quando terminou a *Aktion Reinhard*, cerca de 2.250 milhões de pessoas foram mortas nas câmaras de gás destes três campos (Sereny, 2007 [2000], p. 360). Do mais de um milhão de judeus que chegaram a Treblinka, apenas uns sessenta escaparam da morte, após uma rebelião em 02/08/1943 (*ibidem*, p. 361).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Os corpos foram incinerados em grelhas chamadas de 'torradeiras'; os ossos não consumidos pelo fogo eram moídos até que tudo que sobrasse fossem cinzas e um pó branco, os quais, misturados com a terra de tons claros da região, tornavam-se impossíveis de distinguir anos depois.
> (Sereny, 2007 [2000], p. 360-361)

Homens e mulheres que presenciaram acontecimentos como esses durante tempo prolongado poderiam esquecer quem orquestrou tais atos? Ou inconscientemente poderiam identificar alguém parecido com ele (como seja, a figura de "Ivan" [48], a personificação do que foi Treblinka, por exemplo), mas não ele próprio, como bode expiatório desse horror? A partir destas perguntas, Sereny relativiza a imparcialidade possível daqueles que sobreviveram à *Shoah* e foram, décadas após o acontecimento dos fatos, convocados a depor em julgamentos, que intentavam identificar e responsabilizar nazistas envolvidos no extermínio de milhares de pessoas. Como disse Pinhas Epstein, ao dar seu testemunho no tribunal: "Sonho com ele [Ivan] todas as noites" (Epstein *apud* Sereny, 2007 [2000] p. 362). Rapaz de 17 anos de idade quando chegou a Treblinka em 1942, viu toda sua família ser morta; ele, por outro lado, foi escolhido para trabalhar nas câmaras de gás, incinerando corpos. A repetição compulsiva em sonhos das cenas que o traumatizaram durante o tempo em que esteve em Treblinka pode ser entendida como uma tentativa de aplacar a angústia diante de algo tão "sem-forma", que ia além dos limites da compreensão humana.

A discussão acerca da legitimidade de depoimentos colhidos de sobreviventes traumatizados (tal como o de Epstein) é fundamental para os debates atuais em todo o mundo ocidental, inclusive na Grã-Bretanha. As recordações do julgamento suscitaram reservas no que diz respeito à reabertura de feridas antigas. Em contrapartida, era esperado que o julgamento "servisse como uma espécie de catarse" (Sereny, 2007 [2000], p. 373); através desses depoimentos, os "trabalhadores" dos campos de morte desafogariam suas culpas por terem feito tudo o que foi preciso para se manterem vivos. Neste sentido, o acontecido retorna de outra forma, mais reparatória, mesmo que ainda traumatizante.

Os sobreviventes da *Shoah*, escreve Hartman,

[48] John Demjanjuk, nascido Ivan Demjanjuk em 1920, foi acusado primeiramente em Cleveland, Ohio, em 1981, e depois em Israel, em 1987-1988, de ter sido o temido guarda ucraniano, conhecido como "Ivan, o terrível", do campo de extermínio de Treblinka. Sua condenação por crimes contra a humanidade foi posteriormente anulada em Israel (Sereny, 2007 [2000], p. 355).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> (...) lembram de fatos com uma clareza impressionante. Ao mesmo tempo, frequentemente se sentem como se nunca tivessem deixado o lugar no qual tantos morreram. Eles também parecem ter morrido durante aqueles anos terríveis, sendo agora fantasmas que se autoperseguem.
> (Hartmann, 2000 [1994], p. 214)

A pulsão de conservação, de autodefesa, o amor próprio, tudo parece haver desaparecido nos campos de extermínio. Após a libertação, muitos sobreviventes dizem não se reconhecer mais.

> Um dia pude levantar, depois de reunir todas as minhas forças. Queria me ver no espelho pendurado na parede em frente. Não via meu rosto desde o gueto. Do fundo do espelho, um cadáver me contemplava.
>
> Seu olhar nos meus olhos não me deixa mais.
> (Wiesel, 2006 [1958], p. 119)

As recordações das vítimas da *Shoah* são extremamente realistas, embora existam outros fatores que corroboram para a deformação ou para a obliteração de certos registros mnemônicos. Isto porque a recordação de uma experiência traumática dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a recalcar a recordação para não renovar o trauma; quem feriu expulsa a recordação até as camadas mais profundas do inconsciente para dela se livrar, atenuando a vergonha e a culpa que sente por ter agido daquela maneira e não de outra. Segundo diz Levi:

> Observou-se, por exemplo, que muitos sobreviventes de guerras ou de outras experiências complexas e traumáticas tendem a filtrar inconscientemente suas recordações: evocando-as entre eles mesmos ou narrando-as a terceiros, preferem deter-se nas tréguas, nos momentos de alívio, nos interlúdios grotescos, estranhos ou relaxados, esquivando-se dos episódios mais dolorosos. Estes últimos não são trazidos de bom grado do magma da memória e, por isto, tendem a enevoar-se com o tempo, a perder seus contornos.
> (Levi, 2004 [1990], p. 27)

Os “trabalhadores” judeus e não-judeus saem dos campos de extermínio com vergonha de terem sobrevivido. Embora a sobrevivência deles nada tenha a ver com a morte dos outros, se sentem culpados por terem tido melhor sorte. Eles buscam, através dos testemunhos, uma libertação desse passado e da literalidade dessas cenas traumáticas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2
A teoria ferencziana do trauma

Sándor Ferenczi (1873-1933), psicanalista contemporâneo de Sigmund Freud (1856-1939), produziu vários ensaios sobre a questão do trauma, principalmente a partir de 1929. Através desses textos, muito polêmicos no âmbito psicanalítico, Ferenczi saiu em defesa dos principais pressupostos da extinta *neurotica* freudiana.

Pode-se afirmar que a teoria ferencziana do trauma apresenta-se segundo dois enfoques distintos. Num primeiro, os traumas são estruturantes, necessários, inevitáveis ou filogenéticos. Os melhores exemplos de um trauma inevitável, bem como necessário à constituição subjetiva são a castração e o aprendizado das normas de higiene pela criança. Num segundo, por outro lado, as situações traumáticas colocam em risco todo o projeto identificatório do sujeito, por não serem metabolizadas e, assim, integradas ao psiquismo. Em outras palavras, numa leitura do Ferenczi tardio (1931, 1933), uma criança se desestrutura sempre que não consegue se reorganizar internamente após uma experiência traumática sedutora, sofrendo uma verdadeira mutilação no seu eu. Na teoria de Ferenczi, fatores externos que impõem mudanças no aparelho psíquico ganham relevo; em lugar dos fatores endógenos, é sobretudo o meio ambiente que perturba o aparelho psíquico, desorganizando-o (Pinheiro, 1995, p. 35). Coelho Jr. (2003, p. 87) ratifica essa idéia:

> No embate entre o primado da fantasia (que acaba por predominar na maior parte da teorização freudiana) e o primado da realidade, Ferenczi, entre outros psicanalistas mais próximos de Freud, é o que primeiro retorna à valorização da realidade externa na instalação do trauma psíquico. O primeiro texto que expõe claramente essas idéias é 'Princípio de relaxamento e neocatarse', lido no Congresso Psicanalítico de Oxford em 1929 e publicado no ano seguinte.

Na perspectiva de Ferenczi, o trauma depende de uma falha na relação entre o sujeito e o outro. Valorizando a alteridade na constituição do trauma, Ferenczi se mantém fiel ao que sua clínica lhe revelava: o trauma é fundamentalmente o resultado de uma ação de um outro sobre aquele que é traumatizado.

Uma primeira concepção do trauma como estruturante do sujeito encontra-se nos textos de Ferenczi das décadas de 1910 e 1920. Lembro que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

desde o trabalho *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, Ferenczi (1913) já apontava para a existência de uma relação originária traumática e sedutora com a mãe, considerada o primeiro objeto de amor para a criança. Nesses primeiros trabalhos a ênfase é colocada numa vertente positiva do trauma de sedução, enquanto organizador do psiquismo e, de certa forma, inevitável.

Segundo Ferenczi, as primeiras relações mãe-bebê são traumáticas para a criança na medida em que, através dos cuidados de higiene da mãe, a criança aprende que deve se submeter às leis impostas pelo meio ambiente, e isto numa época em que todo bebê ainda acredita que ser amado e se sentir o centro do mundo é seu estado natural (Ferenczi, 1913). Deste modo, a onipotência incondicional do recém-nascido se mostra insustentável e ele passa a reconhecer nele próprio além de sentimentos de prazer, também sentimentos de desprazer, que provocam mudanças no seu aparelho psíquico.

Durante a década de 1920 e especialmente em *As fantasias provocadas*, Ferenczi (1924) tenta explicar as interações existentes entre a sedução, as fantasias infantis precoces e os traumas sexuais infantis. Em sua opinião, a sedução dirigida às crianças e o medo ligado à situação traumática sexual são, até certa medida, inevitáveis e importantes para o enriquecimento fantasístico em geral. Para ele, a vivacidade da vida fantasística está diretamente ligada aos acontecimentos vividos na infância, qualificados como traumas sexuais infantis. Na ausência desses, o resultado pode ser a pobreza da vida fantasística:

> Os pacientes, em que fui levado a despertar e a solicitar artificialmente (...) a atividade de fantasia (...), pertenciam em boa parte a classes sociais ou a famílias onde os atos ou os gestos das crianças são controlados desde a mais tenra infância com uma severidade excessiva, (...) onde as crianças não têm nenhuma oportunidade de observar em seu meio e ainda menos de viver o que for de ordem sexual. São, de certo modo, crianças excessivamente bem educadas, cujas moções pulsionais não têm, em geral, ocasião de radicar-se na realidade. (Ferenczi, 1993 [1924], p. 247)

O autor considera que “certa quantidade de experiências sexuais (...) longe de prejudicar mais tarde a normalidade (...) antes a favoreceriam” (*ibidem*, p. 248).

Assim, ao explicitar as interações que entrevê entre fantasias sexuais infantis e experiências de sedução na infância, Ferenczi (1924) valoriza a vertente estruturante do trauma, já que uma certa quantidade de experiências sexuais vividas através da sedução sexual infantil funciona como “proteção

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

contra os caminhos anormais que o desenvolvimento é suscetível de adotar" (Ferenczi, 1993 [1924], p. 248). No entanto, o trauma de sedução não deve ser, segundo Ferenczi, vivenciado nem mais nem menos do que "um certo ponto ótimo" (*ibidem*, p. 237). A meu ver, Ferenczi assim assinala que para ele há um aspecto positivo do trauma e que, ao contrário do que poderia pensar, nem toda experiência sexual traumática adquire posteriormente um valor patológico para a criança.

Em contraponto a Ferenczi (1924) em *As fantasias provocadas*, Catherine Couvreur (2002) apresenta, em *Le trauma aujourd'hui et ses conséquences*, uma posição mais pessimista sobre o caráter positivo e protetor das experiências sexuais infantis, apontando para a vertente patológica do trauma. Nesta medida, Couvreur aproxima-se mais dos trabalhos de Ferenczi da década de 1930, especialmente do ensaio *Análises de crianças com adultos*, em que Ferenczi (1931), muito interessado nas questões relativas à técnica, afirma que um analista "não se deve declarar satisfeito com nenhuma análise que não tenha culminado na reprodução real dos processos traumáticos do recalcamento originário, no qual repousa em última instância a formação do caráter e dos sintomas" (*ibidem*, p. 73). É provavelmente neste sentido que Couvreur (2002, p. 693) sustenta que os traumas de sedução na infância contribuem não só para a formação do caráter – consoante com a vertente estruturante do trauma –, como também para a formação dos sintomas – segundo o viés patológico do trauma.

Como observa Couvreur, na década de 1930, Ferenczi passa a apresentar o trauma a partir de uma visada negativa. No trabalho *Análises de crianças com adultos* (1931), assim como em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933 [1932]), *Diário clínico/ Sándor Ferenczi* (1985 [1932]) e *Reflexões sobre o trauma* (1934 [1931-1932])[49], Ferenczi dá um valor patogênico ao trauma, ao abordar o tema da sedução sexual infantil de uma forma diferente da apresentada por ele em *As fantasias provocadas* (Ferenczi, 1924).

Considero que é principalmente nos anos 1930 que Ferenczi destaca a noção de trauma. É ainda nesta década que Ferenczi passa a entender o trauma como se constituindo em dois tempos. Não se trata da eficácia *a posteriori* do incidente traumático, como na perspectiva freudiana. No Ferenczi tardio, o

[49] *Reflexões sobre o trauma* é um artigo póstumo de Ferenczi, publicado em 1934. No entanto, ele reúne notas sobre o trauma, redigidas em datas diferentes e publicadas em meio a outras notas tomadas entre 1920 e 1932, sob o título *Notas e fragmentos* (cf. Ferenczi, 1992 [1934], p. 109). Decidi em meu trabalho mencionar o ano em que originalmente foram escritas as duas primeiras notas por mim utilizadas. Assim, ressalto que a primeira nota, *Da revisão de A interpretação dos sonhos,* foi redigida em 1931, enquanto a segunda, *Da psicologia da Comoção psíquica*, foi redigida em 1932.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

trauma resulta de um primeiro momento em que um evento precoce e real acontece – as atitudes sexuais sedutoras dos adultos frente às demandas de carinho e verdade das crianças – e, um outro, em que um *desmentido* ocorre no ambiente próximo à criança.

2.1
"Palavras enterradas vivas": o desmentido

> O que se passa no trauma é que o adulto interdita à criança não apenas as palavras, como também a possibilidade de ambiguidade, de múltiplos sentidos. São palavras destinadas a ficarem enclausuradas, desprovidas de polissemia, tornando-se representações proibidas de fantasmatização e, para retomar a expressão escolhida por N. Abraham e M. Török, são, de alguma forma, "palavras enterradas vivas". (Pinheiro, 1995, p. 76-77)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

A originalidade da teoria do trauma ferencziano está alicerçada justamente na idéia inovadora sobre o desmentido. O desmentido, fundamental para que haja um trauma, é entendido como a incompreensão, ou melhor, a negação por parte do adulto de que algo de fato aconteceu com a criança. Em outras palavras, o adulto vai ouvir o relato da criança como uma fantasia infantil e não um acontecimento real, desautorizando assim a fala da criança. Neste sentido, o desmentido adquire para a criança um contorno essencialmente traumático e desestruturante. Em contrapartida, a história contada pela criança é também traumática para o adulto, que, incapaz de absorvê-la, relega-a à condição de mentira ou de fantasia.

Pinheiro (1995) tece uma crítica importante à forma como o conceito de desmentido é apresentado em diferentes textos de Ferenczi. Para ela, Ferenczi se perde ao tentar justificá-lo, na medida em que coloca de um lado a verdade e de outro a mentira, atrelando-as respectivamente ao acontecimento factual e à fantasia infantil. Dessa forma, Ferenczi se equivoca ao desconhecer o pressuposto freudiano posterior a 1897 segundo o qual não cabe ao analista se preocupar com o que realmente ocorreu ou não, como se quisesse separar o joio do trigo. O que deve ser levado em conta é a realidade psíquica.

> (...) sabemos, e Ferenczi também o sabia, que a questão da realidade se perde ou tem valor relativo quando lidamos com o psiquismo. O que importa é a realidade psíquica. O registro psíquico é feito tanto de eventos reais quanto de fantasmados; os dois terão o mesmo valor psíquico. (...) Se não importa o fato ser real ou fantasiado, como pode o desmentido se manter de pé como fator essencialmente traumático?
> (Pinheiro, 1995, p. 74-45)

Para Ferenczi, o desmentido tem a força de uma *Verwerfung* se a violação da criança realmente houver ocorrido, embora tenha sido ouvida pelo adulto como uma ficção. O desmentido só tem valor traumático e desestruturante se o enunciado da criança for relegado ao registro da mentira absoluta, e o do adulto tomado como da verdade absoluta, pois, assim, só resta à criança engolir este enunciado de sentido unívoco e desprovido de ambiguidade (Pinheiro, 1995).

2.2
A sedução retomada

Ferenczi retoma, especialmente na década de 1930, a teoria da sedução da criança pelo adulto como causa da neurose. Nesses ensaios ferenczianos, são apresentadas as principais vertentes do trauma, enquanto estruturante e enquanto patológico.

Em *Princípio de relaxamento e neocatarse* (Ferenczi, 1930a), já existem apontamentos acerca da existência de atitudes incestuosas por parte de pais, que abusam sexualmente de seus filhos. Estas crianças, por sua vez, participam inocentemente de um jogo repleto de punições e ameaças graves, que lhes é imposto, os quais são incompreensíveis para elas. Para Ferenczi, as crianças reagem a um choque violento através de uma fuga da realidade, já que se sentem incapazes de pensar ou resistir em sua própria defesa.

> A primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira, ou seja, uma ruptura com a realidade, por um lado sob a forma de alucinação negativa (perda de consciência ou desmaio histérico, vertigem), por outro, com frequência, sob a forma de uma compensação alucinatória positiva imediata que dá uma ilusão de prazer. (Ferenczi, 1992b [1930a], p. 64-65)

Se tinham confiança em si e no mundo externo, após um trauma de sedução, as crianças se sentem incapazes de se adaptar à situação de desprazer; suas tentativas de defesa se revelam débeis e ineficazes. A confiança

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

que as crianças têm no mundo externo também é balizada pelo amor que elas esperam de seus pais e que não lhes é suficiente, na medida em que desejam gratificações edípicas que por princípio não podem receber, adoecendo por causa de desejos que não podem realizar. Neste sentido, tanto o desejo insatisfeito quanto a experiência traumática sedutora adquirem valor patogênico.

Em *Análises de crianças com adultos*, Ferenczi (1931) afirma que, ao se sentirem ameaçadas e com medo, as crianças procuram ajuda nas pessoas mais velhas que lhes inspiram confiança. Se não encontram apoio, elas perdem o prazer de viver e se auto-agridem. Desta forma, as experiências de sedução se tornam traumáticas e patológicas para as crianças, não somente pela situação violenta em si, como também pelo fato dos adultos – antes reconhecidos por elas como protetores – não as acolherem e nem acreditarem em suas histórias.

> O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, (...) ou até mesmo ser espancado e repreendido (...); é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (...) esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade. (Ferenczi, 1992b [1931], p. 79-80)

Para Ferenczi (1931), nas experiências sexuais de sedução, os adultos agem e reagem de maneira inadequada. Além disso, eles negam a verdade sobre os fatos ocorridos com as crianças, desmentem algo que faz parte da vivência real das crianças e, nesta medida, fracassam na tarefa de lhes oferecer proteção, o que torna a sedução inegavelmente traumática e patológica.

Comentando os postulados ferenczianos da década de 1930, Jurandir Freire Costa (1995) observa que, segundo Ferenczi, quando o adulto desmente a experiência sexual, o sentido do acontecimento fica congelado para a criança e só resta à criança se culpar, se auto-recriminar. Assim, “a ‘representação’ do agressor é ‘negativamente alucinada’, e o que devia ser acusação, revolta, transgressão, contestação ao outro etc. torna-se submissão e sintomas corporais” (Costa, 1995 *apud* Pinheiro, 1995, p. 14).

Para fortalecer meus argumentos de que se trata de uma concepção do trauma como desestruturante para o sujeito, apoio-me na observação de Costa (1995) de que o trauma, como produto do *desmentido* do adulto à paixão com que respondeu à demanda da criança por ternura, significa uma *introjeção impossível*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2.2.1
Introjeção: uma comunhão das bocas vazias

Existe um processo de diluição pelo qual a criança tenta atenuar a tonalidade penosa de aspirações insatisfeitas ou impossíveis de satisfazer (Ferenczi, 1988 [1909], p. 36). Esse processo de diluição possibilita à criança gradativamente incluir em sua esfera de interesses partes do mundo exterior, com vista a torná-lo objeto de fantasias conscientes e inconscientes. Assim, as produções fantasísticas resultam do processo de introjeção do mundo exterior no eu. Através deste novo processo pode-se estender ao mundo exterior o que antes eram mecanismos primitivos auto-eróticos.

No texto *O conceito de introjeção*, Ferenczi (1912) amplia o alcance do conceito de introjeção, quando afirma que ela é o processo que está no cerne da constituição do eu, organizando e estruturando o funcionamento psíquico do indivíduo.

> Descrevi a introjeção como a extensão, ao mundo exterior, do interesse, de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do eu. Insisti nesta 'introdução', para sublinhar que considero *todo amor objetal* (...) como uma extensão do eu ou *introjeção*, no indivíduo normal como no neurótico (...). (Ferenczi, 1988 [1912], p. 61)

Tomando as coisas desta maneira, o amor do homem só sabe recair sobre ele mesmo; gostar de um objeto significa adotá-lo como parte do próprio psiquismo. A introjeção permite investir no mundo exterior a libido de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do eu. Essa introdução de objetos em nosso eu é o mecanismo responsável por todo amor de objeto, inclusive pela transferência analítica, e possibilita uma ampliação e enriquecimento do eu. É um processo que está no cerne da constituição do psiquismo.

Inicialmente a criança não separa estímulos externos de processo psíquico, e experimenta suas próprias sensações e o mundo exterior a ela de uma forma indiferenciada. Em um segundo momento, passa a poder diferenciá-los, e gradativamente reconhece que há coisas que "permanecem a sua disposição e submetidas ao seu querer" (Ferenczi, 1988 [1909], p. 37) e outras rebeldes à sua vontade.

Quando a criança começa a ser capaz de excluir objetos de seu campo perceptivo, discriminando suas vivências subjetivas de uma percepção objetiva,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

ela efetua sua primeira operação projetiva, a projeção primitiva (Ferenczi, 1988 [1909], p. 37). Expulsar para o mundo exterior será, assim, mais um recurso disponível para lidar com os afetos e sensações desagradáveis oriundos do interior. Através da projeção primitiva, os afetos subjetivos se transformam em sensações objetivas.

Contudo, uma maior ou menor parte do mundo exterior não se deixa expulsar tão facilmente do eu e o desafia: "ama-me ou odeia-me, 'combata-me ou seja meu amigo' " (*ibidem*, p. 37). Ao se evidenciar como fonte necessária à sobrevivência da criança, o mundo exterior se impõe ao eu, que, através da introjeção, o absorve. Em busca de satisfação, o eu estende seu interesse ao mundo exterior, constituindo-se assim a primeira introjeção, a *introjeção primitiva* (*ibidem*, p. 37). A projeção primitiva e a introjeção primitiva são, portanto, formas de o recém-nascido organizar aquilo que se passa a sua volta. A introjeção implica, nas primeiras relações mãe-bebê, a internalização do Outro e o desejo deste na esfera do eu.

Nos trabalhos de Ferenczi de 1909 e 1912, o processo de introjeção é responsável pela constituição do aparelho psíquico, a partir da inscrição do binômio prazer/desprazer. Ferenczi orienta toda a sua obra a partir da idéia de que o psiquismo é concebido como capaz de introjetar; a introjeção é a própria forma de funcionamento do aparelho psíquico, aquilo que o psiquismo pode e sabe fazer (Pinheiro, 1995).

> (...) o adulto, mais cedo ou mais tarde, será compreendido pela criança como alguém *dotado de uma vontade própria*. A criança experimentará, num momento ou outro, o desprazer imposto por este objeto introjetado (o adulto) que não é completamente controlável (...). Quando a criança começa a não mais suportar o desprazer interno, ela deve se utilizar do processo de projeção. O adulto tem aí uma função estruturante. Pelo desarranjo que provoca, o processo de introjeção deixa de ser satisfatório. (Pinheiro, 1995, p. 38)

Também interessados em trabalhar o mecanismo de introjeção, Abraham e Török (1972) criticam veementemente autores psicanalistas que haviam perdido o sentido rigoroso e específico do conceito de introjeção introduzido por Ferenczi nos textos de 1909 e 1912. Segundo eles, a confusão chegou a tal ponto que se dá o nome de introjeção justamente a processos que se caracterizam pela própria impossibilidade de introjetar. Esses autores trazem, assim, importante contribuição para o esclarecimento metapsicológico do que ocorre na patologia traumática, quando uma identificação com o agressor constitui uma vicissitude que nada tem a ver com a introjeção.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Como a própria estrutura lexicológica do termo sustenta, *intro-jetar* é jogar no interior. Abraham e Török caracterizam essa noção ferencziana em três pontos – *extensão dos interesses auto-eróticos*, *alargamento do eu pela eliminação dos recalcamentos* e *inclusão do objeto no eu* (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 221) –, que não se restringem de forma alguma à posse do objeto por incorporação. Acrescentam, por outro lado, que:

> (...) a aspiração da introjeção não é da ordem da compensação, mas da ordem do crescimento: ela busca introduzir no eu, alargando-o e enriquecendo-o, a libido inconsciente, anônima ou recalcada. Além disso, não se trata de "introjetar" o objeto, (...) mas o conjunto das *pulsões* e de suas vicissitudes cujo objeto é o próprio contexto e o mediador.
> (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 222)

Para resolver esse problema de terminologia, Abraham e Török propõem chamar de incorporação a introjeção que não acontece, o que veio a facilitar a compreensão das diferenças entre a noção ferencziana de 1909/1912 e a mencionada posteriormente em *Confusão de língua – introjeção do agressor* –, como veremos mais adiante (Pinheiro, 1995, p. 52). A incorporação denuncia uma falta no lugar em que uma introjeção devia ter ocorrido. Não passa de uma fantasia que dá segurança ao eu, na medida em que perpetua um "prazer clandestino", tornando-o um "segredo intrapsíquico" (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 249). A incorporação aparece em substituição à introjeção impossível, ao mesmo tempo reflexiva – pois se volta sobre si mesma – e regressiva – pois o objeto que não pode ser metabolizado no eu permanece fixo, congelado, dentro do eu. O texto ferencziano subentende que a força-motriz da introjeção não é uma perda efetiva de um objeto amoroso, como a da incorporação.

> O trauma da perda objetal induz uma resposta: é a incorporação no eu. O objeto incorporado, ao qual o eu se identifica parcialmente, torna possível uma certa temporização enquanto que espera reequilibrar a economia, redistribuir os investimentos. (Abraham e Török, 1995 [1972], p. 220)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2.2.2
A identificação com o agressor

Anna Freud (1968 [1946]), no livro *O eu e os mecanismos de defesa*[50], aborda a identificação com o agressor como um mecanismo de defesa, aproximando-se das idéias ferenczianas. Complementa as formulações inacabadas de Ferenczi – posto que ele falece repentina e prematuramente –, sobre a introjeção do agressor e suas possíveis articulações com a teoria do trauma. Para Anna Freud, tal como para Ferenczi, a idéia de identificação com o agressor está sempre presente no trauma.

Em *O eu e os mecanismos de defesa*, Anna Freud afirma que uma criança introjeta características de um objeto que lhe causa angústia, como uma maneira de assimilar a experiência desprazerosa que acabou de sofrer. Neste sentido, o mecanismo de identificação, ou melhor, de introjeção, combina-se com um outro mecanismo de defesa – mecanismo de projeção –, na medida em que ao personificar o agressor – um pai que seduz sexualmente sua filha, por exemplo – a criança consegue sair da situação passiva em que se achava para uma situação ativa, transformando-se, pois, de pessoa ameaçada em pessoa que ameaça. Anna Freud (1946) insiste que, já em *Além do princípio do prazer*, Sigmund Freud (1920) demonstrava como uma criança transformava sua experiência em jogo, repetindo-a – por mais desagradável que fosse –, com o propósito de diminuir sua angústia. Em outras palavras, para Anna Freud, no jogo do *fort-da*, S. Freud depreendeu a importância da transformação do papel passivo em ativo – um jogo em que a criança repete ludicamente o desaparecimento e o aparecimento da mãe, enunciando vocábulos que representam seu afastamento e seu retorno, afastando e aproximando de si um carretel que a representa, como que tentando dominar sua angústia frente à ausência da mãe.

Para sustentar a hipótese de que a inversão de papéis de agredido e agressor tem por objetivo, entre outras coisas, dominar o sentimento de angústia, Anna Freud (1946) expõe alguns casos clínicos, como o de um rapaz que, por se identificar com a ira do professor, copiava sua expressão quando falava. Afirma que o rapaz tentava diminuir sua angústia através de caretas involuntárias, na medida em que assim assimilava o objeto temido, se

[50] Neste trabalho, como já foi dito anteriormente, optei por utilizar a tradução eu, isso e supereu no lugar de ego, id e superego. O título do livro de Anna Freud, tal como traduzido pela Biblioteca Universal Popular S.A., seria *O ego e os mecanismos de defesa*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

identificava com ele. Segundo Anna Freud, ao se identificar com a ira do professor, o rapaz deu um importante passo no sentido da instauração do supereu, pois, desta forma, internalizou a crítica e a agressividade de outras pessoas – o professor – ao seu comportamento. O mecanismo de defesa *identificação com o agressor* é um estágio importante para o desenvolvimento normal do supereu.

> Quando uma criança repete constantemente esse processo de internalização e introjeta as qualidades dos que são responsáveis pela sua criação, fazendo suas as características e opiniões dessas pessoas, está fornecendo o tempo todo material a partir do qual o supereu poderá adquirir forma. (Freud, 1968 [1946], p. 128)

As crianças neste estágio, contudo, ainda não reconhecem o supereu, já que a crítica internalizada não é imediatamente transformada em autocrítica. Com efeito, a crítica internalizada encontra-se dissociada da atividade repreensível da criança, dirigindo-se para o mundo externo. Através da projeção da culpa, o mecanismo de identificação com o agressor é sucedido por um novo processo de defesa, ou seja, "por um ataque ativo ao mundo exterior" (Freud, 1968 [1946], p. 128). Na leitura de Anna Freud, portanto, esse estágio de desenvolvimento do eu, representado pela identificação com o agressor, é uma fase preliminar de moralidade, posto que não existe autocrítica por parte da criança.

> Um eu que, com a ajuda do mecanismo de defesa da projeção, evolui nesse sentido, introjeta as autoridades a cuja crítica está exposto e incorpora-as no supereu. Está então apto a projetar seus impulsos proibidos para o exterior. A sua intolerância das outras pessoas é anterior à sua severidade para consigo mesmo. Aprende o que é considerado censurável mas protege-se, mediante esse mecanismo de defesa, da desagradável autocrítica. (Freud, 1968 [1946], p. 131)

Quando o supereu internaliza a crítica e a transforma em autocrítica, institui-se a moralidade. Deste modo, o supereu torna-se mais severo, enquanto que o eu precisa suportar tanto a autocrítica quanto o sentimento de culpa, que passam a ser incorporados ao aparelho psíquico da criança. Assim, a identificação com o agressor pode ser considerada uma forma de defesa do eu que, combinando os processos de introjeção e projeção, normaliza os esforços provenientes do aparelho psíquico da criança no que concerne à diminuição do sentimento de angústia. Neste sentido, a identificação com o agressor é traumática, mas não tem um valor patológico, ao contrário do que postulou Ferenczi, em seu trabalho de 1932. Anna Freud esclarece que este mecanismo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

de defesa pode eventualmente se tornar patológico ao ser transportado para situações da “vida de amor” (Freud, 1968 [1946], p. 132), bem como quando representa um estágio intermediário no desenvolvimento da paranóia.

2.2.3
Fragmentação e clivagem do eu

Em cinco pequenas notas, redigidas entre 1920 e 1932 e publicadas postumamente em 1934, com o título *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi descreve o trauma como um choque violento, “equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (Ferenczi, 1992b (1934 [1932]), p. 109). Segundo essa perspectiva e em conformidade com o que pensou Rank (1924) em *O traumatismo do nascimento*, cabe aos pais e, posteriormente, sempre que for o caso, aos analistas a tarefa de reconhecer – não desmentindo – o evento traumático, viabilizando, pois, as condições para a regressão necessária, ao gerar um ambiente propício para o acolhimento e a transformação do sofrimento (Coelho Jr., 2003, p. 84). Contudo, Ferenczi (1934 [1932]) ressalta que, ao contrário disso, o mais comum é os adultos agirem de outro modo, frente ao relato que lhes é contado.

> O *comportamento dos adultos em relação à criança* que sofreu o traumatismo faz parte do modo de ação psíquica do trauma. Eles dão, em geral, e num elevado grau, prova de *incompreensão* aparente. A criança é *punida*, o que, entre outras coisas, age também sobre a criança pela enorme injustiça que representa. A expressão húngara que serve para as crianças, ‘*katonadolog’* (a sorte do soldado) exige da criança um grau de heroísmo de que ela ainda não é capaz. Ou então os adultos reagem com um *silêncio de morte* que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja.
> (Ferenczi, 1992b (1934 [1932]), p. 111)

À primeira vista, a história contada por Ferenczi em seus textos dos anos 1930 é simples: primeiro, um adulto seduz sexualmente uma criança. Depois, num segundo momento, a criança, buscando entender o que lhe aconteceu, narra o evento a um outro adulto, que a desmente. Através desse enredo, em *Confusão de língua* Ferenczi (1933 [1932]) valoriza a importância do trauma no surgimento das neuroses – fator traumático que, segundo ele, é sexual.

No segundo momento, quando a sedução é negada pelos adultos – tanto por aquele que seduziu a criança quanto pelo outro que interpretou a sedução

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

como falsa, ou seja, como uma fantasia infantil –, o trauma resulta numa cisão do eu da criança. Em outras palavras, depois da intensidade insuportável do vivido ocorre a desqualificação do que foi vivido. É assim que Ferenczi (1933 [1932]) constrói seu conceito de *introjeção do agressor*. O sentimento de culpa que o pai ou a mãe deveriam sentir é introjetado pela criança, que assume a responsabilidade pela experiência sexual – responsabilidade que a princípio não é dela, mas do agente sedutor –, sentindo-se invadida nas defesas de seu eu.

Em *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi (1934 [1932]) relata o sonho de uma paciente, com o objetivo de reconstruir as experiências sexuais traumáticas que aconteceram quando ela ainda era uma criança e, por outra parte, a meu ver esclarece sobre suas idéias acerca da repetição traumático-neurótica.

> Uma pequena carroça é puxada por uma longa fila de cavalos para transpor o pico de uma montanha, sem o menor esforço, por assim dizer. À direita e à esquerda, o precipício; os cavalos avançam a um certo ritmo. Não existe qualquer relação entre o vigor dos cavalos e a facilidade infantil da tarefa. Sentimento de prazer intenso. Brusca mudança de cena: uma jovem (uma menina?) está deitada no fundo de uma canoa, quase morta, muito pálida, um homem gigantesco debruçado sobre ela, esmagando-lhe o rosto. Na canoa, por trás deles, está um segundo homem em pé, um senhor que ela conhece pessoalmente, e a menina tem vergonha de que esse homem seja testemunha do evento. A canoa está cercada de picos montanhosos extremamente altos e abruptos, de modo que ela não pode ser vista de nenhuma parte, exceto de um aeroplano que voa a uma distância incomensurável.
> (Ferenczi, 1992b [1934 [1932]], p. 114)

A primeira parte do sonho corresponde, segundo Ferenczi, a um sonho de realização de desejo da paciente, já que ela fantasia ser uma criança que mantém uma relação sexual incestuosa com o pai, o que lhes dá muito prazer: “ambos se divertem muito” (*ibidem*, p. 115). No sonho, o vigor do cavalo representa o pai, enquanto a facilidade infantil da tarefa remete à criança. Já a segunda parte do mesmo sonho é, para Ferenczi, a reprodução de uma experiência sexual infantil, na qual uma criança é seduzida por um homem, enquanto um segundo homem – provavelmente o pai da menina – testemunha o evento sem fazer nada para protegê-la. A experiência traumática de sedução, que deve ter acontecido em segredo, é transposta para a imagem onírica “ela não pode ser vista de nenhuma parte” (*ibidem*, p. 114).

Na opinião de Ferenczi (1934 [1932]), os detalhes desse sonho são representações de uma experiência sexual traumáticas demais para serem lembradas no estado vígil, sendo reproduzidas em sonho. Ferenczi sustenta que a forma e o conteúdo dos sonhos são tentativas de resolução de acontecimentos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

traumáticos, já que há uma diminuição da censura e do sentido crítico, assim como uma predominância do princípio do prazer. Desta forma, Ferenczi afirma que o mecanismo do sonho tem duas funções distintas, a saber, a função de realização de desejo – tal como Freud a descreve em sua obra de 1900, *A interpretação de sonhos* –, e sua função traumatolítica – ou seja, durante o estado de sono, as pessoas tendem a repetir, em sonhos, situações traumáticas não resolvidas e que aspiram por uma resolução.

> (...) torna-se cada vez mais evidente que aquilo que chamamos os restos diurnos (e podemos acrescentar: os restos da vida) são, de fato, sintomas de repetição de traumas; (...) a tendência à repetição na neurose traumática também tem uma função intrinsecamente útil: ela vai conduzir o trauma a uma resolução, se possível, definitiva (...).
> (Ferenczi, 1992b [1934 [1932]], p. 112)

Na opinião de Ferenczi (1933 [1932]), a criança pode tornar-se como um adulto, após a experiência traumática de sedução. Essa maturidade adquirida às pressas se deve às tentativas da criança de superar o sofrimento decorrente da agressão.

> A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar (...) de *progressão traumática* (patológica) ou de prematuração (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado.
> (Ferenczi, 1992b [1933 [1932]], p. 104)

Mas essa é uma das figuras que pode assumir a fragmentação do eu, a do bebê sábio. A clivagem do eu é a resposta ao trauma, seja lá que forma assuma: “o agredido, cujas forças são vencidas, abandona-se de certo modo ao seu destino inelutável e retira-se para fora de si mesmo, a fim de observar o evento traumático de uma longa distância” (Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 19).

Digamos que o eu está diretamente envolvido no trauma, e que é o campo em que se busca soluções ou arranjos defensivos para os danos sofridos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2.2.4
Confissões do *Diário*

Um ano antes de escrever *Confusão de língua*, Ferenczi (1931) começa a confiar ao papel suas idéias a respeito do trauma psíquico, aproximando diferentes situações, tais como aquelas em que uma criança é traumatizada pela hipocrisia dos adultos, aquelas em que um doente mental se vê traumatizado pela própria sociedade ou, então, aquelas em que um paciente tem seus traumas antigos reanimados pela rigidez técnica do analista. No tocante à questão da "hipocrisia profissional" (Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 19), ressalto que Ferenczi acreditava piamente que este era um ponto técnico que se mostrava intimamente ligado ao problema do trauma, o que o motivou a investir numa proposta como a da *análise mútua*[51]. O repúdio dos sentimentos contratransferenciais desconfortáveis a que os analistas se permitiam deviam ser considerados como práticas traumáticas infligidas aos pacientes, por reavivarem traumas antigos que, por princípio, caberia à análise curar. Se o analista não reconhece o impacto do trauma no próprio espaço transferencial, estará ele repetindo o trauma original.

Por suas idéias inovadoras no que concerne à prática analítica e à técnica, Ferenczi passou a ser conhecido pelos próprios colegas de profissão como o analista de casos difíceis, recebendo em seu consultório psicóticos, casos-limites e grandes somatizadores, clientes que ninguém queria atender. O *enfant terrible* da psicanálise interessou-se pela teoria do espaço analítico e do lugar do analista no tratamento. Para dar conta de uma clínica em que se destacava a desestruturação psíquica, trabalhou vivamente sua teoria do trauma. Para ratificar meu raciocínio sobre o assunto, faço minhas as palavras de Pinheiro:

> A resposta para esses pacientes difíceis Ferenczi foi encontrar na sua teoria do trauma, trauma desestruturante e, portanto, patológico.
>
> Ferenczi questionou esse corpo teórico com o próprio instrumental psicanalítico, tentou desvendar seus enigmas, vislumbrou questões avançadas para uma época em que os recursos técnicos disponíveis para solucioná-las eram escassos. (Pinheiro, 1995, p. 121)

Das anotações a que me referi há pouco, Ferenczi publica um outro trabalho, em 1932: o *Diário Clínico/ Sándor Ferenczi*. Nele, liga o trauma à

[51] Não me alongarei neste trabalho acerca da idéia ferencziana sobre *análise mútua*, que é extensamente trabalhada no *Diário Clínico / Sándor Ferenczi* (1985 [1932]).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

clivagem do eu: “o agredido, cujas forças são vencidas, abandona-se de certo modo ao seu destino inelutável e retira-se para fora de si mesmo, a fim de observar o evento traumático de uma longa distância” (Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 19).

Ferenczi defende a realidade do trauma, dedicando-se a elaborar, no *Diário*, uma teoria do trauma, de seus efeitos e de seu tratamento. São idéias originais, de natureza a instigar reflexões aos psicanalistas interessados, desde o momento em que, sensibilizado com os problemas que se desenrolam nos neuróticos em momentos de perigo de morte, biológica ou psíquica, Ferenczi propõe que se reavive a teoria do trauma, aparentemente descartada por Freud, após 1897. Assim, quer se aceite ou não a verdade dos traumas sexuais infantis, esse é um debate válido e importante.

Alinhando-se à minha opinião, Masson (1984) acredita que as novas observações de Ferenczi sobre o trauma marcam uma mudança nos rumos da psicanálise nos anos 1930, na medida em que demonstram aos círculos psicanalíticos como a psicanálise se desenvolveria caso Freud não tivesse abandonado a *neurotica* em 1897. Masson (1984) comenta que Ferenczi se arriscou inclusive a perder sua posição frente à comunidade psicanalítica para defender suas postulações sobre os casos de traumas de sedução a que tantas mulheres haviam sido submetidas na infância.

No *Diário Clínico*, podem ser encontrados os depoimentos das crises de relacionamento de Ferenczi com Freud, na década de 1930. Em todas as análises registradas nele, a recorrência de relatos de experiências sexuais traumáticas por pacientes de Ferenczi é o assunto que mais se destaca.

Os constantes atrasos na publicação dos textos escritos por Ferenczi depois de 1929 mostram as resistências de psicanalistas influentes à divulgação das idéias ferenczianas sobre os traumas de sedução, mesmo após a morte dele em 1933. Jones, por exemplo, na época em que era editor da *International Psychoanalytical Library*, quis excluir das edições inglesas todos os textos de Ferenczi entre 1929 e 1933, e, em 1957, publicou o volume III da biografia de Freud, que contém críticas depreciativas a Ferenczi. Tantas resistências contribuíram para que o *Diário* continuasse conhecido somente por um círculo muito restrito de psicanalistas[52]. Após a morte de Ferenczi, a própria Sra. Ferenczi foi aconselhada pelo casal de psicanalistas Alice e Michel Balint a

[52] Chamo a atenção para o fato de que, apesar de ter sido redigido por Ferenczi entre janeiro e outubro de 1932, o *Diário* só foi publicado em 1985.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

aguardar que as repercussões imediatas das desavenças entre Freud e Ferenczi se atenuassem. Sobre o assunto, Balint comenta no prefácio do *Diário Clínico*:

> (...) realmente não era um clima favorável à publicação do *Diário*, com suas numerosas idéias originais, de natureza a instigar a reflexão, com seus erros e seus exageros, suas intuições profundas, mas frequentemente inquietantes.
> (Balint, 1969, p. 3 *apud* Ferenczi, 1990 [1985 [1932]])

Também por suas inovações técnicas, que eram no mínimo ousadas para a época – como a proposta ferencziana da análise mútua, por exemplo –, no final de sua vida Ferenczi foi considerado psicótico. Suas posições teóricas sobre a recorrência das experiências sexuais traumáticas e suas implicações foram questionadas, o que justificou as resistências às publicações dos trabalhos posteriores a 1929.

Pelos mesmos motivos, foi necessário ainda mais tempo para que a *Correspondência* Freud-Ferenczi fosse publicada pela primeira vez. Nela existem algumas cartas que marcam as discordâncias entre os dois autores sobre a *neurotica*.

> É inegável que nos últimos anos você se isolou de novo, coisa que havia superado tão brilhantemente quando era o líder e o mestre de Budapeste. (...) você deve deixar a ilha de sonho na qual está vivendo com os seus filhos de fantasia, e de novo tomar parte na luta dos homens. (Carta Freud-Ferenczi de 12/05/1932 *apud* Masson, 1984, p. 158)

> A solicitação de que você não publicasse o ensaio antes de um ano foi feita em primeiro lugar no seu interesse. Não queria abandonar a esperança de que você viria a reconhecer em trabalhos posteriores a inexatidão técnica de suas conclusões. (...) Não acredito mais que você irá se corrigir, como me corrigi há uma geração. (Carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932 *apud* Masson, 1984, p. 162)

Entretanto, há registros nesta *Correspondência* Freud-Ferenczi sobre o trauma que são bem ilustrativos. Reproduzo parte de uma dessas cartas, em que existe a primeira menção a proposições que Ferenczi aborda no *Diário*:

> Em todos os casos onde penetrei em profundidade suficiente, encontrei as bases traumáticas histéricas da doença. (...)
> A opinião crítica, que durante esse tempo foi-se criando em mim, é que a psicanálise pratica de um modo excessivamente unilateral análises de neuroses obsessivas e de caráter, isto é, uma psicologia do Ego, negligenciando a base orgânico-histérica da análise; a causa disso reside na superestimação da fantasia e na subestimação da realidade traumática na patogênese. (Carta Ferenczi-Freud de 25/12/1929 *apud* Ferenczi, 1990 [1985 [1932]], p. 12)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2.3
O estranho do trauma

A imagem das consequências do trauma para uma criança é importante, na medida em que coloca o problema de um estranho que é ao mesmo tempo familiar, isto é, do *Unheimlich* (referindo-me a Freud, em 1919b), como expressão decisiva do trauma. Através de uma concepção traumática da constituição da subjetividade, Ferenczi valoriza a existência de falhas na relação entre as pessoas, reconhecendo que atitudes amorosas de adultos para com crianças são simultaneamente traumatizantes, já que muitas vezes essas crianças não se encontram psíquica nem somaticamente preparadas para responder aos estímulos nelas despertados, não se situando com clareza nas cenas de sedução.

Sobre isso, Coelho Jr. (2003) afirma que não há como se dissociar o que seria previamente atitude familiar amorosa reconhecível, que protege e acolhe, de uma atitude traumatizante, que violenta e fragmenta o psiquismo da criança: "Será que há algo mais traumático do que essa justaposição indissolúvel do estranho e do familiar, do absoluto terror com aquilo que sempre representou o absoluto aconchego e acolhimento familiar?" (Coelho Jr., 2003, p. 80).

Acompanhando esse raciocínio, a experiência traumática, simultaneamente familiar e estranha, exige a presença de duas pessoas pelo menos – cujo protótipo é um adulto e uma criança –, que geram, através de sua relação, sensações inaugurais de familiaridade e de estranheza. Fica então como questão se, numa perspectiva como a de Ferenczi, a situação traumática inicial é "provocada por uma separação da figura e do ambiente protetor ou provocada pelo impacto de uma realidade nova, não passível de ser assimilada plenamente" (*ibidem*, p. 81). Em sua opinião, a simultaneidade do familiar e do estranho no trauma produz um excesso emocional que não é assimilável pelo aparelho psíquico.

> (...) reconheço a situação como humana e pertencente ao meu mundo, mas (...) me vejo despossuído dos recursos que permitiriam uma plena assimilação e metabolização do que vivi. É mais do que uma impossibilidade de simbolização, de uma assimilação através da inclusão representacional da experiência em meu mundo mental. Não há possibilidade de assimilar na carne, porque justamente não me assemelho plenamente ao vivido e por isso não tenho como assimilá-lo. Mas mantém-se como traumático, por outro lado, porque em algo do vivido reconheço uma parte que também sou eu, algo em alguma medida familiar. (Coelho Jr., 2003, p. 76)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Uma discussão mais aprofundada sobre as possíveis ligações entre o trauma e a simultaneidade do familiar e do estranho, em Coelho Jr. (2003), requer uma retomada da palavra alemã *Unheimlich*, tal como Freud (1919b) a apresentou em *O estranho*. Nesse texto, Freud sustenta que o *Unheimlich* tem relação com o que é assustador, embora remeta também ao que é conhecido há muito tempo como familiar. Sobre o assunto, complementa:

> A palavra alemã '*Unheimlich*' é obviamente o oposto de '*Hiemlich*' ['doméstico'], '*Heimisch'* ['nativo'] – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é 'estranho' é assustador precisamente porque '*não'* é conhecido e familiar. (...) contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem que ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho.
> (Freud, 1976 [1919b], p. 277)

Na leitura freudiana, a palavra *Heimlich* exibe uma conotação que se aproxima ao seu oposto, *Unheimlich*, na medida em que *Heimlich* também significa aquilo que é oculto e perigoso, sendo inacessível ao conhecimento (*ibidem*, p. 282-283). Em outras palavras, "*Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *Heimlich*" (*ibidem*, p. 283). Apoiando-se nisso, Freud sustenta que o estranho provém de algo familiar que foi recalcado e que, por um motivo ou por outro, retorna.[53] Nesse caso, o prefixo '*Un'* sinaliza o recalque.

Sobre a idéia de que o estranho pode estar referido a uma alienação que ocorre em consequência de um processo de recalque, Freud (1919b) ressalta:[54]

> (...) o uso linguístico estendeu *das Heimliche* (...) para o seu oposto, *das Unheimliche*; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do recalque. Essa referência ao fator do recalque permite-nos (...) compreender a definição de Schelling [*ibidem*, p. 281] do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz. (Freud, 1976 [1919b], p. 301)

O trauma psíquico pode estar, portanto, ligado a um sentimento ambivalente de estranheza e familiaridade, tal como Freud (1919b) e, bem mais recentemente, Coelho Jr. (2003) propuseram.

---

[53] Entretanto, numa perspectiva freudiana (1919b), nem tudo o que evoca desejos recalcados e modos superados de pensamento é por causa disso estranho.

[54] Neste estudo, preferi substituir a palavra *repressão*, tal como traduzida pela Imago Editora, por *recalque*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

2.4
Novas bases do trauma: a teoria da sedução generalizada

Até aqui a fecundidade da idéia do trauma foi abordada, num primeiro momento, em Freud, para depois ser retomada em Ferenczi, reforçando as concepções presentes na obra freudiana e desenvolvendo o papel traumático do desmentido em Ferenczi. Agora, apresentarei, em linhas gerais, a abordagem de Laplanche sobre a questão do trauma, com seus novos fundamentos para uma teoria da sedução generalizada.

Laplanche (1987) inicia sua pesquisa sobre trauma a partir das elaborações de Freud (até 1897) sobre trauma e sedução, assim como através dos ensaios de Ferenczi escritos após 1928. Partindo da *teoria da sedução restrita* (no caso, a *neurotica* freudiana) para dessa forma introduzir uma nova teoria, a *teoria da sedução generalizada*, Laplanche propõe uma nova concepção de trauma, que perde o caráter de abuso sexual, desorganizador e patológico, passando a ter um outro valor bem mais amplo, enquanto necessário, estruturante, não intencional, fundamental e originário na constituição psíquica do sujeito.

Retomando o trauma de sedução presente nos primeiros trabalhos freudianos (até 1897), Laplanche (1987, 1988c)[55] define a *sedução restrita* e a *sedução generalizada*. Para tanto, o autor irá retomar quatro características essenciais da teoria da sedução restrita, abandonada por Freud em 1897 – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução*, *a sedução infantil*, *a passividade essencial da criança* e *o encadeamento das cenas*.

A primeira característica da *teoria da sedução restrita – o adulto enquanto agente obrigatório da sedução* – surgiu a partir da releitura das anamneses dos pacientes de Freud, já que nelas, mesmo que uma criança fosse posteriormente seduzida por uma criança mais velha, o primeiro trauma de sedução sempre acontecia com um adulto. Laplanche (1988c) relembra a existência do caráter perverso do pai da histérica, na teoria freudiana da década de 1890. O adulto molestador não era qualquer um; era alguém conhecido da criança, assim como um pai – um pai que apresentava, no entanto, características perversas e agia de maneira incestuosa em relação à criança. O adulto molestador era visto por

[55] Provavelmente, nem todos os ensaios do livro *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (Laplanche, 1988) aqui utilizados foram escritos e publicados em 1988. Contudo, já que a Editora Artes Médicas não incluiu as datas originais nos artigos, decidi fazer referências aos textos, ao longo do trabalho, como se todos tivessem sido editados pela primeira vez no ano de 1988.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Freud, até o abandono da *neurotica*, como um desviante quanto ao objeto e quanto à finalidade.

> O adulto incriminado por Freud (...) certamente não era qualquer um. Era um adulto 'perverso' e isto no duplo sentido que vai ser estabelecido, mais tarde, nos *Três ensaios*: desvio quanto ao objeto, pois que é um pedófilo, até mesmo incestuoso, desvio quanto ao fim, pois 'não se pode esperar de pessoas que não têm nenhum escrúpulo em satisfazer suas necessidades sexuais através de crianças que se preocupem com sutilezas na maneira de obter esta satisfação'.
> (Laplanche, 1988c, p. 109-110)

Laplanche marca a presença de um "caráter 'grotesco', 'repugnante', 'impróprio' e 'trágico' das relações sexuais num 'par desigualmente reunido'" (Laplanche, 1988 [1987], p. 114), ao resgatar o pensamento freudiano a respeito do caráter perverso do agente da sedução. As cenas descritas por Freud são traumáticas, na medida em que denotam agressão, irrupção, intrusão e violência (*ibidem,* p. 116).

A *sedução restrita* – ou, como também Laplanche (1988c) chama, a *sedução infantil* –, por sua vez, é concretizada, segundo o autor, em cenas de sedução que podem ser reencontradas, rememoradas, reconstruídas através da análise. Laplanche afirma que, nessas cenas, a criança se apresenta de forma imatura, não compreendendo o que lhe acontece; ela ainda está despreparada – em níveis somático, afetivo, psíquico e intelectual – para as experiências de sedução e, sobretudo, para o confronto com a sexualidade adulta.

Num primeiro tempo, a criança se situa numa etapa anterior à irrupção da sexualidade, numa etapa pré-sexual[56]; só depois, já na puberdade, a criança pode vir a resignificar o que lhe aconteceu numa experiência sexual prematura. Assim, tal como em Freud, para Laplanche a experiência sedutora só se torna traumática mais tarde, ao tomar a significação sexual. Após a puberdade, a experiência sexual desenvolve, como lembrança, uma ação patogênica.

> A imaturidade, a 'impotência sexual inerente às crianças' é assim avaliada por Freud em relação a uma espécie de escala de desenvolvimento, comportando etapas, níveis: nível de reação somática, nível de ressonância afetiva, nível de compreensão psíquica, tudo isto fazendo apenas um: é na sua totalidade psicossomático-afetiva que a criança pode ou não integrar adequadamente o que lhe acontece.
> (Laplanche, 1988c, p. 109)

[56] Coutinho (1994, p. 81) lembra que "pré-sexual é tomado por Freud num duplo sentido: absoluto, isto é, antes da irrupção da sexualidade; e relativo, ou melhor, numa etapa anterior da sexualidade infantil".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Por causa de seu despreparo, a criança assume uma posição passiva frente às insinuações e iniciativas sexuais do adulto. Sentimentos de angústia e aflição não permitem que a criança aja, portanto, de maneira ativa em relação à cena, que adquire, assim, contornos de agressão, que irrompe no eu da criança, ameaçando-o de transbordamento e, sobretudo, de aniquilamento.

No que diz respeito ao terceiro elemento da teoria da *sedução restrita*, isto é, *a passividade essencial da criança*, Laplanche sugere que a passividade que se percebe numa situação de abuso sexual não tem relação com uma passividade comportamental ou gestual, mas está ligada à questão da inadequação da criança para compreender, isto é, simbolizar a mensagem que lhe é proposta. Assim, a criança que assiste à cena originária – observação do coito parental, no caso do *Homem dos lobos* – é tão passiva quanto aquela que é sexualmente seduzida pelos adultos.

A outra característica essencial da teoria da *sedução restrita – o encadeamento de cenas* – está ligada às relações existentes entre vários acontecimentos, ou melhor, entre várias cenas traumáticas de sedução, que se encontram articuladas ponto a ponto, através de princípios complexos, tais como contiguidade, semelhança e diferença, já que as cenas simbolizam-se umas às outras. Deste modo, uma cena remete a uma segunda, mais antiga que a primeira, que, por sua vez, remete a uma terceira e assim sucessivamente. Laplanche afirma que a busca freudiana por uma cena originária – a cena primordial – configurou-se como um dos pontos vulneráveis da *neurotica*, contribuindo para o abandono da teoria em 1897.

Assim, a *sedução restrita* ou *sedução infantil*, que coincide com a concepção de Freud antes do abandono da *neurotica* em 1897, pode ser definida como constando de cenas reais ocorridas na infância e vivenciadas por uma criança, ainda imatura e indefesa, de forma passiva. O adulto do qual muitas vezes essa criança abusada depende age, pois, de maneira violenta e intrusiva. Essas cenas reais traumatizantes, que despertam uma quantidade de excitação exacerbada e incontornável, poderão ou não ser encontradas, reconstruídas, recordadas graças ao método analítico ou através de sugestões hipnóticas.

A *sedução restrita* se desenvolve para Laplanche (1988c) em três aspectos complementares – *temporal*, *tópico* e *tradutivo* –, que se aplicam ao que ele denomina de *sedução infantil*, *sedução precoce* e *sedução originária*. Para ele, o termo *sedução infantil* está referido a um primeiro Freud, com sua teoria da *neurotica*, em que o agente sedutor é descrito como *o pai da histérica*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

(Laplanche, 1988 [1987], p. 115). A *sedução precoce*, por outro lado, refere-se a um período de quase 70 anos, entre 1897 e 1964/67, em que ocorre uma espécie de silenciamento e até, em certa medida, de censura no que concerne às questões relativas ao pensamento freudiano, segundo Laplanche (1988 [1987], p. 122-123).

> Se consultarmos o *Índice dos Escritos Psicanalíticos* de Grinstein, que cobre exatamente este período, até 1969, somos remetidos, pela 'palavra-chave': 'Sedução', em tudo e para tudo para quatro artigos de autores ilustremente desconhecimentos e publicados nas revistas não-psicanalíticas. Um deles, que seria interessante reaver, intitula-se *'A teoria da sedução' de Freud: uma reconstrução*, e apareceu num jornal pelo menos especializado: o *Journal d'Histoire des Sciences du Comportement.* Os outros, segundo os títulos, podem considerar-se como pura curiosidade psicopatológica, porque levantam questões muito particulares como a sedução das crianças pelos familiares, ou a influência da sedução na criminalidade. (Laplanche, 1988 [1987], p. 123)

Contudo, se Laplanche afirma no capítulo *Fundamentos: para a teoria da sedução generalizada* que a sedução como teoria experimenta em Freud um período de *recalcamento* teórico, por outro lado, paradoxalmente Laplanche também sustenta que, no início dos anos 1900, o pai perverso, antes o personagem mais importante da *sedução infantil*, cede seu lugar para a mãe, passando a ser a sedutora por excelência, essencialmente na relação pré-edipiana, no que Laplanche chama de *sedução precoce* (*ibidem,* p. 126).

Finalmente, o postulado laplancheano da *sedução originária*, que surge somente após 1964/67, veicula tanto uma idéia de que existem *significantes enigmáticos*, cuja origem é inconsciente, quanto a idéia de que estão incluídas na sedução originária situações que em nada dependem de um atentado sexual paterno ou da sedução precoce pela mãe. Nas palavras de Laplanche: "Os cuidados 'naturais' ou o atentado 'paternal' só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático" (*ibidem,* p. 134).

O *aspecto temporal* da *sedução infantil*, segundo Laplanche (1988c), corresponde ao *a posteriori,* que acompanha a concepção do trauma em dois tempos. Há um primeiro tempo, em que a lembrança não é patológica, nem traumatizante. Por outro lado, há ainda um segundo tempo, em que uma nova cena se associa à lembrança da primeira cena, que se torna autotraumática. Se o primeiro tempo do trauma é que dá sustento ao segundo, já o segundo tempo do trauma é que resignifica o primeiro. Em outras palavras, é a própria lembrança, e não a segunda cena, que é autotraumatizante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

A teoria em dois tempos mostra que todo trauma só adquire contornos patogênicos, na visada de Laplanche (1988 [1987]), porque a ação em si se torna autotraumática. Para esse autor, o verdadeiro trauma então é um autotrauma que o sujeito se inflige por rememoração, já que a própria lembrança da primeira cena funciona como fonte de energia libidinal interna autotraumatizante.

> Deixada à espera, a recordação não é em si mesma patógena nem traumatizante. Só lhe advém com sua revivescência, por ocasião de uma segunda cena que encontra ressonância associativa com a primeira. Mas, quanto às novas possibilidades de reação do sujeito, *é a própria recordação, e não a nova cena*, que vai funcionar como fonte de energia autotraumatizante. De tal maneira esta teoria de dois tempos mostra que *todo o traumatismo não tem ação patógena, mas que se torna autotraumático*. (Laplanche, 1988 [1987], p. 118)

Desse modo, o tempo do autotraumatismo não tem a sua saída numa elaboração normal, mas numa defesa patológica e isto por razões que derivam do *aspecto tópico* da teoria (*ibidem*, p. 118). Neste sentido, só então no segundo tempo do trauma é que o sujeito pode compreender o que se passa com ele, assim como implementar o recalque.

O *aspecto tópico* da *teoria da sedução infantil* – enquanto um conflito entre o eu e o outro – deriva, num primeiro tempo, de uma verdadeira estratégia de ataque externo vindo do adulto (*ibidem*, p. 118-119). O eu não consegue ainda organizar suas defesas para dessa forma enfrentar o evento que se torna, por causa disso, traumatogênico. Já num segundo tempo, o *aspecto tópico* da teoria da sedução infantil é marcado pelo ataque interno de objetos[57], ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o eu da criança, que não os consegue simbolizar (*ibidem,* p. 106 e p. 119).

> A tópica é aqui terreno para uma verdadeira estratégia, no sentido guerreiro do termo, com movimentos de ataque e de contra-ataque. (...) na altura do primeiro ataque, o ataque externo vindo do adulto, a primeira cena sexual, [o indivíduo] não tem meios de defesa adequada, (...) e quando muito pode bloquear o inimigo no terreno, enquistar a recordação, mas não recalcá-la. Num segundo tempo, (...) tem perfeitamente meios para (...) compreender o que se passa, mas encontra-se voltado para uma verdadeira guerra estratégica, agredido na face desarmada, isto é, interiormente, atacado por uma recordação e não por um acontecimento. Evidentemente, entre ambos há que fazer intervir (...) o aparecimento do eu.
> (Laplanche, 1988 [1987], p. 119)

[57] Estes objetos a que nos referimos aqui correspondem, para Laplanche após 1964/67, aos *significantes enigmáticos*, na sedução originária.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

No artigo *Sedução generalizada e primazia do sexual*, ao comentar o *aspecto tópico* da *sedução infantil* concebido por Laplanche, Paulo de Carvalho Ribeiro (1996) ressalta que a idéia de contra-ataque defensivo por parte da criança – um ataque interno desencadeado por alguma recordação autotraumatizante – cedeu espaço para a fantasia, "subtraindo assim ao inconsciente seu lastro de realidade advinda da mensagem do outro e terminando por encontrar (...) nas excitações de origem orgânica, o único índice de realidade onde apoiar os pés da fantasia" (Ribeiro, 1996, p. 51).

Remetendo-se à hipótese da dupla inscrição[58], presente no esquema apresentado na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52), Laplanche (1988c) afirma que existe um terceiro aspecto da teoria da *sedução infantil – aspecto verbal e tradutivo* –, que, diferentemente dos *aspectos temporal* e *tópico*, permeia a questão da linguagem e dos modos de comunicação. Laplanche desvela um modelo tradutivo da constituição subjetiva, segundo o qual o aparelho psíquico se constituía por estratificação, em que os traços de memória se submetiam, de tempos em tempos, a uma retranscrição, de acordo com novas circunstâncias. Conforme este esquema, cabia a cada sistema uma inscrição de uma mesma representação, inscrição que se diferenciava pelos modos de funcionamento específicos de cada sistema. Neste sentido, a memória estava presente de uma forma múltipla e as inscrições sucessivas marcavam o mecanismo psíquico em diferentes etapas da vida, sendo que entre estas épocas deveria necessariamente se efetuar uma tradução dos traços mnêmicos. Dito de outra forma, a passagem de um sistema para o outro deveria ser operada por uma tradução. O *aspecto tradutivo*, no qual a teoria da sedução infantil se desenvolve, coloca em questão a possibilidade de se processar a cena pela sucessão de inscrições, reinscrições e traduções. Assim, ao comentar a teoria laplancheana do trauma, Utichel assinala que "embora o recalcamento possa ser visto como 'uma falha parcial de tradução', ele também é uma forma exitosa que permite a entrada e a integração das representações do acontecimento no aparelho psíquico, contrapondo-se, em parte, ao impacto do trauma" (Utichel, 2001, p. 104).

A partir de sua própria contribuição, isto é, da construção e utilização desses três aspectos, Laplanche (1988c) apresenta pontos positivos e negativos

[58] A *hipótese da dupla inscrição* baseia-se na existência de uma separação tópica do psiquismo – inconsciente/pré-consciente/consciente – e admite a possibilidade de uma mesma representação estar presente em dois locais do aparelho psíquico, ao mesmo tempo. Segundo esta hipótese, uma representação pode avançar de um lugar para outro, sem abandonar sua primeira inscrição.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

da teoria da *sedução infantil*. Para ele, a força da teoria da *sedução infantil* reside:

> 1) na trama fechada que liga a teoria aos dados tirados da experiência analítica; 2) no fato de pôr em jogo, já de forma rigorosa e doravante intransponível, estes três fatores da racionalidade analítica – temporalidade do *après-coup*, localização tópica subjetiva, laços tradutores ou interpretativos entre os cenários e as cenas; 3) na capacidade explicativa do modelo, amplamente transponível e extensível no campo da psicopatologia; 4) na capacidade evolutiva do modelo: o que designamos de passagem, como 'esboços' para desenvolvimentos futuros. (Laplanche, 1988c, p. 112-113)

Laplanche insiste que a essência da sedução não é questionada na *sedução infantil*, na medida em que a concepção freudiana se limita ao nível mais manifesto da psicopatologia, o das relações perversas entre adultos e crianças (*ibidem,* p. 113). Assim, o modelo da teoria da *sedução infantil* explica somente a psicopatologia, incluindo num único conjunto a defesa patológica, o recalcamento e o inconsciente. Laplanche afirma que são pontos fracos da teoria da sedução infantil: o postulado segundo o qual, em todos os casos de sedução, os pais deveriam ser descritos como pervertidos; a incessante busca por uma cena traumática de sedução mais e mais remota; além da importância quase exclusiva que Freud atribui à puberdade – enquanto uma fronteira entre todas as outras fases pelas quais o sujeito passa.

> A fragilidade radica em deixar intacta a crença de que o trauma se produz pela responsabilidade única de uma cena real que deve ser reencontrada, por um acontecimento factual a quem cabe todo o sentido do trauma e por conduzir a uma tarefa infinita, desviante (em relação à concepção da realidade psíquica e dos inúmeros traumas) e decepcionante (pela dificuldade de encontrar as múltiplas cenas).
> (Utichel, 2001, p. 104)

Segundo Laplanche, com exceção das produções teóricas de Freud e Ferenczi, o tema sedução encontra-se recalcado, entre 1897 e 1964, na literatura psicanalítica. Durante esta época, artigos publicados em revistas não-psicanalíticas atuavam como censura e repúdio a Freud. Esse período intermediário, um período de 70 anos, que coincide com o abandono da *neurotica* freudiana em 1897 e antecede o período em que Laplanche apresenta, pela primeira vez, o que chamaria, após 1964/67, de *teoria da sedução generalizada*, passa a ser nomeado por Laplanche (1987), assim, de período de recalcamento teórico da sedução precoce.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Os *aspectos temporal*, *tópico* e *tradutivo* da teoria se deslocam, no período de recalcamento. No que se refere ao *aspecto temporal*, a idéia de *a posteriori* permanece como uma categoria importante para o entendimento da sedução em psicanálise, comparecendo, por exemplo, no caso *História de uma neurose infantil* (Freud, 1918 [1914]). Já o *aspecto tópico* da teoria evolui separadamente, quando, segundo as próprias palavras de Laplanche, "a noção de ataque interno, a que se liga com o corpo estranho interno, não é posta em questão, mas *é a fantasia que toma o lugar desta realidade psíquica última*" (Laplanche, 1988 [1987], p. 124). O *aspecto verbal* e *tradutivo* da Carta 52, por sua vez, tende a desaparecer quase completamente. Conforme Laplanche (1987), é exatamente Ferenczi quem renova este terceiro aspecto da teoria, justamente com seu ensaio *Confusão de língua*, que, de certa maneira, antecipa o que viria a se chamar, mais tarde, teoria da *sedução generalizada*: "Vemos neste artigo uma espécie de prefácio à *teoria da sedução generalizada*, e por isso reservamo-lhe o seu lugar, apesar de um certo anacronismo, no que chamamos 'o após 1964' " (Laplanche, 1988 [1987], p. 125).

Assim, se a *teoria da sedução infantil* foi abandonada em 1897, em contraponto inaugurou-se um aprofundamento importante com a introdução do conceito da *sedução precoce* nos textos freudianos, particularmente quando o pai cede seu lugar à mãe, na relação pré-edipiana. Neste sentido, segundo Freud, após 1897 não é mais tanto o pai perverso da histérica que abusa sexualmente de uma criança; passa a ser a mãe pré-edipiana sedutora do bebê, através dos primeiros cuidados maternos. Concordando com Freud, Laplanche (1988c) supõe que a relação adulto-criança se mantém assimétrica, não sendo uma interação pautada numa reciprocidade, na medida em que a mensagem sexual se origina do inconsciente e é emitida sempre do lado do adulto. O trauma de sedução, por sua vez, adquire um caráter organizador e estruturante, quando a mãe é o principal agente sedutor.

> (...) dizemos que a sedução [materna] é traumática e ao mesmo tempo estruturante. Estruturante porque a organização da sexualidade só é possível pela intervenção, provocação por um agente externo dissimétrico e, portanto, traumático. Traumático porque a criança é confrontada com um excesso de quantidade, com a força pulsional, cuja representação, simbolização não é possível. O que determina a situação traumática é a possibilidade dessa quantidade ser ou não representada. (Coutinho, 1994, p. 118)

Desta forma, Laplanche avança na questão da experiência sexual traumática, em direção à sedução essencial, a qual situa na origem e no cerne

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

de toda a sexualidade. Desenvolve então sua *teoria da sedução generalizada*, ao acreditar que a existência de um inconsciente parental seria relevante desde a relação mãe-bebê. Laplanche (1988c) propõe uma nova teoria e estabelece a *sedução originária*, em que a situação de sedução deve ser concebida como algo que está para além da experiência sexual de sedução, a partir de um contexto em que uma criança é confrontada com mensagens emanadas do adulto, mas das quais não possui a chave, ou seja, os significantes enigmáticos:

> Enigmáticos, não apenas porque a criança não possui o código nem as respostas fisiológicas ou emocionais para tais mensagens, mas também porque o próprio adulto não conhece o código, por se tratar de significações sexuais inconscientes. Enigma, aqui, (...) refere-se ao fato de que os significantes parentais no curso dos recalcamentos – traduções sucessivas – abandonaram seus significados que ficaram perdidos para sempre. Como uma fechadura que a chave se perdeu. Perdeu-se para ambos os parceiros da sedução originária.
>
> (Coutinho, 1994, p. 119)

Coutinho pontua então que a *sedução originária* não está necessariamente articulada a um atentado sexual. Nesta medida, a *sedução generalizada* é "o protótipo do mecanismo de toda sedução, de qualquer que seja o tipo" (*ibidem*, p. 120).

Para exemplificar a *sedução originária*, Laplanche (1988b) retoma a idéia de que o seio materno transmite para o bebê uma mensagem que pode ser tanto verbal quanto não-verbal, e que esta mensagem é sexual e enigmática. Esclarece que estas mensagens enigmáticas são essencialmente mensagens não-verbais, no caso de um bebê. Laplanche ressalva que, além de ser um órgão através do qual a criança se alimenta, o seio é uma zona erógena para a mulher, faz parte de sua vida sexual, sendo por ela inconscientemente investido. Neste sentido, afirma que o seio atua como zona erógena na relação da mãe com a criança: "Que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando? Que quer ele dizer, que ele mesmo não sabe?" (Laplanche, 1988b, p. 79).

O exemplo do seio materno aponta para a existência de uma relação pulsional adaptativa – pulsão de autoconservação, na medida em que a relação mãe-bebê está centrada, inicialmente, na satisfação de uma necessidade através da alimentação, assim como está centrada também numa relação de trocas entre o que é exterior ao bebê e o que lhe é interior, isto é, seu corpo. Entretanto, de outro modo, a própria presença do seio materno, segundo Laplanche, se impõe para a criança "como mensagem enigmática, carregada de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

um prazer de si mesmo, ignorado e de impossível circunscrição" (Laplanche, 1988b, p. 79).

> (...) ao nível da autoconservação ou adaptação (...), a comunicação vai no sentido filho-pai, enquanto no domínio sexual vai no sentido inverso; de tal maneira a criança evolui da adaptação para a sexualidade que Freud não hesita em afirmar que a mãe (na sua relação com o filho) passa da sexualidade à afeição: 'O amor da mãe pelo lactente que ela alimenta e cuida é algo de diferentemente profundo da sua afeição ulterior pelo filho que começou a crescer'. Há um verdadeiro desencontro entre o caminho que o filho percorre e o que a mãe percorre.
> (Laplanche, 1988 [1987], p. 104)

Para desenvolver a noção de significante enigmático, Laplanche se inspirou no artigo *Confusão de língua* – no qual Ferenczi caracteriza o mundo do adulto pela linguagem da paixão –, assim como no modelo tradutivo, presente na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52). De *Confusão de língua*, Laplanche resgata o aspecto traumático e estruturante da relação da criança com o mundo adulto, na medida em que postula a existência de confrontos entre criança e adulto pelos significantes enigmáticos, na *sedução originária*. Contudo, segundo Laplanche (1987), em *Confusão de língua*, Ferenczi passa ao largo do que é mais importante, a manifestação do inconsciente parental, não percebendo que a linguagem apaixonada do adulto "só é traumatizante porque veicula um sentido em si mesmo ignorado" (Laplanche, 1988 [1987], p. 132). Sobre a expressão ferencziana *confusão de língua*, Laplanche ressalta:

> (...) a expressão 'confusão de línguas' não nos parece completamente adequada. Com efeito, há línguas de adulto, língua verbal, língua dos gestos, das convenções, das mímicas ou dos afetos. Também existe na criança uma potencialidade para entrar nestas línguas, que é uma potencialidade natural, instrumental e também afetiva. Mas, (...) o problema não se resume nem à aquisição de uma ou várias 'línguas', nem ao confronto de duas línguas com as suas lógicas e os seus processos significantes diferentes. Com efeito, sabe-se que, sem gramática nem dicionário, é perfeitamente possível semelhante aquisição ou semelhante correspondência, e isto sem mais. (Laplanche, 1988 [1987], p. 131)

Já da Carta 52, Laplanche retira os pontos de vista tradutivo e econômico, para aplicá-lo na teoria da sedução generalizada. A partir dela, sustenta que a falha de tradução do material psíquico, disponível na forma de traços mnêmicos, é constitutiva do recalcamento, explicando a permanência de resíduos não traduzidos de mensagens enigmáticas emanadas do adulto. Dito de outro modo, existem significantes enigmáticos que estão presentes no interior da linguagem do adulto – "uma mensagem de si mesmo ignorada" (Laplanche,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

1988b, p. 94) e que, antes mesmo de serem traduzidos, são passivamente registrados no aparelho psíquico. Deste modo, o que está em perspectiva nos resíduos dessas mensagens enigmáticas sexuais oriundas do outro, que escapam à eficácia tradutiva, "é a própria gênese do indivíduo, enquanto possuindo um inconsciente e uma sexualidade" (Laplanche, 1988c, p. 108).

Para descrever aquilo com o que a criança originalmente se confronta, ou seja, esses significantes enigmáticos, essa parte da experiência que ela tem que controlar imediatamente, traduzir, assim como assimilar em seu eu, Laplanche (1987) resgata o termo *Wahrnehmungszeichein*[59] – utilizado por Freud na Carta 52 e traduzido por Masson (1986) como *indicação da percepção.* Para Laplanche, estes primeiros elementos a serem traduzidos pela criança – os significantes enigmáticos antes de qualquer tradução – são comparáveis aos *signos de percepção*.

Laplanche pressupõe que, em toda situação sedutora, há a intervenção de um adulto que, com seu inconsciente, endereça à criança uma mensagem que, para ela, é enigmática e traumática. Em outras palavras, é a sedução por parte de um adulto que desvia a criança em relação aos seus estímulos pulsionais de autoconservação, fazendo incidir no corpo do bebê as indicações perceptivas de significantes intraduzíveis e, portanto, traumáticos. Sobre o assunto, Utichel acrescenta:

> As *mensagens enigmáticas*, veiculadas pelo adulto sob a forma da *implantação*, chamam a um trabalho de tradução, simbolização e deciframento. (...) Quando no lugar da *implantação* (processo comum, normal e neurótico que permite à criança processar os significantes numa dupla vertente tradutiva e recalcante) se institui a *intromissão*, que, como diz Laplanche, é uma forma de implantação que coloca obstáculos ao trabalho tradutivo, que produz um curto circuito no incipiente psiquismo e coloca no seu interior um elemento estrangeiro e rebelde (...), produz-se o trauma. (Utichel, 2001, p. 106-107)

No meu entender, o intraduzível interno à própria mensagem, numa visada laplancheana, é recalcado na forma de eco, de um resíduo que é passivamente registrado no inconsciente infantil. Assim, uma inadequação da compreensão à mensagem que está sendo proposta por um adulto gera, na criança, um trauma psíquico.

[59] Cf. Masson (1986, p. 209): "Wz |*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)| é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações de simultaneidade".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3
A teoria lacaniana do trauma

O objetivo dessa parte do trabalho é retomar a noção de trauma tal como ela é apresentada principalmente nos *Escritos* e seminários, para com isso conseguir sustentar a idéia de Lacan, segundo a qual o verdadeiro trauma do sujeito[60] é a existência da linguagem, é a dependência do sujeito ao significante. Quer dizer, o trauma por excelência, na obra de Lacan, é a entrada no meio significante. Ele deve ser entendido como aquilo em torno do qual o sujeito se constitui, não sendo, desse modo, um mero acidente que ocorre na vida do falante.

3.1
A clínica do significante e a questão do trauma

Entre 1952 e 1963, Lacan se dedica a estudar um conceito, uma ou duas obras de Freud a cada ano. Tomando a forma de seminários sobre textos freudianos, suas aulas voltam-se à idéia de trauma tal como era situado na origem das neuroses por Freud, o que acabou ajudando Lacan a repensar a determinação do sujeito.

No entanto, é principalmente no Seminário 11 de 1964, que, ao voltar ao tema do trauma, Lacan afirma que acaso, acidente e contingência devem ser dissociados das noções de imprevisibilidade e irracionalidade. Para justificar sua posição, retoma uma das categorizações aristotélicas[61], segundo a qual o trauma não é acidental. A partir da leitura do texto freudiano *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920), Lacan (1964) vai diferenciar dois modos de repetição: *tiquê* e *autômaton*. O primeiro refere-se à repetição enquanto encontro com o Real, Real que está para além do *autômaton*, do retorno, isto é, da volta comandada pelo princípio do prazer. Na origem da psicanálise, com a concepção de trauma, inscreve-se a *tiquê* como princípio, isto é, o Real "apresentado na forma do que

[60] O sujeito em foco é o sujeito do inconsciente, constituído pelo par significante, sendo o intervalo deles; logo, não deve ser confundido com indivíduo, que tem seu fundamento real no corpo.

[61] De acordo com Aristóteles, o essencial se opõe ao acidental. A causa essencial faz com que uma coisa seja o que é, diferentemente das demais; já a acidental indica infinitas possibilidades do que pode vir a ocorrer.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

nele há de *inassimilável* – na forma do trauma" (Lacan, 1990 [1964], p. 57). Trauma e Real se associam, no discurso lacaniano; o Real é o que volta sempre ao mesmo lugar, sendo distinto da idéia de realidade.

3.1.1
O trauma e o *só depois*

De acordo com Lacan, na obra freudiana o trauma se relaciona com a entrada no Simbólico. Para acompanhar esta questão, irei agora abordar Lacan em seus primeiros seminários, com o propósito de elucidar o que ele quis dizer com isso. Começarei a discorrer sobre a noção de trauma em Lacan a partir da leitura que esse autor fez da *História de uma neurose infantil* (Freud, 1918 [1914]), encontrada primeiro no seminário *O homem dos lobos* (Lacan, 1952a) e, um ano depois, no seminário *Os escritos técnicos de Freud* (Lacan, 1953-1954). No primeiro seminário, de 1952, Lacan considera que o *Homem dos Lobos* é um personagem desincluído da sociedade: muito precocemente, este homem foi separado de tudo o que podia constituir para ele um modelo, no plano social. Toda a continuação de sua história – a história de uma neurose infantil, como ficou conhecida a partir de Freud – deve estar situada nesse contexto.

Na releitura do caso do *Homem dos Lobos*, Lacan (1952a) focaliza o trauma estrutural da cena primária. Enfatiza, nessa fase, a importância da idéia de *só depois*, e que significa que o acontecimento primeiro como tal não foi traumático, assim como não é recuperável posteriormente. Para ele, Freud não pôde jamais obter a reminiscência propriamente dita da realidade, no passado, da cena ao redor da qual girou toda a análise do sujeito. De certo modo, o tratamento do *Homem dos Lobos* foi influenciado pela investigação freudiana a propósito da existência ou não das tais cenas primitivas. Há algo para além da realidade do acontecimento: a historicidade do acontecimento, quer dizer, algo flexível e decisivo que foi uma impressão no sujeito e que o dominou, sendo necessária para explicar a continuação de seu comportamento. É isto o que dá a importância essencial da discussão de Freud ao redor do acontecimento traumático inicial, na opinião de Lacan. Não é necessário que a criança tenha visto a cena sexual em si, mas que direta ou indiretamente tenha concluído que essa cena verdadeiramente ocorreu, e neste caso a cena foi construída, muito indiretamente, graças ao sonho dos lobos. Freud é quem ensina o sujeito a ler seu sonho: os lobos não se mexem, apenas olham, e têm as mais graciosas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

caudas; é o sujeito que olha uma cena particularmente agitada[62]; tem medo de ser comido (leia-se, castrado) pelos lobos. Este é o sonho que leva à cena reconstruída em análise – a cena da relação sexual dos pais – e que em seguida é assumida pelo sujeito. Por outro lado, este acontecimento traumático permite compreender tudo o que acontece depois, assim como tudo o que é assumido pelo sujeito: sua história.

É nesse contexto que Lacan discute o caso do *Homem dos Lobos* em 1952, criticando a postura freudiana frente ao tratamento: Freud estabeleceu uma relação paternal com seu cliente; colocou-se num lugar de senhor a quem o *Homem dos Lobos* demandava por socorro e este prestígio pessoal tendia a abolir entre ele e o paciente certo tipo de transferência. Assim, Freud estava identificado demais a um pai protetor para poder ser eficaz em suas interpretações: emprestava-lhe inclusive dinheiro.

Lacan se interessa pelo *Homem dos Lobos* justamente na medida em que a observação freudiana sobre o caso centrou-se na existência (ou na não existência) de acontecimentos traumáticos na primeira infância. Desde o começo das investigações sobre a histeria Freud se surpreende com o grande número de casos de abuso sexual. Mesmo quando valoriza a fantasia, apresentando a idéia de realidade psíquica, Freud não invalida a realidade de acontecimentos traumáticos infantis. O que ele ressalta é que os eventos traumáticos construídos estão sempre articulados às fantasias.

Na *neurotica* freudiana, um acontecimento patogênico e traumático era considerado como causa do sintoma (Freud, até 1897). A colocação em palavras de um episódio traumático pelo cliente era o que determinava a eliminação do sintoma. Assim, o relevo dado à objetividade do trauma sexual faz do sintoma neurótico o resultado de um acidente na história, o que inocenta o sujeito. Quando Freud acentua a causalidade traumática, o sujeito é considerado vítima.

Lacan mostra que, embora tenha buscado datar a cena primária no caso do *Homem dos Lobos*, Freud admitiu, sem mais aquela, tantas reestruturações da significação dos acontecimentos quantas lhe parecessem necessárias para explicar posteriormente seus efeitos. Tal como Freud (1950 [1895]; 1918 [1914]) já havia feito, Lacan insiste em considerar uma temporalidade própria do psíquico, valendo-se para isso da tradução francesa do termo freudiano

[62] "O que seria, então, se o outro fator enfatizado pelo paciente fosse também distorcido por meio de uma transposição ou inversão? Nesse caso, em vez de imobilidade (os lobos não tinham movimento; olhavam para ele, mas não se mexiam) o significado teria que ser: o mais violento movimento. Ou seja, ele acordou de repente e viu à sua frente uma cena de movimento violento, para a qual olhou tensa e atentamente." (Freud, 1976 [1918 [1914]], p. 52).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

nachträglich por *après-coup*, ou, em português, por *só depois: só depois* a situação adquire contornos traumáticos; o valor traumático se dá quando um acontecimento atual se enlaça ao anterior, resignificando-o.

No Seminário 1, intitulado *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-1954) mais uma vez analisa as intervenções freudianas do caso clínico do *Homem dos Lobos* para, a partir dele, esclarecer o que entende ser uma questão central nesse escrito freudiano: o trauma. Segundo ele, Freud:

> (...) se apercebe de que o trauma é uma noção extremamente ambígua, porque parece, segundo toda evidência clínica, que sua face fantasmática é infinitamente mais importante do que sua face de evento. Desde então, o evento passa para o segundo plano na ordem das referências subjetivas. Em compensação, datar o trauma continua a ser para ele um problema que convém conservar (...).
>
> (Lacan, 1993 [1953-1954], p. 46)

Como Freud, Lacan reforça, no Seminário 1, que o passado deve ser em certa medida restituído: o que foi originalmente recalcado deve ser reevocado durante o tratamento analítico, apesar de nesse processo surgirem problemas e ambiguidades que o recalcado levanta quanto à sua natureza, função e definição.

Como mostrou Freud, para que o recalque seja possível, é preciso que haja um primeiro núcleo do recalcado, que, embora aparente não existir, permanece em alguma parte e chama para si todos os recalques posteriores. Na interpretação de Lacan, o recalque originário é exatamente o momento em que o simbólico se estabelece, deixando de fora muita coisa, inclusive uma relação mais imediata com o corpo.

> As formas que toma o recalque são atraídas por esse primeiro núcleo, que Freud atribui então a uma certa experiência, a que chama a experiência original do trauma. Retomaremos mais tarde a questão do que quer dizer *trauma*, cuja noção deve ter sido relativizada, mas retenham que o núcleo primitivo é de um nível diferente dos avatares do recalque. É o fundo e o suporte deles.
>
> (Lacan, 1993 [1953-1954], p. 56)

Naquilo que acontece com o *Homem dos Lobos*, o recalque é um momento importante e diferenciado dos demais: está ligado à experiência de ter assistido a uma relação sexual dos pais. Algo ali está excluído da história do sujeito, sendo necessário um analista para dar sentido à experiência original traumática: "(...) foi preciso, para dar cabo disso, o acosso de Freud. É somente então que a experiência repetida do sonho infantil [o sonho dos lobos] tomou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

algum sentido, e permitiu não o revivido, mas a reconstrução direta da própria história do sujeito" (Lacan, 1993 [1953-1954], p. 57).

Da maneira como Lacan analisa esse caso clínico, fica explícito que o *Homem dos Lobos* foi de grande importância para a psicanálise, na medida em que suscitou questões teóricas quanto à função do trauma estrutural e quanto à questão da temporalidade, do *só depois* –, embora esse *só depois* já estivesse em cena desde a primeira concepção de trauma na teoria freudiana, antes de 1897. A cena primária é reconstituída no curso da análise, a partir dos efeitos do trauma sobre o sujeito naquele momento do tratamento.

> A cena adquire valor traumático para o sujeito entre a idade de 3 anos e 3 meses e 4 anos. Temos a data precisa porque o sujeito nasceu, coincidência decisiva aliás na sua história, no dia de Natal. É na espera dos eventos de Natal, sempre acompanhados para ele, como para todas as crianças, da entrega de presentes que devem vir de um ser que desce, que ele tem, pela primeira vez, o sonho de angústia que é o pivô dessa observação. (Lacan, 1993 [1953-1954], p. 220)

Todavia, a cena da relação sexual dos pais nunca pôde ser diretamente evocada ou rememorada, podendo inclusive, de acordo com Freud, nem ter verdadeiramente acontecido. Freud levanta a possibilidade de que o *Homem dos Lobos* tenha assistido a um coito ocorrido entre cães e concluído que era aquilo que os pais faziam. Dessa forma, o que o sonho com os lobos assinala é a primeira manifestação traumática para o paciente. O trauma, por conseguinte, intervém *só depois*.

Segundo a leitura de Lacan, é na aproximação dos elementos traumáticos, fundados numa imagem desintegrada sobre a qual o sujeito não tem controle, que se produzem os lapsos na síntese da história do falante. As irrupções do inconsciente e os sintomas são descontinuidades na vida psíquica, imputáveis ao retorno do recalcado. Correspondem ao que Freud chamou de descontinuidades na cadeia motivacional consciente do sujeito. Ele considera que quando a motivação consciente não justifica algo, deve-se buscar um motivo inconsciente. Dito de outra forma, o obsessivo não pode inserir sua obsessão de lavar as mãos em qualquer narrativa que dê de si mesmo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.1.2
O desejo do Outro como traumático

Em 1957, Lacan fala sobre os processos inconscientes que os sonhos normais (não os sonhos traumáticos) desvelam em suas articulações lógicas e metafóricas. Segundo ele, na análise do sonho, Freud esclarece as leis do inconsciente e mostra que o trabalho do sonho segue leis simbólicas – ou, como Lacan diria, as leis do significante: "entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma (...) a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver" (Lacan, 1998 [1957b], p. 522). Com essas palavras, Lacan aproxima o trauma sexual ao incognoscível – o recalcado originário – reforçando, pois, a virulência do trauma enquanto estrutural. Já o sintoma do qual ele fala, e cujo processo de constituição chama de metafórico, está em Freud referido à transferência de uma carga energética pulsional de um traço incognoscível para um símbolo, que tanto representa o que foi suprimido como o mantém afastado. Então, na cadeia significante, o sintoma é uma intrusão que vai revelar uma segunda cadeia associativa originária do recalcado, assim como se dá no ato falho ou no sonho. Embora seja significante, esse elemento metafórico pode surgir também no corpo, tal como ocorreu com Dora, que mancava quando desejava dar um mau passo (Freud, 1905 [1901]).

Ao articular os processos inconscientes com os mecanismos da linguagem, Lacan (1957-1958) destaca que é impossível estabelecer uma distinção válida entre as fantasias inconscientes e o funcionamento da imaginação, se a fantasia inconsciente não for considerada desde sempre dominada e estruturada pelas condições do significante. Para ele, desde sempre os objetos estão "significantizados" (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 263) e é por isso que o leite e o seio se transformam em substitutos para a criança, tais como o esperma e o pênis. Nesse contexto, a mãe – ou quem ocupa a função materna na relação com o bebê – surge como o primeiro objeto simbolizado para o sujeito, fazendo dele não apenas uma criança satisfeita ou insatisfeita, mas uma criança desejada ou não desejada. Como o próprio Lacan sustenta em 1957/58, a idéia de ser desejado é, portanto, essencial, visto que a expressão *criança desejada* corresponde tanto à constituição da mãe como sede do desejo quanto à dialética da relação do filho com o desejo da mãe, que se concentra no símbolo da criança desejada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Para exemplificar o que acontece quando algo falha nessa relação mãe-bebê, recordo o caso do jovem André Gide, cuja mãe

> (...) tinha altíssimas e notabilíssimas qualidades e um não-sei-quê de totalmente elidido em sua sexualidade, em sua vida feminina, que, na presença dela, certamente deixava o menino, no momento de seus primeiros anos de vida, numa posição não situada. (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 269)

Segundo Lacan, Gide só gozava na identificação com situações catastróficas. Sua vida só toma sentido a partir de uma época específica da adolescência, quando se identifica a uma jovem prima.

> Identificação (...). Trata-se do momento em que ele encontra a prima aos prantos no segundo andar da casa para onde se precipitara, não tanto atraído por ela, mas sim por seu faro, por seu amor à clandestinidade que grassava naquela casa. É depois de haver atravessado o primeiro andar, onde se encontra a mãe da prima – sua tia, a quem ele mais ou menos entrevê nos braços de um amante –, que ele encontra a prima aos prantos e, nisso, encontra um auge de embriaguez, entusiasmo, amor, desamparo e devoção. A partir daí, ele se dedica a proteger essa criança, como nos dirá mais tarde.
> (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 269)

Mas Gide nessa época não se identifica só com a prima como também com a mãe da citada prima, que anteriormente já havia tentado seduzi-lo. Com efeito, é no momento em que a tia o seduz, que Gide, pela primeira vez, se transforma no filho desejado, embora fuja horrorizado da cena:

> (...) nada viera introduzir o elemento de aproximação e mediação que teria feito daquilo outra coisa que não um trauma. No entanto, ele se descobrira pela primeira vez na posição da criança desejada. Essa situação nova, que sob certo aspecto seria salvadora para ele, iria fixá-lo, no entanto, numa posição profundamente dividida, em razão da maneira atípica, tardia e, repito, sem mediação como se produziu esse encontro. (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 270)

Dessa maneira, Gide toma na cena de sedução um lugar diferente do até então ocupado. Onde havia vazio, passou a haver um lugar de criança desejada, porém nada mais que isso. Não podendo aceitar o desejo do qual foi objeto, Gide se recusa a permanecer nesse lugar, mas seu eu passa a se identificar para sempre, mesmo sem o saber, com o sujeito do desejo do qual ele se tornou dependente: “Gide apaixonou-se para sempre, até o fim da vida, por aquele menininho que ele fora por um instante nos braços da tia, dessa tia que lhe afagara o pescoço, os ombros e o peito. Sua vida inteira resumiu-se nisso” (*ibidem*, p. 270). Como mais tarde Lacan desenvolveu extensivamente em seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

seminário sobre a angústia, o desejo do Outro é sempre traumático (Lacan, 1962-1963). Assim, o que Gide guardou do trauma ao longo da vida? Na verdade, a partir desse momento e até seus últimos dias, Gide se apaixonou pelo menino acariciado que ele não quis ser. Por isso, "já em sua viagem de núpcias (...), ele pensava *nas suplicantes delícias* (...) de acariciar os braços e os ombros dos rapazinhos que encontrava no trem" (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 270), mostrando assim o ponto privilegiado de toda a fixação de seu desejo.

3.1.2.1
A separação da mãe é traumática[63]

Diferente do desejo do Outro como traumático (exemplificado através do caso Gide), há uma outra idéia de trauma, também ligada à tenra infância e à separação mãe-bebê. Ao contrário do que Rank (1924) havia defendido anos antes, na perspectiva lacaniana o trauma do nascimento não é sinônimo de separação da mãe nem pode ser explicado a partir da angústia do desmame. De acordo com Lacan (1962-1963), o momento mais decisivo na angústia do desmame não é propriamente o momento em que o seio falta às necessidades do bebê, mas sim é aquele em que a criança cede[64] o seio, como se ele tivesse sido parte dela mesma. Durante a amamentação, o seio faz parte da criança que está sendo amamentada, e encontra-se *chapado* na mãe. É neste sentido que, para Lacan, a criança não é desmamada pela mãe: ela *se* desmama.

> É na possibilidade de agarrar ou soltar esse seio que se produz o momento de surpresa mais primitivo, às vezes apreensível na expressão do recém-nascido, na qual passa pela primeira vez o reflexo – relacionado com esse órgão que é muito mais que um objeto, que é o próprio sujeito – de algo que serve de suporte, de raiz para o que, num outro registro, foi chamado de desamparo. (Lacan, 2005 [1962-1963], p. 340)

O bebê brinca de largar o seio e novamente pegá-lo. Nessa medida, o seio é, para a criança, um sinal de que existe um vínculo com a mãe – ou, como assinala Lacan, de que existe um vínculo com o Outro: "O seio não é o Outro, não é o vínculo a ser rompido com o Outro, mas é, no máximo, o primeiro sinal desse vínculo" (*ibidem,* p. 355-356). O que o sujeito tem para oferecer ao Outro

[63] Embora Lacan não enfatize tanto este assunto quanto o fez Freud, trataremos aqui um pouco do que Lacan pôde elaborar sobre o assunto.
[64] Em Lacan (1962-1963), cessão do objeto é sinônimo do aparecimento de objetos cedíveis que podem ser equivalentes aos objetos naturais, como, por exemplo, a mamadeira.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

é o que ele é. Em outras palavras, o seio com o qual ele brinca, tentando se diferenciar, é, assim, ele mesmo.

3.1.3
Entre o sonho e o despertar: uma realidade faltosa

> Se o despertar absoluto é impossível, momentos de despertar, pontuais, não são aquilo que a experiência psicanalítica possibilita? (Jorge, 2005, s.p.)

O Seminário 11 se caracteriza por ser aquele em que Lacan (1964), além de confirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, chama a atenção para a realidade do inconsciente, enquanto uma realidade ambígua e ilusória. Afirma que a realidade do inconsciente é a realidade sexual e ainda sustenta que a realidade sexual é uma questão de relação entre sexualidade humana e a combinatória de significantes.

Na seção intitulada *O inconsciente e a repetição* do Seminário 11, Lacan (1964) aproxima a transferência à realidade do inconsciente. Liga também a repetição ao Real, como aquilo que não engana. Para Lacan, o inconsciente estruturado como uma linguagem está em vias de realização, não está acabado, e se manifesta de modo tão elaborado quanto o nível consciente, sempre como o que vacila num corte do sujeito. Ele pode ser entendido a partir de pelo menos duas perspectivas: uma primeira, em que o inconsciente é apresentado na teoria lacaniana como tropeço significante, desvinculando-o da idéia de um depósito de memórias inconscientes. Ou seja, é pela atribuição de um sentido à falha discursiva que o sujeito constitui o inconsciente, cuja articulação significativa é construída no momento de sua enunciação, por meio da suposição de sentido construída sobre a equivocidade significante. Não se trata, pois, de um significado já dado e oculto à consciência do paciente. Há, por sua vez, uma outra perspectiva, a pulsional, segundo a qual o inconsciente deve ser apreendido como repetição. Afirmar isto, por sinal, é completamente diferente de enfatizá-lo enquanto resistência. “A tese que Lacan desenvolve nesse livro [Seminário 11] é que o inconsciente não resiste tanto quanto repete” (Miller, 1997, p. 23). Assim, o sujeito repete na medida em que não alcança seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

objetivo; satisfaz algo, mas não o que deveria ter sido. O que importa, aliás, não é a repetição em si, mas o que é atingido.

> A repetição está sempre ligada a um objeto perdido: ela é uma tentativa de reencontrá-lo e no entanto, ao fazer isso, perdê-lo. (...) este objeto perdido (...) é ilustrado, na teoria analítica, pela mãe como o objeto primário fundamental que, mediante a operação do Nome-do-Pai, é para sempre proibida e perdida. Lacan diz que a mãe é aquela *Ding* fundamental, a coisa sempre perdida e que a repetição tenta recuperar, perdendo sempre. (Miller, 1997, p. 27)

Para dar conta disso, Lacan desenvolve o conceito de Real como algo que retorna sempre ao mesmo lugar para o sujeito – o retorno ou a insistência dos signos –, mas que o sujeito não encontra. O Real está, deste modo, ligado a um engano e a um encontro impossível; e a repetição é vista sob o prisma do fracasso, não do sucesso. De certo modo, a repetição – que é um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, numa leitura lacaniana – parece ter sido mal nomeada, pois consiste no retorno do que nunca é o mesmo. Implica, conforme Lacan (1964), no retorno de uma coisa que é diferente da segunda vez, e que só é tomada como repetição por causa do significante. Mas o que há por trás dela já é a pulsão que não encontra mas que nisso se satisfaz.

Em um tratamento analítico (pelo menos nos que pretendem ser bem sucedidos), há uma tendência a tornar o analisando cada vez mais ciente de suas repetitivas escolhas de objetos, relações e situações... serializando-as. Contudo, para Lacan, a repetição envolve algo que está excluído da cadeia significante – algo de que o sujeito não irá lembrar, mesmo que se esforce para isso –, mas em torno do qual a cadeia de significantes gira. Isto quer dizer que a repetição envolve tanto o "impossível de pensar" quanto o "impossível de dizer".[65]

Há uma outra perspectiva para se compreender o conceito de inconsciente, articulado à pulsão, que não só o fracasso. O sujeito, de algum modo e em algum nível, sempre obtém satisfação: "mesmo que através de uma aparente infelicidade ou desprazer, o sujeito obtém satisfação. Mesmo que tentemos ir além do princípio do prazer, esse além marca algo que é um além do princípio do prazer de ordem interna" (Miller, 1997, p. 25). Desta maneira, se o objeto da pulsão pode ser isto ou aquilo – o objeto em si não importa, pode-se tê-lo ou não –, no entanto, o que é satisfeito no circuito pulsional permanece o

[65] Este é o recalcado originário, segundo Lacan.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

mesmo. Quer dizer, “Mesmo que não se alcance o alvo, realiza-se o objetivo (...)” (Miller, 1997, p. 25). Logo, o sujeito sempre obtém alguma satisfação.

De acordo com Miller, é preciso ainda distinguir a realidade, que é estruturada pela fantasia, daquilo que se refere ao que é satisfeito pelo princípio do prazer: “alguma coisa que não muda, que requer todo o nosso sonho e nossa vigília, mas que é, ainda assim, prazer.” (*ibidem*, p. 25). Quanto ao desejo, que não deve ser entendido como sinônimo de prazer, a experiência analítica permite que se enuncie que tem função limitada, franqueada pelo limiar imposto pelo princípio do prazer: “o prazer é o que limita o porte do quinhão humano – o princípio do prazer é o princípio de homeostase” (Lacan, 1990 [1964], p. 35). Para completar, é importante lembrar que, já no ensaio *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) tomou a repetição como além do princípio do prazer e também da realidade, ambos preocupados com a homeostase.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.1.4
A compulsão à repetição: uma forma de recordar

As relações do trauma com a compulsão à repetição, tão bem ilustradas nos casos de neuroses traumáticas, são elucidadas por Lacan nas aulas VI e VII do Seminário 2. Nelas, Lacan (12/01 e 19/01/1955) discute os conceitos que são encontrados no texto freudiano *Além do princípio do prazer*, de 1920: princípios do prazer e de realidade, e compulsão à repetição. Para Lacan, a inspiração freudiana para conceber o princípio do prazer partiu da idéia médico-científica do sistema nervoso, segundo a qual esse sistema sempre visa a restabelecer seu ponto de equilíbrio. No entanto, essa teoria seria oposta à da intuição subjetiva, pois, para Freud, no princípio do prazer, o prazer, por definição, tende a cessar. Por outro lado, cabe ao princípio de realidade resguardar prazeres, aqueles cuja aspiração é justamente atingir o fim. O princípio de realidade não se opõe ao princípio do prazer, mas é apenas uma diferenciação sua, um dispositivo mais adequado a obter o prazer. Diz Lacan que foi introduzido porque, quando se busca o prazer, acontecem acidentes. Freud diria: para que isso não aconteça é preciso levar em conta a realidade. Neste sentido, os princípios do prazer e de realidade adquirem outro valor, na medida em que, longe de serem opostos, eles são complementares.

É em oposição ao par princípio do prazer e de realidade que Freud localiza a compulsão à repetição. Lacan (1954-1955) ressalta que nela existem

duas tendências que se entrelaçam – uma restitutiva e outra repetitiva – e que, após a manifestação da tendência restitutiva, resta algo que é repetitivo. Assinala que, segundo a hipótese freudiana do princípio do prazer, o conjunto do sistema deve sempre retornar ao estado inicial, operando de forma homeostática; mas a compulsão à repetição, por sua vez, desrespeita essa homeostase e, por isso, é considerada como algo que fica além do princípio do prazer. Segundo Lacan, foi justamente por haver uma incongruência, representada pelos aspectos da compulsão à repetição que desmentem ou desalojam o princípio do prazer e se articulam ao trauma, que Freud formulou dois novos conceitos na década de 1920: a idéia de um *Além do princípio do prazer* e o conceito de pulsão de morte. Além disso, existem pontuações nesse mesmo ensaio freudiano de 1920 de que nem os sonhos traumáticos nem a repetição nas neuroses traumáticas obedecem ao princípio do prazer. Para todos os efeitos, o que se repete é sempre algo que acontece quase que por acidente.

Lacan tenta dar um passo a mais no que concerne às suas explicações sobre a distância a cobrir entre o retorno de significantes e a função da compulsão à repetição na aula de 13/12/1961 do Seminário 9. Pois, como Lacan afirma, compulsão à repetição diz respeito exatamente a um "ciclo" (Lacan, 1961-1962, s.p.)[66] de comportamento determinado – e não um outro – que equivale a certo significante que se repete, pouco importando que ele seja exatamente o mesmo ou que apresente pequenas diferenças. Este ciclo pode ser concebido, de acordo com Lacan, sobre o modelo da necessidade de satisfação. O que se repete está lá, não apenas para preencher a função de representar uma coisa que estaria ali atualizada, mas para presentificar como tal o significante que esta ação se tornou.

Na opinião de Lacan, a compulsão à repetição porta um paradoxo: 1) ela faz surgir um ciclo de comportamento que se inscreve nos termos semelhantes a uma resolução de tensão do binômio necessidade-satisfação, recalcando um significante; contudo, 2) qualquer que seja a função interessada nesse ciclo não é errado dizer que o que ela quer dizer enquanto compulsão à repetição é que ela está ali também para fazer surgir, para trazer de volta, para fazer insistir alguma coisa que é essencialmente da ordem de um significante (Lacan, 1961-1962, s.p.).[67]

[66] Cf. a aula de 13/12/1961.
[67] Cf. as aulas de 13/12 e 20/12/1961.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

De acordo com uma primeira versão teórica[68], para Freud, a compulsão à repetição, não justificada do ponto de vista do princípio do prazer, tem por função dominar o acontecimento. Em outras palavras, o constante retorno de eventos com valor de trauma teria exatamente a função de tentar dominá-lo e integrá-lo na organização simbólica do sujeito, atendendo à finalidade de sempre submeter ao princípio do prazer. "Para Freud, a repetição é, então, consequência do trauma, uma tentativa inútil de anulá-lo e também uma forma de lidar com ele, levando o sujeito a um outro registro, diferente do princípio do prazer (...)" (Chemama & Vandermersch, 2007 [2005], p. 235). Esse foi, na opinião de Lacan, um dos motivos pelos quais Freud recuou frente à idéia de que o psiquismo é regido apenas pelo princípio do prazer e logo propôs um *Além do princípio do prazer*.

Em *Da rede dos significantes*, Lacan (1964) discute novamente a função da repetição e, para tanto, resgata dois textos freudianos: *Recordar, repetir e elaborar* (Freud, 1914a) e o quinto capítulo de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920). Mas por que estes trabalhos são, para Lacan, essenciais para sustentar tal discussão?

Embora só tenha desenvolvido todas as suas implicações teóricas em 1920, foi em *Recordar, repetir e elaborar* que Freud (1914a) começou a conceituar compulsão à repetição como "um objeto autônomo de sua reflexão" (Roudinesco & Plon, 1998, p. 657).[69] Interessado por questões relacionadas à técnica, em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud aproxima a compulsão à repetição da transferência, mesmo não constituindo a totalidade da transferência: a *grosso modo*, ela é uma maneira própria do analisando se lembrar. Como Freud diz, logo no início do tratamento analítico, após ser explicada a regra fundamental da psicanálise ao paciente, ou seja, a associação livre, o analista espera escutar tudo o que vem à mente do paciente. Entretanto, segundo Freud (1914a), o que se observa a partir disso é totalmente diferente: o paciente fica silencioso, declarando que nada tem a relatar. O que assim se evidencia é uma resistência contra recordar algo. Assim, o paciente começa seu tratamento por uma repetição deste tipo, quer dizer, por uma compulsão à repetição – ele repete ao invés de recordar, e repete sob o efeito de resistências.

---

[68] Mais tarde, numa outra versão, Freud radicalizou a noção de trauma e, nessa perspectiva, a compulsão à repetição é a própria marca do trauma original e que Freud coloca no sintoma, como sendo o mais próprio do sujeito e que nunca muda.

[69] As idéias de repetição e compulsão, na teoria freudiana, aparecem todavia em textos bem anteriores ao de 1914. Já na década de 1890, Freud frisou a importância da repetição na abordagem de casos de histeria (Freud, 1893a) e empregou o termo de compulsão numa carta a Fliess (07/02/1894), onde discutia suas dificuldades em ligar a neurose obsessiva à sexualidade (cf. Roudinesco & Plon, 1998, p. 656-657).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> (...) o paciente submete-se à compulsão à repetição, que agora substitui o impulso de recordar, não apenas em sua atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que pode ocupar sua vida na ocasião (...). (Freud, 1969 [1914a], p. 197)

O que é que o paciente repete, na opinião de Freud (1914a)? Ele repete o que já havia avançado a partir das fontes do recalcado – "suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter" (*ibidem*, p. 198) – assim como repete seus sintomas, no transcorrer da análise. Desta forma, através de reações repetitivas no decurso do tratamento e com a superação de resistências porventura existentes, despertam-se lembranças até então recalcadas.

Do capítulo cinco do *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920), Lacan está interessado em esclarecer "por que, de primeiro, a repetição terá aparecido ao nível do que chamamos neurose traumática?" (Lacan, 1990 [1964], p. 53). Pergunta-se também qual a função da compulsão à repetição, se nada parece justificá-la do ponto de vista do princípio do prazer. No que se refere à função da compulsão à repetição, Lacan considera que seu objetivo era dominar o acontecimento traumático. Segundo ele, no *Além do princípio do prazer*, Freud indica que o que se passa nos sonhos da neurose traumática, depende do nível do funcionamento mais primitivo do psiquismo, ou seja, do processo primário[70]. Além disso, a descoberta de Freud é que a função de repetição evidencia a relação do pensamento com o Real (Lacan, 1990 [1964], p. 52).

Para Freud (1920), um fracasso por parte dos estratos mais elevados do aparelho mental em sujeitar a excitação pulsional, que assim fica funcionando em processo primário, provoca um distúrbio análogo à neurose traumática. Somente após se efetuar essa sujeição é que se torna possível que o princípio do prazer (bem como sua modificação, o princípio de realidade) avançe sem obstáculos. "Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio do prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o" (Freud, 1976 [1920], p. 52).

Assim, as crianças repetem experiências desagradáveis para poderem dominar uma impressão de maneira ativa, ao invés de fazê-lo simplesmente experimentando-a de modo passivo. Esta repetição de algo idêntico é, em si, uma fonte de prazer. Em contrapartida, a compulsão à repetição dos

[70] No inconsciente, o tipo de processo psíquico encontrado é o processo psíquico primário, enquanto na vida de vigília normal é o processo psíquico secundário (Freud, 1976 [1920], p. 51).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

acontecimentos da infância no decurso da análise despreza o princípio do prazer.

> O paciente comporta-se de modo puramente infantil e assim nos mostra que os traços de memória recalcados de suas experiências primevas não se encontram presentes nele em estado de sujeição, mostrando-se elas (...) incapazes de obedecer ao processo secundário. (Freud, 1976 [1920], p. 53)

A repetição é, desta forma, algo que está sempre velado ao longo do tratamento analítico, diferindo das idéias de retorno dos signos, reprodução e rememoração agida. Assim, este primeiro encontro, Real, que há por trás da fantasia do analisando, é inacessível; um pensamento adequado enquanto pensamento evita sempre a mesma coisa, quer dizer, evita sempre o Real traumático (Lacan, 1964).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.1.5
O trauma: algo impossível de nomear, e que retorna

É no Seminário 11 que Lacan mais claramente aproxima o trauma da idéia de Real. Diz ele:

> Não é notável que, na origem da experiência analítica, o real seja apresentado na forma do que nele há de mais *inassimilável* – na forma do trauma, determinando toda a sequência e lhe impondo uma origem na aparência acidental?
> (Lacan, 1990 [1964], p. 57)

Com efeito, o trauma deve ser tamponado pela homeostase subjetivante que corresponde a dominância do princípio do prazer e, por mais que se desenvolva o sistema de realidade, uma parte do que é da ordem do Real com certeza se mantém prisioneira das redes do princípio do prazer.

No sentido de sustentar o trauma como Real, dois termos que foram utilizados por Aristóteles, numa pesquisa sobre a causa – *tiquê* e *autômaton* – são importados por Lacan para o Seminário 11:

> Para Aristóteles, a *tiquê* está compreendida no *autômaton*, que podemos traduzir pelo nosso acaso. A *tiquê*, diz ele, tem relação com as coisas produzidas, seja pela inteligência, seja pela natureza, com vistas a um fim determinado, mesmo que não esteja ao alcance do homem. O *autômaton* é aquilo que se produz à margem da natureza, tem a causa fora de si e está privado de finalidade natural. Por isso, *autômaton* designa algo que se move por si mesmo, donde, mais tarde, a idéia de autômato e a de automatismo.
> (Gueller, 2005, p. 11)

Lacan (1964) traduz a *tiquê* aristotélica por encontro com o Real contingente, que está para além da insistência dos signos (isto é, está para além do *autômaton*). O *autômaton*, ele traduz como rede de significantes, através da qual algo se repete, na medida em que está submetida ao princípio do prazer. Em outras palavras, o *autômaton* corresponde ao desdobramento automático no inconsciente da cadeia significante.

O trauma é um encontro faltoso com a *tiquê*; um encontro essencial, que demanda o novo mas que nem por isso é totalmente assimilável. O Real, por sua vez, se estabelece como "o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida" (Lacan, 1990 [1964], p. 56). Assim, este Real que escapole, está para além do retorno e da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer.

Ao comentar sobre o assunto, Fink acrescenta que, para Lacan (no sem. 11 de 1964),

> O real aqui é o nível de causalidade, o nível daquilo que *interrompe* o funcionamento tranquilo do *autômaton*, da seriação automática, sujeita à lei regular dos significantes do sujeito no inconsciente. Ao passo que os pensamentos do analisando estão destinados a perder sempre o alvo do real, conseguindo apenas circular ou gravitar em torno dele, a interpretação analítica pode atingir a causa, levando o analisando a um encontro com o real: *tiquê*. O encontro com o real não está situado no nível do pensamento, mas no nível onde a "fala oracular" produz não-senso, aquilo que não pode ser pensamento. (Fink, 1997, p. 241-242)

Nesta citação vemos que o nível em que Lacan está colocando o Real é o do recalcado originário. Já no domínio do *autômaton*, Lacan inclui o retorno do recalcado, que, em sua qualidade de formação do inconsciente, é regido pelo princípio do prazer.

A compulsão à repetição não está ligada ao retorno da necessidade, nem se assenta na natureza. Ela demanda algo novo; e é neste sentido que Lacan (1964) sustenta que o encontro com o Real se apresentou pela primeira vez a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Freud sob a forma de trauma, pelo que ele tem de inassimilável. O que não pode ser nomeado é o trauma, que passa a ser identificado, em Lacan, com *a coisa* da linguagem. No entanto, ele será "tamponado pela homeostase subjetivante que orienta todo o funcionamento definido pelo princípio do prazer" (Lacan, 1990 [1964], p. 57).

Para exemplificar melhor o assunto, recorro ao sonho do pai velando seu filho, relatado por Freud no capítulo VII de *A interpretação de sonhos* (1900), para, logo em seguida, discutir os comentários que Lacan faz sobre ele, nas lições 3, 5 e 6 do Seminário 11.

> (...) um pai estivera de vigília à cabeceira do leito de seu filho enfermo por dias e noites a fio. Após a morte do menino, ele foi para o quarto contíguo para descansar, mas deixou a porta aberta, de maneira a poder enxergar de seu quarto o aposento em que jazia o corpo do filho, com velas altas a seu redor. Um velho fora encarregado de velá-lo e se sentou ao lado do corpo, murmurando preces. Após algumas horas de sono, o pai sonhou que seu filho estava de pé junto a sua cama, que o tomou pelo braço e lhe sussurrou em tom de censura: 'Pai, não vês que estou queimando?' Ele acordou, notou um clarão intenso no quarto contíguo, correu até lá e constatou que o velho vigia caíra no sono, e que a mortalha e um dos braços do cadáver de seu amado filho tinham sido queimados por uma vela acesa que tombara sobre eles.
>
> (Freud, 1987 [1900], p. 468)

Ao invés de querer entender porque o pai continuou dormindo, como fez Freud, Lacan se pergunta o que precisamente o despertou, posto que é "no sonho somente que se pode dar esse encontro verdadeiramente único. Só um rito, um ato sempre repetido, pode comemorar esse encontro imemorável – pois que ninguém pode dizer o que seja a morte de um filho – senão o pai enquanto pai – isto é, nenhum ser consciente" (Lacan, 1990 [1964], p. 60).

No sonho da "criança queimando" (Freud, 1900 *apud* Lacan, 1964), o lugar do Real, que vai do trauma (esse ponto de encontro) à fantasia (como construção simbólica), encontra-se representado nas coisas que testemunham que não se trata de um sonho – a saber, um acidente como o da vela que cai, queimando o quarto onde jaz o filho morto ou, então, a própria voz do filho morto clamando ao pai por socorro (Lacan, 1990 [1964], p. 59).

Em *Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo*, Freud diz que o sonho é "uma fantasia a trabalhar em prol da manutenção do sono" (Freud, 1976 [1925], p. 159). Logo, se o sonho desempenha bem sua função, quando acorda o sujeito nada sabe dele, nem de sua missão. Contudo, se, mesmo após vários anos, o sujeito lembrar dos sonhos, isso significa que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

houve uma irrupção do inconsciente recalcado no eu normal (Freud, 1925). No retorno a Freud de Lacan, por outro lado, lê-se que, entre o sonho e o despertar, além desta função do sonho, ser o guardião do sono, existe ainda uma função secundária, mas tão importante quanto a primeira e que aparece pela primeira vez após o sonho da "criança queimando". Para Lacan, o sonho não ocorre para, com isso, proteger o sono: o que desperta o sonhador é algo de uma outra realidade. Lacan supõe que a realidade faltosa que causou a morte da criança passa pelas palavras de reproche "Pai, não vês que estou queimando?". Para ele, o que elas perpetuam é exatamente o remorso (o fracasso) do pai, por ter escolhido uma pessoa que não estava à altura da tarefa que lhe havia sido determinada. Desta maneira, a não interrupção do sonho se revela como uma homenagem à realidade que só continuou a se dar através da compulsão à repetição, "num infinitamente jamais atingido despertar" (Lacan, 1990 [1964], p. 60). Assim, enquanto para Freud o sonho é somente o que prolonga o ato de dormir, para Lacan é justamente o oposto: contra o desejo da consciência, é o próprio sonhar que desperta o sonhador para a realidade da morte do filho, no Real.

> (...) o encontro, sempre faltoso, se deu entre o sonho e o despertar, entre aquele que dorme ainda e cujo sonho não conheceremos e aquele que sonhou para não despertar. (...) Pois não é que, no sonho, se sustente que o filho vive ainda. Mas o filho morto pegando seu pai pelo braço (...) designa um mais-além que se faz ouvir no sonho. O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais cruel, do objeto. É no sonho somente que se pode dar esse encontro verdadeiramente único. (Lacan, 1990 [1964], p. 60)

Reparem ainda no acento que Lacan coloca na realidade das palavras de apelo da criança, ao dizer "Pai, não vês..." e sacudir o braço do pai. Há uma reprimenda endereçada ao pai, que se sublinha através da questão do olhar. Lacan observa ainda que não é pelo barulho da vela que cai ou o fogo que consome o quarto ao lado, feitos para chamá-lo, que esse pai desperta. Logo, é uma

> (...) outra realidade – realidade que se passa na ruptura entre percepção e consciência, que constitui o inconsciente – essa Outra cena é que desperta o sujeito. E que realidade é esta, mais real que o barulho ou o clarão das chamas? Lacan responde dizendo que é uma realidade que queima, 'no real'. O sonho queima – trata-se de um sonho de angústia – por fornecer a esta outra realidade, ao real foracluído do simbólico, uma imagem (...). (Costa-Moura, 2002 [2001], p. 72).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Assim, o prolongamento do sono permite ao pai evitar se encontrar diante da morte da criança. Um encontro faltoso, um tropeço entre um pai e um filho, passou-se entre o sonho e o despertar, entre aquele que dorme ainda (a criança morta ou o velho?) e de quem não conheceremos jamais os sonhos, e o pai, que produziu um sonho essencialmente traumático para, através dele, prolongar a vida do filho que ele não conseguiu salvar. Por sua vez, é o encontro do barulho e do clarão das chamas com o significante *queimando* que evoca a Freud a febre da criança e propicia que se produza esse sonho que, posteriormente, adquire para esse pai *impotente*[71] um valor traumático.

Na lição de 21/01/1970 do Seminário 17, Lacan afirma que Freud não emprega em seus textos a expressão *necessidade de dormir* mas *desejo de dormir*, o que é totalmente diferente:

> O curioso é que ele [Freud] completa essa indicação com o seguinte – um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando – sonhando no real, ou, para ser mais exato, na realidade.
>
> (Lacan, 1994 [1969-1970], p. 54)

Assim, o sujeito acorda quando algo da ordem do Real interfere no sonho, como no sonho de angústia. O ato de despertar, portanto, permite àquele que acordou prosseguir fantasiando. Neste sentido, para Lacan (1964), Freud pôde confirmar no sonho da "criança queimando" sua teoria do sonho como realização de desejo, mesmo que o sonho traumático contradiga a tese do sonho como guardião do sono – o desejo manifesta-se aí pela perda imajada do objeto, através do gesto da criança que pega o pai pelo braço.

Por sua vez, em um seminário anterior ao 17, Lacan (1964) já sugerira que, por meio do sonho da "criança queimando", Freud havia apresentado sua elaboração final à respeito da compulsão à repetição, apesar dela só ter surgido como conceito mais tarde. Sobre o assunto da compulsão à repetição, lembro que, no *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) revisa os conceitos de princípio do prazer e princípio de realidade, à luz das experiências com traumas de guerra, que lhe pareciam inassimiláveis. É neste contexto que Lacan introduz a questão dos sonhos. Geralmente associados ao princípio do prazer *autômaton*, com Lacan os sonhos encarnam o desejo do sonhador embora também portem, sob uma forma velada, a cena traumática, parte essencial da ordem do Real. Falando do sonho da "criança queimando", Lacan diz: "O real, é para além do

[71] A impotência paterna frente ao ocorrido é fator relevante para que o sonho adquira valor traumático.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

sonho que temos que procurá-lo – no que o sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por trás da falta de representação, da qual só existe um lugar-tenente" (Lacan, 1990 [1964], p. 61). Logo, se antes desta frase Lacan pareceu sugerir que o Real se apresentava facilmente em sonhos, aqui ele esclarece que só é possível encontrar o seu representante no sonho, posto que a representação do Real é faltosa *per se.* O que se repete, no sonho, é sempre algo que se produz como por acaso.

3.1.6
Operadores da divisão do sujeito

> Não há sujeito sem, em alguma parte, *afânise* do sujeito, e é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito. (Lacan, 1990 [1964], p. 209)

Tratarei agora de duas operações lógicas constituintes do sujeito – a alienação e a separação – e que estão intimamente referidas ao trauma estruturante na obra lacaniana após 1964.

No passado, Lacan já havia utilizado o termo alienação em outro contexto. No artigo sobre o estádio do espelho, publicado em 1949, Lacan trabalha o tema da alienação imaginária a propósito da constituição do eu [*Je*]: "alienação à imagem que lhe é devolvida pelo espelho e com a qual se identifica por meio do olhar do Outro" (Berendonk, 2005, p. 50). De acordo com Lacan (1949), o eu conserva uma dimensão imaginária, na medida em que se constrói a partir da imagem daqueles com os quais se identificou em seu percurso. Justamente o fato de se constituir a partir da identificação com uma "imagem – sempre mais ou menos fixa – e de identificação com o outro", faz com que o "eu tenha qualquer coisa de coagulado, e, ao mesmo tempo, qualquer coisa de alienante" (Chemama & Vandermersch, 2007 [2005], p. 29).

Mas não é nessa acepção de alienação imaginária que iremos nos deter. Lacan volta ao termo alienação, mas num sentido diverso, ao introduzir em 1964 dois operadores, a alienação e a separação, que estão em jogo na constituição do sujeito e dizem respeito ao fato de que o sujeito é produzido dentro da linguagem que o aguarda, e é inscrito no lugar do Outro. Assim, o sujeito depende do significante, que está inicialmente no campo do Outro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Tudo surge da estrutura do significante. Essa estrutura se funda no que primeiro chamei a função de corte, e que se articula agora, no desenvolvimento do meu discurso, como função topológica de borda.
>
> A relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância. (Lacan, 1990 [1964], p. 196)

No detalhamento lógico dessas operações Lacan utiliza as noções matemáticas conhecidas como união[72] ($\cup$) e interseção ($\cap$) na teoria dos conjuntos. Segundo esta teoria, a união de dois conjuntos é diferente de sua interseção. Dito de outro modo:

A união dos conjuntos A e B é o conjunto de todos os elementos que pertencem ao conjunto A **ou** ao conjunto B.

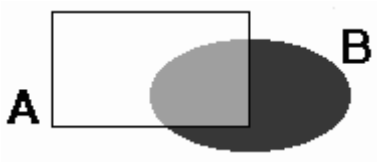
$A \cup B = \{ x: x \in A \text{ ou } x \in B \}$

Exemplo: Se A={a,e,i,o} e B={a,n} então $A \cup B$={a,e,i,o,n}.

Em contrapartida, a interseção dos conjuntos A e B é o conjunto de todos os elementos que pertencem ao conjunto A **e** ao conjunto B. Neste sentido, a interseção isola aquilo que pertence a ambos os conjuntos.

$A \cap B = \{ x: x \in A \text{ e } x \in B \}$

Exemplo:



Logo, se A={a,e,i,o,u} e B={a,n} então $A \cap B$=a.

Lacan resgata também da lógica matemática as noções de *vel* de exclusão e de *vel* de união para, a partir delas, propor um novo termo: o *vel* da escolha forçada, concernente à alienação, e que depende da forma lógica da união.

[72] Escolhi usar o conceito matemático *união* dos conjuntos (ao invés de *reunião*, como aparecem em algumas traduções) ao longo da tese, por julgar ser mais correto.

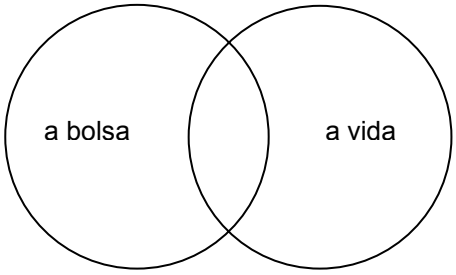
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> O *vel* da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na união, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um *nem um, nem outro*. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso.
> (Lacan, 1990 [1964], p. 200)

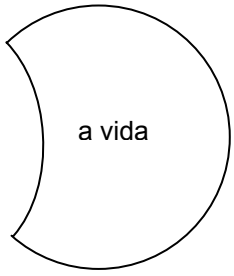
Resumidamente, a partir de Lacan (1964), há então três tipos de *vel*: 1º) eu vou *ou* para lá *ou* para cá (*vel* de exclusão): se eu vou para lá, logo não posso ir para cá, tenho que escolher; 2º) vou para um lado ou para o outro, tanto faz, dá na mesma (*vel* de união); 3º) *vel* de *escolha forçada*, que se apoia na forma lógica da união. Este é o *vel* da alienação, que comporta sempre uma perda: de um lado o sujeito aparece como sentido, produzido pelo significante e, de outro, ele desaparece como *afânise*.[73]

> (...) o *vel* da alienação define-se por uma escolha onde se deve decidir qual dos conjuntos se deseja manter, sendo que o outro conjunto inteiro desaparece, incluindo a interseção. Neste caso, sempre uma mesma parte acaba também desaparecendo seja qual for a escolha, razão pela qual esta será dita uma escolha forçada. (Berendonk, 2005, p. 52)

O *vel* da alienação pode ser ilustrado pela alternativa "a bolsa ou a vida".



No esquema reproduzido logo acima, se escolho qualquer um dos dois elementos – bolsa ou vida – algo se perde necessariamente. Escolhendo a bolsa, perco as duas coisas: tanto a bolsa quanto a vida. Em contrapartida, escolhendo a vida, perco a bolsa; fico com a vida amputada da bolsa.



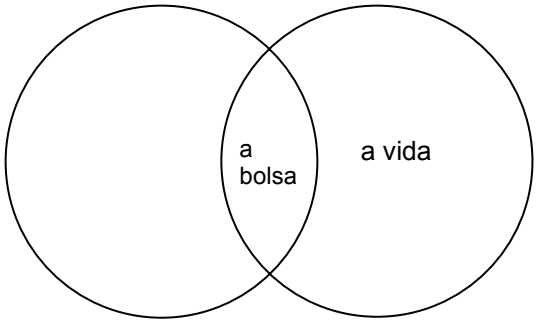
[73] Afânise: "desaparecimento do próprio sujeito, em sua relação com os significantes, de acordo com Lacan" (Chemama & Vandermersch, 2007 [2005], p. 24).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Assim, a escolha incide sobre aquilo que o sujeito vai aceitar perder. O que ocorre é que forçosamente se escolhe a vida, e no *vel* da alienação também, se escolhe o sentido.

> Assim, quando alguém nos diz "a bolsa ou a vida", só temos uma única escolha real: obviamente escolhemos a vida. E nesse caso a bolsa é perdida (falsa) e o *vel* é verdadeiro. Existe apenas uma outra possibilidade (...): tem-se a possibilidade de perder as duas. Mas a principal possibilidade para nós é a escolha da vida; logo, perde-se a bolsa, e neste caso a vida é apenas meia-vida, uma vida em que algo (o dinheiro) está faltando. Este *vel* sempre exclui um só e mesmo termo – a bolsa (...). (Soler, 1997b, p. 60-61)

Chemama e Vandermersch (2007 [2005]) propõem um esquema diferente dos aqui já mencionados, na medida em que, segundo eles, a demonstração de Lacan só faz sentido a partir dos dois conjuntos acima representados (ver esquema anterior sobre "a bolsa ou a vida"), se se distinguir o elemento bolsa do conjunto bolsa.

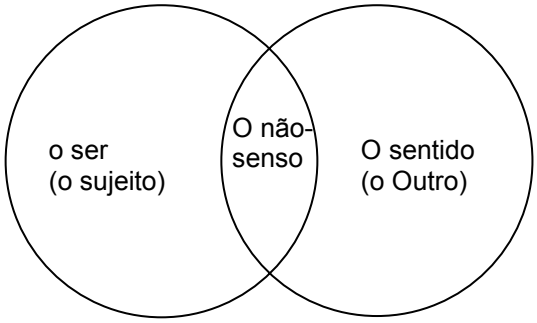


Assim, a partir do esquema proposto por Chemama e Vandermersch e que não consta do texto de Lacan, "o elemento bolsa está por inteiro na parte do conjunto bolsa que constitui a interseção com o conjunto vida. Se escolho a bolsa, (...) perco tudo." (Chemama & Vandermersch, 2007 [2005], p. 30).

A partir de "a bolsa ou a vida" Lacan tenta esclarecer as possíveis consequências desse *vel* no que diz respeito à relação do sujeito ao significante: a suspensão do sujeito, sua vacilação, a queda de sentido no discurso. Logo, a alienação – que, de acordo com Lacan, é estruturante – faz um remetimento permanente e circular de um "ou" a outro "ou", de um "nem" a outro "nem"; há uma vacilação subjetiva radical, em que esse "ou" e esse "nem" são sinônimos de mutilação (não sendo, portanto, uma alternância). Assim, no exemplo de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Lacan sobre a divisão do sujeito, quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, noutro ele se manifesta como *fading* – o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso: "(...) na operação do *vel* entre o ser e o sentido, a escolha forçada do sentido se dá às custas da perda de uma parte de não-senso" (Berendonk, 2005, p. 52).



O esquema acima opõe o ser ao sentido e, nele, se escolhemos o sentido, "o sentido subsiste decepado dessa parte de não-senso, que é, propriamente falando, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente" (Lacan, 1990 [1964], p. 200).

Na tentativa de dar à alienação o estatuto de um conceito, apoiado em uma formalização, Lacan precisa o que ele entende por sujeito e Outro, no capítulo 16 do Seminário 11. Ali, define o Outro como "o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer" (Lacan, 1990 [1964], p. 193-194). Para Lacan, o Outro precede o sujeito e fala sobre ele antes mesmo de seu nascimento. Neste sentido, há uma lógica que precede o sujeito, que não é concomitante ao seu surgimento, é sim anterior a ele. Lacan entende que o sujeito é, na verdade, efeito de linguagem e de fala (ou melhor, efeito de significante); ele se constitui a partir do campo do Outro – campo do Outro como lugar de significantes e da fala, como diz Lacan no Seminário 11. Antes disso, só existe sujeito por vir.

> O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto – que antes não era nada senão sujeito por vir – se coagula como significante.
> (Lacan, 1990 [1964], p. 187)

> (...) por nascer como significante, o sujeito nasce dividido. O sujeito é esse surgimento que, justo antes, como sujeito, não era nada, mas que, apenas aparecido, se coagula em significante. (*ibidem*, p. 188)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

A entrada do sujeito no campo discursivo é, portanto, traumática, na medida em que ele se encontra, de saída, alienado ao desejo do Outro, ao seu discurso. O sujeito, se parece servo da linguagem, ele o é mais ainda de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde seu nascimento, ainda que seja sob a forma de seu nome próprio. Contudo, embora se sujeite à linguagem, ele também ganha algo, pois se torna um sujeito "da/na linguagem", permitindo-se representar, assim, por palavras. Lacan admite que sempre existe uma escolha forçada por parte do sujeito, já que é possível negar a subjetividade. O sujeito até pode não adotar esta posição dividida ao não se sujeitar ao Outro como linguagem, embora isto acarrete necessariamente uma perda de si mesmo: é o que acontece, por exemplo, no autismo.

Na sequência de sua formalização das operações constituintes do sujeito, Lacan apresentou, também no capítulo 16 do Seminário 11, o que chamou de *separação*: uma segunda operação lógica, equivalente a um retorno, assim como a um corte, hiato e escansão. Enquanto que a primeira operação – a operação alienante – se fundamenta na subestrutura da união, a segunda se situa exatamente na interseção. "Na separação trata-se da possibilidade de se recuperar algo do que está na interseção, e que, pela união, havia sido perdido." (Berendonk, 2005, p. 53). A separação envolve o confronto do sujeito alienado com o Outro, dessa vez não com o Outro como linguagem, mas como desejo.

> O Outro materno precisa mostrar algum sinal de incompletude, falibilidade, ou deficiência para a separação se concretizar e para o sujeito vir a ser como $; em outras palavras, o Outro materno deve demonstrar que é um sujeito desejante (e dessa forma também faltante e alienado), que também se sujeitou à ação da divisão da linguagem, para que testemunhemos o advento do sujeito. (Fink, 1998 [1995], p. 76)

A separação introduz, do lado do Outro, a questão da existência da falta do sentido: são os intervalos do discurso e o enigma do desejo do Outro. Do lado do sujeito, por sua vez, a separação aponta para a necessidade que o sujeito tem – na medida em que o ser lhe falta – de se engendrar, se *parere*, se *parare*. "Lacan faz jogar o equívoco dessa palavra [separação] com *se parer*[74] (se arrumar, mas também se defender, se munir do que é preciso para se pôr em guarda), e igualmente com o verbo latino *se parere* (se engendrar)." (Chemama & Vandermersch, 2007 [2005], p. 31). Assim, a separação é uma tentativa por parte do sujeito alienado de lidar com esse desejo do Outro na forma com que ele se apresenta no mundo do sujeito.

[74] Na língua francesa, a expressão *se parer* é homófona de *separer*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém do que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito. (Lacan, 1990 [1964], p. 207)

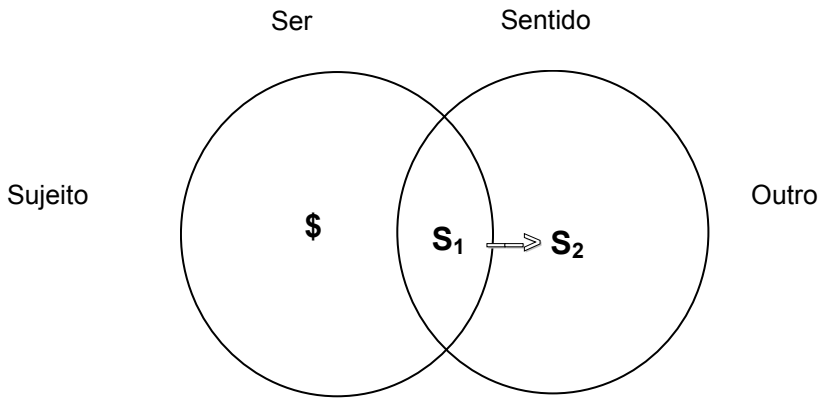
Em suma, no início o sujeito é fundamentalmente objeto do gozo do Outro (Laurent, 1997b). É uma parte perdida de um Outro Real – cujo protótipo é a mãe –, vivendo no lugar de objeto. Mais adiante, se identifica com aquela parte perdida – por não ter identidade, o sujeito acaba por se identificar a algo, ingressando na rede de significantes. Assim, o sujeito tenta assumir suas identificações primárias: com o significante-mestre ou, ainda, como o objeto a ser definido por ele próprio no final: "É a identificação completa: aquilo que ele foi como tal, no desejo do Outro, não apenas no nível simbólico do desejo, mas como substância real envolvida no gozo. Ele só pode tentar recuperá-lo ou identificá-lo dentro do desenvolvimento da cadeia de significantes." (Laurent, 1997b, p. 44).

A introdução dos conceitos de alienação e separação permitiu a Lacan (1964) retomar, de uma outra maneira, a relação do sujeito com o significante e o objeto (Vandermersch, 2000). A alienação em Lacan se define não só como dependência do Outro, mas também como uma divisão lógica em que o significante produz o sujeito. É a relação mais precisa desse sujeito com o significante, embora não se sustente sem que haja um segundo operador: a separação. "A alienação dá ao sujeito uma relação com a morte – não com a morte real, mas com a morte como significante." (Vandermersch, 2002 [2000], p. 42). Já na separação o que se dá é que duas faltas se articulam: a do sujeito e a do Outro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.1.6.1
Indicações millerianas sobre alienação e separação

Ao contrário do que havia feito com o conceito de alienação, em 1964 Lacan não apresenta aos seus interlocutores indicações gráficas da separação. De acordo com Éric Laurent (1997a), no entanto, estas fórmulas foram oferecidas por Miller. Segundo ele, a primeira falta está referida ao fato de que o sujeito não pode ser inteiramente representado no campo do Outro: sempre algo resta. "Não se pode apresentar aí todo o sujeito. O caráter fundamental parcial das pulsões introduz uma falta, que Lacan designa marcando o sujeito com uma barra ($)[75]." (Laurent, 1997a, p. 37).



Alienação em J.-A. Miller (*apud* Laurent, 1997a, p. 37)

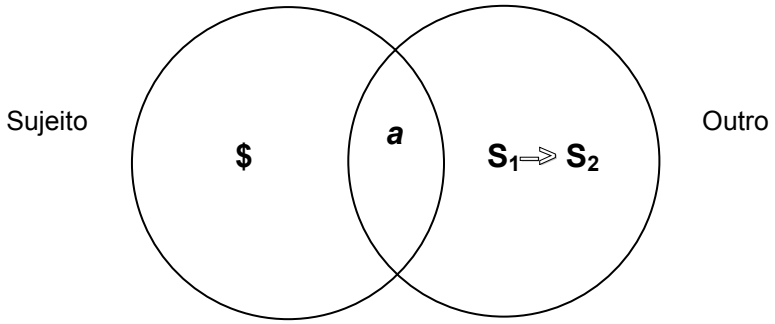
A partir disso, têm-se uma segunda falta – concernente à operação lógica da separação –, que pressupõe uma atividade por parte do sujeito, atividade esta que tem por objetivo fazer com que ele não se represente somente através daquilo que é para o Outro, do que esse Outro lhe diz ou faz.

[75] *Sujeito barrado*, *sujeito fendido*, *sujeito dividido* – escritas sob o mesmo símbolo ($): para Lacan, a notação $ representa que o sujeito está barrado pelo que o constitui propriamente enquanto função do inconsciente. Essa divisão é produto do funcionamento da linguagem no sujeito quando ele começa a falar ainda criança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Ao final do processo de alienação e separação obtém-se como resultado a divisão de ambos, sujeito e Outro. Nenhuma destas partes estava lá, no início, tal como se apresentam agora. A separação resulta num tipo de interseção onde algo do Outro (...), que o sujeito considerava como uma parte sua, lhe é arrancado e conservado, na fantasia, pelo sujeito, agora dividido. (Berendonk, 2005, p. 56)

Neste contexto, o Outro pode ser entendido como o lugar onde um significante $\mathbf{S_1}$ se encontra em relação com um outro significante $\mathbf{S_2}$. Ou seja, para se definir a estrutura do Outro precisamos de pelo menos dois significantes: $\mathbf{S_1 \Rightarrow S_2}$.



Separação em J.-A. Miller (*apud* Laurent, 1997a, p. 37)

No esquema da Separação em J.-A. Miller, os dois significantes $\mathbf{S_1 \Rightarrow S_2}$ se encontram situados no círculo do Outro, o objeto *a*[76] na interseção onde o significante unário ($\mathbf{S_1}$) esteve no esquema da Alienação, e o sujeito ($) no outro círculo.

A partir deste remetimento de um significante a outro a operação de separação faz surgir, além do sujeito ($), também um resto – o objeto *a* –, que no caso se circunscreve tanto no campo do sujeito quanto no campo do Outro, sendo ambas as faltas superpostas. Contudo, existem condições para que esta superposição (sempre incompleta) aconteça: o "Outro deve demonstrar que é um sujeito desejante (e assim também portador de uma falta e alienado), que também se sujeitou à divisão da linguagem, para que testemunhemos o advento do sujeito" (Berendonk, 2005, p. 56).

[76] Segundo Lacan, objeto causa do desejo. Ele não é um objeto do mundo, não é representável como tal. O objeto *a* "só pode ser identificado sob a forma de "fragmentos" parciais do corpo, redutíveis a quatro: o objeto da sucção (o seio), o objeto da excreção (as fezes), a voz e o olhar" (Chemama & Vandermersch, 2007 [2005], p. 278).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.1.6.2

Variações do conceito de *vel* alienante

Nos Seminários 14 e 15, o conceito da alienação aparece nos textos de uma maneira diferente, se comparado a como ele foi apresentado antes. A idéia de separação desaparece após 1964 e o termo *alienação* passa a significar tanto a alienação quanto a separação desenvolvidas entre 1960-1964. Lacan adapta ao *vel* alienante entre o ser ou sentido – *vel* que implica necessariamente uma perda – a negação própria da dualidade de De Morgan[77], negação que é a chave de tudo o que é postulado posteriormente. Passa-se ainda da alienação entre ser e sentido e da operação da separação para a variante do *cogito ergo sum* de Descartes[78], uma variante inventada por Lacan e que deriva da aplicação da negação de De Morgan.

De acordo com Lacan, em lugar de haver um momento ideal como o que Descartes havia proposto em que pensar e ser coincidem, o sujeito é forçado a escolher um ou outro. Ele pode ter pensamentos ou existir, mas nunca ambos ao mesmo tempo.[79] O *cogito* cartesiano "penso, logo sou"[80] transforma-se assim na fórmula lógica "ou eu não penso ou eu não sou", que resolve alguns dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

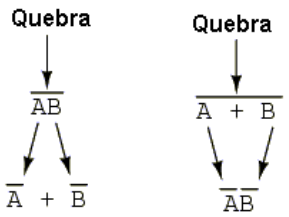
---

[77] Um matemático chamado De Morgan desenvolveu um par de regras complementares usadas para converter a operação "ou" em "e" e vice-versa. Para duas variáveis a lei é:

$$\overline{A.B} = \overline{A} + \overline{B} \quad \text{e} \quad \overline{A+B} = \overline{A}.\overline{B}$$

Assim, quando quebramos a barra longa no primeiro termo, a operação abaixo da barra se transforma de multiplicação para soma e vice-versa.

Teoremas de De Morgan



Quando existem várias barras em uma expressão, você deve quebrar uma barra por vez, aplicando a regra cima.

[78] Sobre o *cogito* cartesiano, cf. *Discurso sobre o método* (Descartes, 2008 [1637]) e *Meditações sobre a filosofia primeira* (Descartes, 2008 [1641]). Aqui, basta saber que, segundo Descartes, há um ponto no qual o pensamento e a existência se sobrepõem; quando o sujeito cartesiano afirma "eu penso", ser e pensar coincidem neste justo momento. É o fato dele pensar que o sustenta enquanto ser. Para Lacan, é o sujeito do *cogito* cartesiano que é subvertido, posto que é aquele que se sujeita à lei do significante e do desejo. Tal método cartesiano o levou, pela primeira vez, a definir o Real como impossível: "o *cogito* é o ponto de partida lógico da explicação do real pelo impossível, na medida em que ele liga o fundamento da ciência à certeza de um sujeito" (Porge, E. *apud* Kauffman, 1996, p. 509).

[79] Ressalto que Descartes estudou o pensamento consciente, enquanto o que interessou a Lacan, assim como a Freud, foi sempre o pensamento inconsciente.

[80] Tradução livre. Na versão em espanhol: "*pienso entonces soy*" (Lacan, 1991 [1966-1967], p. 22).

impasses das operações de alienação e separação. Essa dupla negação “ou eu não penso ou eu não sou” permite reformular, através da ilustração gráfica que reproduzo logo a seguir, o funcionamento dessa disjunção, que se baseia em um *não* excludente.

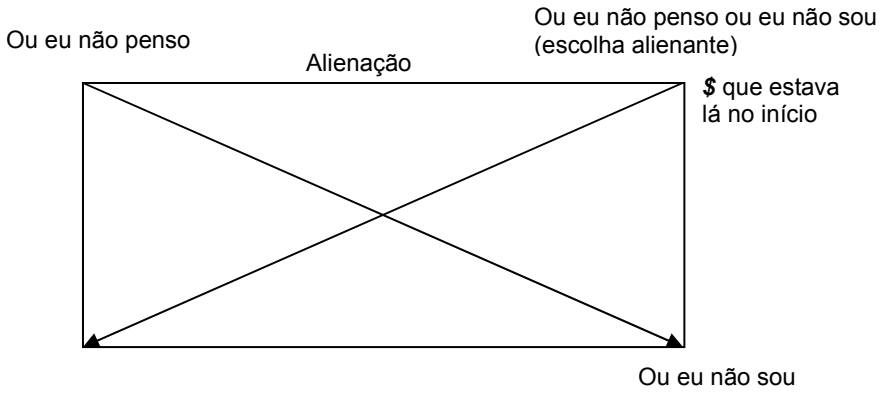


Ilustração gráfica do Grupo de Klein do Seminário 15

Ao considerarmos o uso do termo “pensar” quando Lacan se refere ao pensamento inconsciente como disjunto da subjetividade, então temos nesta ilustração do Grupo de Klein, apresentada nos Seminários 14 e 15, um exemplo claro daquilo que o autor chama de sujeito dividido. O canto direito superior do esquema “ou eu não penso ou eu não sou” fornece uma definição de quem seria este sujeito:

> A alternativa ou/ou significa que somos obrigados a nos situar em algum outro canto deste grafo. O caminho da mínima resistência (...) é negar o inconsciente (negar atenção aos pensamentos que estão se desenvolvendo no inconsciente), um tipo de prazer, no falso ser (canto esquerdo superior).
> (Fink, 1998 [1995], p. 66)

O sujeito encontra-se de saída alienado, fendido. A divisão é, no entanto, o que possibilita sua própria existência, já que o sujeito advém como uma forma de atração na direção de uma experiência primária de prazer/dor ou trauma e como uma espécie de defesa contra esse mesmo prazer que lhe é excessivo (esmagador, embora fascinante). Ele se divide entre o consciente (canto esquerdo superior) e a cadeia de significantes – tais como as palavras, fonemas, letras (canto direito inferior).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> De acordo com a teoria lacaniana, todo ser humano que aprende a falar é, dessa forma, um alienado – pois é a linguagem[81] que, embora permita que o desejo se realize, dá um nó nesse lugar, e nos faz de tal forma que podemos desejar e não desejar a mesma coisa e nunca nos satisfazermos quando conseguimos o que pensávamos desejar, e assim por diante. (Fink, 1998 [1995], p. 23)

Esta fórmula lógica "ou eu não penso ou eu não sou" interessa a Lacan pois não é uma dupla negação no sentido habitual, em que duas negações se anulam entre si, produzindo um resultado positivo. Ela introduz uma outra função, que conserva a formalização de uma perda. Qualquer postura adotada pelo sujeito em relação ao desejo do Outro (o desejo da mãe, de um dos pais ou ambos), uma vez que aquele desejo provoca o desejo do sujeito, remete a uma perda. Enquanto uma escolha impossível entre o "eu não penso" e o "eu não sou", pode ser resumida em matemática como:

$$\overline{A.B} = \overline{A} + \overline{B}$$

Este enunciado, conhecido pela lógica simbólica como teorema de De Morgan, representa uma verdadeira descoberta: a negação da conjunção de duas proposições (por exemplo, quando se diz que não é verdadeiro que A e B sejam sustentáveis conjuntamente), equivale à união da negação de cada uma.

> A lei da dualidade permite, assim, transformar uma operação em outra – a união em interseção e a interseção em união – usando a negação. Não há, no Seminário 11, uma transformação assim mediada por uma negação, isso é, uma perda – exceto o uso que Lacan faz da "perda sem volta" na passagem entre ambas as operações, pensada topológica mas não logicamente – que relacione a operação de alienação e a operação de separação. (Rabinovich, 2000, p. 63)

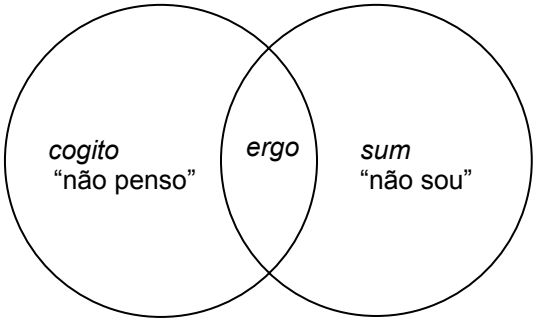
A lei da dualidade de De Morgan implica uma perda inevitável, forçada. Existe um "pensar sem eu" e um "ser sem eu", o que introduz a noção do conjunto vazio, igualando-a ao sujeito. Ou seja, a opção da alienação, formulada como "ou eu não penso ou eu não sou", assegura o sujeito mesmo que de uma maneira velada, já que com isso ele passa a se reconhecer como um ser em falta.

[81] Muito resumidamente, quando Lacan se refere à linguagem, ele a entende enquanto aquilo que constitui o inconsciente. Nas palavras de Fink (1998 [1995], p. 25-26): "(...) a linguagem, da forma como opera ao nível do inconsciente, obedece a um tipo de gramática, ou seja, a um conjunto de regras que comandam a transformação e o deslizamento que existe dentro dela. O inconsciente, por exemplo, tem uma tendência a quebrar as palavras em suas mínimas unidades – fonemas e letras – e a recombiná-las como pareça adequado (...)".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Lacan aplica essa operação alienante ao *cogito ergo sum*, no Seminário 14. Para isso, escreve a união dos conjuntos *cogito* e *sum*, situando *ergo* no lugar da interseção. O *cogito* cartesiano pode ser considerado, desse modo, como a interseção entre os conjuntos *cogito* e *sum*. Sendo assim, pensar e ser excluem-se mutuamente e a interseção entre ambos implica a própria negação.

> Aplicada ao *cogito*, a lei de dualidade permite transformar a relação entre pensar e ser no âmbito da teoria psicanalítica. Não podem ser verdadeiros simultaneamente o pensar e o ser, se é introduzida a negação própria da lei de dualidade no *cogito*. A transformação dá como resultado um "não sou" e um "não penso". O "não sou" situa-se do lado do *sum* e o "não penso" do lado do *cogito*. O destino dessa transformação, de agora em diante, afasta-se de Descartes, e passa a funcionar estritamente no campo da psicanálise e não é um comentário "filosófico". (Rabinovich, 2000, p. 64)



De acordo com Lacan (1966-1967), costumamos negligenciar que a negação assim introduzida afeta o eu [*Je*]: a partir do momento em que o *Je* foi escolhido como instauração do ser, é em direção ao "eu não penso" que se deve ir, posto que o pensamento é constitutivo justamente por uma interrogação sobre o não ser. Assim, a dimensão do Outro, que segundo Lacan é essencial, está no cerne do *cogito* cartesiano. Ela configura o limite do que pode se definir e se assegurar melhor como o conjunto vazio que constitui o "eu sou", nesta referência ao *Je*, como puro e único fundamento do ser. "O "eu sou" não é outro, definitivamente, senão o conjunto vazio, já que ele se constitui por não conter nenhum elemento. O "eu penso" não é, de fato, nada além da operação de esvaziamento do conjunto do "eu sou" " (Lacan, 1967-1968, p. 176).

Já o "eu não sou" significa que não há elemento deste conjunto que exista sob o termo *Je*: isto quer dizer que, ao nível significante, não há "nada que permita ao sujeito se assumir como um eu [*Je*] desejante. O eu [*Je*] está foracluído. Esta é a falta estrutural do sujeito (...)" (Rabinovich, 2000, p. 75). Este

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

reencontro deixa claro que o “eu penso” tem semelhante roupagem, na medida em que este “pensar sem eu” (que é o pensar inconsciente) também exige uma perda.

> (...) o “sou” implica o fundamento do sujeito do “penso”, na medida em que dá esta aparência, pois não é mais que uma aparência de ser transparente a si mesmo, de ser o que podemos chamar de “sou pensado”. (...) ao nível de Descartes e do *cogito* é de um “sou pensado” (*suis-pensée*) que se trata (...).[82] (Lacan, 1991 [1966-1967], p. 36)

Esse “eu penso” implica algo revelado pelo “logo sou” do *cogito* cartesiano. Assim, no lugar onde mais “eu penso” (na ilustração do Grupo de Klein, em direção ao canto esquerdo inferior) é que o sujeito dividido assume (posteriormente) para si a responsabilidade frente àquela experiência traumática de prazer/ dor ou gozo que o constituiu.

> Onde uma vez reinou o discurso do Outro, dominado pelo desejo do Outro o sujeito é capaz de dizer “Eu”. Não “Aconteceu comigo”, ou “Eles fizeram isso comigo” ou “O destino tinha isso guardado para mim”, mas “Eu fui”, “Eu fiz”, “Eu vi”, “Eu gritei”. (...)
>
> Se pensarmos o trauma como o encontro da criança com o desejo do Outro – e muitos casos de Freud sustentam essa visão (considere, para citar somente um exemplo, o encontro traumático do pequeno Hans com o desejo de sua mãe) – o trauma funciona como a causa da criança: a causa de seu advento como sujeito e da posição que a criança assume como sujeito em relação ao desejo do Outro.
>
> (Fink, 1998 [1995], p. 86)

Mas e esse “ou eu não penso ou eu não sou”? Segundo Lacan, na articulação do “eu não sou” está o essencial do inconsciente, referindo-se à questão da surpresa. “Para estar lá como inconsciente, não é necessário ainda que eu pense, como pensamento, em que consiste o inconsciente. Lá onde eu o penso, é para não mais estar lá.” (Lacan, 1967-1968, p. 83). Neste sentido, o lugar do “eu não penso” está marcado por essa forma de sujeito que aparece como que arrancado do campo a ele reservado.

O fundamento desta surpresa, tal como aparece no nível de toda interpretação verdadeira, não é outra coisa que esta dimensão do “eu não sou”. O que se passa ali onde “eu não sou” é algo que pode ser retomado, na opinião de Lacan, na mesma forma de inversão que nos tem guiado todo o tempo. Quer

---

[82] Tradução livre. Na versão em espanhol: “(...) el “soy” que implica el fundamento del sujeto del ”pienso”, en tanto que dá esta apariencia, pues no es más que una apariencia de ser transparente a sí mismo, de ser lo que podremos llamar un “soy pensado”. (...) al nivel de Descartes y del cogito es de un “soy pensado” (*suis-pensée*) que se trata (...)” (Lacan, 1991 [1966-1967], p. 36).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

dizer, o “eu não penso” se inverte e o sujeito se aliena outra vez em um “pensa-coisa”, o que Freud articula sob a forma de representação de coisas, da qual o inconsciente, que tem por característica tratar as palavras como coisas, é constituído” (Lacan, 1967-1968, p. 181). Logo, o “eu não penso” não conflui com o “eu não sou”: de alguma maneira um e outro se recobrem.

> Com efeito, se Freud fala dos pensamentos do sonho é porque, atrás dessas sequências agramaticais, há um pensamento cujo estatuto está por ser definido nisto que ele não pode dizer nem “logo eu sou” nem “logo eu não sou”, e Freud articula isso muito precisamente quando diz que o sonho é essencialmente egoísta, isso implicando que o *Ich* do sonhador está em todos os significantes do sonho e absolutamente disperso, e que o estatuto que resta aos pensamentos do inconsciente é o de ser coisas.
> (Lacan, 1967-1968, 181-182)

A alienação originária, desta maneira, parte da posição do “ou eu não penso ou eu não sou” e desemboca no “eu não penso”, para que ele (**$**) possa até ser escolhido. Deste modo, se pensarmos no papel da análise, ela parte desse ponto do sujeito já alienado, definido pelo psicanalista pelo “eu não penso”. Isto é, a tarefa em que o analista coloca seu analisando implica, de saída, uma destituição subjetiva. O sujeito assim se realiza somente enquanto falta.

> Ele [o psicanalista] o põe na tarefa de um pensamento que se apresenta, de alguma forma, em seu próprio enunciado, na regra que o institui, como admitindo essa verdade fundamental do “eu não penso”: que ele associe livremente, que ele não procure saber se está ou não por inteiro, como sujeito, se ele aí se afirma. A tarefa à qual o ato psicanalítico dá seu estatuto é uma tarefa que já implica essa destituição do sujeito. (Lacan, 1967-1968, p. 98)

Se o sujeito renuncia, porém, à posição de “eu não penso”, ele é impelido para o pólo do “eu não sou”, este sim inarticulável. Mas o que resiste, vale lembrar, não é o sujeito em análise, é o discurso, e exatamente na medida em que há uma escolha forçada (em referência à alienação originária), onde é impossível escolher entre o “onde eu não penso” e o “onde eu não sou”.

O retorno à alienação do sujeito na neurose (eu não penso), após ter alcançado a posição de verdade do inconsciente (eu não sou), representa portanto uma repetição: o sujeito articulado em seus termos deslizantes, mas sempre pronto a escapar de um salto, a um dos quatro lugares dos vértices da estrutura quadrangular do grupo de Klein.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Impondo-se como sujeito de linguagem, feito e efeito de linguagem, o sujeito cartesiano é, a partir da descoberta do inconsciente, revisitado pela lógica da alienação – dividido entre o ser e o pensar – " ou eu não penso, ou eu não sou". Pressupõe-se nesta operação, necessariamente, a formalização de uma perda, que é ao mesmo tempo traumática e estruturante (pois para que o sujeito saiba o que lhe falta ou, melhor ainda, o que falta ao Outro, é necessário que ele perca algo).

*

Após escrever sobre a acepção lacaniana do trauma, de 1952 a 1964, assim como ressaltar em que contexto e de que maneira o autor se apropriou da abordagem freudiana do tema, é preciso destrinchar o conceito de Real em Lacan. O Real é solidário à noção de trauma, após os anos de 1970.

Segundo Lacan, o Real só pode ser definido em relação ao Simbólico e ao Imaginário. Ele não é essa realidade ordenada pelo Simbólico; pelo contrário, ele retorna a um lugar no qual o sujeito não o encontra, a não ser sob a forma de um encontro impossível, tal como expresso em "Pai, não vês que estou queimando?" (Freud, 1900).

Definido como impossível, o Real não pode ser simbolizado totalmente na fala ou na escrita. O trauma, por sua vez, enquanto evento inassimilável para o sujeito, geralmente de natureza sexual, aproxima-se do Real proposto por Lacan na década de 1970, uma parte fundamental e originalíssima de seu trabalho e que enriquecerá a discussão sobre o trauma exposta até agora.

Real e trauma se aproximam tanto em alguns momentos do ensino lacaniano, ao ponto de o trauma por diversas vezes se apresentar como uma variante do conceito de Real.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.2
O trauma e o privilégio do Real

No início do ensino de Lacan, real e realidade são tratados quase como sinônimos. Posteriormente, entretanto, em contraposição à idéia freudiana de realidade psíquica, Lacan forja o *Real*: ele é o "impossível" (Lacan, 2007 [1975-1976], p. 37), o sem-sentido que retorna incessantemente ao mesmo lugar, questionando o sujeito e sua existência.

O Real é o que escapa à realidade psíquica e ultrapassa os campos do Imaginário e do Simbólico, podendo ser apreendido somente através de manifestações intrusivas na vida do sujeito, como as alucinações, ou através da compulsão à repetição presente nos sintomas. A *grosso* modo, é um dos três registros – Real, Simbólico e Imaginário – pelos quais o homem se posiciona no mundo, ou pelos quais se ordena a experiência analítica. Mesmo sem serem conceituados, os registros Real, Simbólico e Imaginário aparecem pela primeira vez juntos em 1953.[83] Contudo, a idéia de Real variará muito ao longo da obra lacaniana.

Desde essa época, a concepção de Real difere da de Simbólico e de Imaginário. É a introdução do Simbólico que remaneja e funda os outros dois registros. A ênfase é colocada sobre o registro do Simbólico para dar conta da eficácia dessa experiência analítica que se passa inteiramente pautada pela fala (*parole*). É desse modo que o Simbólico começa a ascender ao primeiro plano.

Com o objetivo de entender a realidade humana em sua totalidade, Lacan enfatiza os três registros que a compõem – o Simbólico, o Imaginário e o Real – e adianta o que postulará mais tarde sobre o conceito de Real.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[83] Cf. *O Simbólico, o Imaginário e o Real* (Lacan, 1953c). Embora o título da conferência tenha sido impresso em minúsculas numa edição recente da Jorge Zahar, que faz parte da coleção Campo Freudiano no Brasil e é dirigida por Jacques-Alain e Judith Miller (Lacan, 2005 [1953c]), decidi, ao longo dessa tese, escrever com maiúsculas os termos Imaginário, Simbólico e Real, como uma maneira de grifar os conceitos.

> Em primeiro lugar, uma coisa não poderia nos escapar, a saber, que há na análise toda uma parte de real em nossos sujeitos que nos escapa. Nem por isso ela escapava a Freud quando este tinha de lidar com cada um de seus pacientes; porém, naturalmente, estava igualmente fora de sua apreensão e alcance. (Lacan, 2005 [1953c], p. 13)

Mais à frente, Lacan diz que existe um Real que não se trata na análise e que se refere à pessoa, às suas possíveis qualidades ou falta delas. Nesta conferência de julho de 1953, entusiasmado a partir de uma perspectiva estruturalista com o Simbólico, Lacan pouco fala sobre o Real e, com isso, deixa seu interlocutor decepcionado no que se refere ao tema proposto. No entanto, na discussão posterior à conferência, alguns dados foram acrescentados, o que possibilitou um melhor entendimento a respeito dos conceitos de Simbólico e Real neste período da obra de Lacan. Na discussão, Lacan (2005 [1953c], p. 45) acrescenta que "o Real é ou a totalidade ou o instante esvanecido. Na experiência analítica, para o sujeito, é sempre o choque com alguma coisa, por exemplo, com o silêncio do analista".

Entre 1953 e 1960, Lacan situa no Real o desejo inconsciente e as fantasias que lhe estão ligadas, bem como um *resto* – um núcleo desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo. No entanto, após a releitura do caso Schreber, Lacan (1955-1956) franqueia uma dimensão diferente ao conceito de Real, ao discutir a experiência da loucura, na medida em que alguns significantes retornam no Real, sem serem integrados ao inconsciente do sujeito.

Como apresentarei na próxima seção, em meados dos anos 1950 só se atinge o Real pelo Simbólico. A partir dos anos 1960 e, especificamente em 1964, o Real será o que escapa ao Simbólico[84], o Real como trauma. Entretanto, já em 1959-1960, tal como proposto no Seminário 7, a ética da psicanálise será centrada no Real da experiência analítica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[84] Em psicanálise, esse Real impossível de dizer é um Real que fala. Embora um psicanalista recolha os efeitos de significação e dê a eles valor de respostas do Real, não lhe cabe fornecer respostas ao analisando (Miller, 1983-1984).

3.2.1
O estatuto do Real no início do ensino de Lacan: dos primeiros escritos ao seminário *A Ética da psicanálise*

Em *Para-além do "Princípio de realidade"* (Lacan, 1936), o conceito de Real tem um lugar importante, embora se encontre atrelado ao registro do Imaginário. Contudo, na medida em que Lacan privilegia o registro do Simbólico, a experiência analítica, como consequência disso, também será da ordem do Simbólico. Assim, nesse texto de 1936 e nos demais próximos a este só se chega ao Real através do registro Imaginário.[85] No artigo de 1936, Lacan menciona pela primeira vez o termo Real, enquanto discute sobre a relação existente entre a verdade e a ciência. Nesse contexto, ele afirma que:

> (...) a ciência estava bem posicionada para servir do objeto último à paixão pela verdade, despertando no vulgo a prosternação diante do novo ídolo que se chamou de *cientificismo* e, no "letrado", esse eterno pedantismo que, por ignorar o quanto sua verdade é relativa às muralhas de sua torre, mutila o que do real lhe é dado apreender.
> (Lacan, 1998 [1936], p. 83)

Em seguida, Lacan critica o psicólogo associacionista, que se interessa apenas pelo ato de saber, exercendo, desse modo, uma atividade de sábio. É essa mutilação que comete o psicólogo associacionista o que traz consequências cruéis para o ser humano. Compartilhando desse mesmo espírito, o médico também mutila o que do Real é dado apreender:

> É um ponto de vista semelhante (...) que impõe ao médico esse espantoso desprezo pela realidade psíquica, cujo escândalo, perpetuado em nossos dias pela manutenção de toda uma formação academicista, exprime-se tanto na parcialidade da observação quanto na bastardia de concepções como a de *pitiatismo*. (*ibidem*, p. 84)

Numa perspectiva psicanalítica, não há como não se atentar para a realidade psíquica. Desse modo, segundo Lacan, existe um Real em psicanálise que leva em consideração a subjetividade. Em contraposição, em outro campo de saber como, por exemplo, o da medicina, objetifica-se o paciente e tratam-se

[85] Entre 1936 e 1955, o conceito de Real será abordado por Lacan em textos importantes, tais como: *Intervenção sobre a transferência* (1951), *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953b), *O Simbólico, o Imaginário e o Real* (1953c), O *mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose* (1952b) e *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

somente os sintomas manifestos, menosprezando o psiquismo, a história pregressa do doente.

É justamente na década de 1950 e principalmente a partir do ano de 1953 que Lacan irá valorizar o registro do Simbólico, sofrendo influências do estruturalismo de Lévi-Strauss.[86] A proposta de conferir uma função simbólica às crenças, aos mitos e aos ritos e de lhes atribuir valor expressivo é próprio da antropologia. Lévi-Strauss desenvolveu as noções de eficácia e função simbólica já em 1949, e trouxe para a antropologia conceitos elaborados pela linguística moderna, inspirando-se principalmente em Saussure.[87]

> Nos artigos que consagrou à descoberta freudiana, Lévi-Strauss comparou a técnica da cura xamanística ao tratamento psicanalítico. Na primeira, disse ele em síntese, o feiticeiro fala e provoca a ab-reação, ao passo que, no segundo, esse papel compete ao médico que escuta no interior de uma relação em que é o doente quem fala. Além dessa comparação, Lévi-Strauss mostrou que, nas sociedades ocidentais, constituiu-se uma "mitologia psicanalítica" que serve de sistema de interpretação (...). Quando a cura sobrevém pela adesão de uma coletividade a um mito fundador, isso significa que tal sistema é dominado por uma eficácia simbólica. Daí a idéia (...) de que aquilo a que chamamos inconsciente não seria senão um lugar vazio onde se consumaria a autonomia da função simbólica: "Os símbolos são mais reais do que aquilo que simbolizam. O significante precede e determina o significado". (Roudinesco & Plon, 1998, p. 714)

É no *Discurso de Roma* que Lacan valoriza o registro do Simbólico, discurso este proferido em 26/09/1953 para introduzir o relatório *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953b). Esse *Discurso de Roma* foi considerado pelo próprio autor como inaugural de seu ensino, na medida em que ele introduz, entre outras coisas, o conceito de sujeito em Lacan. Entretanto, nesse período do ensino lacaniano, o sujeito se encontrava referido ao sentido. O sujeito era o sujeito do sentido. Ou seja, somente mais tarde Lacan irá dar um outro valor à idéia de sujeito, passando a entendê-la como descontinuidade no Real.[88]

No texto *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia* (Lacan, 1950), o Real ainda está ligado ao Imaginário, embora Lacan aponte

---

[86] Claude Lévi-Strauss (1908-): antropólogo, professor e filósofo, considerado o fundador da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950, e um dos grandes intelectuais do século XX. Completou 100 anos em 28/11/2008.

[87] Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um linguista suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do Estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX.

[88] Na década de 1970, Lacan escreve que a resposta do Real é um dos nomes do sujeito na experiência analítica: isso que o discurso analítico concerne é o sujeito que, como efeito de significação, é resposta do Real (Miller,1987 [1983-1984], p. 9).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

para uma concepção em que se atrele o Real ao Simbólico. Assim, a relação do Real não é somente com o Imaginário, mas agora também com a ordem simbólica.

Se pensarmos em termos de experiência analítica, neste período da obra de Lacan (1950), antes do *Discurso de Roma* (Lacan, 1953a), ela é da ordem do Imaginário, embora já haja o Real. O eu encontra-se alienado no Outro, renuncia-se a si mesmo a fim de ascender como sujeito.

> A experiência analítica é essencialmente singular e a história do homem, de cada homem, tomado em sua particularidade, é feita de uma série de perdas. A palavra-chave é o sentido que só pode ser compreendido pelo sujeito; em outras palavras, o fenômeno psíquico só pode ser compreendido se dotado de um sentido e cabe somente ao sujeito dar esse sentido, mas, do sujeito considerado em sua concretude, em seu contexto humano, vital.
>
> (Chaves, 2006, p. 50)

Como já foi dito anteriormente, no início do ensino de Lacan, o sujeito é o sujeito do sentido. No entanto, Lacan altera sua maneira de pensar e, a partir já da prevalência do Simbólico, percebem-se as primeiras mudanças. O sujeito ao ser constituído pelo Simbólico se determina não mais através de imagens especulares, mas no Outro, alteridade absoluta.

3.2.1.1
A relação do Real com o registro Simbólico

Evidenciar o conceito de Real no período da obra de Lacan em que o registro Simbólico opera como determinante e relacioná-lo com os registros Imaginário e Simbólico é o que faremos ao longo dessa subseção da tese. Lembro que, de acordo com Lacan, os registros Imaginário, Simbólico e Real não se dão de forma isolada, eles operam de forma interligada no campo analítico. Deste ponto de vista, o Real como terceira dimensão é sempre aludido na negativa: ele carece de sentido, não pode ser simbolizado e não se integra imaginariamente a coisa alguma. O sujeito, por sua vez, é habitado por uma lei simbólica invariável e, mesmo sem que ele saiba, esta lei modula as escolhas de sua existência. Precisamente isto quer dizer que o registro Simbólico obedece a leis próprias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Tanto no *Discurso de Roma* (Lacan, 1953a) quanto no Seminário 1 (Lacan, 1953-1954), Lacan afirma que a fala é o único meio de que dispõe a técnica da psicanálise. Por isso, é por ela que se iniciará o que será a apresentação de um modo renovado de lidar com a experiência analítica, e é nesse campo que o registro Simbólico entra em cena fundando uma compreensão diferente sobre o sujeito.

Para Lacan, as palavras sempre significam mais do que simples definições de alguma coisa; elas possuem um caráter metafórico. O ser que verbaliza um apelo é um ser integrado a um sistema simbólico, e é isto que caracteriza o sujeito humano enquanto tal. De posse das idéias formuladas sobre o registro do Simbólico, Lacan (1998 [1953b], p. 259) afirma, no que se refere à experiência analítica, que:

> Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.

Assim, um aspecto a ser considerado nesta assertiva de Lacan é que é na história que pode emergir a verdade do sujeito no Real. Por outro lado, a partir desta afirmativa vemos que, segundo esta concepção, não se vai ao Real a não ser através do Simbólico. O Simbólico é o grande mediador, ele oferece sentido às funções do sujeito. Nesta época, o Real se apresenta, portanto, como algo que deve ser dominado pelo Simbólico.

No que concerne ao conceito de Simbólico em Lacan, Zizek sintetiza seu destino em três etapas sucessivas. Em linhas gerais, Zizek afirma que a primeira etapa está em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953b) e enfatiza a dimensão intersubjetiva da palavra:

> A palavra como meio de reconhecimento intersubjetivo do desejo. O que predomina são os temas da simbolização como historicização, realização simbólica; os sintomas e os traumas são lacunas, são espaços vazios e não-historicizados do universo simbólico do sujeito; a análise 'realiza no simbólico' esses vestígios traumáticos, incluindo-os no universo simbólico ao lhes conferir *a posteriori*, retroativamente, uma significação.
> (Zizek, 1991, p. 76 *apud* Chaves, 2006, p. 56)

Exemplificada pela interpretação da *Carta roubada* (Lacan, 1957a), a segunda etapa é, para Zizek, de certa forma complementar à primeira, assim como a língua é complementar a fala. O problema desta segunda etapa é que nela o sujeito (sujeito do significante, irredutível ao eu imaginário) é no fundo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

impensável: de um lado temos o Imaginário, lugar da cegueira e do desconhecimento; de outro lado temos um sujeito totalmente sujeitado à estrutura, alienado, sem resto, dessubjetivado. (Zizek, 1991, p. 77 *apud* Chaves, 2006, p. 56).

A terceira e última etapa, por sua vez, trata da concepção do Outro barrado, inacabado, a partir do qual se pode apreender o sujeito do significante:

> (...) a falta no Outro quer dizer que há um resto, uma inércia não-integrável no Outro, o objeto *a*, e o sujeito pode evitar a alienação total justamente na medida em que se coloca como correlato desse resto $ ◊ a. Dessa maneira, podemos conceber um sujeito que difere do eu, lugar do desconhecimento imaginário (...).
>
> (Zizek, 1991, p. 77-78 *apud* Chaves, 2006, p. 56)

Em *Intervenção sobre a transferência*, de 1951, aparece explicitamente, pela primeira vez, a idéia hegeliana de que o Real é da ordem do racional. Com isso, podemos dizer que o Real é, neste contexto, da ordem do Simbólico? Cabe aqui a pergunta, já que, embora a análise se dê através do Simbólico, não intervindo diretamente no Real, nem por isso podemos afirmar que não se toca em algo da ordem do Real. Existe uma conjunção entre Simbólico e Real. Nesse texto, bem como em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, de 1953, a ordem do Simbólico passa a predominar sobre a do Imaginário. A fim de esclarecer melhor a relação entre Simbólico, Imaginário e Real, recorrerei agora ao Seminário 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (Lacan, 1954-1955), para, através dele, voltar meu olhar para a definição dada por Lacan de que só se tem acesso ao Real por intermédio do Simbólico. A partir do Seminário 2 estabelecem-se as diferenças entre eu e sujeito, bem como Lacan circunscreve que uma experiência analítica opera a partir de uma ordem diferente da do Real: ela opera pela via simbólica. Logo no primeiro capítulo deste Seminário, Lacan diz que, além do Simbólico e do Imaginário, há também o Real e "as relações psicossomáticas estão no nível do real" (Lacan, 1987 [1954-1955], p. 127). Acrescenta que o Real é sem fissura e só é apreensível por intermédio do Simbólico:

> Lembrem-se do seguinte a respeito da exterioridade e da interioridade – esta distinção não tem nenhum sentido no nível do real. O real é sem fissura. O que lhes ensino, e aí Freud converge com o que podemos chamar de filosofia da ciência, é que este real, para apreendê-lo, não temos outros meios (...) a não ser por intermédio do simbólico.
>
> O real é absolutamente sem fissura.
>
> (Lacan, 1987 [1954-1955], p. 128)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Segundo este ponto de vista e nesta época específica (década 1950), toda relação do sujeito com o objeto, em psicanálise, passa pelo Simbólico, posto que a repetição (enquanto campo do Simbólico) tem a função de estruturar o mundo.

Neste Seminário 2, portanto, o que está em evidência é o registro Simbólico. É ele quem determina o sujeito, embora haja o Real. Este último, o Real, é a soma dos acidentes que sobrevêm na vida da pessoa. Pouco importa se o trauma realmente existiu ou não, ele *per se* exerce sua eficácia e funciona como um ponto que tem que ser construído em análise, para que o indivíduo possa dele dar conta.

Nos anos 1955-1956, totalmente mergulhado na ordem do Simbólico e de posse da idéia de significante, Lacan se debruça sobre o Real em seu estudo a respeito da psicose. Assim, no Seminário 3, ele assinala que o significante estrutura a realidade humana. Dito de outro modo, o homem só tem acesso ao mundo na medida em que faz uso do significante, da linguagem e, neste sentido, só tem acesso ao Real mediado pelo Simbólico.

No Seminário das psicoses, Lacan (1955-1956) fala do Real, metaforicamente, evocando as estrelas que voltam sempre ao mesmo lugar. O Real passa a ser entendido como o que retorna sempre ao mesmo lugar, proposição que aparece pela primeira vez neste seminário.

"A questão não é tanto a de saber por que o inconsciente que está aí, articulado à flor da terra, permanece excluído para o sujeito, não-assumido – mas porque ele aparece no real" (Lacan, 1992 [1955-1956], p. 20). Tudo o que é recusado (*Verwerfung*)[89] no Simbólico pelo sujeito, o que não pôde ser por ele metabolizado, reaparece no Real, e isso tem um lugar especial na psicose:

> Uma exigência da ordem simbólica, por não poder ser integrada no que já foi posto em jogo no movimento dialético sobre o qual viveu o sujeito, acarreta uma desagregação em cadeia, uma subtração da trama na tapeçaria, que se chama delírio. (Lacan, 1992 [1955-1956], p. 105)

Em vários momentos desse Seminário 3, Lacan afirma que se na neurose, em que houve uma simbolização primária, o que foi recalcado retorna na forma de sintomas, sonhos etc., na psicose algo não simbolizado retorna no Real por meio de alucinações e delírios. Logo, com as contribuições ao conceito de *Verwerfung* de Freud, o Real vai ser por Lacan definido como o que escapa à

[89] *Verwerfung*: conceito introduzido por Freud já em 1894, com o objetivo de delimitar um mecanismo de defesa que interviesse especificamente na psicose, diferenciando-o do mecanismo de recalque presente nas neuroses (Rudge, 1998a, p. 48). Assim, a idéia de recusa nesta frase deve ser entendida como alternativa ao recalque.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

simbolização. Desse modo, tal como o trauma, pode-se dizer que a alucinação na psicose toca o Real.

3.2.1.2
A transição da idéia de Real

Pincelarei a partir daqui o Real tal como aparece nos Seminários 4, 5 e 6, momento de transição da idéia de Real, mas já caminhando para elevar ao primeiro plano o Real, preparando o terreno para postulá-lo como Coisa, no Seminário 7. Há todo um percurso feito por Lacan desde o Seminário 4 ao Seminário 7, em direção à definição do Real como o impossível.

No Seminário 7, embora a experiência analítica continue sendo da ordem do Simbólico, Lacan se ocupará da ética do Real, relacionando-o à Coisa e ao tema da repetição. A definição do Real como o que volta sempre ao mesmo lugar é, pois, retomada (essa concepção iniciou-se no Seminário 3), articulada à idéia de que o objeto é faltoso e que se trata sempre de reencontrá-lo, numa busca que nunca é bem sucedida. Aqui o Real não tem mais nada a ver com as estrelas que voltam sempre ao mesmo lugar, mas com a insistência pulsional.

3.2.1.2.1
O Real como pleno

Nos seminários posteriores ao das psicoses, especificamente no Seminário 5 dos anos 1957-1958, no Seminário 6 de 1958-1959 e no Seminário 7 de 1959-1960, Lacan retoma o conceito de Real de forma explícita, tal como já havia antes elaborado. Contudo, no Seminário 4 de que tratarei agora, ele afirma que o Real é pleno, bastando a si mesmo. E é neste seminário que Lacan irá trabalhar a idéia central da falta de objeto, trazendo à tona, por consequência, a dialética dos dois princípios, o do prazer e o de realidade.

Sobre a falta de objeto, apresenta-a sob três faces: castração, frustração e privação. Na castração, a falta é simbólica. Já a frustração pode ser entendida enquanto dano imaginário. Na privação, a falta está no Real.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

> Quando digo que, em se tratando da privação, a falta está no real, isso quer dizer que ela não está no sujeito. Para que o sujeito tenha acesso à privação, é preciso que ele conceba o real como podendo ser diferente do que é, isto é, que já o simbolize. A referência à privação, tal como formulada aqui, consiste em situar o simbólico antes (...).
> (Lacan, 1995 [1956-1957], p. 54-55)

A indagação do autor é a respeito de como, pela frustração, é introduzida a ordem simbólica. Para esta tese, contudo, é suficiente apreendermos o conceito de Real tal como Lacan o define no capítulo XIII do Seminário 4, isto é, como o que basta a si mesmo. Qualquer falta nesse registro denuncia, então, que algo foi simbolizado. "Tudo o que é real basta a si mesmo. Por definição o real é pleno." (*ibidem*, p. 224). Assim, é preciso simbolizar para que se introduza a idéia de privação. "Indicar que alguma coisa não está ali é supor sua presença possível, isto é, introduzir no real, para recobri-lo e perfurá-lo, a simples ordem simbólica." (*ibidem*, p. 224).

No começo, o objeto de que se trata é o objeto perdido: "O objeto é sempre o objeto redescoberto, o objeto tomado ele próprio numa busca, que se opõe da maneira mais categórica à noção do sujeito autônomo, onde desemboca a idéia de objeto acabado" (Lacan, 1995 [1956-1957], p. 25).

Lacan trabalha durante todo o Seminário 4 para dar conta da seguinte pergunta: o objeto é real ou não? Apesar do registro Real ser mencionado por Lacan, privilegia-se nesse seminário o Simbólico, na medida em que a castração, ao contrário da privação e da frustração, é simbólica, e o falo, em suas dimensões simbólica ou imaginária, difere do pênis, este um órgão real. É a lei (simbólica) que define se um objeto falta no lugar em que deveria estar. No Real algo não pode faltar, para isso é preciso a intervenção da ordem do Simbólico.

> Tudo o que é real está sempre e obrigatoriamente em seu lugar, mesmo quando se o perturba. O real tem por propriedade carregar seu lugar na sola dos sapatos. Podem desarrumar quanto quiserem o real, ainda assim nossos corpos vão continuar em seu lugar depois da explosão de uma bomba atômica, em seu lugar de pedaços. A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu. (Lacan, 1995 [1956-1957], p. 38)

Assim, no Seminário 4, Lacan mais uma vez valoriza o registro Simbólico, na medida em que ele perfura o Real e dá uma conotação original à realidade humana.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Já no Seminário 5, de que trataremos logo a seguir, Lacan (1957-1958) se esforça em estruturar as conexões da linguagem como Real. Ele o inicia fazendo um resumo dos seminários até então trabalhados. Interessa-me, deste livro, somente o resumo que ele fez do seminário sobre as psicoses, na medida em que ele retoma a questão do Real trabalhada naquele seminário. Segundo Chaves (2006, p. 141-142),

> Vemos então que, pelo menos nesse momento de seu ensino, o real humano é um real simbólico. E podemos dizer, que, como consequência disso, o real do psicótico é o que escapa à simbolização. Já temos, desse modo, um real que não só se distingue do simbólico, como lhe escapa. Assim também, Lacan justifica a razão que faz com que, da ruptura do delírio, o sujeito psicótico experimente algo da ordem do estranho, que é, para ele, bem real.

Para além da linguagem há o Real, embora este só possa ser apreendido pelo registro Simbólico. Nesse período do ensino de Lacan, é dado um estatuto de autonomia à linguagem, realidade que não só se sobrepõe ao sujeito como o submete às suas leis. É assim que, de acordo com Miller (1998), Lacan tenta estruturar as conexões da linguagem como Real.

A linguagem determina o sujeito, na medida em que as necessidades se alienam nela, na medida em que, só através dela, as necessidades de um indivíduo poderão ser satisfeitas. Em outras palavras, para Lacan, uma criança aprende que há uma via por onde devem essencialmente se inclinar as manifestações de suas necessidades para serem satisfeitas e que, por isso, desde cedo ela se dirigirá a um sujeito que ela sabe falante.

Dito isso, veremos na próxima seção que Lacan retomará, no Seminário *O desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-1959), a idéia presente desde o início de seu ensino sobre o registro do Simbólico: o ser humano deve, para se constituir como tal, entrar na linguagem, no discurso pré-existente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.2.1.2.2
O Real é feito de cortes

No Seminário 6 sobre o desejo e sua interpretação (Lacan, 1958-1959), Lacan caracteriza o Real como feito de cortes, contrapondo-se à definição anterior do Real como sem fissura, presente no seminário proferido nos anos 1956-1957.

Para entender o que Lacan quis dizer com o Real é feito de cortes, abordaremos as lições em que ele fala sobre a ciência e o Real. Na lição de 20/05/1959, Lacan confronta a psicologia behaviorista à psicologia freudiana (psicanálise), com o propósito de sublinhar de que Real se trata nesta última. De acordo com ele, esse Real em psicanálise deve ser situado num *para-além* do sujeito – pois há algo no sujeito que se articula e está mais além de seu conhecimento possível, e que, entretanto, já é o sujeito, "ele se reconhece nisto, que ele é o sujeito de uma cadeia articulada" (Lacan, 2002 [1958-1959], p. 404). Dito de outro modo, o sujeito não se reconhece no discurso do inconsciente, nele ele se desconhece. Ao tentar se nomear nesse discurso, ele não se encontra "senão nos intervalos, nos cortes e ali onde, propriamente falando, ele é o menos significante dos significantes, ou seja o corte. Que ele é a mesma coisa que o corte o torna presente no simbólico" (*ibidem*, p.434). Lacan explica melhor:

> Aqui, nesse caso, o sujeito particular está em relações com este tipo de corte constituído pelo fato de que ele não está relacionado a um certo discurso consciente, de que ele não sabe o que ele é. É disso que se trata, se trata da relação do real do sujeito como entrando no corte, e esse acontecimento do sujeito ao nível do corte tem algo que é preciso mesmo chamar um real, mas que não é simbolizado por nada.
> (Lacan, 2002 [1958-1959], p. 422)

Passarei agora para outro momento da obra de Lacan, quando ele, preocupado com a ética da experiência analítica, colocará o Real em primeiro plano, articulando-o com *das Ding*, com o vazio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.2.1.2.3
O trauma, o Real e a ética da psicanálise

No Seminário 7, Lacan dedica-se à ética da psicanálise. Não se trata da ética referida à esfera das obrigações e dos mandamentos, mas da ética do desejo, da falta. Nesse contexto, a ética em psicanálise se articula com o Real da experiência analítica, e não com os ideais.

> Por mais uma vez, na época em que eu falava do simbólico e do imaginário e de sua interação recíproca, alguns dentre vocês se perguntaram o que era, no fim das contas, o real. Pois bem, coisa curiosa para um pensamento sumário que pensaria que toda exploração da ética deve incidir sobre o domínio do ideal, senão do irreal, iremos, pelo contrário, ao inverso, no sentido de um aprofundamento da noção de real. A questão ética, uma vez que a posição de Freud nos faz progredir nesse domínio, articula-se por meio de uma orientação do referenciamento do homem em relação ao real.
> (Lacan, 1991 [1959-1960], p. 21)

Assim, Lacan se propõe investigar a relação do homem com o Real enquanto uma reflexão eminentemente ética. Interessa a ele refletir sobre a ética da ação analítica centrada no Real dessa experiência, isto é, "no desejo que não se constitui simplesmente em desejar isso ou aquilo, que é da ordem do prazer" (Chaves, 2006, p. 239). Lacan privilegia sobretudo a relação com esse desejo. Para ele, como já foi dito anteriormente nessa tese, a experiência analítica se estrutura pelo Simbólico, embora o Real nela também se faça presente – "o real como tal, o peso do real" (Lacan, 1991 [1959-1960], p. 31).

O Real, que passa a ser colocado em evidência a partir do seminário da ética em psicanálise, "não é imediatamente acessível" (*ibidem*, p. 31) e está ligado ao conceito freudiano de pulsão de morte. Lacan se refere, aqui, aos princípios do prazer e de realidade e ao fato de Freud, a partir de 1920, colocar em jogo tal oposição ao propor um além do princípio do prazer como tropeço desse princípio que objetiva ficar na defensiva, mantendo-se na menor tensão possível.

Lacan procura um gozo além do princípio do prazer, através do questionamento sobre a diferença existente entre os conceitos freudianos de princípio do prazer e de realidade. Ele situa essa distinção no plano ético, na medida em que reconhece que há um Real que impulsiona o sujeito a ir além do princípio do prazer. Retoma neste seminário também sua proposta de haver um Real "que se apresenta em sua experiência como o que retorna sempre ao mesmo lugar" (Lacan, 1991 [1959-1960], p. 95).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Neste seminário, Lacan desenvolve uma nova idéia acerca do Real: além de haver um Real externo, existe também um Real concernente ao mundo subjetivo, que é da ordem da pulsão. De um ponto de vista lógico, Lacan acentua a posição passiva do sujeito em relação ao significante e define o Real em sua relação com a *Coisa*.

> Como lhes disse, a Coisa é o que do real padece dessa relação fundamental, inicial, que induz o homem nas vias do significante, pelo fato mesmo de ele ser submetido ao que Freud chama de princípio do prazer, o que está claro (...) que não é outra coisa senão a dominância do significante – digo, o verdadeiro princípio do prazer tal como ele funciona em Freud.
> (Lacan, 1991 [1959-1960], p. 168)

O conceito de Coisa denota, de acordo com Lacan, o vazio que está no centro do Real. Em suas palavras: "Essa coisa (...) será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa – ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa" (*ibidem*, p. 162). No pensamento de Lacan, neste momento de transição teórica, é fundamental para o homem a vinda do significante e é por seu intermédio que a Coisa se apresenta.

Ao longo desse seminário, o Real é essencialmente inscrito pela via de uma defesa primária para o sujeito. A palavra defesa qualifica ali a relação inaugural do sujeito com o Real. No entanto, Lacan continuará elaborando este conceito nos anos seguintes ao Seminário 7. Ele irá relacionar seu objeto *a* ao Real, assim como chegará a formular o Real como o impossível da relação sexual. Nos anos 1970 ele se servirá da topologia do nó borromeano, entrelaçando em definitivo os três registros, Real, Simbólico e Imaginário. Através desse nó, falarei em seguida da questão do trauma e do Real no ensino de Lacan, como também, mais à frente, tentarei pensar, com Miller (2003), um pouco mais sobre o trauma e a experiência do Real no tratamento psicanalítico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

3.2.2
A topologia do nó, o trauma e o Real

É somente na década de 1970 que surge, na teorização lacaniana, a topologia do nó *borromeano*, que vem substituir a estrutura do sujeito, tal como aparece no seminário sobre a psicose. Embora conhecido por marinheiros, tecelões e escoteiros, a idéia do nó borromeano deriva do brasão que ornamentava o escudo de armas da nobre família Borromeo, que vivia no norte da Itália. Quase que por acaso, Lacan encontrou o chamado nó borromeano, construído por três rodelas entrelaçadas e inseparáveis. Sua única propriedade, o borromeanismo, pressupõe simplesmente que, cortando-se qualquer uma das rodelas de barbante, as outras duas também se acham dispersas. Para ele, o nó borromeano só pode ser feito a partir de três elos: o Imaginário e o Simbólico não bastam *per se*, é preciso o elemento terceiro, o Real. A perda de qualquer destas três dimensões deve tornar livre, uma da outra, as duas outras. Em outros termos, o nó se desata.

Interessada em circunscrever a concepção de Real, que frequentemente é associada à de trauma em Lacan, retomo agora a proposta do psicanalista em *Les non-dupes errent* (1973-1974). Afirma então que há três dimensões do espaço habitado pelo falante: o Simbólico, o Imaginário e o Real.

> Se há três dimensões do espaço e se começo a enumerá-las, Simbólico e Imaginário, a prova é fazer que isso dê a terceira, (...) o Real. (...) Aí eu não posso dizer que é a data de seu batismo, deste Real ...eu fiz isso há muito tempo, quando comecei meu ensinamento. *Eu te batizo Real porque se tu não existisses seria preciso te inventar*.
> (Lacan, 1994 [1973-1974], n.p.) [90]

Tomando as coisas como Lacan expunha na década de 1970, há, pois, três elos que se nodulam borromeanamente: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Lembro que Lacan enunciou primeiro que o nó é a ternaridade pura e simples, que a tomada desta ternaridade se sustenta pelo fato de não haver distinção entre os três elos por nenhuma qualidade, como também por não existir nenhuma diversificação do Imaginário em relação ao Simbólico e ao Real. Suas substâncias não são diferentes, devendo ser considerados os três elos sob a espécie dessa consistência que faz, de cada um deles, um.

Em *R.S.I.* (Lacan, 1974-1975), o Real é assimilado a um *resto* impossível de transmitir. Lacan afirma que não cabe ao nó fundar uma determinada ordem,

[90] Cf. seminário de 11/12/1973.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

na qual pudessem se encadear os três elos. O que ele faz encontrar é essa consistência que não os diversifica, mas somente os enoda. Para ele, deve existir uma estrutura tal que o Real, ao se definir assim, seja o Real de antes da ordem, não supondo um primeiro, um segundo, um terceiro, bem como nem mesmo um meio com dois extremos. Não importa qual dos três círculos pode fazer esse papel, qualquer um deles pode preencher a mesma função e é neste sentido que, para o autor, há uma tendência a homogeneizá-los. Todavia, nem todas as maneiras de fazer o nó são as mesmas. É suficiente que o Real fique antes, com relação ao Simbólico. Se o Imaginário vem primeiro ou não, isso não tem importância para Lacan. Basta que haja três elos – o Imaginário, o Simbólico e o Real – e que o Real fique antes, em relação ao Simbólico. Só isso sustenta o Real.

Na tentativa de explicar sua tese de que *o Real é três*, Lacan (1973-1974) assinala que o Real é o que se determina do que não se escreve da relação sexual. Segundo ele, onde não há relação sexual, isso faz *troumatisme*[91]. Ou seja, inventa-se o que se pode para tampar o buraco do Real. Assim, inventa-se uma maneira qualquer de estabelecer uma relação, onde na verdade não há nada. Um exemplo de Lacan, no Seminário 3, que diz respeito ao contexto do desencadeamento de uma psicose, pode esclarecer o que é essa invenção que tampona o buraco do Real. Ali, Lacan cita um sujeito que vivera anos a fio como uma traça em um buraco, tendo sua própria rotina como única proteção contra o *troumatisme* da foraclusão. No caso, essa *vida no buraco* – uma vida regrada e sem mudanças – foi a invenção que lhe permitiu lidar com o *troumatisme*.

Para Lacan (1973-1974), é justamente porque não há dois falantes que possam se conjugar, que eles falam. É pela via completamente contingencial que entra para eles aquilo que faz o três, o Real. É certo que, de início, os falantes não sabem que são sujeitos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[91] Sobre o neologismo *troumatisme*: jogo de palavras em francês para traumatismo, utilizado por Lacan quando ele retoma a distinção freudiana entre trauma na neurose histérica e na obsessiva. Na histeria, há um trauma por um gozo a menos que faz furo, daí *troumatisme* (*trou* = buraco); na neurose obsessiva, *tropmatisme*, existe um excesso de gozo, um gozo a mais (*trop* = excesso).

> Ele conta um e dois, mas não se conta como três. Ele colocará aí tudo que quiser, até mesmo o que disfarça os outros dois, a saber, ela mesma, a criança, como se diria. É um bom pretexto para fazer entrar o Real velando-o completamente: nada mais é que uma criança, o Real; se não é a própria criança, será qualquer terceiro, será a tia Ivone, enfim será qualquer outro... O avô fulano de tal, no momento que isso faz três, tudo serve para não descobrir que se trata do três como Real. (Lacan, 1994 [1973-1974], n.p.) [92]

Segundo Lacan, o inconsciente é a soma dos efeitos da fala sobre um sujeito que se constitui pelos efeitos do significante. Antes mesmo da constituição subjetiva, antes de um sujeito que pensa e se situa nesse pensamento, o inconsciente conta, é contado e no contado já está o contador. Só depois o sujeito se reconhece como contador e é desta maneira que posso afirmar, concordando com Lacan, que enquanto o sujeito não se implica, só há Real.

Continuando a seguir as idéias lacanianas referidas ao Real, recupero a pergunta: *Como o saber inconsciente se apresenta no caminho que nos leva ao Real?* Na aula de 11/06/1974, Lacan ressalta que o saber inconsciente é um saber no Real. O saber inconsciente, para ele, é diferente de conhecimento; é definido pela conexão de significantes. Por outro lado, é um saber desarmônico, não se prestando a um casamento feliz. É neste sentido que o analista deve permitir aos clientes elaborarem tais saberes inconscientes que estão neles como um cancro, um saber que chateia. Pois seja num sonho, chiste ou ato falho, o saber inconsciente se mostra: “nos apercebermos que o inconsciente é talvez, sem dúvida, desarmônico, mas que talvez ele nos leve, um pouco mais, ao Real, do que a esse pouco de realidade que é a nossa, a do fantasma” (Lacan, 1994 [1973-1974], n.p.). [93]

Se, para Lacan, há saber no Real, é preciso excluir deste Real o tipo de saber do artesão, um saber que pressupõe conhecimento – o artesão exerce seu ofício de uma certa maneira porque um outro artesão lhe ensinou a fazer assim. Lacan conjectura que o saber de que o analista se ocupa, por outro lado, é um saber que se transmite sob uma forma totalmente diferente... Numa psicanálise, primeiro um saber se anuncia; depois, o falante reconhece ali seu lugar de sujeito. Este *só depois*, para Lacan, é um conceito clínico da maior importância, que envolve questões tanto metodológicas quanto éticas. Neste sentido, sendo o *só depois* um operador teórico fundamental, a psicanálise não pretende deduzir o inconsciente a partir de qualquer tipo de conhecimento prévio.

[92] Cf. seminário de 12/02/1974.
[93] Cf. seminário de 11/06/1974.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

O inconsciente, dizia Lacan, é a parte do discurso concreto que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente. É o capítulo censurado da história do falante, mas que pode ser resgatado através, por exemplo, da análise dos sonhos. O inconsciente regula o que angustia o sujeito. Ora, a angústia é o afeto que sinaliza a iminência do levantamento do recalque para o analista. Ela sinaliza ao analista e oferece ao sujeito a oportunidade de se apropriar de algumas representações inconscientes que, até então, expressavam-se através do sintoma.

Continuando com Lacan, se o inconsciente do sujeito é o discurso do Outro, logo o inconsciente aponta para a própria divisão subjetiva – e constitui o locus onde o sujeito responde cegamente ao desejo inconsciente de se fazer objeto do desejo de um Outro. Só neste sentido e, ainda por cima, levando em conta que a alienação é condição fundadora do sujeito, entendo o que Lacan explica sobre o inconsciente nomear coisas para o falante.

Há um saber inconsciente que se insinua nos atos falhos, nos sintomas, nas brechas e deslizes sem sentido daquele que fala – algo desse saber escapa, faz furo. Trocando em miúdos: o que o inconsciente mostra é a fenda onde a neurose se amarra a um Real que pode não estar determinado. Assim é que, numa análise, a neurose se transforma em cicatriz, que é do inconsciente. Sobre o assunto, vale ressaltar que trauma deriva do grego *traumatikós*, que significa *ferir*, e que ferida remete a algo que pode ser curado, mas que muitas vezes deixa cicatrizes. Dessa maneira, o trauma se constitui como um buraco, um *troumatisme*, ao ser contornado pelas formações do inconsciente, como se fosse o umbigo do sonho. O umbigo é uma cicatriz, no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical. Sob essa leitura, o trauma não é contingente, mas necessário à estruturação do sujeito. Ferida constitutiva (recalque originário), que tenta se fechar pela organização de uma neurose e que estabelece o sujeito como dividido.

Afasto-me por ora do meu ponto de partida, mas acredito ser interessante esclarecer que Lacan identifica o que se produz no campo do Real como sintoma. Segundo ele, a idéia de sintoma social foi introduzida por Marx, bem antes de Freud, como sinal de que alguma coisa não funciona bem. O sintoma inventado por Marx não é um sintoma transhistórico, portanto válido para qualquer forma de sociedade, mas um sintoma que concerne à sociedade capitalista.

Lacan (18/02/1975) sublinha que a origem da idéia de sintoma social deve ser buscada em Marx, que foi o primeiro a construí-la, na ligação entre o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

capitalismo e o feudalismo. Na opinião de Lacan, o capitalismo tem efeitos sobretudo benéficos, pois, despojando o homem proletário de tudo, faz com que ele atinja sua própria essência humana. Para Lacan, esta é a forma pela qual Marx analisou o tema *sintoma social*. Segundo esta visada, o inconsciente é o que responde pelo sintoma, determinando-o. A partir daí ele pode ser responsável pela maneira com que cada sujeito goza, na medida em que os sintomas são particulares: o sintoma do obsessivo não é o sintoma da histérica.

Para exemplificar clinicamente o que constitui o sintoma, "este algo que roça o inconsciente" (Lacan, 1991 [1974-1975], n.p.)[94], recorro ao Seminário 23, no qual está exposto um caso de loucura, que começa pelo sintoma *palavras impostas* (Lacan, 2007 [1975-1976], p. 91 et seq.). Nesse caso, após ter tido a sensação de falas que lhe eram impostas, o paciente é afetado por telepatia – sente-se um telepata emissor, não tendo mais segredos. Lacan comenta que este paciente enlouqueceu quando começou a acreditar "que todo mundo sabia das reflexões a mais que ele fazia com relação ao que considerava como falas que lhe eram impostas" (*ibidem*, p. 92).

O ponto de Lacan é que as palavras de que todos os homens dependem, de algum modo, são sempre impostas. Originariamente, tanto neuróticos quanto psicóticos são traumatizados, pois, numa leitura lacaniana, a essência humana é ser falante. Logo, o verdadeiro trauma do sujeito é a existência da linguagem e sua dependência do significante. A linguagem se impõe a todos os falantes: neste sentido, as palavras lhe são *impostas*, sendo vividas por cada humano como uma forma de câncer. Assim, partindo-se do pressuposto que trauma é condição *sine qua non* para se tornar falante, considero que essa entrada no campo da linguagem acontece de forma invasiva tanto para psicóticos quanto para neuróticos. Entretanto, ao contrário dos psicóticos, os sujeitos neuróticos conseguem sair da posição de extrema alienação à linguagem barrando o Outro num segundo tempo, que corresponde ao tempo da separação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

[94] Cf. seminário de 21/01/1975.

3.2.3
O trauma e a experiência do Real no tratamento psicanalítico

No curso *A experiência do real na cura psicanalítica*, proferido em 1998-1999, J.-A. Miller explora o termo Real ao longo de todo o ensino de Lacan.[95] Miller chama experiência do Real a essa perspectiva que nos dá um ponto de vista diferente daquele que Lacan elaborou e difundiu no começo, mas congruente com seu último ensino. Ele aparece em nosso uso como obstáculo, levando aos limites do campo da linguagem, onde a psicanálise se instalou desde Lacan.

Miller (2003) procurou na história da psicanálise a experiência do Real com que se depararam os analistas em sua prática clínica. Parte do pressuposto que eles tiveram essa experiência e a batizaram com termos que estavam ao seu alcance (resistência, defesa e, especialmente, reação terapêutica negativa). Na opinião de Miller, o Real se lhes apareceu na forma de reação terapêutica negativa (a exemplo de Wilhelm Reich), como obstáculo. Essa experiência que os analistas tiveram do Real, que fez com que eles se interessassem em estudar as resistências e defesas em análise, remete a uma divisão do desejo do paciente de se curar (transferência positiva) e, por outro lado, de não se curar (reação terapêutica negativa).

Para Reich, para abordar a base da reação terapêutica negativa deve-se recorrer à idéia de uma perturbação de um equilíbrio neurótico. Ao analista – enquanto agente da operação analítica – cabe sempre a função de perturbador. Se o analista é analista, ele perturba esse equilíbrio (neurótico). Por isso, Reich sustenta fazer o papel de inimigo do paciente, de sorte que todos os afetos suscitados pelo analista, projetados sobre sua pessoa, sejam eles negativos ou positivos, a seu entender servem fundamentalmente à defesa e ao rechaço da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

---

[95] Segundo Miller (09/09/1981), o ensino de Lacan pode ser dividido em três grandes fases:

1ª fase (1953-1963): toma a forma de um seminário de textos freudianos: Lacan se dedica cada ano a trabalhar um conceito, uma ou duas obras de Freud; a categoria do Simbólico (essencial nesta fase) é construída.

2ª fase (1964-1974): a favor da segunda cisão e da mudança de Lacan para a Escola Normal Superior de Ensino são, depois dos *Quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Lacan, 1964), dez anos onde os termos lacanianos – o sujeito barrado ($), o objeto *a*, o Outro (A) – tornam-se o centro da elaboração; os problemas colocados por sua articulação se superpõem e às vezes substituem o problema inicial.

3ª fase (após 1974): Lacan toma por objeto os próprios fundamentos do seu discurso, e especialmente a tripartição Real-Simbólico-Imaginário (*R.S.I.*, título do seminário de 1974-1975). O nó borromeano faz função de referência nesta fase. O Real ocupa, daí em diante, a frente da cena.

operação analítica (Miller, 2006 [2003], p. 75). Assim, de acordo com determinadas perspectivas psicanalíticas, existe uma fase em que o equilíbrio neurótico do sujeito se torna um obstáculo ao tratamento, e esta transformação de equilíbrio em obstáculo se dá na entrada em um processo de análise.

A elaboração do conceito de Real em psicanálise ocupa um lugar privilegiado no pensamento lacaniano, de acordo com Miller (2003). Para ele, o ensino de Lacan parte de uma definição do Real segundo a qual ele é o sentido. Este ponto inicial esteve velado pelo passo seguinte dado por Lacan – e que se cristalizou como o lacanismo – segundo o qual o Real psicanalítico é o significante (Miller, 2006 [2003], p. 15).

Lacan não quis dizer outra coisa quando, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953b), afirmou que o inconsciente é história, entendendo ali história como uma sucessão de resignificações do Real. Dizer que o inconsciente é história é dizer que está constituído pelo conjunto dos efeitos de sentido, donde tem, de alguma maneira, sua substância real (Miller, 2006 [2003], p. 14). É como se o inconsciente evidenciasse que há um saber no Real, que o Real se apresenta na forma de saber.

No entanto, somente na última parte de seu ensino Lacan aponta para um Real que não seria nem significante nem significado, que seria algo distinto do sentido e distinto do saber. Este Real remetiria o sentido e o saber a outra coisa, a uma articulação semântica do significante com o significado.

Assim, para Miller (2003), Lacan estabelece ao final de seu ensino que ali onde o analisando busca a verdade, ele é conduzido a encontrar o Real. Certamente se trata menos de que o analisando encontre o Real do que o inverso, isto é, o Real o alcança. Esta é a defasagem entre a verdade que é almejada, sua decepção por não ser alcançável, e o achado do Real. Miller afirma que, numa perspectiva lacaniana, o processo de cura está relacionado à *significantização*[96] do que não pôde até aquele momento ser simbolizado, ou do que, apesar de simbolizado, não o foi suficientemente.

O ponto de partida de Lacan, nesse contexto, é que a relação significante-significado domina o Real. Ao afirmar isso, a perspectiva de Lacan ao final de seu ensino tem um efeito retroativo sobre seu começo, na medida em que o princípio segundo o qual a relação significante-significado domina o Real é de alguma forma o princípio mesmo do Estruturalismo, cujo legado Lacan recebeu através de Lévi-Strauss (Miller, 2006 [2003], p. 23-24).

[96] Sobre a idéia de *significantização* em Miller (2003), ver página seguinte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

No início, Lacan partiu de uma perspectiva estruturalista para delinear o Real. Não se tratava do Real como Outro do sentido, que é o que Lacan nos deixou como legado de seu último ensino, mas do Real fragmentado em elementos linguísticos, dominado pelo Simbólico.

De acordo com a perspectiva estruturalista, Lacan se dedicou primeiro à idéia de Real na articulação significante-significado, a isso que do Real se encontra transmutado em significante e que pode vir a ser convertido em significado deste significante. Nas palavras de Miller (*ibidem*, p. 26), dali o valor do termo *significantização*; ele traduz esta transmutação, que manifesta exatamente o predomínio do semblante sobre o Real, levando este Real à qualidade de significante.

Esta transmutabilidade do Real à qualidade de significante implica em o Real estar atrelado a um saber que se apresenta na forma de leis. E Lacan sustenta, não mais a partir de Lévi-Strauss mas sim com Jakobson[97], que há leis do significante que se impõem ao Real. Com efeito, a transformação do Real em significante não nos deixa esquecer que o significante tem suas próprias leis e, por isso, se impõe ao Real significantizado.

Na opinião de Miller, estas duas operações permitiram a Lacan renovar nossa leitura daquilo que em Freud representaria o Real bruto, ou seja, o Isso. Lacan o define do seguinte modo: o Isso – o *Es*, em alemão – é o significante que já está no Real, o significante incompreendido. Assim, a leitura de Lacan do *Es* freudiano se apóia na idéia de que haja significante no Real. Lacan explica que essa fonte das pulsões (*Es*), não é o Real bruto a não ser que exista no Isso o significante instalado, que funciona, e cuja melhor representação é a linguagem.

Lacan supõe também, já desde o Seminário 4, que existe um saber prévio no Real. A significantização do Real é por uma parte a elevação do Real à qualidade de significante, assim como, por outra, a implicação do significante no Real como estando já ali.

No entanto, o saber que há no Real não facilita nem abre o acesso ao outro sexo: no que concerne ao acesso ao outro sexo, não existe programa inscrito no Real. A proposição segundo a qual a sexualidade esburaca o Real radicaliza o que Lacan expõe a partir do período de latência em Freud, e é a origem de sua famosa universal negativa, uma fórmula segundo a qual não existe relação sexual. Essa assertiva radical estabelece que a relação

[97] Roman Osipovich Jakobson (1896-1982): pensador russo que se tornou um dos maiores linguístas do século XX, pioneiro da análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

significante-significado se inscreve ali onde no Real não há saber, um Real que escapa à simbolização. Desse modo, a falha do Real determina o que pode então inscrever-se de semblante.[98] É verdadeiramente a relação enquanto fórmula que falta como programa no Real (Miller, 2006 [2003], p. 31).

Retomando as categorias apresentadas imediatamente acima, a não relação sexual é o acontecimento no sentido do trauma, esse que deixa marcas em cada falante, sinais no corpo que são o sintoma e o afeto. Sob uma primeira perspectiva da obra de Lacan, o trauma é uma falha no interior do Simbólico, à qual o sujeito tenta responder fazendo sintomas. É desta forma que entendo a afirmação segundo a qual o sintoma é uma resposta do sujeito ao traumático do Real. Embora não "domestique" totalmente o Real, pois não tem todos os elementos para isso, o sintoma permite ao sujeito retirar daí sua verdade (uma verdade que advém do Outro). O sujeito se engancha em seu sintoma porque acredita nele, acomodando-se à castração. Para Lacan, o sintoma é Real.

A idéia de que não existe outro Real além do que exclui todo tipo de sentido é exatamente o contrário de nossa prática clínica. Isolar este momento significa o fracasso da psicanálise. No último ensino de Lacan, a idéia de exclusão tolera a idéia de que há, em última instância, um Simbólico incluído no Real, apesar de este último excluir o que é significante, significado e sentido. Por outro lado, há também Real no Simbólico: se trata do fenômeno da angústia, tal como proposto desde Freud. A angústia vale como Real no Simbólico. Esse ponto impossível de reabsorver no Simbólico é a angústia em sentido generalizado, que inclui a angústia traumática. Contudo, o traumatismo do Real pode também ser compreendido sob uma outra perspectiva, tal como desenvolve Miller (2003) no curso de 1998-1999.

No final de seu ensino, Lacan propõe um tratamento analítico orientado para a antinomia entre Real e semblante, o que redunda em desvalorizar ou, ao menos, resituar o que é da ordem de interpretar o recalcado. Em outras palavras, a partir deste ponto de vista, a direção do tratamento privilegia o Real em detrimento da relação significante-significado. O "último Lacan" consiste, contrariamente ao primeiro, em questionar não somente o que faz sentido como também aquilo que constituiu saber (Miller, 2002).

As relações do Outro e do sujeito podem ser também tomadas às avessas: a linguagem advinda do Outro é entendida como um parasita fora do sentido do ser humano. Assim, a imersão na linguagem é traumatizante na

[98] Este semblante que aparece dominado pelo Real no texto lacaniano pode ser definido como a relação mesma de significante e significado (Miller, 2006 [2003], p. 22).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

medida em que comporta em seu cerne uma não-relação (sexual). Foi isso que permitiu a Lacan dizer que o trauma é, em última instância, um trauma sexual.

Em seu curso, proferido em 1998-1999, Miller afirma que há três versões do Real; para ele, os três termos que Freud reuniu – *inibição*, *sintoma* e *angústia* – têm como princípio de seu agrupamento a relação com o Real. Miller (2003) assinala que, do lado do analisando, a experiência do Real é, sobretudo no último ensino de Lacan, uma experiência do Real como sintoma. Os analisandos, bem como os que demandam análise, padecem com a intrusão e a repetição do sintoma. Eles experienciam o Real por vezes como sintoma, por vezes como angústia.[99]

Além do analisando poder experienciar o Real através de sintomas ou da angústia, ele também pode o experienciar como inibições, a partir de um *não poder* que parece absoluto, esse que Freud imputava à debilidade do eu, e que na experiência pode se apresentar com o passar do tempo como um muro, um ensurdecimento por parte do inconsciente, que evidencia a insistência de algo mais poderoso, de ordem diversa do recalque e refratário à eficácia da interpretação.

No entanto, quais são os termos da experiência do Real do lado do analista? Para Miller, eles são o recalque, a resistência e a defesa. De certa maneira, com o recalque, sempre que Freud conduzia o discurso do analisando para que ele superasse o que até aquele momento não havia conseguido verbalizar, esbarrava no Real. Este era, porém, um Real dócil ao Simbólico, que se deixava decifrar, que produzia sentido como a forma histérica da defesa. Este conceito de recalque foi constitutivo do inconsciente freudiano (Miller, 2006 [2003], p. 105).

Ao final de seu ensino, Lacan pensa em um Real próprio ao inconsciente, aquele que responde à fórmula da não-relação sexual. O Real que é transmitido pela fuga do discurso é um Real demonstrado pela contingência das relações sexuais, dos traumas sempre presentes nos encontros, estes encontros que são, em última análise, sempre desencontros (Miller, 2002, p. 17).

A partir desta aproximação, o analista passa a ser ele mesmo o lugar do trauma, quando se presta a ajudar o analisando a reencontrar a palavra depois de um trauma. É desse modo que podemos entender as assertivas de que a linguagem é traumatizante, bem como o analista pode ser considerado como um *trauma suficientemente bom* (Laurent, 2002), sempre que ele serve de empuxo

[99] Para Miller (2003), a angústia seria uma reação mais arcaica, quando comparada ao sintoma e às inibições.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

para o analisando falar. O analista é entendido, deste ponto de vista, como um parceiro que traumatiza o discurso comum para autorizar um outro discurso, o do inconsciente.

O trauma é um mau encontro e pode ser representado de diferentes maneiras – através de um desastre natural (terremotos, tsunamis etc.), dos horrores da guerra e da violência ou da própria fala advinda do Outro. Ainda que o sujeito não seja responsável pelo Real que o invade, isso produz efeitos nele, que por isso responde. E a resposta dos indivíduos a ele também não é sempre igual. Se o inconsciente é efeito de linguagem – em alusão à fórmula lacaniana *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* – é preciso então tentar compreender o poder traumático não só dos eventos traumatizantes mas igualmente das palavras, independentemente do seu conteúdo. A experiência analítica mostra que boas palavras também adquirem valor traumático: dizer a alguém que ele será isso ou aquilo na vida pode provocar inibições num sujeito que não se vê apto a realizar as palavras recebidas (Soler, 2002 [2001], p. 8).

Muito embora o trauma seja considerado um evento que excede as capacidades representacionais do sujeito, ele também pode, sob determinadas circunstâncias fantasmáticas, ter função terapêutica, pois exige uma reorganização em novas bases do eu, o que pode ter como consequência a redução do sofrimento psíquico do sujeito, organizando seu narcisismo.

Em outras palavras, a solução que se dá ao trauma, através da elaboração, pode ser positiva. A gravidade do trauma, que introduz uma descontinuidade na história do sujeito, na narrativa que se dá de sua vida, pode permitir um movimento positivo em vez de um efeito deletério mais agudo. O trauma, então, é como uma questão aberta a que cada um responderá como puder, às vezes até entrando em análise.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Considerações finais

O presente trabalho pretendeu, a partir de uma análise crítica de diferentes perspectivas sobre o trauma dos psicanalistas Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Jacques Lacan, circunscrever a concepção de trauma em psicanálise e avaliar sua fecundidade na clínica psicanalítica, assim como nos estudos psicanalíticos sobre a cultura. Logo na introdução, foi feita uma breve explanação sobre a etimologia da palavra trauma. Esclareceu-se como as idéias de trauma e sedução encontravam-se interligadas na teoria freudiana e, mais à frente, também na teoria ferencziana.

Já desde o final do século XIX, Freud transpôs a noção de trauma para o plano psíquico, e com ela os três significados que continha: o de uma efração, o de um choque violento e o de consequências sobre o conjunto da organização. Em sua obra, ofereceu dois modelos para pensar o trauma, sem que eles fossem mutuamente excludentes: um modelo quantitativo e um temporal. O modelo quantitativo considerava que o aparelho psíquico possuía uma barreira contra estímulos excessivos vindos do exterior, barrreira que podia ser rompida diante de estímulos que determinassem uma quantidade de excitação excessiva para poder ser capturada pelo aparelho psíquico. Por sua vez, o modelo temporal definia o trauma em função da ausência de preparação para o acontecimento traumático. O deslocamento da ênfase sobre a quantidade de estímulo para o tempo em que ele ocorria priorizava a importância do período de latência entre o que marcava o corpo e o que atingia a mente.

As duas definições esquemáticas de trauma acima descritas – a quantitativa e a temporal – recobrem na verdade duas interpretações metapsicológicas diversas do trauma: a primeira, associada à teoria do recalque e ao retorno do recalcado, característica da primeira tópica freudiana; a segunda, relativa aos acidentes traumáticos, aos sobreviventes de guerra e às catástrofes naturais ou àquelas produzidas pela ação humana. Este último modelo pode ser encontrado na seção 1.3 deste estudo, dedicada às neuroses traumáticas de guerra.

Para acompanhar a evolução freudiana no que se refere ao trauma, situou-se a progressão de seu pensamento sobre o tema numa articulação conceitual e cronológica. Assim, no primeiro capítulo, o trauma foi apresentado desde os estudos preliminares sobre a histeria (Freud, final do século XIX),

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

passando pelo interesse de Freud pelas neuroses traumáticas de guerra e indo até a virada da década de 1920, que deu origem à segunda tópica, com *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920) e *O eu e o isso* (Freud, 1923).[100] Essa virada teórica teve o trauma como seu móvel, de vez que foram os sintomas subsequentes ao trauma que levaram Freud a empreender a maior revisão na teoria psicanalítica desde suas origens.

Resgatou-se ainda seu depoimento em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939 [1934-1938]), ensaio em que Freud sustentou mais uma vez a origem traumática das neuroses, o que acarretou uma nova discussão sobre o tema à luz dos efeitos traumáticos que pesavam sobre os grupos, os povos e assim por diante. De acordo com este ensaio, o trauma explica não apenas o movimento repetitivo encontrado na história pregressa do indivíduo, como também a repetição na história coletiva.

Neste estudo, acompanhou-se, em diferentes seções e detalhadamente, o desenvolvimento das teorias de Freud sobre o trauma. Quatro fases se destacaram, a meu ver, na obra do autor:

1. As primeiras formulações sobre o trauma, entre 1892 e 1897, envolvendo a primeira teoria da sedução e o trauma – real – na teoria da histeria. A primeira teoria do trauma pôde ser reconhecida desde os primeiros escritos sobre a histeria, quando Freud desenvolveu a questão do trauma psíquico como um corpo estranho no psiquismo que, muito depois da ocorrência, persistia sendo um agente em ação. O trauma continuava, desse modo, provocando efeitos sobre o psiquismo como se ainda fosse presente, ponto importante e que caracterizou essa primeira teoria como "o trauma enquanto afeto estrangulado".
2. O papel da realidade psíquica no trauma, quando Freud matizou a realidade objetiva da sedução traumática pela descoberta da influência das fantasias inconscientes e dos desejos na sedução infantil. Com a descoberta da sexualidade infantil, o trauma passou a ser substituído pela fantasia ou a encontrar nela seu complemento. Após 1897, Freud recomenda que não se busque separar o que ocorreu e o que seria fantasia, o que deve ser levado em conta é a realidade psíquica. A fantasia assumiu a força que antes pertencia exclusivamente ao evento traumático e real. A castração e a diferença sexual, como traumas

[100] O título deste trabalho de Freud de 1923, tal como traduzido pela Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, seria *O ego e o id*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

estruturais, substituíram o trauma de sedução. A idéia de *a posteriori*, presente já desde a primeira teoria da sedução, jamais foi abandonada: é ainda preciso que uma situação infantil e uma situação atual se entrelacem para constituir o efeito traumático.

3. O tema do trauma volta à baila entre os anos 1915 e 1920, inicialmente imposto a Freud pelos casos de neuroses traumáticas de guerra que, aparentemente, não tinham relação privilegiada com objetos sexuais. A análise das sintomatologias traumáticas geradas nas pessoas durante a Primeira Guerra Mundial foi o que mais tarde inspirou as construções de Freud sobre a existência de algo além do princípio do prazer, assim como as novas formulações sobre pulsão de morte, compulsão à repetição e sobre a própria concepção de trauma (Freud, 1920). A repetição era uma maneira de elaboração do trauma, sendo que ele podia não estar remetido diretamente à uma experiência infantil de natureza sexual, atingindo o sujeito também na fase adulta.
4. A relação entre trauma e angústia, formulada em 1926. Em *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1926 [1925]) tenta integrar as duas definições esquemáticas de trauma e, com este fim, retoma o modelo quantitativo da primeira tópica freudiana. Neste trabalho, Freud afirmou que a angústia não tinha origem na sexualidade mas no desamparo. O trauma passou a ser, por conseguinte, a separação do ser protetor, do qual o supereu era o resto. A angústia sinalizava quando alguma situação evocava o trauma no aparelho psíquico, já que ela reproduzia o desamparo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

A concepção ferencziana do trauma foi apresentada no segundo capítulo deste estudo, a partir de dois enfoques. No primeiro, o trauma foi considerado estruturante e necessário à constituição da subjetividade do indivíduo, sendo exemplificado pela castração e pelo aprendizado das normas de higiene pela criança (cf. textos de Ferenczi das décadas de 1910 e 1920). No segundo, as situações traumáticas foram consideradas como capazes de colocar em risco o projeto identificatório do sujeito, por não serem adequadamente metabolizadas e, dessa forma, integradas ao psiquismo (cf. ensaios ferenczianos após 1929). Na teoria ferencziana, é sobretudo o meio ambiente que desorganiza o aparelho psíquico.

Ferenczi se reportou ao trauma ligando-o aos principais pressupostos da *neurotica* freudiana. Vai, entretanto, além, a partir de descobertas que derivam

do trabalho no campo transferencial, no qual enfatiza a importância de se levar em conta o lugar do psicanalista na cena de análise. Associando a teoria da clínica à cena traumática, valorizou a alteridade na constituição do trauma: o trauma era o resultado de uma ação de uma outra pessoa sobre o traumatizado, e eventualmente essa ação poderia advir do analista.

Foi principalmente na década de 1930 que Ferenczi trabalhou a noção de trauma. Como vimos, o trauma, nesta época, constituia-se em dois tempos: um primeiro em que um evento precoce e real acontecia – as atitudes sexuais sedutoras dos adultos frente às demandas de carinho e verdade das crianças – , e um segundo, em que entrava em questão a idéia inovadora de desmentido.

O mito do trauma ferencziano pode ser resumido da seguinte maneira: a criança, após ter sido violentada por um adulto (violação que pode ser desde o aprendizado de hábitos de higiene até um abuso sexual real), procurava outro adulto no qual confiava para contar o ocorrido a ele. Este segundo adulto a desmentia.

A importância do trauma no surgimento das neuroses é decisiva, e esse fator traumático é, geralmente, sexual. Ferenczi comparou a situação analítica ao trauma infantil, na medida em que o psicanalista poderia ocupar o lugar do adulto na cena traumática. A eventual hipocrisia profissional do analista é, em sua conceituação do trauma, intimamente ligada ao papel concedido ao desmentido por parte do adulto do mal feito à criança. A hipocrisia analítica poderia funcionar da mesma forma, e isso o motivou a propor a aplicação de uma nova técnica, denominada por ele “análise mútua”. O que poderia estabelecer o contraste entre o passado traumático e o presente seria a confiança depositada na figura do psicanalista, e tal confiança se fortaleceria sempre que o psicanalista fosse capaz de admitir seus erros, permitindo inclusive que o cliente o criticasse.

No último capítulo deste estudo, retomou-se o tema do trauma, desta vez na teoria lacaniana, com o objetivo de sustentar a idéia de que, para este psicanalista, o verdadeiro trauma é a entrada de cada sujeito no meio significante. O trauma deve ser entendido como aquilo em torno do qual o sujeito se constitui.

Com o objetivo de pensar a clínica do significante e a questão do trauma, foram abordadas, ao longo deste capítulo, algumas idéias psicanalíticas importantes, tais como: a questão de temporalidade, do *só depois*; e a importância da compulsão à repetição como uma maneira de reatualização do trauma.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Embora Lacan tenha repensado a constituição da subjetividade do indivíduo à luz do trauma desde a década de 1950, é principalmente no Seminário 11 de 1964 que se encontra maior originalidade no que se refere à abordagem do assunto. Para justificar sua posição sobre o trauma como não contingencial, Lacan retomou a seu modo, em 1964, idéias antes propostas por Aristóteles. A partir delas, Lacan diferenciou dois modos de repetição: *tiquê* e *autômaton*. A *tiquê* referia-se à repetição como encontro com o Real. O *autômaton*, por sua vez, ligava-se à idéia de retorno, da volta demandada pelo princípio do prazer.

Também neste capítulo, foram apresentadas duas operações lógicas constituintes da subjetividade do indivíduo – a alienação e a separação. Estas duas operações diziam respeito ao fato de que o sujeito era produzido dentro da linguagem que o aguardava, sendo inscrito no campo do Outro. Ambas se referiam ao trauma estruturante na obra lacaniana após 1964.

A introdução da temática da alienação e separação permitiu a Lacan repensar a relação do sujeito com o significante e com o objeto. Após esclarecidas as duas operações lógicas, detalhou-se a concepção de Real em Lacan, conceito solidário à idéia de trauma a partir principalmente da década de 1970.

O conceito de Real em Lacan é bastante complexo e sofreu mudanças ao longo de seu ensino, as quais se procurou acompanhar brevemente. Por meio da topologia do nó borromeano, proposta no início dos anos 1970, discutiu-se o Real no ensino de Lacan. Por fim, tratou-se o tema do trauma e a experiência do Real no tratamento psicanalítico, de acordo com Lacan e com Jacques-Alain Miller.

Numa leitura lacaniana, o trauma fundamental é o encontro com a linguagem. Assim, a partir do momento em que o sujeito recebe uma fala atributiva, ele se vê dividido entre as palavras recebidas e todas as outras que ficaram em suspenso. A percepção não é anulada, mas também não se inscreve simbolicamente na cadeia significante, permanecendo no psiquismo sempre pronta para irromper.

O Real traumático é concebido como algo a ser tamponado pela homeostase que norteia o funcionamento do princípio do prazer. Lidar com o Real que aí se apresenta não é sem consequências. Uma dessas consequências é a fantasia, que se situa como um recurso do qual o sujeito lança mão para poder fazer frente ao inevitável enfrentamento com este Real.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Contudo, existem outras possibilidades de se lidar com o Real e o adoecer está entre elas. Em consonância com as três principais perspectivas teóricas analisadas neste estudo, a solução dada para o trauma será, por conseguinte, sempre singular a cada sujeito.

Neste estudo não foram aprofundadas questões relativas à técnica analítica, de acordo com as três perspectivas teóricas analisadas. Freud e Ferenczi referem-se a uma cisão ou fragmentação do eu que seria resultante do trauma, ou, mais precisamente, de uma defesa contra a angústia por ele provocada. O sentido do tratamento analítico deveria atenuar essa cisão através da possibilidade de simbolização. Uma reconstrução bem sucedida costuma propiciar ao analisando vivenciar uma melhora sintomática, na medida em que a parte encapsulada de seu eu volta a ser mais permeável, integrando-se melhor à rede associativa. As recordações traumáticas emergem com frequência na relação transferencial durante um tratamento analítico. O psicanalista deve lidar com o desconforto produzido nele próprio e ser capaz de utilizar o material que emerge na análise e seus afetos correspondentes, cuidando para que a tensão produzida do lado do analisando não ultrapasse o nível suportável, a ponto de colocar em risco a continuidade da análise.

Uma das hipóteses que não se deve deixar de contemplar, a partir dos muitos suicídios que se seguiram a uma exposição de situações traumáticas por seus autores, geralmente em livros, é que existe um risco em conduzir a análise na crença de que a verbalização e o relato dos acontecimentos traumáticos seja algo desejável e deva ser estimulado pelo analista. Por outro lado, muitos dos escritores que contaram suas experiências nos campos de concentração nazistas mencionaram a dificuldade e a rejeição que pressentiam em seus parentes ou amigos de ouvir deles sobre as atrocidades vividas. Talvez a experiência de escrever em solidão seja diversa daquela de encontrar um interlocutor que possa escutar, sem que a própria angústia coloque o narrador em posição defensiva, e reconhecer aquelas experiências como da ordem do insuportável.

Diversos sobreviventes da *Shoah* jamais encontraram notícias de familiares e conhecidos de quem haviam se separado durante a guerra. A falta de confirmação de sua morte os impedia de enterrar seus mortos, o que constituía um enorme obstáculo para qualquer forma de luto. Havia também a impossibilidade em quem se dispusesse a acolher seus testemunhos, o que causava profunda decepção. Aliado a tudo isso, em muitos casos, percebia-se que pouco ou nada havia mudado com o fechamento dos campos de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

concentração, o que invibializava o cumprimento da promessa aos que pereceram de testemunhar para que algo semelhante nunca mais viesse a ocorrer. Tudo isso redundou em vários suicídios, mesmo após os sobreviventes terem lutado tanto pela vida durante a guerra.

Para citar somente alguns casos de escritores consagrados que testemunharam publicamente sobre os horrores da *Shoah* e mais tarde cometeram suicídio, lembro Primo Levi, Paul Celan, Sarah Kofman, Bruno Bettlheim e Tadeusz Borowski. Borowski (1922-1951), por exemplo, suicidou-se aos 28 anos de idade, inspirando gás de um forno em 1951!

Primo Levi (1919-1987) tornou-se, após a *Shoah*, um dos romancistas italianos mais conhecidos. Escreveu memórias, contos, poemas e novelas. *É isso um Homem?* (Levi, 1947) é considerado um dos mais importantes trabalhos memorialísticos do século XX. Morreu em 1987, depois de cair no vão da escada interna do prédio de três andares onde vivia. Especula-se, até hoje, que ele tenha se suicidado. Embora parentes argumentem que a queda foi acidental, a maioria dos biógrafos tende a acatar a idéia de suicídio.

Paul Celan (1920-1970) foi um poeta judeu que começou a escrever poemas em 1938, aos 17 de idade. Teve sua obra – mais de 800 poemas escritos ao longo de sua vida, muitos deles desconhecidos da maioria do público e não traduzidos – marcada pelo trauma da experiência da catástrofe, a *Shoah*. Pôs fim à sua vida em 1970.

Sarah Kofman (1934-1994), por sua vez, uma das mais significativas pensadoras do pós-guerra e autora de mais de 20 livros, incluindo várias obras sobre Freud, Nietzsche e feminismo, escreveu vários trabalhos autobiográficos. *Paroles suffoquées* (Kofman, 1987) é dedicado a seu pai, Berek Kofman, que ela viu pela última vez em julho de 1942. *Rue Ordener, rue Labat* (Kofman, 1994) também começa com a prisão de seu pai pela polícia de Vichy, cidade a sudeste de Paris.[101] O título se refere a dois endereços: o primeiro, onde a família vivia até a detenção do pai, e o segundo, onde Sarah ficou abrigada, durante a maior parte do período da guerra, depois de ter sido recolhida por uma parisiense divorciada, que a tratava como filha. O livro conta a história desse período e da disputa de custódia entre a mãe adotiva e a mãe biológica, após o término da guerra.

[101] A França de Vichy foi o governo francês dos anos 1940-1944, estabelecido após o país ter-se rendido à Alemanha. Era um governo fantoche da influência nazista que se opunha às Forças Livres Francesas, baseadas inicialmente em Londres e depois em Argel.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Kofman se suicidou logo após haver publicado suas memórias em 1994 e na data do 150º aniversário de nascimento de Nietzsche, autor sobre o qual ela já havia escrito e por quem ela nutria admiração.

Bruno Bettelheim (1903-1990), reconhecido como um prestigiado psicólogo infantil, foi deportado pelos nazistas para o campo de concentração de Dachau e, mais tarde, para Buchenwald, durante a Segunda Grande Guerra. Aí pôde observar os comportamentos humanos quando o indivíduo é submetido a condições extremas, as quais estiveram na base das suas teorias sobre a origem do autismo. Graças a uma anistia em 1939, foi libertado e emigrou para os Estados Unidos. Tornou-se professor de Psicologia em universidades americanas e dirigiu o Instituto Sonia-Shankman em Chicago para crianças psicóticas, destacando-se o seu trabalho com crianças autistas. Cometeu suicídio em 1990, possivelmente deprimido pela morte da esposa (1984) e após sofrer um derrame cerebral. Talvez o retorno das experiências traumáticas vivenciado com a separação definitiva da esposa tenha se associado àquelas perdas irreparáveis e reais, experienciadas durante a Segunda Guerra.

Supõe-se que uma pessoa que tenha vivido normalmente durante vários anos após a libertação dos campos de concentração pode, em decorrência de uma mudança significativa na vida ou com a própria velhice, adoecer novamente pelo reaparecimento dos efeitos do trauma sofrido na *Shoah*. Logo após serem libertadas, as pessoas não conseguiam refletir e avaliar suas experiências de imediato. Estavam ocupadas demais tentando sobreviver e reconstruir suas vidas; muitas felizmente conseguiram, embora as consequências deixadas se apresentassem mais adiante.

> Enquanto o suicídio raramente ocorria imediatamente após a *Shoah*, os números cresceram nos anos 60, quando os sobreviventes envelheceram e sua capacidade de lidar com o trauma diminuiu (...).
> (Ballinger, 1998, p. 117 *apud* Kupferberg, 2004, p. 207)

Assim, a recordação do vivido pelos testemunhos autobiográficos pode haver provocado o retorno de afetos recalcados, tornando-se uma ameaça fatal à integridade psíquica daqueles que viveram para testemunhar e impedir que algo semelhante ocorresse novamente.

Ao final deste trabalho, quero ressaltar que este estudo sobre os caminhos do trauma em Freud, Ferenczi e Lacan não pretendeu esgotar a riqueza de seus pensamentos, mas abrir novas vias de acesso à renovação da teoria e da prática psicanalíticas. Assim, aponto para o quanto seria rico

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

continuar a presente pesquisa sobre o trauma, levando-se em conta o manejo da transferência no processo psicanalítico em casos de neuroses de origem traumática. Sem dúvida a importância da formação do psicanalista (no que concerne a ele próprio haver se submetido a um tratamento de análise, sua experiência clínica, o compartilhamento dessa experiência na supervisão etc.) é condição para um bom andamento do tratamento. Mas isso não o libera do esforço de construção teórica: a forma como vai intervir especificamente no atendimento de analisandos com neuroses traumáticas, em oposição às neuroses espontâneas, será consequência de seu entendimento do que constitui, metapsicologicamente, o trauma em questão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

Bibliografia

ABEL, M. C. (2001). **Os traumas e as neuroses em Freud**. Rio de Janeiro: Oficina Editores.

ABRAHAM, K. (1918). **Contribution à la psychanalyse des névroses de guerre**. Disponível em: http://www.megapsy.com/Textes/Abraham/blblio050.htm. Acesso em: 08 dez. 2008.

ABRAHAM, N.; TÖROK, M. (1972). A cripta no seio do ego: novas perspectivas metapsicológicas. In: ____. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 215-257.

ASSOUN, P-L. (1999). **O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz; fundamentos da clínica à teoria**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

BALLINGER, P. (1998). The culture of survivors, post traumatic stress disorder and traumatic memory. **History and memory: Studies in representation of the past**, EUA: Indiana University Press, v. 10, n. 1, p. 99-132, spring 1998.

BERENDONK, E. H. C. (2005). **Gozo, logo existo, em busca do pensamento: um estudo psicanalítico sobre as drogadicções**. 139f. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BERGMANN, M. V. (1992). An infantile trauma, a trauma during analysis, and their psychic connexion. **International journal of psycho-analysis** (1992), London: The Institute of Psycho-Analysis, v. 73, n. 3, p. 447-454, jun. 1992.

BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. **Revista brasileira de psicanálise**, vol. 41, n. 1, p. 154-175, mar. 2007.

BOKANOWSKI, T. (2000). **Sándor Ferenczi**. São Paulo: Via Lettera.

____. (2002). Traumatisme, traumatique, trauma. **Revue française de psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, tome LXVI, n. 3, p. 745-757, juillet-septembre 2002.

BOYNE, J. (2006). **O menino do pijama listrado: uma fábula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRAUNSTEIN, N. A. (2003). Sobrevivendo ao trauma. **Tempo psicanalítico** (2003). Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 35, p. 93-114, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

BREGLIA, A. (2004). La experiencia de lo Real en la cura psicoanalítica, de Jacques-Alain Miller. **Virtualia**. Revista digital da EOL, ano III, n. 9, fev./mar. 2004. Disponível em: http://www.eol.org.ar/virtualia/009/default.asp?notas/libros-abreglia-01.html. Acesso em: 08 dez. 2008.

CARUTH, C. (1996). Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória). In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 111-136.

CARVALHO, M. C. D. de. (2005). Fantasia: abrigo do sujeito. **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 5-9, jun. 2006.

CHAVES, W. C. (2006). **O estatuto do Real em Lacan: dos primeiros escritos ao Seminário VII, A ética da psicanálise**. Universidade Federal de São João del Rei, 2006. Disponível em: http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/34/04.htm. Acesso em: 08 dez. 2008.

CHAVES, W. C. (2006). **O estatuto do Real em Lacan: dos primeiros escritos ao Seminário VII, A ética da psicanálise**. 333p. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: http://www.bdtd.ufscar.br/tde_busca/arquivo.php? codArquivo =951 . Acesso em: 06 dez. 2008.

CHEMAMA, R. (1995). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

CHEMAMA, R. & VANDERMERSCH, B. (2005). **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

COELHO JR., N. E. (2003). Trauma, cisão e simultaneidade. **Tempo Psicanalítico** (2003). Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 35, p. 75-91, 2003.

COSTA, A. M. D. (2005). Trauma e repetição – um fragmento clínico. **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 10-14, jun. 2006.

COSTA, J. F. (1984). À guisa de introdução: Por que a violência? Por que a paz? In: ____. **Violência e psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986, p. 9-61.

____. (1995). Uma fonte de água pura. In: PINHEIRO, T. (1995). **Ferenczi: do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ, p. 9-17.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

COSTA-MOURA, F. (2001). “Pai não vês que estou queimando?” – Encontro com o real entre o sonho e o despertar. In: **Tempo freudiano / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais** (2002). Rio de Janeiro: Tempo freudiano associação psicanalítica, p. 69-74, mai. 2002.

COUTINHO, A. M. M. (1994). **Psicanalista uma função sedutora**. 299f. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

COUVREUR, C. (2002). Le trauma aujourd’hui et ses conséquences. **Revue française de psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, tome LXVI, n. 3, p. 691-693, juillet-septembre 2002.

DESCARTES, D. (1637). **O discurso sobre o método**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 2008.

____. (1641). **Meditações sobre a filosofia primeira**. Campinas, Editora Unicamp, 2008.

DUNKER, C. I. L. (2006). **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 15-24, jun. 2006.

ENRIQUEZ, E. (1983). **Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

FAINGOLD, R. **O holocausto e a negação do holocausto**. Disponível em: http://www.reuvenfaingold.com/artigos/holocausto.pdf. Acesso em: 25 mar. 2009.

FAVERO, A. B.; FIGUEIREDO, L. P. (1993). **O édipo e a castração**. Monografia – CFCH/IP, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

____. (2003). Um sonho de Freud. **Dizer 14**. Rio de Janeiro: ELP-RJ, p. 29-38, 2003.

____. (2004). **Os destinos da sedução em psicanálise: estudo sobre a sedução em Freud, Ferenczi e Laplanche**. 96f. Dissertação de mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, fev. 2004.

FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FELMAN, S. (1991). Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 13-71.

FERENCZI, S. (1909). Transferência e introjeção. In: ____. **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 29-60.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FERENCZI, S. (1912). O conceito de introjeção. In: ____. **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 61-63.

____. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: ____. **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 74-88.

____. (1916). Dois tipos de neurose de guerra (histeria). In: ____. **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 259-273.

____ (1917). As patoneuroses. In: ____. **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 291-300.

____. (1918). Psicanálise das neuroses de guerra. In: ____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 13-29.

____. (1924). As fantasias provocadas (atividade na técnica da associação). In: ____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 241-248.

____. (1924). Os fantasmas provocados. In: ____. **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 231-238.

____. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 53-68.

____. (1930a). Princípio de relaxamento e neocatarse. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 47-51.

____. (1930b). Notas e fragmentos. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 235-284.

____. (1931). Análises de crianças com adultos. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 69-83.

____. (1933 [1932]). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-106.

____. (1934). Reflexões sobre o trauma. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 109-117.

____. (1934 [1931]). Reflexões sobre o trauma. Da revisão de *A interpretação de sonhos*. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 111-115.

____. (1934 [1932]). Reflexões sobre o trauma. Da psicologia da comoção psíquica. In: ____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 109-111.

____. (1985 [1932]). **Diário clínico/ Sándor Ferenczi**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

____. (1988). **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus.

____. (1991). **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FERENCZI, S. (1992a). **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes.

____. (1992b). **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes.

____. (1993). **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes.

FERREIRA, A. B. de H. (1986). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1996.

FINGERMANN, D. (2004). Trauma e fantasia. De que se trata? **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 3-4, jun. 2006.

FINK, B. (1995). **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FINK, B. (1997). A causa real da repetição. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 239-245.

FREUD, A. (1946). Identificação com o agressor. In: **O ego e os mecanismos de defesa**. 19ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular S.A., 1968, p. 121-133.

FREUD, S. (1956 [1886]). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 39-53.

____. (1886). Prefácio à tradução das *Conferências sobre as doenças do sistema nervoso*, de Charcot. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 57-60.

____. (1888). Histeria. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-108.

____. (1888 [1888-1889]). Prefácio à tradução de *de la suggestion*, de Bernheim. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 121-138.

____. (1950 [1892-1899]). Extratos de documentos dirigidos a Fliess. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 251-384.

____. (1892-1893). Um caso de cura pelo hipnotismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 175-191.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FREUD, S. (1892-1894). Prefácio e notas de rodapé à tradução de *Conferências das terças-feiras*, de Charcot. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 195-210.

____. (1940-1941 [1892]). Esboço a "Comunicação preliminar" de 1893. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 213-222.

____. (1893a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (Breuer e Freud). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 41-53.

____. (1893b). Charcot. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 19-31.

____. (1893 [1888-1893]). Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 225-245.

____. (1893-1895). Estudos sobre a histeria: Breuer e Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 17-297.

____. (1894). As neuropsicoses de defesa. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 51-72.

____. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 387-529.

____. (1895 [1894]). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia". **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 89-114.

____. (1895). Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 117-132.

____. (1896a). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 135-148.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FREUD, S. (1896b). A etiologia da histeria. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 177-203.

____. (1896c). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 151-173.

____. (1900). A interpretação de sonhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IV e V, Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 17-566.

____. (1905 [1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 12-115.

____. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 118-230.

____. (1906 [1905]). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 254-263.

____. (1907). O esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M. Furst). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 135-144.

____. (1908 [1907]). Escritores criativos e devaneio. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 147-158.

____. (1908a). Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 161-170.

____. (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 211-228.

____. (1908c). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 185-208.

____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. X, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-154.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FREUD, S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do Amor I). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 147-157.

____. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do Amor II). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 159-173.

____. (1913 [1912-1913]). Totem e tabu. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 13-194.

____. (1914a). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 191-203.

____. (1914b). A história do movimento psicanalítico. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 13-82.

____. (1914c). Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 85-125.

____. (1915a). Artigos sobre metapsicologia. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 123-245.

____. (1915b). O inconsciente. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 183-245.

____. (1915c). Reflexões para os tempos de guerra e morte. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 310-341.

____. (1915d). Os instintos e suas vicissitudes. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 129-162.

____. (1917 [1915]). Luto e melancolia. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 271-294.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FREUD, S. (1917 [1916-1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise: teoria geral das neuroses (Parte III). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 289-539.

____. (1917a). Conferência XVIII: Fixação em traumas – o inconsciente. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 323-336.

____. (1917b). Conferência XXII: Algumas idéias sobre o desenvolvimento e regressão – etiologia. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 397-417.

____. (1917c). Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 397-417.

____. (1917d). Conferência XXV: A ansiedade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,** v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 457-479.

____. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-153.

____. (1919 [1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 199-211.

____. (1919a). Introdução a *A psicanálise e as neuroses de guerra.* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 257-270.

____. (1919b). O 'estranho'. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 273-314.

____. (1919c). 'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 223-253.

____. (1920). Além do princípio do prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-85.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 89-179.

____. (1923). O ego e o id. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-83.

____. (1925). Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 155-173.

____. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 95-201.

____. (1927). Fetichismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 175-185.

____. (1931). Sexualidade Feminina. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 257-279.

____. (1933 [1932a]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-220.

____. (1933 [1932b]). Conferência XXXI: A dissecção da personalidade psíquica. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 75-102.

____. (1933 [1932c]). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 103-138.

____. (1933 [1932d]). Conferência XXXIII: Feminilidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 139-165.

____. (1933 [1932e]). Por que a guerra? (Einstein e Freud). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 236-259.

____. (1939 [1934-1938]). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 13-161.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

FREUD, S. (1955 [1920]). Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra. In: FREUD, S. (1919a). Introdução a *A psicanálise e as neuroses de guerra.* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 265-270.

FREUD, S.; FERENCZI, S. (1994a). **Correspondência**. Rio de Janeiro: Imago, v. I, tomo 1, 1994. 3v.

____. (1994b). **Correspondência**. Rio de Janeiro: Imago, v. I, tomo 2, 1995. 3v.

FUKS, B. B. (2003). **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GAGNEBIN, J. M. (2000 [1998]). Palavras para Herbinek. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 99-110.

GARCIA, C. A. & COUTINHO, L. G. (2004). Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psychê.** São Paulo: Universidade São Marcos, vol. 8, n. 13, p. 125-140, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100011&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 08 dez. 2008.

GARCIA-ROZA, L. A. (1995). **Introdução à metapsicologia freudiana: artigos de metapsicologia (1914-1917)**, v. 3, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

____. **Freud e o inconsciente**. (1994). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GARLOT, D. S. F. (2000). Reflexões a partir do sonho: “Pai não vês...?”. In: **Tempo freudiano / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais** (2002). Rio de Janeiro: Tempo freudiano associação psicanalítica, p. 51-67, mai. 2002.

GERBASE, J. (2004). **Encontro do real**. Disponível em: http://www. campolacaniano.com.br/agenda/agenda.asp?agenda&encontros. Acesso em: 08 jul. 2004.

GUELLER, A. S. de. (2005). A necessidade do acidente: Lacan e a questão do trauma. In: FRANÇA, OLYMPIA, M. E al. (orgs.). **Trauma psíquico: uma leitura psicanalítica e filosófica da cultura moderna.** São Paulo: SBPSP, 2005, p. 177-199. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Adela_Stoppel_de_Gueller.pdf. Acesso em: 08 dez. 2008.

HARTMAN, G. H. (1994). Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 207-235.

HOUAISS, A. (2001). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, versão 1.0.5a, nov. 2002. 1 CD-ROM.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

JORGE, M. A. C. (2005). As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica** [online], vol. 8, n. 2, p. 275-289, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 dez. 2008.

KAUFMANN, P. (1996). (org.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

KEHL, M. R. (2000). O sexo, a morte, a mãe e o mal. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 137-148.

KOFMAN, S. (1987). **Paroles suffoquées**. Paris: Editions Galilée.

____. (1994). **Rue Ordener, rue Labat**. Paris: Éditions Galilée.

KUPFERBERG, M. (2004). **Filhos da guerra: um estudo psicanalítico sobre o trauma e a transmissão**. 276f. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, jan. 2004.

KURY. G. (1989). **A trilogia tebana/ Sófocles: Édipo Rei; Édipo em Colono; Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1936). Para-além do "Princípio de realidade". In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 77-95.

____. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: ____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 29-90.

____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu [*Je*] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

____. (1950). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 127-151.

____. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 214-225.

____. (1952a). Seminário 1 – Buenos Aires: **El Hombre de los Lobos**. Tradução de Rithee Cevasco e Vicente Mira Pascual. Revisão Diana Rabinovich com acordo de J-A. Miller. CD-ROM.

____. (1952b). O mito individual do neurótico *ou* Poesia e verdade na neurose. In: ____. **O Mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 9-44.

____. (1953a). Discurso de Roma. In: ____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 139-172.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

LACAN, J. (1953b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 238-324.

____. (1953c). O simbólico, o imaginário e o real. In: ____. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 9-53.

____. (1953-1954). O Seminário – livro 1: **Os escritos técnicos de Freud**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

____. (1954-1955). O Seminário – livro 2: **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

____. (1955 [1953]). Variantes do tratamento-padrão. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 325-364.

____. (1955-1956). O Seminário: Livro 3: **As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

____. (1956-1957). O Seminário: Livro 4: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

____. (1957a). O seminário sobre "A carta roubada". In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 13-66.

____. (1957b). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 496-533.

____. (1957-1958). O Seminário – livro 5: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

____. (1958-1959). O Seminário – livro 6: **O desejo e sua interpretação**. Seminário não publicado. Publicação de circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, não comercial, março de 2002.

____. (1959-1960). O Seminário – livro 7: **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

____. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 807-842.

____. (1960-1961). O Seminário – livro 8: **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

____. (1960/1964). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In: ____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 843-864.

____. (1961-1962). O Seminário – livro 9: **A identificação**. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. Não paginado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

LACAN, J. (1962-1963). O Seminário – livro 10: **A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

____. (1964) O Seminário – livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

____. (1966-1967). Lo Seminario – livro 14: **La lógica del fantasma**. Versión de la Escuela Freudiana de la Argentina. Traducción de Pablo G. Kaina, 1991.

____. (1967-1968). O Seminário – livro 15: **O Ato psicanalítico: notas de curso**. Versão da Escola Freudiana de Buenos Aires. Tradução de Ana Maria Rudge.

____. (1968-1969). O Seminário – livro 16: **De um Outro ao outro**. Versão completa da Escola Freudiana de Buenos Aires. CD-ROM. Título original: De un otro al otro.

____. (1969-1970). O Seminário – livro 17: **O avesso da psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

____. (1972-1973). O Seminário – livro 20: **Mais ainda**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

____. (1973-1974). O Seminário – livro 21: **Les non-dupes errent**. Rio de Janeiro, ELP-RJ, abr. 1994. Não Paginado.

____. (1974). Televisão. In: ____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 508-543.

____. (1974-1975). O Seminário – livro 22: **R.S.I.** Texto estabelecido por J-A. Miller (1ª transcrição). Tradução de Romana M. Ramos da Costa. Revisão Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, ELP-RJ, jul. 1991. Não paginado.

____. (1975-1976). O Seminário – livro 23: **O Sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1967). **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAPLANCHE, J. (1980a). **Problemáticas I: a angústia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

____. (1980b). **Problemáticas II: castração/simbolizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

____. (1980c). **Problemáticas III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

LAPLANCHE, J. (1985). **Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

____. (1987). **Novos fundamentos para a psicanálise**. Lisboa: Edições 70, 1988.

____. (1988a). **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas.

____. (1988b). Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In: ____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 84-96.

____. (1988c). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: ____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 72-83.

LAURENT, E. (1997a). Alienação e separação I. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 31-41.

____. (1997b). Alienação e separação II. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 42-51.

____. (2002). O avesso do trauma. **Virtualia**. Revista digital da EOL, n. 6, jun./jul. 2002.

LEVI, P. (1947). **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

____. (1990). **Os afogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MACHADO, Z. (2006). Do traumatismo à fantasia e de volta ao traumatismo. **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 42-48, jun. 2006.

LOURES, F. R. F. & LIMA, J. F. (2004). **Reflexões sobre a clínica**. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 36, p. 81-97, 2004.

MASSON, J. M. (1984). **Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

____. (1986). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1994**. Rio de Janeiro: Imago.

MEES, L. A. (2001). **Abuso sexual – trauma infantil e fantasias femininas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

MELMAN, C. (2000). Conclusão do Seminário de Verão de 2000. In: **Tempo freudiano / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais** (2002). Rio de Janeiro: tempo freudiano associação psicanalítica, p. 9-23, mai. 2002.

MENDLOWICZ, E. (2000). O luto e seus destinos. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Teoria Psicanalítica IP/UFRJ, v. III, n. 2, p. 87-96, jul./dez. 2000.

MILLER, J-A. (1979). Jacques Lacan, 1901-1981. **Revista Ornicar?**, suplemento n. 24, 9 set. 1981. Tradução Ana Maria Rudge.

____. (1983-1984). Les réponses du réel. In: ____. **Aspects du malaise dans la civilisation**. Paris: Navarin Editeur, 1987, p. 9-22.

____. (1988). Sobre a clínica psicanalítica. In: ____. **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

____. (1997). Contexto e conceitos. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 15-28.

____. (1998). **Perspectivas do Seminário 5 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

____. (2001). Um real para a Psicanálise. **Opção Lacaniana**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 32, p. 15-18, dez. 2001.

____. (2002) O real é sem lei. **Opção Lacaniana**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 34, p. 7-16, out. 2002.

____. (2003) **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. 1ª ed., 2ª reimp. Buenos Aires: Paidós, 2006.

____. (2006-2007). O inconsciente real. **Opção Lacaniana on line 4**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: http://www.opcao lacaniana.com.br/artigosb.asp. Acesso em: 11 out. 2008.

MILNER, J. C. (1994). Os nomes indistintos. **Traço**. Vitória: Sociedade Psicanalítica do Espírito Santo, ano II, n. 3, p. 55-59, jun. 1994.

NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

NESTROVSI, A. (2000). Vozes de crianças. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 185-205.

____. (2000). Apresentação. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 7-12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

OUTEIRAL, J.; GODOY, L. (2003). **Desamparo e trauma: transferência e contratransferência**. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda.

PINHEIRO, T. (1995). **Ferenczi: do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ.

POLLO, V. (2004). **Algumas pontuações sobre a noção de "trauma" no texto freudiano**. Disponível em: http://www.campolacaniano.com.br/agenda/agenda.asp?agenda&encontros. Acesso em: 26 out. 2004.

____. (2005). A cicatriz do trauma. **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 49-55, jun. 2006.

PORGE, E. (s.d.). **Resumo sobre o real em Lacan**. Rio de Janeiro: ELP-RJ. Mimeografado.

PRATES, A. L. (2006). O trauma é infantil – cena primária: verdade e ficção no caso do "Homem dos lobos". **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 56-62, jun. 2006.

PROST, A.; VINCENT, G. (orgs.). **História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RABINOVICH, D. S. (2000). **O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

RANK, O. (1924). **El trauma del nacimiento**. 2ª ed. Buenos Aires: Editora Paidos, 1972.

____. (1924). **O traumatismo do nascimento: influência da vida pré-natal sobre a evolução da vida psíquica individual e coletiva/ estudo psicanalítico**. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934.

RIBEIRO, P. de Carvalho (1996). Sedução generalizada e primazia do sexual. **Percurso: revista de psicanálise**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae/ Departamento de Psicanálise, v. 1, n. 16, p. 49-57, 1996.

RIBETTES, J. M. (1985). A terceira dimensão da fantasia. In: **Revirão – Revista da Prática Freudiana**. Rio de Janeiro: Editora Aoutra, n. 1, p.110-123, jul. 1985.

ROCHA, E. (2001). O parêntese do sujeito – o lugar da alienação. In: **Tempo freudiano / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais** (2002). Rio de Janeiro: Tempo freudiano associação psicanalítica, p. 141-150, mai. 2002.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ROUDINESCO, E. (1999). **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

RUDGE, A. M. (1998a). **Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

____. (1998b). Countertransference Dream: an instrument to deal with a difficult transference situation. **International forum psycho-analysis**. Stockoholm: Scandinavian University Press, v. 7, p. 105-111.

RUDGE, A. M. (2003a). Trauma e temporalidade. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**. São Paulo: Editora Escuta, v. VI, n. 4, p. 102-116, dez. 2003.

____. (2003b). O trabalho do sonho. In: Rosa, M. D. e Pacheco Filho, R. (org.). **Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica**. 1ª ed. Taubaté, São Paulo: Cabral Editora Universitária, v. 1, p. 17-28, 2003.

____. (2006). (org.) **Traumas.** São Paulo: Editora Escuta.

SBANO, V. (2001). Repetição, separação e identificação ao objeto. In: **Tempo freudiano / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais** (2002).Rio de Janeiro: Tempo freudiano associação psicanalítica, p. 115-128, mai. 2002.

SCHERMANN, E. Z. (2004). Sobre a angústia, o trauma e a fantasia. **Pulsional: revista de psicanálise**. São Paulo: Editora Pulsional, ano XIX, n. 186, p. 63-77, jun. 2006.

SCIARA, L. (2006). O sintoma... é Real. Paris, Association Lacanienne Internationale, mai. 2006. Disponível em: http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=lsciara150506. Acesso em: 08 dez. 2008.

SELIGMANN-SILVA, M. (2000). A história como trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Editora Escuta, 2000, p. 73-98.

SERENY, G. (2000). **O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2007.

SIMMEL, E. (19–?). Neurosis de guerra. In: ALEXANDER, F. **Neurosis, sexualidad y psicoanalisis de hoy**. Buenos Aires: Paidós, 1958, p. 59-93.

SOLER, C. (1997a). O sujeito e o Outro I. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 52-57.

____. (1997b). O sujeito e o Outro II. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 58-67.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

SOLER, C. (1998). Les discours-écran. In: ALBERTI, S.; CARNEIRO RIBEIRO, M. A. (orgs.). **Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004, p. 71-87.

____. (2001). A hipótese lacaniana. **Revista Percurso**. São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, n. 29, p. 5-13, fev. 2002.

SOUZA, O. (2003). Trauma, defesa e criatividade. **Tempo psicanalítico** (2003). Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 35, p. 115-135, 2003.

TEMPO FREUDIANO / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais (2002). Rio de Janeiro: Tempo freudiano associação psicanalítica, mai. 2002.

TEMPO PSICANALÍTICO (2003). **Trauma**. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 35, 2003.

____. (2004). **Reflexões sobre a clínica**. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 36, 2004.

TORRES, H. D. (1996). **O que teme uma mulher? Os efeitos do complexo de castração na configuração do superego feminino**. Dissertação de mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

UCHITEL, M. (2001). **Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

VANDERMERSCH, B. (2000). Em que a “alienação” e a “separação” permitem que se retome de outra forma a relação do sujeito com o significante e com o objeto. In: **Tempo freudiano / Coleção O Seminário de Lacan: a travessia. Os quatro conceitos fundamentais** (2002). Rio de Janeiro: Tempo freudiano associação psicanalítica, p. 33-49, mai. 2002.

VIDAL, E. A. (1990). A torção de 1920. **Letra freudiana: pulsão e gozo**. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, ano XI, n. 10/11/12, p. 22-34.

VIEIRA, M. A. (2001). **A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

____. (2003). Da realidade ao real – Jacques Lacan e a realidade psíquica. **Revista Pulsional**. São Paulo: Editora Escuta, ano XVI, n. 174, p. 27-36, out. 2003.

VINCENT, G. (1992). Uma história do segredo? In: PROST, A.; VINCENT, G. (orgs.). **História da vida privada, 5: da primeira puerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 155-248.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA

VIVER MENTE & CÉREBRO: Coleção memória da psicanálise. São Paulo: Ediouro, edição especial Freud n. 1, p. 3-98, 2004.

WARTH, A. (2005). **Atrás de minhas pegadas**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda./ Pallas Editora e Distribuidora Ltda., 2006.

WIESEL, E. (1958). **A noite**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2006.

ZIZEK, Slavoj. (1991). **O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510403/CA